

SOBRE A  
TUNA ACADÉMICA  
DA UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA

1888 – 1913

título: **Sobre a Tuna Académica da Universidade de Coimbra, 1888-1913**

autores: **António José Silva Nascimento**  
**José António Silva Nascimento**

2ª edição - **Mai de 2013**

**Tuna Académica da Universidade de Coimbra**

**[www.tauc.net](http://www.tauc.net)**

# PREFÁCIO

Instituição académica de raro prestígio ao longo de mais de doze décadas de actividade, a Tuna Académica da Universidade de Coimbra esteve sempre a ladear a música coimbrã, fomentando-a, fixando-a e, sobretudo interpretando-a com a alegria e a emoção que sempre caracterizaram a vida cultural dos estudantes da nossa Academia.

Desde há um quarto de século que, com o intuito de prolongar essa actividade musical para além da natural dimensão efémera da vida estudantil, a Associação dos Antigos Tunos tem vindo a possibilitar, por um lado, o prolongamento da ligação dos antigos estudantes à sua Academia e, por outro, a manutenção de uma continuidade que é o garante das tradições culturais e musicais, passando testemunhos poéticos e melódicos que os jovens estudantes vão reconhecer como matriz da sua identidade secular.

É por todas estas razões que a Reitoria da Universidade de Coimbra não pode deixar de se associar a esta iniciativa que visa fixar, sob a forma de livro, todo um historial de actividades e de concertos, homenageando deste modo a continuidade de um dos mais ancestrais pólos culturais da sua Academia.

*Outubro de 2010*

***Professor Doutor José António Oliveira Bandeirinha***  
*Pró-Reitor para a Cultura da Universidade de Coimbra*

## ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A TUNA ACADÉMICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Desde Outubro de 1986 até Outubro de 1996, como Vice-Reitor da Universidade de Coimbra tive a oportunidade de acompanhar a evolução da Tuna Académica no sentido do aperfeiçoamento das suas diversas áreas de trabalho musical. Já conhecia a Tuna desde os meus tempos de estudante, na primeira metade dos anos 1960, pelo que foi para mim uma surpresa agradável, vinte e poucos anos depois, constatar, antes de mais, o crescimento do número de executantes. Por um lado, com mais alunos e alunas na Universidade seria natural esse facto; por outro lado, com a oferta de actividades culturais existente nesse momento histórico da vida da Academia, a opção pela Tuna aparecia sem dúvida com um significado especial. Até ser criado o cargo específico de Pró-Reitor para a Cultura, este pelouro esteve-me atribuído. Por isso, além de contactar frequentemente com os órgãos directivos da Tuna, vivi de perto as comemorações dos 100 anos da sua existência. E destas, recordo, por exemplo, a Gala no Teatro Académico de Gil Vicente, durante a qual fui chamado ao palco para receber a medalha editada para a efeméride – será difícil esquecer esse momento pela simpatia do gesto e pela ovação com que o público me brindou e que certamente se destinava à equipa reitoral que eu tinha a honra de ali representar. Estávamos em 1988.

Continuei a vibrar com as actuações da Tuna, mesmo quando já não me competia acompanhá-la em função de novas tarefas que passei a desempenhar. Anos depois, quando Reitor, entre Junho de 1998 e Novembro de 2002, sempre que podia estar presente nas actuações da Tuna, estava. Apreciei e elogiei muito a música do grupo de “rags”, mas também expliquei a muitos colegas da Universidade e de fora dela que a nossa Tuna era diferente das outras tunas, era uma verdadeira orquestra que merecia ser acarinhada. Directamente, com a minha presença nos espectáculos, indirectamente através do apoio e incentivo da então Pró-Reitora para a Cultura, Professora Doutora Maria de Fátima Silva, ficou provado esse carinho.

Alguns dos muitos tunos que pude apreciar nessa época encontram-se agora na Associação dos Antigos Tunos, onde se juntaram a outros de diversas gerações, constituindo uma orquestra cada vez mais experiente, com discos publicados, com inúmeros espectáculos no curriculum e com uma actividade de cariz social notável. Já conhecia bem a sua qualidade

quando os convidei para surpreenderem com alguns tangos o Presidente da Nação Argentina e sua comitiva, a 17 de Novembro de 2001, no Palácio de São Marcos. Foram muitos os elogios.

Recuar 100-120 anos e imaginar qual seria a importância da Tuna Académica nos primeiros tempos do século XX ou nos últimos do século XIX na Universidade de Coimbra não será fácil. Mas o livro que agora vem a lume dá pistas sobre a vida estudantil numa época, por vezes, de grande efervescência política, que teve consequências no interior da Universidade. Para os tunos de hoje e para os antigos tunos, que continuam a aperfeiçoar-se e a oferecer aos mais variados públicos a mais variada música com sinal de qualidade, este livro terá certamente um valor extraordinário – os alicerces da sua Tuna estão lá.

*Outubro de 2010*

***Professor Doutor Fernando Manuel da Silva Rebelo***

*Reitor da Universidade de Coimbra 1998-2002*

# ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	7
1887 - 1888.....	10
1888 - 1889.....	22
1889 - 1890.....	35
1891 - 1893.....	44
1893 - 1894.....	45
1894 - 1895.....	48
1895 - 1896.....	70
1896 - 1897.....	80
1897 - 1898.....	99
1898 - 1899.....	119
1899 - 1900.....	130
1900 - 1901.....	140
1901 - 1902.....	153
1902 - 1903.....	182
1903 - 1904.....	184
1904 - 1905.....	201
1905 - 1906.....	215
1907 - 1908.....	224
1908 - 1909.....	235
1909 - 1910.....	242
1910 - 1911.....	253
1911 - 1912.....	262
1912 - 1913.....	275
ESTATUTOS.....	316
REFERÊNCIAS.....	320
BIBLIOGRAFIA.....	321

# INTRODUÇÃO

No documento “Sobre a Tuna Académica da Universidade de Coimbra, 1888 - 1913” propõe-se falar sobre a actividade secular da Tuna Académica da Universidade de Coimbra (TAUC), numa publicação sobre a sua vivência histórica nos finais do século XIX e alvares do século XX, referente aos seus **primeiros 25 anos de existência**.

Efectivamente foram muitas as musas que inspiraram esta centenária epopeia musical e muitas penas a redigiram ao longo dos tempos, mas poucas foram as tentativas de reunir e divulgar a informação documental deste Organismo Académico.

Porém, salvaguarda-se o trabalho desenvolvido pelo Dr. António José Soares, a quem se deve a existência do artigo de referência “Breve História da Tuna Académica da Universidade de Coimbra”, publicado em 1962 no Boletim da Biblioteca Municipal de Coimbra “Arquivo Coimbrão”, que sumaria o percurso da TAUC desde a sua fundação até àquele ano.

Encarando este texto como base de trabalho, volvidos quase 50 anos desde a sua publicação, tornou-se um objectivo completar esta informação fazendo um caminho paralelo ao artigo sumário do Dr. António José Soares (compilado por consulta da imprensa local de Coimbra) com a recolha, nos lugares apontados como destinos da TAUC, do máximo de informação possível que caracterizasse a sua actividade.

Contudo, apesar da intenção de recolha informativa não ser original, tornou-se rapidamente clara a dificuldade da sua realização. De facto, só do período posterior a 1953 subsiste informação consistente sobre a actividade da TAUC, reunida nos seus Arquivos em artigos de imprensa, prospectos, fotografias, etc. Do período antecedente apenas existem escassas memórias bastante fragmentadas e dispersas em programas, fitas, fotografias e pouco mais sobre os seus primeiros 65 anos, o que impossibilita a completa abordagem de qualquer estudo neste domínio.

O objectivo deste trabalho consistiu em dotar a História da TAUC de fundamentos concretos, decorrentes de investigação criteriosa e exaustiva, que permitisse de certa forma não só contrariar a ausência de informação, mas também clarificar a já existente.

O que se apresenta neste documento resulta de uma viagem ao passado, num périplo pelas bibliotecas de Portugal, percorrendo os espólios de *Coimbra, Aveiro, Figueira da Foz, Porto, Póvoa de Varzim, Braga, Guimarães, Viana do Castelo, Viseu, Guarda, Leiria, Santarém, Tomar, Lisboa, Évora, Beja* e *Faro*, assim como pelas hemerotecas digitais de Espanha, para trazer à luz do dia os relatos jornalísticos mais antigos, que nos revelam como foi a actividade da TAUC através de testemunhos sobre a sua memória histórica.

Este trabalho é, portanto, uma reunião de contributos contemporâneos aos factos, certamente subjectivos, mas inteiramente genuínos, que nos trazem a perspectiva tantas vezes irradicada deste tipo de trabalhos e que é a verdadeira razão de ser deste Organismo: o seu público.

Trata-se de uma recolha inédita, uma surpresa a cada virar de página, um passado que torna a viver em cada palavra transcrita.

Tendencialmente, a exposição deste conteúdo seria total ou quase exclusivamente na forma de texto, porém foi possível a sua ilustração com programas de espectáculos preservados no Museu Académico de Coimbra, assim como algumas fotografias de grupo dispersas por vários arquivos.

De forma a preservar o teor factual de toda a informação reunida, não se julgou oportuno melhor processamento que não o cronológico e sequencial. Foi o melhor trabalho possível e o que de momento nos pareceu mais premente e, sem dúvida, mais interessante.

Assim, para além de se proporcionar aos antigos, actuais e futuros tunos uma leitura sobre o passado de que são herdeiros, disponibiliza-se esta informação para que se sintam orgulhosos deste Organismo Académico que desde 1888 tanto contribuiu não só para o enriquecimento cultural e humano dos elementos que dele fizeram parte, mas também de todos os que aos seus espectáculos assistiram e dos seus fins filantrópicos usufruíram.

Do mesmo modo, serve o conteúdo aqui veiculado para que os habitantes da cidade de Coimbra, e das demais cidades que a TAUC



visitou, se sintam parte da brilhante História que estas páginas encerram, que nada seria sem o seu afectuoso acolhimento que não foi somente aos estudantes de Coimbra, mas principalmente aos estudantes em Coimbra, oriundos de todo o território português e além-fronteiras.

# 1887 - 1888

**Presidente:** Arthur Pinto da Rocha

**Regente:** António Simões de Carvalho Barbas

No dia 1 de Maio de 1888 aparece a notícia no “Correspondência de Coimbra” com a informação de que “está organizada a *Academia Musical de Coimbra*, composta de académicos muito distintos da música. Tem tido alguns ensaios, obtendo excelente resultado”. Esta Academia Musical de Coimbra, sendo “ensaiador o habilíssimo professor sr. dr. Simões Barbas”, tencionava “ir no próximo ano lectivo a Santiago de Compostela agradecer a visita aos seus colegas daquela Universidade.”

Com efeito, chegou a Coimbra, com pompa e circunstância, a *Tuna compostelana*, no dia 8 de Fevereiro de 1888, onde deu espectáculos no Teatro Académico.

No dia 26 de Março já havia notícia, num diário compostelano, de uma visita a Santiago de Compostela duma *troupe* de estudantes de Coimbra, composta por uma orquestra dirigida pelo professor da Universidade de Coimbra, Simões Barbas, com violinos, guitarras portuguesas e espanholas, violoncelo, contrabaixo, flautas, entre outros instrumentos, e uma secção dramática dirigida pelo estudante do 5º ano de Direito, Álvaro de Vasconcellos, criando-se uma caixa de fundos para a viagem com o produto de espectáculos a dar em Coimbra e no Porto, antes da viagem a Espanha. Viagem que não se realizou, mas cuja notícia revela a composição da *Academia Musical de Coimbra* e as intenções com que se formou.

No entanto a “primeira vez que a estudantina se apresentou reunida foi a 29 de Abril de 1888, em casa do Ex.<sup>mo</sup> Doutor Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, na festa do seu capelo na faculdade de Medicina”, nomeando-o seu Presidente honorário.

“O sr. dr. Joaquim Martins foi um estudante muito distinto e é dotado de privilegiado talento; tem já feito muitos e importantes serviços

à ciência médica, em valiosos escritos, viagens de estudo científico e nos gabinetes da faculdade de Medicina desta Universidade, serviços que muito o recomendam no subido conceito em que é tido pelos seus colegas de faculdade.

Além disto, é sr. dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho um cavalheiro muitíssimo estimável e trabalhador, qualidades que o tornam conhecido e verdadeiramente estimado por todas as classes sociais de Coimbra.”

A 9 de Maio escreveu-se que “a *Academia Musical de Coimbra*, estudantina académica, compõe-se dos seguintes instrumentos: 10 violinos, 2 violoncelos, 1 contrabaixo, 2 clarinetes, 2 flautas, 5 bandolins e 14 violões.”

## TUNA DE COMPOSTELA

### FEVEREIRO 1888

“Pelas 6 horas da tarde de ontem [8 de Fevereiro], a turba enorme de estudantes que se apertava sobre os passeios do lado do Lusitano e do Havaneza, jogando laranjinhas as tricanas e costureiras que passavam, principiou a debandar em troupes ruidosas pelas escadas de S. Tiago em direcção à estação.

A notícia da chegada da Tuna espanhola espalhou-se rapidamente por toda a cidade e, em menos duma hora, reuniu-se na Praça de Bouga uma enorme multidão.

Os estudantes, possuídos de todo o entusiasmo que lhes despertam estas manifestações em que se revela solenemente a fraternidade escolar, invadiram a gare e encheram as carruagens, num atoar constante de vivas, cantos e risos. Quando o revisor percorria as carruagens pedindo bilhetes, ouvia-se das portinholas este grito boémio – Mande a conta lá a casa.

Partiu o comboio para a estação B. O silvo da máquina e o estrondo dos carros mal se distinguiam entre a algazarra infernal dos que ficavam por falta de lugar e dos que iam apinhados dentro e em cima das carruagens.

Apenas se distinguiram ao longe no Asenio, do lado do Porto, os faróis de máquina, a turba enorme composta de mais de 1000 estudantes, irrompeu numa estrondosa ovação. As capas agitaram-se no ar, negras, frenéticas, como asas d'águias estonteadas.

Apearam-se os estudantes espanhóis, uns vestindo o traço tradicional das Academias espanholas, outros de gorro e capas, sobraçando uns bandurras e violões, empunhando outros pandeiretas e violino. O Presidente da Tuna, um simpático rapaz de olhar irrequieto, nariz aquilino e bigode loiro, a boca sempre risonha, entregou nas mãos de um estudante de Coimbra o estandarte que uma das mais formosas filhas de Compostela oferecera à Tuna.

Os vivas e os gritos de entusiasmo sucediam-se, enquanto a turba dos estudantes de Coimbra disputava os abraços dos seus colegas espanhóis. Resolveram marchar a pé para a cidade, pelo lado da Sofia. A Tuna, então, executou o hino académico compostelano, e como não tivessem chegado ainda os archotes, por entre a multidão negrejante das capas e batinas, acendeu-se de repente uma infinidade de fósforos de cera, o que visto de longe produzia um efeito deslumbrante. Dir-se-ia que uma chuva buliçosa de pirilampos, caíra de repente do azul.

Os estudantes que ficaram na estação correram a encontrar-se com os seus companheiros. Acenderam-se mais de mil archotes, que foram empunhados pelos estudantes de Coimbra formados em duas grandes alas e abrindo caminho por entre a multidão que enchia as ruas do percurso.

Os vivas aos estudantes espanhóis, à fraternidade académica, à Espanha, não cessaram um só instante por parte dos estudantes de Coimbra, como não cessaram por parte dos da Tuna os vivas a Portugal, à Academia de Coimbra e às formosas filhas de Portugal.

Esperava-os uma filarmónica à porta do Teatro Académico, tocando o hino da Academia. Abriram-se alas e uma prolongada salva de palmas atroou os ares enquanto eles desfilavam muito impressionados, comovidos com o acolhimento que lhes estava sendo feito. O teatro encheu-se completamente. Alguns dos camarotes comportavam mais de vinte pessoas.

Quando a Tuna entrou no palco, a ovação atingiu o delírio, prolongando-se por mais de um quarto de hora os vivas, as palmas e os hurrahs.

Fogaça, um dos poetas mais distintos da moderna geração de Coimbra, recitou dum camarote uma esplêndida quadra, saudando os colegas espanhóis.

Falaram Bernardo Lucas, Pinto da Rocha e Lomelino, que em frases entusiásticas, exaltaram a fraternidade académica.

O Presidente da Tuna, Manuel Otero respondeu num curto discurso em que prestou homenagem à Universidade de Coimbra, na qual disse reconhecer superioridade sobre as demais da Península, e equiparando-a às principais da Europa.

Terminou dizendo: «Reconhecendo nós a superioridade da Universidade de Coimbra, curvamos diante de vós que a representais, o nosso estandarte.» Foi largamente aplaudido. Um estudante veio levantar o estandarte que Manuel Otero abateu sobre o palco.

A Tuna, em seguida, executou magistralmente dois belos trechos de música espanhola. Dois compostelanos vieram ao meio do palco e dançaram com uma graça e uma desenvoltura incomparáveis, a dança mais alegre e mais original que temos visto. A meio do bailado os estudantes de Coimbra, vibrantes de animação, tinham movimentos em que pareciam dispor-se dançar também.

Inexcedivelmente bela esta recepção, em que parecia reviver todo o entusiasmo que alvoraçou a Academia de Coimbra, por ocasião do centenário de Camões.

A Academia, com uma filarmónica à frente, acompanhou ao Hotel dos Caminhos de Ferro os estudantes compostelanos, prestando-lhes à porta do hotel a maior homenagem que ela tem por costume conceder aos grandes vultos artísticos; atapetou-lhes o chão com as capas e obrigou-os a passar por cima.”

“A precipitação com que escrevemos ontem [8 de Fevereiro], impediu que relatássemos alguns factos de que tínhamos tomado apontamento.

No Teatro Académico, uma das honras concedidas pela Academia conimbricense aos seus colegas compostelanos, que mais sensação produziram no espírito dos representantes da mocidade espanhola, foi-lhes preparada pelo distinto poeta António Fogaça e pelo seu condiscípulo António de Freitas.

Quando a Tuna recebia no palco a ovação dos estudantes, aqueles dois simpáticos rapazes lançaram-lhe um a capa e outro o gorro, com

que o sr. Bernardo Lucas vestiu o colega compostelano que empunhava o estandarte.

Durante toda a noite, a cidade tomou o aspecto ruidoso, boémio, das vésperas de feriado em outros tempos.

*Troupes* de estudantes de Coimbra percorriam as ruas da Baixa em companhia dos simpáticos compostelanos, despertando o sono burguês da cidade com largas risadas, confundindo as vozes em cantos estroinas, e soltando repetidos vivas.

Hoje [9 de Fevereiro], quando se dirigiam para a Universidade, executando nos instrumentos uma marcha imponente, saudaram com frases graciosas todas as senhoras que apareciam às janelas.

Voavam os chapéus pelo ar constantemente, e os vivas às *hermosas hijas de Coimbra*, eram correspondidos pelas senhoras com sorrisos da mais requintada amabilidade.

Era difícil ao cortejo dos estudantes romper por entre a multidão, que não se cansava de os vitorear.

O dr. Pedro Castello Branco que presentemente exerce as funções de Reitor, recebeu-os na sala do conselho escolar, onde a Tuna fez ouvir algumas das suas músicas mais belas.

Dois archeiros de calção e alabarda estavam postados à porta da sala dos Capelos, prestando assim homenagem aos estudantes espanhóis.

Grande número de académicos percorreu com os visitantes as altas, a biblioteca, observatório, museu e Jardim Botânico. A dois estudantes de medicina espanhóis, ouvimos nós dizer que o nosso Museu Zoológico excedia em variedade e rareza de exemplares o melhor do reino vizinho.

Os compostelanos, nas suas conversações com os alunos da Universidade, têm mostrado muitos conhecimentos nos ramos das ciências a que se dedicam.

Cresce o entusiasmo. Os grupos de estudantes que estacionam pelas ruas da Baixa, à hora em que escrevemos (7 da noite), trocam com os estudantes compostelanos, que passam, ruidosas saudações.

Trocam-se os vestuários, e assim vemos alguns estudantes de Coimbra de chapéu bicorne e capa curta, e vários compostelanos de gorro, traçando com elegância a larga capa usada aqui.

Às cinco horas da tarde de hoje [9 de Fevereiro], vendiam-se a 4.500 reis os bilhetes para o sarau. Sobem o arco de Almedina um número incalculável de pessoas que vão para a rua Larga.

Suspendemos a nossa carta aqui, para não perdermos a entrada no Teatro Académico.

Deve estar a principiar o Sarau.

Não temos neste momento, em que sentimos a alma extraordinariamente alvoraçada pela mais estranha das alegrias, frases em que possamos resumir, dar uma pequena ideia de entusiasmo com que correu esta festa académica, uma das mais esplêndidas a que temos assistido.

Vamos pois resumir quanto pudermos os nossos apontamentos, porque, de contrário, nem o tempo nos chegava, nem uma página do «Primeiro de Janeiro» seria suficiente.

O teatro oferecia um aspecto magnificante, com a sua ornamentação singela de flores e ramagens envolvendo pelos parapeitos dos camarotes pastas académicas, guitarras, bandolins e violas.

Recordando a página mais brilhante da história da Academia de Coimbra, pendiam numa disposição elegante, dos rebordos da 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> ordens, as coroas e bandeiras que serviam no préstito do Centenário de Camões. Uma palmeira posta a um lado da ribalta, envolvida em flores, defrontava com uma enorme talha chinesa sobre um pedestal.

A ornamentação era do dr. Quim Martins, distinto médico e artista de grandes aptidões.

Logo subiu o pano, em presença da *Tuna* que executava o hino da Restauração portuguesa, nem uma só pessoa ficou de pé, tanto homens como senhoras.

Os membros da *Tuna* formavam um semi-círculo no palco.

Terminou a primeira parte do sarau por uma esplêndida composição do regente, e em que este artista fez verdadeiras dificuldades no violino.

As chamadas repetiram-se por mais de 20 vezes, no meio da ovação mais entusiasticamente ruidosa a que temos assistido no Teatro Académico.

O Presidente da *Tuna* apresentou então à Academia uma rica coroa, que os estudantes de Compostela lhe ofereciam.

Que não reparassem no pouco valor da oferta, mas sim em que ela representava uma prova de alta consideração em que os seus camaradas tinham a Academia de Coimbra.

Responderam Bernardo Lucas e Pinto da Rocha com dois magníficos discursos, em que exaltaram os brios fraternais dos estudantes espanhóis, elogiando largamente o carácter do povo espanhol.

O Presidente da Tuna agradeceu de novo as manifestações de estima que dispensavam aos seus colegas.

Que era americano, viera buscar a ciência à Espanha e, como para ele na ciência e no saber é que consistia o verdadeiro sentimento patriótico, por isso amava a pátria de Cervantes como seu filho dedicado. Pesava-lhe imenso não ter a honra de ser estudante da nossa Universidade, para se considerar português o que muito o orgulharia.

A segunda parte, a mais brilhante inquestionavelmente, levou os estudantes de Coimbra ao grau mais elevado que se pode atingir na escala de entusiasmo.

A *peteñera* tocada pelo sexteto, composto de violinos, rabecão, violoncelo e piano, produziu frémitos de alegria na alma da plateia.

Pelos camarotes as senhoras tinham sorrisos encantados, e parecia notar-se nos seus olhos a mágoa de não pertencerem àquele país, que possui as músicas mais ternamente inspiradas nos corações dos amantes.

Curros, o chefe da orquestra compostelana, fez prodígios de execução no seu violino. Poucos artistas o excederiam.

Oñate cantou com delicadeza e mestria a bela ária – *Hijas de Eva*.

Os coros muito completos e os pandeiretas Rey, Requejo e Leira, irrequietos, inimitáveis com a sua destreza.

No final da 2ª parte o Presidente da Associação Académica de Coimbra [António Luís Gomes] veio ao palco entregar ao Presidente da Tuna, o sr. Otero, o diploma de sócio honorário da mesma Associação.

As *malagueñas* foram aplaudidas com delírio, obrigando-os a bisá-las cinco vezes.

Recitaram poesias os distintos poetas académicos Sanches da Gama e António Fogaça.

Por mais esforços que fizemos, não nos foi possível obtê-las.

Vão essas duas quadras cantadas em espanhol, uma por Oñate, outra por Requejo, e que traduzimos apressadamente:



São em tudo semelhantes  
A lua e os amantes:  
Entram em quarto crescente,  
Saem em quarto minguante.

Ó minha mãe, não mandes  
Vender pão a Coimbra,  
Pois dizem os estudantes:  
Ai que menina tão linda!

No final, os estudantes invadiram o palco e levantaram ao ar, no meio duma ovação estrondosa de palmas, hurrahs e bravos, Otero e Curros.

Em seguida acompanharam-nos ao hotel constantes vivas.

Amanhã [10 de Fevereiro] realiza-se outro sarau; em benefício da Filantrópica. Está passada a casa.

As senhoras que assistiam ao sarau de hoje trajavam todas magníficas *toilettes*, sobressaindo o azul calor e cor-de-rosa seca.

Entre outras senhoras, lembra-nos ter visto as seguintes: marquiza do Faial, Alpoins, Aguiares, Baratas, Mottas, Ribeiros, Lemos, de Condeixa, Trony, Costa Allemao, Vieiras, Fernandes Tomás, Beatriz Matos.

Os lentes ocupavam o lugar da orquestra.

Estavam os drs. Costa Allemao, Bruno, Loso, Chaves, Pitta, Porfírio, José Maria Rodrigues, A. Rocha, Garcia, o Reitor da Universidade dr. Pedro Castello Branco e outros mais de que não nos ocorre o nome.

Assistiram também ao espectáculo, da frisa do quintanista Alfredo Lello, os srs. Guilherme Gomes Fernandes e Luiz Terra Vianna, que vieram de propósito convidar a Tuna para um espectáculo em benefício do cofre dos bombeiros voluntários do Porto. S. ex.<sup>as</sup> foram apresentados ao Presidente da Tuna pelo académico Alfredo Lello, conseguindo os seus desejos, do Presidente, que os recebeu da maneira mais agradável.”



Figura 1 – Face do bilhete para o sarau de dia 5 de Maio de 1888

# AVEIRO

MAIO 1888

Chegou a Aveiro, no dia 5 de Maio, a *Academia Musical de Coimbra*, no comboio da tarde, tendo uma entusiástica recepção.

“À sua chegada à estação subiram ao ar muitas girândolas de foguetes e a Phylarmónica Amisade tocou o Hymno Académico, sendo levantados muitos vivas à cidade de Aveiro, à de Coimbra e às academias destas duas cidades.

Pôs-se depois tudo em marcha, vindo a estudantina a tocar até ao Largo Municipal, acompanhada por grande número de colegas que também vieram de Coimbra e pelos estudantes de Aveiro, e seguida de grande imensidade de povo e daquela filarmónica.

Era grande o concurso de pessoas que estacionava na estação e pelas ruas por onde o cortejo passou, sendo queimado muito fogo à sua chegada ao Largo Municipal, onde a aglomeração era imensa. Repetiram-se aí os mesmos vivas, sendo calorosamente correspondidos por toda a multidão.

Todos os membros da estudantina trajavam capa e batina, trazendo por único distintivo um laço de seda cor-de-rosa do lado direito do peito.

O sarau principiou depois das 9 horas e meia da noite. O teatro achava-se adornado com muito gosto e a concorrência de espectadores era enorme. Tudo cheio.” Acabando depois das 2 horas da manhã.

<b>PROGRAMMA</b>	
<b>PRIMEIRA PARTE</b>	
1. <sup>o</sup> —Hymno Academico . . .	
2. <sup>o</sup> —Habenera—(para orchestra e cōros) . . .	* * *
3. <sup>o</sup> —Manolo—Suite de walses . . .	<i>Waldteufel</i>
4. <sup>o</sup> —El Toledano—passo doble . . .	* * *
<b>SEGUNDA PARTE</b>	
5. <sup>o</sup> —Viva Aveiro—passo doble . . .	<i>Simões de Carvalho</i>
6. <sup>o</sup> —Recordações de Coimbra — walsa . . .	<i>Simões de Carvalho</i>
7. <sup>o</sup> —Moraima—Capricho para duas violas . . .	<i>Espinosa</i>
8. <sup>o</sup> —Jota—para orchestra e cōros . . .	<i>Tudela</i>
<b>TERCEIRA PARTE</b>	
9. <sup>o</sup> —El Turco—passo doble . . .	<i>Espinosa</i>
10. <sup>o</sup> —Capricho para piano e flauta . . .	<i>J. Briccialdi</i>
11. <sup>o</sup> —Naná—polka . . .	<i>Mazzi</i>
12. <sup>o</sup> —Les songes dorés—walsa para duas violas . . .	<i>Raspal</i>
13. <sup>o</sup> —Hymno Academico . . .	
Instrumentação pelo distincto professor de musica da Universidade o Ex. <sup>mo</sup> Sr. dr. Simões de Carvalho.	
No intervallo da primeira para a segunda parte a cançoneta— <i>Uma Penhora</i> —por Luiz Gama; e no da segunda para a terceira a comedia n'um acto— <i>A Perola dos Caixeiros</i> ,—por Magalhães Bastos, Alvaro de Vasconcellos; Souza Martins e Francisco Lacerda.	
O programma poderá ser alterado por qualquer motivo imprevisto.	

Figura 2 – Programa do sarau do dia 5 de Maio de 1888

“Era admirável a afinação e certeza na orchestra, sendo todo o programa, que apenas sofreu uma pequena alteração, executado de uma

maneira brilhante, sob a direcção do distinto professor de música da Universidade e director da estudantina, o sr. dr. Simões de Carvalho.

As palmas irrompiam de todos os cantos do teatro, ao terminar de cada número de música. Para o palco foram lançados muitos *bouquets* e algumas pombas, havendo sempre um entusiasmo indescritível.”

“A parte dramática foi por todos muito bem interpretada, agradando muitíssimo o monólogo *A minha família*, que o académico Souza Martins disse com muita graça, conservando a plateia numa constante gargalhada. Dum camarote recitaram poesias, entre outros, o distinto académico António Fogaça e o inteligente estudante do nosso Lyceu [de Aveiro] Rodrigo Óscar Ferreira.”

“Enfim foi um espectáculo deveras simpático e que deixou gratas recordações a quantos a ele assistiram.”

“A simpática academia conimbricense deu no domingo [6 de Maio], uma *matinée* no teatro [Aveirense] sendo metade do produto a beneficio do teatro e a outra metade para os pobres. A concorrência a esta festa, que principiou às 2 horas da tarde, foi numerosa, continuando a estudantina a ser alvo das mesmas manifestações de agrado da véspera, pela forma correcta como tocou todas as peças musicais.

Alguns académicos recitaram monólogos e poesias, que agradaram muito, sendo aplaudidos com entusiasmo.

A *matinée* terminou depois das 3 horas e meia.

À noite, a estudantina fez-se ouvir no Grémio Aveirense.”

“Na segunda-feira [7 de Maio] realizou-se no jardim uma brilhante diversão, cujo preço de entrada era de 50 réis, revertendo o produto a favor do Asylo-Escola que vai ser estabelecido nesta cidade por iniciativa do sr. Barbosa de Magalhães. Apesar da noite estar um pouco chuvosa, a concorrência foi regular.

O jardim achava-se iluminado a balões venezianos, apresentando um enfeito lindíssimo a rua central do passeio, onde era grande o número de balões, todos muito bem dispostos pelo arvoredo.

A estudantina tocou ali até depois das 11 horas, sendo saudada por prolongadas salvas de palmas ao terminar de cada trecho de música.

E lá se foi na terça-feira [8 de Maio] de manhã para Coimbra, deixando profundas simpatias em Aveiro, onde teve uma recepção brilhantíssima, que talvez jamais se apague da memória daqueles excelentes e alegres rapazes.”

“Como era de esperar, a *Academia Musical de Coimbra* foi muitíssimo bem recebida em Aveiro, sendo alvo de todas as atenções durante os três dias que ali esteve.”

# COIMBRA

MAIO 1888

No dia do regresso a Coimbra constava que a *Academia Musical de Coimbra* iria “tocar à noite ao pátio da Universidade em obséquio ao sr. Reitor”, onde o público de Coimbra teria a ocasião de apreciar “esta bela orquestra”.

No dia 23 de Maio, houve “sarau musical pela estudantina, dirigida pelo talentoso professor de música o sr. dr. Simões de Carvalho, na sala da Associação dos Artistas, e em benefício desta mesma associação”. Era “de esperar extraordinária concorrência, atendendo a que a estudantina agradou muito no último concerto que ali efectuou, e ao fim a que era destinado o produto do sarau.”

“Os preços dos bilhetes” eram “convidativos e o programa variadíssimo”, constando do seguinte:

*Hymno Académico*, Medeiros

*Manolo*, suite de walse, Waldteufel

*Habanera* (para orquestra e coros)

*El Toledano*, passo doble

*Hymno da Estudantina*, Simões de Carvalho

*Phantasia* para piano e flauta, sobre Hernani, Biccialdi

*Recordações de Coimbra*, walsa, Simões de Carvalho

*Viva Aveiro*, passo doble, Simões de Carvalho

*Toujours fidèle*, suite de walses, Waldteufel

*El as de Oros*

*Hymno Académico*, Medeiros

“Composta de curiosos, tem muito merecimento esta estudantina, porque executa músicas ligeiras com muita distinção.

Tiveram muitos aplausos merecidos, e em especial o seu digno director.”

# 1888 - 1889



**Presidente:**  
Arthur Pinto da Rocha



**Porta-bandeira:**  
Joaquim E. Ribeiro do Amaral



**Secretário:**  
José Soares da Cunha e Costa



**Regente:**  
António S. de Carvalho Barbas

**Tesoureiro:**  
António de Freitas Ribeiro

**Director Dramático:**  
Francisco P. de Queirós Lacerda

## **Primeiros Violinos**

António de Souza Neves  
Francisco Pereira de Queiroz Lacerda  
Joaquim Júlio Cutileiro  
Lúcio Sant'Anna Rosário Miranda

## **Segundos Violinos**

Alexandre Cardoso Moreira Lobo  
António Maria Fructuoso da Silva  
João Coelho de Castro Villas Boas  
Júlio de Lemos Correia Leal  
Manoel Igácio de Matos Mexia da Costa

## **Bandolins**

Alberto Thomaz David  
António da Cunha Prelada  
Arthur Belchior de Macedo Coutinho  
Frederico dos Santos Martins  
José Ventura Mattoso da Câmara  
António Dias d'Oliveira

## **Violoncelo**

Ayres de Castro e Almeida

## **Contrabaixo**

João Nepomuceno Ferreira Trindade

**Clarinete**

Alberto Lopes Baptista

**Flautas**

António Corsino Caldeira

Carlos Correia P. de Figueiredo Pimentel

**Octavino**

Manoel Maria de Castro Corte Real

**Oboé**

José Soares da Cunha e Costa

**Violas**

António de Freitas Ribeiro

Aristides Albano de Moura Teixeira

Carlos Saccadura Botte Mascarenhas

Evaristo José Cutileiro

Eduardo Augusto de Sousa Monteiro

Fêliz Pereira de Magalhães

Francisco Manoel Couceiro da Costa Jr.

Henrique Marques Cortez

Isidoro Joaquim da Silva Rico

José Ignacio da Silva Correia Simões

José Libertador Ferraz Azevedo

José da Silveira F. Themudo da Neiva

Nuno Freire de Andrade

**Instrumentos de percussão**

Custódio José Moniz Galvão

Hamilcar Barcinio Pinto

José Júlio Gonçalves Coelho

José Maria Pinheiro da Silva Júnior

Manoel Lopes d'Almeida Quadros

**Grupo dramático**

Ernesto de Vasconcellos

António Pereira Nobre

Alberto Pereira d'Oliveira

# COIMBRA

## DEZEMBRO 1888

“Na noite de sábado [1 de Dezembro] para domingo realizou-se no magnífico salão da Academia de S. Thomaz d'Aquino, no Seminário diocesano, uma das festas mais simpáticas e atraentes a que temos assistido, simpática e atraente como são todas as festas em que a mocidade académica, com todo o fogo da sua alma apaixonada, se põe ao serviço duma causa generosa e veneranda.

Efectivamente, generosa e veneranda se pode dizer a causa que serve a associação académico-filantrópica de Coimbra, propondo-se acumular fundos com que subsidie os mancebos aplicados e inteligente que, por minguia de recursos pecuniários, não poderiam concluir a sua carreira literária.

Ultimamente esta formosíssima associação tomou um novo incremento, devido à direcção técnica do seu muito digno Presidente, o sr. dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, um dos mais belos talentos

que tem saído da Universidade, e à cooperação sempre leal e dedicada da mocidade académica conimbricense.

Um dos factos, entre outros, que assinalam esse incremento é a fundação e organização da estudantina académica, habilmente dirigida pelo sr. dr. Simões Barbas, digno professor de música na Universidade, e que prestando a sua fecunda cooperação para uma causa tão justa, deu – assim como o seu benemérito Presidente, o talentoso académico e inspirado poeta Arthur Pinto da Rocha – mais um testemunho assinalado da sua alma generosa.

O sr. dr. Martins, antes de começar o sarau, a que nos estamos referindo, tocou de leve, e despretenciosamente, estes facto, passando por alto o muito que a s. ex<sup>a</sup> é devido, e agradeceu a coadjuvação de todas as pessoas que o têm auxiliado, em especial ao ex.<sup>mo</sup> sr. Conselheiro Adriano d’Abreu Cardoso Machado, muito digno Reitor da Universidade, e ao preclaríssimo Prelado desta diocese, o ex.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> sr. Bispo Conde, que o sr. dr. Martins apresentou como um dos que mais tem beneficiado a associação filantrópica, já pecuniariamente, já cedendo do melhor grado o magnífico salão de S. Thomaz d’Aquino em que se realizou a festa e que se achava literalmente cheio; e por um requinte de delicadeza que atingia a Reitoria do Seminário, apresentou ao público um seminarista que leu uma alocução patriótica sobre a restauração da nossa independência.

O sarau constou de trabalhos gymnásticos primorosamente feitos, duma correcção inexcedível, por um grupo de rapazes da classe académica muito conhecidos desta cidade, de algumas cenas cómicas que tiveram a assembleia em constante hilaridade, duma secção de esgrima pelo sr. António Martins e M. Gustavo Bordallo Pinheiro e vários trechos de música executados com toda a mestria pela estudantina conimbricense, que nesta ocasião se apresentou como oficialmente em público e arrancou da assembleia o mais veemente e justificado entusiasmo.

Concluindo esta ligeira notícia, diremos que muito pode a boa vontade e o trabalho metódico e apurado, e que quando a boa vontade e o trabalho se dão as mãos com o fim de imprimir vida e vigor a uma empresa tão humanitária como é a Associação Filantrópica Académica de Coimbra, todos devem cooperar no mesmo intuito.

Assim o compreende a Academia de Coimbra, e todos os que a auxiliaram nos seus tão louváveis esforços.”



# PORTO

DEZEMBRO 1888

7 de Dezembro – “Aí pelo meio da tarde, o tempo encasmurrou feíssimo, e uma chuva abundante arrefeceu o entusiasmo da rapaziada académica toda ocupada nas suas compras de balões e de estearina para a festa da noite. Era o diabo, uma noite d’invernia!... Lá se ia tudo o que fora preparado com tamanho interesse, adeus cortejo, adeus vivório, adeus serenata!

A chuva mataria as festas, aguarria o entusiasmo, limitaria aquela acolhida anunciada de estrépido e de glória, a um recebimento chocho e frio. Era o diabo, era!

Mas não, boa rapaziada folgazã; o tempo, como o diabo, não é tão mau como o querem pintar. Ele favoreceu-nos afinal, galhardos corações; e aquela chuva não passou duma perlice, dum susto pregado ao vosso entusiasmo. Às sete horas da noite já o céu era límpido e rutilado de estrelas. Bravo!

Portanto o acolhimento foi de grande concorrência de académicos, e de enormes expansões.

Na estação de Campanhã reuniu-se a maior parte dos estudantes da Escola Médica, Academia Polytechnica, Lyceu Central, Academia de Bellas-Artes e Instituto Industrial: uma multidão imensa, irrequieta, vozeante que deu ao local um aspecto de animação comparável ao que a chegada dos tunos provocou.

Também aguardavam a chegada dos estudantes muitas senhoras, cavalheiros de distinção e uma comissão de estudantes do Lyceu de Braga. Compunha-se essa comissão dos srs. António da Silveira, Presidente; Alexandre Malheiro, António Vieira de Araújo, Eduardo Faria, António Azevedo, Amorim Guimarães, António Pádua e António Taveira.

Quando o comboio que conduzia a Estudantina entrou em gare, era de ver aquela mó imponente movimentando-se crassamente, balões acesos, aclamações de atroar.

Eram quase dez horas e meia quando o trem apareceu.

O grupo de académicos vinha numa carruagem-salão e ainda em vagões de primeira classe. Afora os membros da Estudantina, vieram de Coimbra uns duzentos académicos.

Em Aveiro os estudantes do Lyceu tinham feito aos seus colegas de Coimbra entusiásticas recepções. Apresentaram-se na estação com uma banda de música.

Quando o comboio apareceu, subiram ao ar girândolas de foguetes e os estudantes romperam em calorosos vivas.

A Estudantina tocou um trecho de música.

Uma comissão depois de cumprimentar o Presidente da Estudantina, sr. Arthur Pinto da Rocha, pediu licença para a acompanhar ao Porto, desejo que foi recebido com grande aplauso.

Quando o comboio largou da estação estouraram inúmeros foguetes e ergueram-se vivas à Academia de Coimbra, etc.

Em Coimbra também havia sido calorosamente despedidos pelos seus camaradas.

Apeando-se na *gare* de Campanhã a Estudantina entrou na sala de passageiros de primeira classe, e ali recebeu as boas-vindas da parte da comissão dos estudantes portuenses.

Esta tinha à frente o sr. Cândido Pinto da Cruz, que depois de abraçar em seu nome e no de todos os seus colegas o sr. Pinto da Rocha, Presidente da Estudantina, agradeceu-lhe a honra concedida aos estudantes do Porto.

O sr. Pinto da Rocha fez um breve discurso e concluiu por dizer que o seu mais ardente desejo era que aquelas provas de simpatia que recebiam fossem o alvorecer de uma nova época de fraternidade académica.

Levantou vivas aos estudantes do Porto, à Philantrópica Académica, à fraternidade escolar, etc.

O sr. dr. Paulo Marcellino Dias de Freitas cumprimentou o sr. Pinto da Rocha em nome da Associação Philantrópica Académica, de que é Presidente.

O sr. Pinto da Rocha agradeceu.

Feitos os cumprimentos os académicos formaram ladeados pelos colegas desta cidade. A Estudantina rompeu com o Hymno e pôs-se em marcha através da multidão compacta.

A bandeira da Estudantina que era trazida pelo sr. Ribeiro do Amaral, quartanista de direito, foi entregue na estação de Campanhã ao sr. Pinto da Cruz que a conduziu todo o trajecto.

A rapaziada do Porto envolveu a Estudantina que, tolhidos os movimentos, cessou de tocar.

As saudações duraram muitos minutos, num delirado entusiasmo, e vozearam-se vivas à Académica de Coimbra, à Academia do Porto, à Associação Philantrópica, à união académica, e às damas portuenses.

Formou-se o cortejo. Belo o espectáculo!

Luziam milhares de balões venezianos que os rapazes erguiam na ponte das bengalas.

Primeiramente o cortejo marchou rua do Pinto Bessa acima, em filas regulares. Mas bem depressa os brados e movimentos de entusiasmo, levaram a confusão às fileiras.

Chegando ao Bomfim, procurou-se reorganizar o prestito. A Estudantina recomeçou um *pasa-calles* e o cortejo pôs-se em marcha, para a rua de Santo Ildefonso.

Numas casas desta rua, as senhoras que estavam às janelas acenderam lumes de variadas cores e lançaram flores sobre os estudantes que agradeciam esta amabilidade com entusiásticos vivas às damas portuenses.

Ao chegarem ao largo do Padrão o itinerário foi mudado para satisfazerem a um pedido feito do recolhimento das orfãs de S. Lázaro.

Em frente à Academia de Bellas-Artes levantaram-se vivas àquela Academia. Em frente ao recolhimento das Orfãs repetiram-se iguais demonstrações.

Adiante a Escola Moderna achava-se brilhantemente iluminada e com as varandas repletas de curiosos.

Quando a Estudantina passou, as pessoas que estavam nessas varandas aclamaram-na com vivas e palmas.

O cortejo voltou ao largo de Santo André, e meteu pelas ruas Alegria, Formosa e Santa Catharina e por último Batalha.

Muitas casas particulares, como também o edifício da estação em Campanhã, ostentavam iluminações.

Chegando à Batalha falou da porta do Hotel Portuense eloquentissimamente o sr. Pinto da Rocha, manifestando num ardor febril e entusiasta a profunda simpatia que liga as duas Academias do Norte.

Terminou levantando calorosos vivas à fraternização académica e saudando freneticamente os esperançosos homens do futuro.

Respondeu, brilhantemente, o sr. Cândido Pinto da Cruz, um simpático e inteligente quintanista da Escola médica, que terminou, também, por levantar vivas à Academia de Coimbra, à Estudantina e ao seu Presidente.

Depois da uma hora da madrugada, à porte do Hotel Portuense onde se alojou grande parte da Estudantina, apresentou-se o *Grupo Académico*, composto de estudantes portuenses, dando uma serenata aos seus colegas de Coimbra.

O *Grupo* executou diversos trechos com uma larga correcção. A praça da Batalha continuava quase toda ocupada pelos rapazes do Porto.

A serenata foi ouvida com grande agrado, e o *Grupo Académico* teve calorosos aplausos.

Era já hora muito alta quando os estudantes debandaram.”

“Os estudantes alojaram-se nos hotéis Portuense, Universal e Continental.”

“A festa de ontem [8 de Dezembro] no Palácio [de Crystal] foi perfeitamente uma festa da mocidade. E todavia, quem estivesse ontem na nave central veria que nem só a gente moça consituía o fundo total da grande manhã: no vasto salão havia de envolta com galantes formosas damas, e os rapazes de todos os institutos escolares, uma respeitável soma de cavalheiros de idade madura. Reconhecia-se neles perfis conhecidos e queridos: juizes, advogados, médicos, desembargadores, lentes, toda a simpática classe daqueles que já passaram por um curso, que em tempo – há muitos anos já! – tiveram como ontem as horas felizes da sua alma moça, os mesmos frémios de entusiasmo, o mesmo interesse amigo, com que o Porto acompanha há dois dias esses alegres rapazes de Coimbra. Foram fiéis esses a que aludimos e vimos impressionados ternamente que foram eles que mais fortemente aplaudiam, os que lançavam a nota mais estrepitosa que ontem rebocou pela comprida nave. Como é doce a saudade, com a recordação é boa!

Mas, pouco passava da uma hora da tarde quando, o salão repleto de umas duas mil pessoas, apareceu no palco a Estudantina de Coimbra.

No lado esquerdo, um grande número de estudantes de Coimbra tinha os seus lugares, o centro era ocupado pela Estudantina e o lado direito pela comissão de recepção dos estudantes portuenses, delegações da Escola Médica, Academia Polythecnica, Instituto, Bellas-Artes e Lyceu.

A entrada da Estudantina, sua bela bandeira à frente e acompanhada dos estandartes das escolas do Porto, foi ruidosamente saudada. O Palácio tremeu à ovação, chapéus acenaram e palmas estrepitaram. Pinto da Rocha o Presidente da Estudantina, avançou e explicou que tinha uma enorme satisfação em que a Estudantina aparte a ideia da sua visita aos seus colegas do Porto, iniciasse e fundasse solidamente a federação

escolar de Portugal. Pinto da Rocha foi aplaudidíssimo na sua alocução tão sóbria, como enérgica e conscienciosa.

A Estudantina executou então o Hymno Académico, que foi ouvido de pé, e em seguida alguns *pasa calles* e duas valsas. Os académicos tiveram intensíssimos aplausos. Na verdade a execução é correctíssima e os rapazes portaram-se como verdadeiros mestres.

Pinto da Cruz foi victoriosamente aplaudido no seu discurso que avincava a ideia da solidariedade académica, em que todos deviam unir-se como irmãos, numa família muito firme nas suas crenças e na sua abnegação.

A Pinto da Rocha e a Simões Barbas, o director da orquestra, foram oferecidos pelo sr. dr. Paulo Marcellino, Presidente da Philantrópica, diplomas de sócios honorários.

Eduardo de Vasconcellos, no seu discurso, Álvaro de Vasconcellos, numa poesia cómica, Pina Vaz, nos seus monólogos.

Sanches da Gama e Bráulio Caldas, nas suas poesias, tiveram extraordinárias saudações.

A segunda parte constou de vários números de música, intensamente aplaudidos.

À Estudantina foram oferecidas uma bela coroa de carvalho e louro da Escola Médica, uma outra da Sociedade Philantrópica, e uma outra de heras de rosas do Instituto Industrial.

Pelos estudantes de preparatórios uma pasta de setim com uma dedicatória a ouro.

A Pinto da Rocha os estudantes de Bellas-Artes ofereceram uma paleta, guarnecida de rosas e nas fitas o tratato de Pinto da Rocha.

A Pinto da Rocha, ainda, o sr. Cândido da Cruz ofereceu, em nome da sr.<sup>a</sup> D. Henriqueta Granada, a simpática fisionomia do Porto artista, o bellissimo *pasa calles* a que ontem nos referimos e que a oferente dedica graciosamente à Estudantina de Coimbra.

Pinto da Rocha fez um belo improviso agradecendo à exímia artista a sua valiosíssima lembrança e testemunhou que o seu brinde era talvez o mais significativo, o mais espontâneo que tem recebido e pediu à assembleia que conjuntamente com ele e a Academia agradecessem a D. Henriqueta Granada a sua bellissima lembrança. Então a plateia fez a D. Henriqueta Granada, a querida, a consagrada artista, uma veemente ovação.

O Presidente da Estudantina agradeceu ainda em palavra fervorosa, ao talentoso artista, o nosso Xavier Pinheiro que aquarelara

esplendidamente a pasta onde se guardava o encantador *pasa-calles* escrito por D. Henriqueta Granada.

O público deu também a Xavier Pinheiro, aclamações dum longo estrépito. Nós, um abraço, amigo dilecto.

O resto da *matinée* foi finalmente preenchido com alguns números de música, muito aplaudidos e Pinto da Rocha agradecendo o acolhimento tão extremamente entusiástico encerrou a festa.

Então as últimas saudações ecoaram formidolosas e aquela festa que deixará certamente fundas recordações, terminou ao fim da tarde daquele dia tão excepcionalmente sossegado e brando.”

“Ontem [8 de Dezembro], às cinco horas da tarde, Pinto da Rocha, o Presidente da Estudantina, recebeu um telegrama do Reitor da Universidade de Coimbra participando-lhe que amanhã não serão marcadas faltas unicamente aos estudantes que compõem a Estudantina.”



Figura 3 - Estudantina de Coimbra – Dezembro de 1888 (Phot. Moderna)

“Pelas 10 horas de domingo [9 de Dezembro] foi o grupo académico retratar-se à Photographia Moderna...”

“O dia de domingo [9 de Dezembro] foi plenamente consagrado à ruidosa Estudantina de Coimbra. Desde pela manhã excepcionalmente bonançosa na doçura das suas brumas outoniças, a população do Porto encheu as ruas da cidade e as praças, que os académicos de Coimbra animavam da vivez da sua alegria, do pitoresco do seu uniforme. Foi um extraordinário domingo animado, esse.

À uma hora da tarde, a Estudantina acompanhada de muitos populares e de estudantes, à Escola Médica, onde devia realizar-se a sessão solene.

No átrio da Escola foi recebida por uma comissão. A sua entrada na sala da sessão, onde por detrás da mesa presidencial estavam colocados os estandartes da Escola Médica, Academia Polytechnica e Bellas-Artes e Lyceu, foi recebida por uma intensíssima ovação.

Pinto da Rocha, o Presidente da Estudantina e o porta-estandarte, ficaram em um lugar de honra, e Simões Barbas, director da orquestra, teve lugar numa cadeira do professorado.

A sessão foi presidida pelo sr. Cândido da Cruz, quintanista de medicina, que fez uma calorosa saudação à Academia de Coimbra, cuja principal ideia era que a federação académica portuguesa ficasse desde agora constituída.

O sr. Pinto da Rocha curvou o estandarte da Estudantina em sinal de respeito pelo corpo docente da escola e diversos institutos do Porto e falou ainda sobre a federação académica.

Foi muito aplaudido.

Discursaram depois os srs. Eduardo Pimenta, em nome dos seus colegas da Escola Médica, Rigaud Nogueira, no dos da Academia Polytechnica e um aluno do Lyceu.

O sr. Ernesto de Vasconcellos, membro da Estudantina propôs que o sr. Pinto Rocha e o Presidente do Club Académico do Porto ficassem encarregados de realizar as bases da federação académica.

O sr. Thomaz Leão, aluno da Escola, lembrou que sendo este domingo o aniversário da morte da Almeida Garrett, nada mais próprio que esse dia, enormemente significativo para ser o primeiro sinal de união entre todos os estudantes portugueses.

Foi levantada a sessão depois da Estudantina executar o Hymno Académico, que foi ouvido de pé.

Houve calorosíssimas saudações ao encerrar a sessão.

A sessão esteve brilhantemente concorrida.”

“Os académicos dirigiram-se em seguida para o Palácio de Crystal, aonde se tratava de realizar a *matinée* em favor do Hospital de Crianças.

Seriam duas horas e um quarto, quando se deu o começo a esse festival filantrópico em meio de uma concorrência quase igual à da véspera.

Tomaram lugar no palco a estudantina e académicos de Coimbra, a direcção do hospital de crianças D. Maria Pia, a direcção da Filantrópica Académica e a comissão executiva dos estudantes portuenses.

Eis o programa que foi interpretado pelo distinto grupo de amadores académicos:

1ª parte

***Viva o Porto***, Simões de Carvalho

***Manolo***, Walteufel

***Nina***, polka, J. Mazzi

***Passo turco***, Spinoza

2ª parte

***Toledano***, passo double,\*\*

***Souvenirs de Coimbra***, Simões de Carvalho

***Tutti in maschera***, symphonia de Pediotte

***Mercedes***, mazurca de Calvist

***Douce complaisance***, valsa, Simões de Carvalho.

“Na primeira parte executaram *Viva o Porto*, *Manola*, *Nina*, *Passo turco*, recitando também o sr. António Nobre a sua Ode, aos rapazes novos (*da que se pode consultar um excerto na “Poesia Completa de António Nobre”*).

Finda a primeira parte, o sr. Pinto da Rocha, elogiou largamente o sr. Simões Barbas, regente da orquestra, pela firmeza e tenacidade com que reuniu aquele belo grupo de rapazes, e entregou-lhe o diploma de sócio benemérito da Estudantina. Ofereceu-lhe também, pessoalmente, um belo relógio, desejando que todas as horas que ele marcasse, fossem outras tantas horas de felicidade para um tão dedicado amigo.

Na segunda parte recitou uma bela poesia *Na lucta*, o sr. Alberto de Oliveira que foi largamente aplaudido, sendo-lhe entregue pelos quintanistas dos cursos superiores do Porto, as pastas de académicos.

No fim o sr. Pinto da Rocha agradeceu entusiasticamente a bela acolhida que o Porto fez aos académicos de Coimbra, e recitou a sua



poesia *O cedro*, a pedido de vários amigos, terminando esta esplêndida festa pelo Hymno Académico, que foi ouvido de pé.”

“Escusado será dizer que tanto os números do programa musical, como poesias e discursos foram victoriadíssimos.”

A direcção do Hospital de crianças ofertou à estudantina, na pessoa do seu Presidente, uma rica coroa de flores.”

No dia seguinte, dia 10 de Dezembro, “pelas 11 horas da manhã, a estudantina visitou a oficina de S. José, acompanhada de vários académicos do Porto.

Os estudantes percorreram a oficina de carpinteiro e de alfaiate, onde examinaram alguns trabalhos ali feitos; visitaram o dormitório da oficina de encadernador, a sala de música, a capela da oficina, refeitório, sala de aulas, etc.

Ao retirarem-se, um dos académicos de Coimbra, o sr. Cunha Costa, proferiu um breve discurso de congratulação, ao qual respondeu o rev. Director da oficina, soltando um viva à estudantina, a que se seguiram outros por parte dos académicos à oficina de S. José e ao seu fundador.”

“Ontem [10 de Dezembro], pelas 2 horas da tarde, apinhava-se uma enorme multidão diante do Hotel Portuense, à Batalha, para assistir à partida desse simpático bando de rapazes que vieram ao Porto numa cruzada de bem.

Às 2 e um quarto pôs-se em marcha a Estudantina, rodeada de grande número de estudantes desta cidade, executando vários trechos de música.

No meio das maiores manifestações de entusiasmo dirigiu-se ela à estação de Campanhã, onde uma multidão enorme e compacta a aguardava, percorrendo as ruas seguintes: Batalha, Entreparedes, S. Lázaro e Heroísmo.

Chegados à rua de Entreparedes, foram soltados calorosas *hurrahs* ao sr. dr. Paulo Marcellino de Freitas, que se achava numa casa belamente adornada, a que s. ex.<sup>a</sup> respondeu levantando um *hurrah* à Academia Conimbricense.

Ao passar defronte da Escola Moderna, os alunos daquele estabelecimento, desenrolando o seu estandarte, fizeram a esse simpático grupo uma manifestação ardente e calorosa, proferindo o sr. Eduardo Chaves, director daquela Escola, uma alocução, que foi ouvida no meio das mais estrondeantes palmas.

Ao passar o cortejo defronte da Academia das Bellas Artes, alguns professores deste estabelecimento, que estavam à porta saudaram a Estudantina de Coimbra.

Após muitos vivas às senhoras do Porto, que no trânsito, lançavam flores sobre os académicos, às launas do Recolhimento das Orfãs, em S. Lázaro, à confraternidade académica, às academias de Coimbra e Porto, à Estudantina, a Pinto da Rocha, dr. Simões, etc.; deram, enfim, entrada na *gare* de Campanhã, onde uma grande multidão os esperava.

Chegados ali o sr. Pinto da Rocha, Presidente da estudantina, disse que se despedia do Porto, com saudade, e que as manifestações de simpatia, leal camaradagem e carinho de que a estudantina fora alvo por parte dos seus companheiros da cidade do Porto, as conservariam indeléveis no seu coração.

Disse mais que vindo a esta cidade em uma cruzda generosa e santa, levava a satisfação plena do cumprimento de um sacratíssimo dever – a filantropia. Terminou a sua brilhantíssima alocução dizendo que os estudantes do Porto se lembrassem que junto do Mondego havia um edifício vetusto e crestado pelo tempo, onde não teriam as comodidades que aqui lhes dispensaram, mas em compensação dois mil corações a abrigá-los.

Seguiu-se o sr. Pinto da Cruz, Presidente da comissão do Porto, que agradeceu em frase elegante a honra que os estudantes de Coimbra dispensaram aos do Porto, escolhendo esta cidade como ponto de partida para a sua grandiosa obra de confraternização e federação académica.

O sr. Pinto da Rocha tomou então a palavra para protestar mais uma vez o seu reconhecimento, respeito e consideração à classe académica do Porto; porém, que, ante a manifestação altamente simpática da nossa academia, não tinha palavras que traduzissem a sua comoção – e abaixou o estandarte da Estudantina, acto que foi coroado das mais estrondosas palmas, vivas e *hurrahs* por parte dos estudantes do Porto.

Como pequena lembrança da sua passagem por esta cidade, a Estudantina oferecia aos seus colegas um hymno em despedida.

Esse hino, de uma bela sonoridade, foi delirantemente palmeado pelos nossos académicos.

No meio das mais veementes manifestações de entusiasmo, o comboio pôs-se em marcha, levando para Coimbra esse brilhante grupo moço e inteligente, e deixando entre nós as mais fundas recordações.

A comissão central dos estudantes acompanhou-os até às Devesas.”

# 1889 - 1890

## COIMBRA

FEVEREIRO 1890

“Esteve em Coimbra e retirou apressadamente para o Porto a *tuna* dos estudantes de Salamanca, que veio visitar os estudantes portugueses e aderir pessoalmente às manifestações patrióticas destes contra a prepotência vil da Inglaterra.

Os *tunos*, em número de 52, chegaram a esta cidade na quarta-feira, 19 [de Fevereiro], às 2 horas da tarde, acompanhados do seu Presidente, o dr. Huebra, advogado e redactor do periódico *El Adelanto*. À gare foi esperá-los a *estudiantina* de Coimbra, levando o seu estandarte. E espanhóis e portugueses vieram, em plena confraternização de sentimentos e de *tons* de violino, da estação A até o Theatro D. Luiz, onde o sr. Silvestre Falcão, tomando o seu lugar de Presidente da assembleia-geral, disse algumas palavras, que foram seguidas de um veemente discurso do sr. Augusto Barreto, a que o sr. Huebra respondeu num enérgico e brilhante improviso. Em seguida, o nosso amigo Cunha e Costa fez ainda uma breve alocução, calorosa e sincera, que terminou por vivas à Espanha e a Portugal, aos estudantes da península e à Federação Ibérica.

À noitinha, os *tunos* tornaram a reunir-se no Theatro D. Luiz, e daqui seguiram, acompanhados de grande número de estudantes portugueses, em direcção ao Paço das Escolas, em cujo átrio estiveram tocando algum tempo.

Na quinta-feira, por volta das 11 horas da manhã, estiveram na Universidade de visita às aulas. Foram recebidos em audiência pelo ex.<sup>mo</sup>

Reitor e foram depois ao Museu ver os gabinetes de anatomia e as coleções de história natural.

Na noite de sexta-feira [20 de Fevereiro] deram um concerto no Theatro D. Luiz, concerto em que tomou parte a *estudiantina* de Coimbra. Respondendo a duas quadras do sr. Sanches da Gama o sr. Huebra fez um bonito discurso, um verdadeiro discurso de salão, porque na sua referência às damas portuguesas foi de uma galanteria apenas comparável com a sublimidade da sua eloquência no momento de idealizar a união ibérica pela representação histórica dos dois grandes vultos de Camões e Vasco da Gama erguendo-se das brumas do Oceano abraçados às figuras proeminentes de Cervantes e Cristovão Colombo... Um orador, o sr. Huebra. Ou não fosse ele advogado e de mais a mais espanhol...

O sr. Cunha e Costa ofereceu-lhe, em nome da *estudiantina* de Coimbra, uma coroa de heras com duas fitas, amarela e vermelha – as cores espanholas.

A *tuna* projectava dar aqui outro concerto na noite de sexta-feira, mas teve de retirar precipitadamente para o Porto por se haver comprometido a dar nessa mesma noite, na cidade invicta, um concerto em benefício cremos que da Caixa de socorros aos estudantes pobres.

Na segunda-feira, 24, voltou a Coimbra a dar o concerto, que havia prometido, para tomar parte no benefício que a *Estudiantina de Coimbra* dá no Theatro D. Luiz em benefício da Filantrópica, concerto que só se realizou no dia seguinte, 25, por virem fatigados quase todos os *tunos*.

Foram entusiasticamente acolhidos, como na sua primeira estada nesta cidade, e depois de vários discursos no teatro e de troca de amabilidades entre uns e outros, portugueses e espanhóis, - os salmantinos retiraram para Espanha, na madrugada de 26, deixando em nosso espírito a doce impressão da sua fúlgida mocidade e das duas francas e ruidosas alegrias e recordações gratas dos seus concertos, dos *passe-calles* e *habaneras*, em que é dever nosso aplaudir o incondestável talento artístico do jovem *maestro* e director d'orquestra, San Eustáquio.”

# COIMBRA

MARÇO 1890

“Com uma grande concorrência de espectadores, realizou-se sábado passado [15 de Março], no Theatro de D. Luiz, uma récita por amadores, em benefício da Sociedade Filantrópico-Académica.

Constou o espectáculo de trabalhos ginásticos sob a direcção do sr. Jerónimo Silva; *O milagre*, cançoneta pelo sr. Luiz Gama; concerto pela Estudantina Conimbricense e da tragi-comédia – *Catimban*.

Muitos aplausos e muita risota.

Devido ao incansável zelo, gosto e persistência do digno Presidente da Filantrópica o sr. dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho se deve o brilhantismo desta festa, e de muitos outros que ele sempre realiza com o maior luzimento em favor daquela prestante sociedade. A ornamentação da sala, devida também àquele nosso amigo, era de um bom efeito pela simplicidade e bom gosto que a revestia.

A propósito: não achamos razoável a exigência de *casaca* em tais benefícios, que, sem dúvida, afasta bastante concorrência ao theatro.”

“Realizou-se nos dias 23, 24 e 25 do mês findo [Março] o congresso para a discussão do primitivo projecto de estatutos da Federação Académica Portuguesa.

Teve lugar o congresso no velho salão da Trindade, onde se acha, provisoriamente, o Club Académico.

O salão estava lindamente adornado, com simplicidade e notável bom gosto, pelos srs. Bigaglia e Battistini, dois artistas de merecimento.

Ao fundo da sala a mesa presidencial, sob o retrato a óleo do grande épico. Vis-à-vis deste o retrato, também a óleo, do marquês de Pombal. Por cima das portas e, aqui e além, pelas paredes, colchas e cobertores de damasco, troféus com o busto, em gesso, de Camões e festões de verdura. Do tecto pendem, em arco, fieiras de pequeninas flâmulas e bandeirolas diversas. E no alto da parede do fundo lê-se, em letras doiro sobre a larga faixa azul, esta palavra simpática: *Fraternitas*.

Os congressistas tomam assento no mesmo estrado em que se acha a mesa da presidência, e onde também têm lugar os redactores da *Pátria* e do *Rebate*, os repórteres de vários jornais de fora de Coimbra, os membros da comissão de recepção dos congressistas e convidados. O público ou os assistentes a 500 réis por cabeça ficam cá em baixo, sentados uns, outros de pé.

Os congressistas são: 18 de cada um das academias de Lisboa, Porto e Coimbra e 14 representantes de diversos Liceus.”

“Nos três dias que durou o congresso, presidiram, alternadamente, três estudantes de Lisboa, Porto e Coimbra.”

“Falaram vários oradores, sobressaindo entre todos os srs. Reis e Santos, A. Luiz Gomes, José Benevides (relator do projecto), Cunha e Costa, Ribeiro Coelho e Abel d’Andrade, que fez uma larga dissertação acerca do nº2 do art. 13º, querendo que se incluísse nesse número as missões religiosas, como um poderoso elemento colonizador.

As modificações essenciais que se fizeram ao projecto primitivo foram: - a substituição do título de *Liga Patriótica dos Estudantes Portugueses* pelo de Federação Académica Portuguesa; ...”

“Na segunda-feira, 24, teve lugar no Theatro D. Luiz o sarau em honra dos congressistas. Tomaram parte nele vários académicos e a *Estudantina* de Coimbra, sob a direcção do sr. dr. Simões de Carvalho. Houve exercícios ginásticos pelos srs. Eduardo de Magalhães, Gaspar Galvão de Mello, Albano Guedes, Themudo; etc.; um assalto de florete pelos srs. Carlos Pimentel e Teotónio Féria; poesias várias recitadas por Francisco Bastos, João de Menezes, Leal Sampaio e Fernando de Sousa. Levou-se em cena a comédia em 1 acto, original do falecido actor-autor J. Carlos dos Santos, *Uma chávena de chá*, representada por amadores; e o sr. Luiz Gama recitou, com muita graça e naturalidade, a cançoneta *Os milagres*, de D. José da Câmara Manuel.

O sarau terminou, à meia hora depois da meia-noite, por vivas à Federação Académica, à independência da Pátria, à aliança das raças latinas, etc.”

# COIMBRA

MAIO 1890

“No meio de certa indiferença que se nota há muito em Portugal, e que todos os sinceros liberais deploram, é motivo para muita satisfação o ver a animação e mesmo entusiasmo, que se presencia na cidade de Coimbra, quando se trata de dar uma grande manifestação, que demonstra ao país que ainda não esqueceu o relevantíssimo serviço prestado pelo ilustre ministro de estado, Joaquim António de Aguiar, à causa da liberdade, com a extinção a 28 de Maio de 1834, das intituladas ordens religiosas.

Tem decorrido 56 anos desde o famoso decreto, e cada vez se reconhece mais a sua extrema necessidade.”

## **Organização do cortejo**

Alunos das escolas de instrução primária, acompanhados dos professores

Associação humanitária dos bombeiros voluntários

Corporação dos bombeiros municipais

Carro triunfal da Liberdade

Philarmónica *Conimbricense*

Associação Recreativa d'amadores de caça

Assembleia Recreativa

Sociedade União Artística Conimbricense

Grémio Operário

Artistas da cerâmica

Associação Federal dos Operários Conimbricenses

***Estudantina Académica Conimbricense***

Atheneu Popular

Novo Grémio

Caixa auxiliar dos distribuidores telegrafo-postais

Caixas económicas – *Empregados do teatro de D. Luiz* – *Fidelidade* – *União Popular* – *Liberdade* – *Trabalho* – *União Operária* – *Fraternidade* – *e da typographia do Conimbricense*

Grémio dos empregados no comércio e indústria

Grémio Taborda

Escola livre das artes do desenho

Centro eleitoral democrático

Centro promotor de instrução popular

Club Conimbricense

Associação Académica

Associação Comercial  
Associação dos Artistas  
Instituto de Coimbra  
Sociedade Philantrópico-Académica  
Monte-pio Conimbricense  
Monte-pio da Imprensa da Universidade  
Junta das paróquias  
A academia de Coimbra  
*Coroa de Flores*, numa carreta dos bombeiros voluntários  
Comissão organizadora do préstito  
Câmara Municipal, e comissão executiva da junta geral  
Philarmónica Bôa-União

“Efectuou-se na quarta-feira [28 de Maio] o grande préstito cívico em Coimbra, apesar de um aparato de precauções, que parecia estar Catilina às portas de Roma; apesar dos desejos ferinos, por aí publicamente manifestados por certos indivíduos políticos, de que os sabres dos polícias e as espadas da cavalaria acutilassem os promotores do préstito cívico e os cidadãos que nele tomavam parte; apesar do rancor dos reaccionários, em presença de uma das mais necessárias e mais justificadas manifestações, que há muito tempo se tem efectuado em Portugal!

O que decerto satisfazia plenamente os reaccionários era que em lugar do préstito cívico se renovasse em Coimbra os horrorosos *autos de fé*, para os quais saíam dos medonhos cárceres da inquisição, em grande préstito, os infelizes presos, que eram lançados às fogueiras, com feroz aplauso dos frades e do povo, por eles estupidamente fanatizados.

Depois das 5 horas da tarde de 28 do corrente dirigiu-se da praça do comércio aos paços do municipais, a comissão organizadora do préstito cívico, e outros cidadãos, para dali acompanharem a respeitável vereação municipal, a qual, é do nosso dever declarar, se portou nesse dia de modo, que sobremaneira honra, tornando-se digna do reconhecimento público.

Chegando a Câmara Municipal à praça do Comércio tratou-se de pôr em marcha o préstito; havendo nessa ocasião um pequeno tumulto, quando a polícia tratou, inconvenientemente, de obrigar a Sociedade Fraternal dos Operários Conimbricenses, a arrear a sua bandeira.

Cedendo à força, e sendo a bandeira levada a tiracolo por um dos sócios, serenaram os ânimos e pôs-se em marcha o préstito cívico.

Depois dos alunos das escolas de instrução primária, da Associação humanitária dos bombeiros voluntários, e da corporação dos bombeiros



municipais, seguia-se a grandiosa estátua da **Liberdade**, que produzia um admirável efeito. E diremos que neste género ainda se não apresentou em Coimbra coisa igual em qualquer outro festejo.

Vinham depois muitas outras associações, e no centro do préstito aparecia o interessante carro do **Trabalho**, que era muito aplaudido pela multidão. Entre numerosos instrumentos do trabalho, que iam nesse carro, via-se um prelo tipográfico, onde se ia imprimindo uma poesia que era distribuída pelo povo.

Prosseguiu depois outras associações de operários, de comerciantes, de empregados no comércio e indústria, de socorros mútuos e de recreio, caixas económicas operárias, e a academia de Coimbra em grande número.

Ia depois a carreta dos bombeiros voluntários conduzindo uma enorme coroa de flores, com uma extensa e larga fita, tendo numa das pontas, em grandes e elegantes letras douradas – 28 DE MAIO DE 1834 – 1890. Esta coroa foi mandada fazer pela comissão promotora do cortejo cívico.

Em seguida a esta coroa ia a referida comissão, e com ela os distintos jornalistas de Lisboa, os srs. Magalhães Lima, Alves Corrêa e Xavier de Carvalho. O sr. Magalhães Lima havia trazido uma bela coroa de flores, a qual no préstito era conduzida pelo sr. Xavier de Carvalho.

Terminara o préstito pela benemérita Câmara Municipal, e pela Philarmónica Boa-União.

Seguiu o préstito pelo Adro de Cima, rua do Sargento-Mór, largo do Príncipe D. Carlos, e ruas de Ferreira Borges e do Visconde da Luz. Nestas extensas ruas, em que o préstito se desenvolvia à vontade, produzia ele um excelente efeito.

Era numeroso o povo nas ruas do trânsito a presenciar esta manifestação cívica.

Foi seguindo o préstito pela praça 8 de Maio, rua da Cadeia, e mercado D. Pedro V. Aí houve novamente um pequeno conflito, em resultado de uma prisão efectuada pela polícia, a que reagiram os populares.

Subiu o préstito pela rua Ocidental de Montarroio, prosseguindo pela extensa estrada, ladeada de ciprestes e outras árvores, na direcção do cemitério da Conchada.

O espectáculo era magnífico. O tempo, que nos dias anteriores tinha estado chuvoso, com persistência, apresentara-se naquela tarde brilhantíssimo, com um sol esplêndido. E tudo parecia concorrer para

tornar imponentíssima esta festa do trabalho, da ciência, da liberdade e da civilização.

Entrando o cortejo cívico no cemitério da Conchada foi conduzida a grande coroa, por alguns membros da comissão promotora, até ao túmulo do ilustre ministro Joaquim António de Aguiar; assim como eram levadas grande número de outras coroas de várias associações e até de particulares; ficando o túmulo literalmente coberto de coroas e ramos de flores.

Era numerosíssimo o povo no cemitério, enchendo a grande rua central e as transversais; e a aproximação ao túmulo de Joaquim António de Aguiar, o membro da comissão promotora do préstito cívico, e redactor do *Conimbricense*, Joaquim Martins de Carvalho, proferiu junto desse mesmo túmulo as seguintes palavras:

*“... Ao menos, no meio de tão grande e lamentável indiferença, é consolador ver que à cidade de Coimbra não esqueceu os serviços de um dos seus filhos mais ilustres...”*

Depois seguiram-se a falar o nosso patricio o sr. António Augusto Gonçalves; os jornalistas os srs. Alves Corrêa e Magalhães Lima; o académico o sr. Cunha e Costa; o sr. António Gurri, espanhol, empregado na fábrica de lanifícios de Santa Clara; o sr. José Pereira da Cruz, operário e redactor da *Voz do Artista*; e o académico o sr. Lomelino de Freitas.

Seria quase impossível dar mesmo em resumo estes discursos, sempre enérgicos e por vezes brilhantes.

Ao mesmo tempo que os oradores tributavam a devida homenagem a Joaquim António de Aguiar, pela corajosa extinção dos frades, os srs. António Augusto Gonçalves, Alves Corrêa e Magalhães Lima, Cunha e Costa e Lomelino de Freitas trataram especialmente o assunto debaixo do aspecto político; o sr. Gurri debaixo do aspecto religioso; e o sr. Cruz pelo lado socialista, tratando de reivindicar os direitos da classe operária, e protestando contra o agravamento dos impostos, que se prepara, e que vai tornar ainda mais dura a situação dos trabalhadores.

Foi pelos diversos oradores fulminada a corrupção política que está envilecendo o país, a audácia com que se pretende restaurar os frades pela educação fanática, e o atentado do aniquilamento dos mais preciosos direitos dos cidadãos portugueses.

Todos os oradores foram muito aplaudidos.

No fim foi voltando para a cidade o povo, no meio da maior tranquilidade, folgando todos por se ter levado a efeito, apesar da raiva dos reaccionários e dos seus dignos auxiliares, os renegados políticos,

este grande protesto contra a reacção, que pretende dominar e corromper toda a sociedade.

# 1891 - 1893

“Corria o ano de 1891 e o boémio Jayme Leal fazia despertar num grupo de rapazes alegres e joviais a simpática ideia da formação de uma Tuna exclusivamente composta de académicos. Esta ideia foi recebida com as mais vivas manifestações de júbilo e entusiasmo por todos os estudantes de Coimbra, e não levou muito tempo a converter-se em realidade. Dentro em breve a Tuna estava fundada, e de dia para dia sentia engrandecer-se por um selecto conjunto de aptidões, que no seu seio se aperfeiçoavam e desenvolviam.

O gosto pela arte de Wagner, Chopin e Verdi principiava a ter entre os dilectos filhos de Minerva os cultores mais devotos. Mas, ao passo que a Tuna fazia nascer o sentimento e o amor pela música, procurara também realizar uma função mais nobre e elevada do seu ideal.

A confraternização das academias encetou-a, a Tuna académica de Coimbra, logo nos primeiros alvares da sua fundação. Principiava a visitar às academias portuguesas, a recebê-las também com entusiasmo e galhardia; levava mais longe as suas digressões, procurava estabelecer estreitas relações com a mocidade das escolas estrangeiras e ligá-la pelos vínculos sólidos de simpatia e amizade.”

“As artes harmonizam-se com as ciências e umas e outras procuram dissipar os velhos antagonismos, vincular as relações entre os homens, dar alento ao progresso e a civilização e implantar o império da liberdade e da igualdade. Animada destes desejos tem recebido o mais benévolo acolhimento e a mais acentuada protecção dos ilustres prelados da Universidade de Coimbra. Têm tomado a direcção da Tuna os académicos mais laureados e os mais ardentes propagandistas dos seus vastos ideais.”

# 1893 - 1894

**Presidente:** Francisco Joaquim Fernandes, 4ºano de Direito

**Tesoureiro:** Diogo Marreiros Netto, 3ºano de Direito

**Secretário:** Alberto de Vasconcellos Moraes, 2ºano de Direito

**Porta-bandeira:** Jayme Leal, 2º ano de Filosofia

**Regente:** dr. António Simões de Carvalho Barbas

**Sub-regente:** José Cochofel, 4ºano de Direito



**Figura 4 - Estudiantina Académica Conimbricense - 1894**

18 de Março – “Conta já mais de 60 executantes a tuna académica que nesta cidade vai constituir-se, de cuja regência se encarregou o laureado maestro dr. Simões Barbas.

Os ensaios começarão activamente depois das férias de Páscoa numa casa que o sr. Reitor da Universidade tenciona ceder para esse fim.”

“Devido aos esforços de meia dúzia de rapazes da nossa Universidade acha-se de novo organizada a *Tuna Académica*, tendo-se realizado na terça-feira passada [10 de Abril] o primeiro ensaio.”

“Apresenta-se hoje [13 de Maio] pela primeira vez a tocar na Universidade em obséquio ao sr. Reitor, a tuna académica, dirigida pelo sr. dr. Simões Barbas.”

# AVEIRO

## MAIO 1894

“Seguiu ontem [26 de Maio] para Aveiro, onde vai dar um sarau literário musical, em benefício do asylo daquela cidade, a tuna académica da Universidade. Da direcção da estudantina encarregou-se o ilustre professor de música, dr. Simões de Carvalho Barbas, a quem os briosos rapazes devem os notáveis progressos que ultimamente têm feito.

O dr. Simões Barbas é uma verdadeira notabilidade, já como executante, já como maestro: algumas das suas produções são já populares em todo o país.

No sarau ontem realizado deviam ter-se executado três composições suas – *Una broma* – jota, *Euterpe* – symphonia, *Folie* – polka inglesa, além de outras de autores notáveis.

No espectáculo toma também parte o sr. Amador Valente, representando o seu impagável *Pisca pisca*.

A tuna partiu no comboio das 4 horas da tarde e no trajecto para a estação tocou um esplêndido ordinário; os instrumentos adornados com fitas de cores variadas, representativas das diversas faculdades, produziam belíssimo efeito.”

“Fez-se ouvir no sábado [26 de Maio], no Theatro Aveirense, com geral agrado e muitos aplausos, a tuna conimbricense.

No domingo [27] tocou também no jardim público.

Tanto à chegada da Tuna a Aveiro, como à sua partida para Coimbra, os estudantes do nosso Lyceu fizeram-lhe recepção entusiástica.

Durante a sua permanência nesta cidade, a tuna, em número de 37 pessoas, hospedou-se no Hotel Central...”

# COIMBRA

JUNHO 1894

“Consta que no próximo sábado [9 de Junho] deve efectuar-se no Theatro Circo Príncipe real um sarau, promovido pela estudantina académica, dirigida pelo ilustre professor, dr. Simões de Carvalho Barbas.”

“No Theatro Principe-Real efectuou-se ontem [9 de Junho] o sarau projectado em benefício da «Sociedade Philantrópico Académica». Não foi extraordinária a concorrência, mas todos os camarotes se achavam vendidos.

O sarau abriu com o Hymno Académico que foi ouvido de pé por todos os espectadores e executado pela estudantina académica superiormente dirigida pelo dr. Simões de Carvalho Barbas, seguindo-se-lhe uma jota oferecida pelo dr. Simões Barbas aos seus discípulos, intitulada *Una Broma*. Depois disto cantaram os srs. Fausto Ferreira e Leonel Gonçalves *Pescatoir* com uma correcção inexecedível. Seguiram-se trechos de música cantada magistralmente pelas ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Maria Eduarda Alves, D. Amélia Pimenta da Fonseca, D. Laura Rocha de Mattos Carvalho, D. Elisa Nogueira Leão e Albertina Mendes de Carvalho, que obteve estrepitosas salvas de palmas, pela maneira correcta como cantou o *Vo Dançar* de Tito Mattei; todas estas discípulas da sr.<sup>a</sup> D. Luiza Chiaramontí, que é uma executante distintíssima.

O sr. Ramon Tiron que tem uma esplêndida voz cantou muito bem a cavatina do 1º acto da *Helena* e o sr. Schumacker tocou no piano dois trechos de música com grandes aplausos de toda a plateia.

Na execução da segunda e terceira parte do programa apresentaram-se ainda todos estes cavalheiros e senhoras, sempre acolhidos com ruidosos aplausos, que significavam uma verdadeira homenagem ao talento de todos os concertantes e aos generosos sentimentos que os levaram a praticar obra tão meritória.”

# 1894 - 1895

**Presidente:** Francisco Joaquim Fernandes

**Regente:** António Simões de Carvalho Barbas

## COIMBRA NOVEMBRO 1894

Sobre o concerto, a 17 de Novembro, escreveu-se “que o exímio artista, que conta apenas 23 anos, se apresentou a toda a altura da merecida fama de que goza, executando com inimitável perfeição e primorosa maestria, difficílimos trechos de música, que arrebataram, por espaço de 4 horas, o numeroso e selecto auditório, que teve a fortuna de escutá-lo.

A cada um desses trechos seguiram-se estrondosas e uníssonas ovações. As chamadas eram intermináveis.

O sr. Vianna da Motta, visivelmente impressionado com tão calorosos aplausos, tocou muito maior número de peças, do que as que haviam sido anunciadas no respectivo programa.

Chegou a tal ponto o delírio, principalmente entre os estudantes, que estes lhe atiravam para o palco as capas, que ele delicadamente lhes restituía.

E finalmente tapetaram com as mesmas capas o palco, obrigando-o a passar sobre elas quando se retirou da cena.

A Tuna Académica, composta de grande número de estudantes, e que é dirigida pelo sr. Simões Barbas, executou também, com perfeição notável, vários trechos de música, que lhe valeram merecidos aplausos.

A pedidos instantes da plateia, foi o académico, sr. Luiz Gama, cantar, com acompanhamento de piano, uma das suas graciosas cançonetas, a qual foi muito applaudida.



Foi uma noite cheia. A enchente era completa. Todos os camarotes se achavam ocupados pelas famílias mais distintas desta cidade. A plateia esteve à cunha.

Estamos certos de que o sr. Vianna da Motta conservará gratas recordações do grande triunfo que alcançou naquela noite.”



### 1.ª Parte

- N.º 1 a) *Hymno Academico*... MEDEIROS  
 b) *Pandereta. Jota*... MOLGOZA  
 c) *Euterpe, symphonia*... S. DE CARVALHO
- N.º 2 a) *Ballada em sol menor*. CHOPIN  
 b) *Berceuse* ..... »  
 c) *Valsa em lá bemol*... »
- N.º 3 a) *Marcha nupcial*... GRIEZ  
 b) *Maçurka*..... GOCLARD  
 c) *Marcha turca*..... BEETHOVEN

### 2.ª Parte

- N.º 4 a) *Centenario de Colon—  
paso doble*..... \*\*  
 b) *Primeira rapsodia*... S. DE CARVALHO
- N.º 5 a) *Rondó capriccioso*... MENDELSON  
 b) *Romance sem palavras* »  
 c) *Valsa*..... STRAUSS-TAUSIG
- N.º 6 a) *Cantiga d'amor*..... V. DA MOTTA  
 b) *O Vira (dança popul.)* »  
 c) *1.ª Rapsodia Portug.* »  
*Fado de Coimbra, Fado Taborda, Fado  
das Salas, Fado de Lisboa.*

Figura 5 – Programa do Sarau de dia 17 de Novembro de 1894

“Magnífico o segundo concerto realizado no sábado [24 de Novembro] no Theatro Príncipe Real.

O insigne pianista Vianna da Motta executou o programa com a distinção costumada, arrancando entusiásticas palmas em um *crescendo* que atingiu o delírio, recebendo formosos *bouquets*, e ficando o palco juncado de flores e de capas com que os académicos o atapetaram.

Este sarau constituiu um triunfo para tão notável artista, que é também um moço de apreciadíssimas qualidades de modéstia e urbanidade.

A Estudantina Académica foi mais uma vez apreciada pela correcção com que executou a sua parte neste concerto tão selecto. O seu director, sr. dr. Simões Barbas, um talento musical, recebeu também um formoso *bouquet* com ovações estrondosas.

Enfim, foi um acontecimento na cidade este concerto.

Parte do produto foi aplicado aos fundos da Sociedade Filantrópico-Académica, que tão superiormente está sendo dirigida por um grupo de cavalheiros à frente dos quais está o distintíssimo lente, o sr. dr. Júlio Augusto Henriques.”





## 1.ª Parte

N.º 1	<i>Hymno Académico...</i>	MEDEIROS
N.º 2	<i>Una Broma, Jota....</i>	SIMÕES
N.º 3	<i>Le Régiment qui passe</i>	EILENBERG
N.º 3 a)	<i>Capricho sobre «Aleeste»</i>	SAINT-SAENS
	b) <i>Valsa em la menor...</i>	F. CHOPIN
	c) <i>Valsa em la bemol...</i>	
N.º 4 a)	<i>Menuetto.....</i>	F. DREYSCHOCK
	b) <i>Bergers et Bergères..</i>	B. GODARD
	c) <i>Gavotta.....</i>	
	d) <i>Marcha turca.....</i>	BEETHOVEN

## 2.ª Parte

N.º 1	<i>Milper, paso doble...</i>	**
N.º 2	<i>Rapsodia.....</i>	SIMÕES
N.º 3 a)	<i>Romance sem palavras</i>	TSCHAIKOWSKI
	b) <i>Valsa.....</i>	
	c) 3.ª <i>Rapsodia Portug.</i>	
	<i>A viúvinha (Alemtejo). — A viúvinha (Funchal) — Ciranda, cirandinha (Porto).</i>	
N.º a)	<i>Rêve d'amour.....</i>	F. LISZT
	b) <i>Rhapsodia hespanhola.</i>	

Figura 6 - Programa do Sarau de dia 24 de Novembro de 1894

# BRAGA

DEZEMBRO 1894

“Com o fim de ir assistir ao concerto que a Estudantina Académica vai realizar em Braga, parte amanhã [7 de Dezembro] para aquela cidade, em velocípedes, alguns sócios do Cyclo-Club Conimbricense.”

“Chegou às 11 horas da manhã de sábado [8 de Dezembro], a esta cidade, a estudantina conimbricense.”

“Parece que acompanharam a estudantina cerca de 400 estudantes de várias faculdades.”

“A recepção foi bastante entusiástica e afectuosa, quer por parte da nossa academia, quer por parte do povo bracarense.

Muito antes da hora anunciada, já na *gare* do caminho-de-ferro se achavam centenas de pessoas. Estavam também duas bandas de música.

Pouco depois da chegada do comboio-correio das 11 horas, aparecia ao longo da linha o comboio académico, vistosamente engalanado de palmas, flores, hera, troféus e bandeiras.

Logo consecutivas girândolas de foguetes troaram nos ares, e aquela massa compacta de povo começou a agitar freneticamente os lenços e chapéus, erguendo vivas à academia conimbricense. Ao mesmo tempo a estudantina executava o Hymno Académico.

Por seu turno, os que chegavam levantavam vivas à academia, às damas, à imprensa, ao povo de Braga.

Depois dos cumprimentos de parte a parte, pôs-se o cortejo em marcha pelas ruas do Corvo, Nova de Souza, do Souto, praça do Barão e Lapa, até ao Theatro de S. Geraldo, onde os académicos coimbrões foram recebidos pela comissão académica de Braga.

As ruas do trajecto estavam embandeiradas e nas janelas havia muitas senhoras. Abria o préstito a banda da Oficina de S. José com a sua bandeira, seguindo-se-lhe a comissão académica de Braga e respectiva bandeira, e logo a estudantina conimbricense, composta duns quarenta instrumentistas, também com uma rica bandeira. No coice ia uma banda de música. Centenas de pessoas, acotovelando-se ao longo das ruas de passagem, faziam com que o alegre cortejo caminhasse devagar.

No Theatro de S. Geraldo, cujos camarotes eram ocupados por senhoras, e onde só era permitida a entrada por meio de senhas, logo que a estudantina apareceu no palco o público saudou-a com frenéticas e sucessivas salvas de palmas. Então o Presidente da comissão académica de Braga, sr. Baptista Ribeiro, saudou em nome da academia local a estudantina conimbricense, respondendo-lhe o Presidente da tuna, sr. Souza Fernandes, que em nome dos académicos de Coimbra agradeceu todas as demonstrações de que eram alvo.

Depois a estudantina executou os hinos académicos de Braga e Coimbra, sendo muito aplaudidos.

Às 9 horas da noite principiou o concerto. A casa estava repleta.

Nos camarotes, adornados de colgaduras, viam-se as damas da melhor sociedade. Logo que subiu o pano, o Presidente da comissão académica de Braga fez a apresentação da estudantina conimbricense, que executou o hino académico bracarense.

O sr. José Júlio Moreira, professor de desenho do Lyceu desta cidade, recitou em seguida, dum camarote de 2ª ordem, uma poesia adequada ao acto, sendo muito aplaudida. Todos os números de música do programa foram magistralmente executados. O sr. dr. António Simões de Carvalho Barbas, professor adjunto da Universidade e regente da estudantina, foi vivamente aplaudido num solo de viola-francesa. Foi-lhe oferecida, em nome das senhoras da Conferência de S. Vicente de Paulo, uma formosa *corbeille*. O palco ficou juncado de flores em homenagem ao primoroso artista.

# Theatro de S. Geraldo

8 de dezembro de 1894

## Sarau

pele

Estudantina Académica Coimbraense

offerido á

Academia Bracaraense

Principia ás 8 e um quarto

### 1.ª PARTE

- 1.º → Hymno Académico . . . . . MEDEIROS
  - 2.º → Una bromo, jcta offerida á Estudantina . . . . .
  - 3.º → Euterpe, symphonia . . . . .
- } SIMÕES DE CARVALHO
- 4.º → Pavane favorite . . . . . F. BRISSON
  - 5.º → Milper, passo doble . . . . . \* \* \*

### 2.ª PARTE

- 1.º → «Tudo attenuado», cançoneta, original de Accacio Antunes, por LUIZ GAMA.
  - 2.º → «Nocturno», para piano e recôta, por ADRIANO PESSA e MARTENS PEREIRA . . . . . J. DE MONASTERIO
  - 3.º → A) Marcha oriental . . . . .
  - B) Rondala . . . . .
- } SIMÕES DE CARVALHO  
*(para viola franceza)*
- 4.º → «O pão fregoso», cançoneta, por LUIZ GAMA.

### 3.ª PARTE

- 1.º → Le Régiment qui passe, morceau caractéristique . . . . . R. ELLEMBERG
- 2.º → La Pandereta, jota . . . . . R. MULGOSA
- 3.º → Hommage aux dames, gavotte pizzicato, offerida ás Ex.ªs Damas bracaraenses . . . . . SIMÕES DE CARVALHO
- 4.º → Rapsodia portugueza . . . . . SIMÕES DE CARVALHO
  - a) Canção de uma loira;
  - b) A Vivandeira;
  - c) O recruta;
  - d) O Malhão;
  - e) A Barquinha;
  - f) Caminha Verde;
  - g) Mariquinhas meu amor;
  - h) Canção da noite;
  - i) Fado;
  - j) Aqui se canta. . . . .
- 5.º → El Centenario de Colon, passo doble . . . . . \* \* \*

Figura 7 - Programa do Sarau de dia 8 de Dezembro de 1894

Luiz Gama foi graciosíssimo nos seus monólogos e cançonetas, sustentando a plateia em constante hilaridade.

O inteligente académico da Universidade, sr. Alberto Pinheiro, discursou dum camarote de 1ª ordem, saudando os seus camaradas. Foi muito feliz no seu improviso, e justamente apreciado.

Respondeu-lhe o sr. Fernandes, Presidente da *estudiantina*, demonstrando que eram gratíssimas e imorredouras as recordações que levavam da academia e habitantes de Braga.

O espectáculo terminou no meio de estrondosas ovações à *estudiantina*.

Os académicos retiraram anteontem [9 de Dezembro], às 3 horas da tarde para Coimbra. Como a recepção, a despedida foi também muito entusiasta, a despeito da chuva que então caía em abundância.

Falaram, despedindo-se, os Presidentes da academia de Coimbra e Braga, o sr. dr. Garcia, lente da Universidade, e vários académicos.

Quando o comboio se pôs em movimento, as saudações, de parte a parte foram afectuosíssimas e tocantes, como raras vezes se vêem.”

## UISEU

### FEVEREIRO 1895

No dia 2 de Fevereiro, sábado, “a tuna académica de Coimbra chegou a Viseu no comboio das 11 e 36 minutos. A essa hora achava-se já a *gare* repleta de pessoas, especialmente estudantes com a philarmónica *Bôa União* que tocou o Hymno Académico na ocasião em que o comboio entrava nas agulhas da estação.

A esse tempo também subia ao ar girândolas e foguetes, estrugindo incessantemente recíprocos vivas às academias de Coimbra e Viseu.

A tuna, em seguida, pôs-se a caminho seguida de música, todos os estudantes e inúmeras pessoas que, em carros e a pé, acompanhavam o luzidíssimo préstito até ao teatro *Bôa União* onde ia ter lugar a *sessão solene*.

O teatro repleto de pessoas, toda a primeira ordem com senhoras e por toda a parte a Ota alegre e buliçosa duma verdadeira festa.

A entrada dos estudantes no palco foi recebida por calorosos vivas, entusiasticamente correspondidos. Falaram os srs. Alberto Bastos e Eduardo Borges, de Viseu, seguindo-se-lhes vários outros,

congratulado-se todos pela amabilidade de tal visita. Muitos académicos de Coimbra falaram também mostrando-se reconhecidos pela afectuosidade com que tinham sido recebidos, corroborando a cidade de Viseu a tradição a que tem jus de hospitaleira e de bem se manifestar nas ocasiões que se apresentam.

Fizeram amáveis e galantes referências às damas visienses, pondo naquela festa a nota distinta da gentileza, quais formosíssimas rosas engrinaldando mais do que as flores naturais colhidas por aí, por esses jardins da Beira postas artisticamente nas colgaduras de damasco que enfeitavam e ornamentavam a sala e os camarotes.

O nosso amigo dr. Alberto Pádua dum camarote pronunciou um bonito discurso de boas vindas aos seus ex-camaradas patenteando-lhes a saudade viva ainda pela sua recente despedida das aulas universitárias de Coimbra.

A tuna dirigida pelo seu digno e inteligente director musical, sr. dr. Simões Barbas, executou alguns números do seu reportório que foram coroados por uma uníssonos salva de palmas.

Em seguida e depois de um sem número de vivas saíram do teatro tocando, rua acima, um delicioso e formosíssimo *passa calle*.

O entusiasmo pela récita dada pela tuna de Coimbra basta avaliar-se dizendo-se que na véspera já não havia um único camarote e que os bilhetes de plateia no dia de espectáculo tinham desaparecido completamente.

O teatro adornado com festões de verdura, flores, damascos, guitarras, pandeiretas, etc., apresentava um lindíssimo aspecto no seu conjunto. Nos camarotes, ostentavam-se os graciosos bustos das nossas patricias, de *toilettes* claras e dum aprimorado gosto.

Ao subir o pano estrondeou uma prolongada salva de palmas ao ver-se o palco repleto de estudantes trajando capa e batina e fazendo destacar as fitas multicores dos diferentes cursos. Ao lado a bandeira da Universidade, e à frente da troupe a figura insinuante e simpática de Simões Barbas.

O sarau começou pelo Hymno Académico ouvido, segundo a praxe, de pé por todos os espectadores.

Alternadamente com os números do programa recitaram e falaram diversos académicos cujos nomes nos foi impossível fixar, destacando-se

pelo modo como se apresentou e pela poesia recitada o sr. Fausto Guedes um poeta já muito nosso conhecido.

Pelo Presidente da academia de Viseu foi então oferecido ao Presidente da tuna um magnífico *bouquet* de flores artificiais com fitas pendentes, brancas e cor-de-rosa, tendo a seguinte dedicatória: *A academia de Vizeu, à academia de Coimbra.*

Repetiram-se, e quase sem cessar, os vivas às duas academias, às damas de Viseu, ao corpo docente do Liceu, etc, etc., que eram sempre entusiasticamente repetidos.

O programa selecto, e escolhido, teve uma distintíssima execução repetindo-se os aplausos, verdadeiramente delirantes a Simões Barbas e aos demais executantes.

Theatro Boa União

Vizeu

Sarau

pela

Estudantina Academica

Coimbrãense

2 de fevereiro de 1895

1.ª PARTE

- 1.º → Hymno Académico. MEDEIROS
- 2.º → La Pandereta, jota.. R. MULGOSA
- 3.º → Pavana favorita.... F. BRISSON
- 4.º → Nina, polka..... SIMÕES DE CARV.º
- 5.º → Surpreza, walsa.... SIMÕES DE CARV.º
- 6.º → 1.ª Rapsodia portuguesa ..... SIMÕES DE CARV.º
  - a) Canção d'uma loira;
  - b) A Vivandeira;
  - c) O recruta;
  - d) O Malhão;
  - e) A Barquinha;
  - f) Canninha Verde;
  - g) Mariquinhas meu amor;
  - h) Canção da noite;
  - i) Fado;
  - j) Laranjinha.

2.ª PARTE

- 1.º → Phantasia para violino com acompanhamento de piano..... SINGELÉ.
- 2.º → Trio para violino, violoncello e piano sobre motivos de Freichutz .... DANCLA.

3.ª PARTE

- 1.º → Le Régiment qui passe, *morceau caractéristique*.... R. EILEMBERG.
- 2.º → Hommage aux dames, gavotte..... SIMÕES DE CARV.º
- 3.º → *A mi madre, «Asenchi», suite*..... ECHVEYRIE.
- 4.º → El Centenario de Colón, *paso doble*... \*\*\*
- 5.º → El Chaleco Blanco. CHUECA.

Figura 8 - Programa do Sarau de dia 2 de Fevereiro de 1894



É na verdade admirável como aqueles rapazes aproveitando o tempo que lhes sobra das suas ocupações de estudo se dedicam tão do coração ao passatempo da música a ponto de se exibirem com a rigorosa correcção com que se apresentam e tocam. Cumpre-nos especializar, se é que se permitem referências particulares naquele tão harmonioso conjunto, o sr. Martins Pereira que ficou substituindo o professor Simões Barbas e que é realmente no violino duma perfeita nitidez de artista.

No domingo [3 de Fevereiro] a tuna dedicou às senhoras de Viseu uma *matinée* no teatro do Grémio, em sua honra.

Apesar do incómodo da hora, 10 da manhã, a concorrência foi regular, repetindo a tuna alguns trechos que foram cobertos sempre de aplausos. Por vezes estes aplausos tocavam as raías dum verdadeiro entusiasmo, principalmente quando os vivos soltados eram correspondidos com delírio.

Festa de rapazes onde a tristeza não pode ter cabimento e onde a alegria predomina em todas as suas manifestações.

Terminando o programa que executaram a plateia transformou-se em salão, dançando-se até perto das três horas da tarde.

Como os estudantes de Coimbra secundados por alguns cavalheiros importantes desta cidade pedissem ao digno governador civil deste distrito sr. Teixeira de Vasconcellos a sua interferência para com o sr. ministro do reino, afim de solicitar para os académicos o abono duma falta nas aulas da Universidade, esperava-se com ansiedade a resposta do telegrama.

Simões Barbas e alguns companheiros saíram no comboio do meio-dia para Coimbra por lhe ser completamente impossível a sua permanência por mais tempo aqui, ficando porém a maior parte deles, visto a direcção do Grémio ter-lhes oferecido para essa mesma noite uma reunião.

Como já era sabida a resposta ao telegrama, resposta afirmativa que encheu de contentamento os simpáticos rapazes, a direcção do Grémio mandou fazer convites para uma *soirée* que esteve esplêndida, imensamente concorrida de senhoras, elegantemente vistosas nas suas *toilettes* dum bom gosto *rafinée*, predominando as cores brancas e claras.

No palco tocava um quarteto, sucedendo-se com grande *entrain* as valsas e contradanças até às cinco e meia da manhã.

O serviço de chá foi abundante e bem servido sendo porém muito sentida a falta de alimentos mais sólidos.

Ao começar a reunião algumas damas da nossa primeira sociedade fizeram uma *quête* em favor do Asilo de Infância Desvalida por ter sido dado o espectáculo pela tuna com esse filantrópico fim. O produto deste benefício rendeu rapidamente a quantia de 31\$000 reis, terminando assim como chave d'ouro a permanência nesta cidade desse alegre e simpático bando de rapazes que vieram por dois dias tirar-nos da insípida monotonia do nosso viver provinciano.

A despedida foi afectuosa, testemunhando a tuna a sua gratidão para com a maneira como foi recebida.”

“Todos os seminaristas acompanhados pelo prefeito e Vice-Reitor, foram ao bota fora que esteve imponente de affectuosidade. Vimos ali também muitas senhoras, direcção do Grémio de Viseu, muitos estudantes e um sem número de pessoas que enchiam completamente a gare.

Posto o comboio em marcha levantaram-se então calorosos vivas, delirantemente correspondidos; às portinholas das carruagens as capas agitavam-se tremulando, ao mesmo tempo que da estação lenços brancos acenavam correspondendo num sentido adeus de despedida.”

## COIMBRA

### FEVEREIRO 1895

“A estação velha repleta de estudantes. Uma onda negra acotovela-se no estreito *promenoir* de asfalto. A academia de Coimbra espera com ansiedade entusiástica de corações novos, a entrada, na agulha, do comboio que traz a Tuna Compostellana. Sente-se o silvo da locomotiva, e o comboio num estertor do último esforço pára como cansado. Um viva unísono, vibrante de entusiasmo, ouve-se à chegada da estudantina. Os braços dos estudantes de Coimbra num frenesi de sinceridade acolhem os seus colegas de Compostela.

A estudantina de Coimbra rompe à entrada do comboio na gare com a Marcha Real Espanhola recebida com salvas de palmas pela Academia Portuguesa e Tuna Espanhola.

Trocam-se as bandeiras, e uma explosão de vivas delirantes, de bravos ensurdecedores, recebe a gentileza dos nossos hóspedes que aceitaram, para o seu porta-estandarte a conduzir, a bandeira da Academia de Coimbra.

A Academia de Coimbra acompanha pelo caminho da estação velha, Sophia e Avenida, os seus ilustres hóspedes. Era de um efeito surpreendente a vista da esplêndida marcha *aux flambeaux* que os estudantes da nossa Universidade organizaram para acompanhar os seus hóspedes. Duas alas de archotes iluminavam o percurso; e entre os vivas clamorosos da nossa briosa mocidade, o agitar de lenços das nossas gentis patricias, o olhar seductor de tantas damas, e a curiosidade inata do nosso público, a tuna seguiu até ao Theatro-Circo, aonde entre milhões de palmas, agitar de capas e discursos sinceros receberam os novos hóspedes as boas-vindas.

Daí seguiram para o Paço das Escolas, onde o ex.mo Reitor, mandando iluminar o vasto pátio e as salas do paço real, recebeu com a distinção própria de um lugar tão elevado e de um carácter tão nobre a briosa mocidade espanhola.

Dalí os nossos gentis hóspedes debandaram acompanhados pelos seus colegas de Coimbra, indo passar a noite para o baile do Salão da Sé Velha, onde mostraram a galhardia de exímios *walsistas*.

A tuna é presidida por D. Miguel Martinez de La Riba, doutor em Direito, distintíssima figura de 25 anos, transparecendo-lhe na fronte nobre a altivez cavalheiresca dos seus compatriotas medievais, de uma eloquência rara, alia a fecundidade da imagem, à pureza dos conceitos, a originalidade da ideia ao revestimento da forma, é o Presidente por excelência. O secretário é D. Manoel Lois Vasquez, distinto escritor. O tesoureiro D. Eduardo Gil. Destacando-se dentre todos pela sua erudição e espírito tão modernamente orientado nas árduas questões sociais é a gentil figura de D. António Casas Metrane, um dos primeiros colaboradores dos jornais espanhóis, e licenciado em Direito, D. Leandro Pitta, autor ilustre da comédia o – *Batalhão Litterario* – heróica falange de estudantes que em 1801 se bateram contra os franceses em Rio Secco, etc.

O dia de quinta-feira [21 de Fevereiro] apresentou-se de tal modo chuvoso, que a Tuna tencionando ir cumprimentar o ex.mo Reitor, o digníssimo Presidente da Câmara – dr. Ayres de Campos, Governador Civil, lentes das faculdades, etc., o não pôde fazer, indo unicamente ao paço das Escolas.

Visitaram os edifícios da Universidade, admirando sobremaneira a nossa biblioteca, ouvindo nós dizer a uma deles: - *Caramba; é mejor que la nuestra.*

Seguiram tocando até ao Circo, deliberando dar um concerto nessa noite, o qual efectivamente se realizou.

O programa, em que entravam várias músicas compostas por alguns membros da tuna, foi executado brilhantemente.

Abrindo os nossos hóspedes o concerto pelo Hymno da Carta, que nos emocionou como nunca, fazendo vibrar em nossa alma o sentimento da Pátria e da Liberdade, falando-nos ao coração pela música de um rei que por ela se dedicou.

Teve a palavra o ilustre Presidente, que arrebatou o teatro com os lampejos fulgurantes da sua palavra verdadeiramente eloquente.

Dos oradores portugueses D. Thomaz de Noronha, esse rapaz que toda a Lisboa conhece, o outrora assíduo frequentador da plateia de S. Carlos, espirituoso comentador das festas mundanas, e que hoje quer envolver a sua alma tão alegre nas dobras de uma sotaina, com a eloquência que todos lhe conhecemos e erudição pouco vulgar mostrou num brilhante improvisado a nossa afinidade com a Universidade de Santiago, dando eloquentemente o adeus da despedida aos nossos ilustres hóspedes.

Francisco Pinheiro, em quadras improvisadas de uma sinceridade grande, a que ele imprimiu o tom profundamente lírico dos seus versos e a suavidade pura da sua alma de artista, de espírito de raro quilate, levantou a plateia num delírio de bravos. Chamado ao palco, cantou com o timbre puro da sua voz de tenor o fado tão característico da boémia coimbrã; a ovação foi delirante, e os estudantes espanhóis não podendo conter o entusiasmo, levantaram nos braços o simpático rapaz, de quem todos são amigos.

António Silveira, um dos primeiros da moderna geração, num discurso científico, e modernamente orientado mostrou à tuna espanhola a vasta erudição da nossa briosa mocidade.

Entre flores, palmas, bravos e vivas terminou a simpática festa dos rapazes.

A bandeira da estudantina é bordada por uma comissão de senhoras de Santiago, e ao regressar a Compostela é entregue com todos os troféus ganhos na excursão à senhora mais formosa escolhida dentre todas por votação.

Retirou-se hoje [22 de Fevereiro] no comboio das 4 horas a simpática estudantina Espanhola. A academia de Coimbra que recebeu os seus

colegas com o delírio e entusiasmo que lhe é próprio, à partida não deixou esfriar, e em vivas clamorosos de esperança consoladora de próxima volta deu-lhes o adeus de despedida.

A estudantina segue para o Porto, em seguida vai a Lisboa, e na volta vem dar a Coimbra o último adeus.”

# LISBOA

## MARÇO 1895

“O comboio, conduzindo a academia de Coimbra, chegou à estação da Avenida ontem [7 de Março] às 5h40 da tarde.

Muito tempo antes tinha convergido para ali muito povo, que se confundia com a enorme quantidade de estudantes que aguardavam os seus colegas.

O entusiasmo era grande, e em pouco tempo a *gare* da estação foi invadida por uma multidão extraordinária que oferecia um aspecto brilhante e pitoresco.

Quando o comboio surgiu do túnel, irromperam vivas à academia do país, a João de Deus e outros.

Compunha-se o comboio de um *fourgon*, oito carruagens-salão de 2ª classe, uma carruagem de 2ª, sendo estes veículos puxados pela máquina 155.

Na frente da máquina vêem-se dois troféus, engrinaldados de hera com as bandeiras nacionais e uma lyra dourada com as iniciais do grande poeta João de Deus.

As carruagens vinham também engrinaldadas, completando a sua brilhante e pitoresca ornamentação, as pastas dos estudantes e grande profusão de bandeiras.

Na ocasião da chegada o entusiasmo tocou o delírio, levantando-se repetidos vivas às academias de Lisboa, Coimbra e Porto, etc., descendo das carruagens mais de 400 estudantes com a sua tuna à frente.

O aspecto da academia de Coimbra era imponente, ostentando as suas capas e batinas, causando agradável impressão a muita gente que não está costumada a ver os estudantes vestidos daquela forma.

O comboio, que saíra às 10 horas de Coimbra, era especial para estudantes.

Chegou às 2 ½ da tarde ao Entroncamento, onde se demoraram uma hora para tomarem refeição.

Houve vivo entusiasmo, trocando-se vivas com *Champagne*.

Na paragem que teve em Santarém, foram os estudantes ali recebidos por muito povo, uma música, autoridades, estudantes do seminário, etc.

Houve igualmente uma paragem em Sacavém, como também é referido em telegrama que dali recebemos.

Como dissemos, a estação da Avenida regorgitava de povo e de estudantes, havendo por isso dificuldade em atravessar aquela grande massa compacta.

Em pouco tempo o Largo de Camões estava coalhado também e foi com extraordinária dificuldade que os estudantes de Coimbra e de Lisboa formaram no princípio da Avenida, acompanhados pela *tuna*, cujo respecto era alvo das atenções de todos, que os saudavam com entusiasmo.

Depois dos estudantes reunirem e formarem, no meio das extensas e compactas alas de povo, seguiram para o theatro Avenida, onde se realizou a sessão de recepção.

Até lá, a *tuna* tocou um esplêndida marcha, sendo os estudantes acompanhados por alguns milhares de pessoas, que pelo caminho saudaram entusiasticamente as academias do país.

O theatro era pequeno para compactar os estudantes, que na sua maior parte ficaram à porta.

Lá dentro o entusiasmo da mocidade académica era indescritível, reflectindo-se cá fora, onde os que não tiveram a dita de poder entrar, acompanhavam perfeitamente os seus colegas, sendo nessa significativa manifestação, secundados pelo povo que parecia aderir tacitamente às festas promovidas pelos estudantes, querendo assim imprimir-lhe mais brilho.

Foi curta a sessão, falando vários estudantes, entre eles o sr. Jayme Ribeiro, da Polythecnica, que fez um discurso eloquentíssimo de consagração ao eminente lírico e pela chegada da academia de Coimbra, que arrancou por vezes explosões de entusiasmo.

Foi muito festejado o eloquente orador, e abraçado quando terminou, demonstrando-lhe todos o apreço em que têm o seu pujante talento.

Ao terminar a sessão, no meio de vivas a João de Deus, às academias de Lisboa, Porto e Coimbra e à solidariedade académica, os estudantes saíram, sendo recebidos pela multidão que os aguardava.

Pouco tempo depois tudo tinha dispersado na melhor ordem, ocupando os estudantes diferentes hotéis, principalmente no hotel Continental, onde por mais de meia hora se conservou muita gente.

À frente dos estudantes, quando estes se dirigiram para a Avenida, iam os estandartes da Academia, com as cores azul e branco.

No acompanhamento viam-se também muitas senhoras que manifestavam assim o seu entusiasmo.

Apesar do muito povo que se juntou não houve a mínima nota discordante.”

“Às 11 horas da manhã [8 de Março] juntava-se já no Terreiro do Paço muita gente e começavam também a chegar alguns dos colégios, que iam tomar parte no cortejo.

Para o centro da cidade convergiam de todos os pontos ranchos de famílias, que iam tomar lugar em janelas ou se agrupavam nos passeios da rua e praças por onde o préstito devia passar.

Os colégios eram recebidos pelos membros da comissão de festejos, que lhes indicava os lugares que deviam ir tomar e que eram marcados por números, numas tabuletas colocadas em diversos pontos da praça.



Quando chegavam as várias escolas, de ambos os seios, com os respectivos estandartes, no povo, que cada vez mais crescia em número em volta do vasto recinto que lhe era vedado pela polícia, havia expansões de aplauso.

Alguns dos colégios eram compostos de crianças, muito contentes todas, da festa em que iam figurar.

A chegada do batalhão do Real Colégio Militar motivou vivas demonstrações de agrado, pela perfeição como se apresentava, magnificamente equipado e marchando com todo o garbo marcial. O mesmo sucedeu com os alunos da Escola naval.

Os estudantes do Liceu e escolas superiores tinham no ombro os seus distintivos, em laços de fita.

Alunos de outras escolas particulares traziam também laços na carcela das casacas.

Próximo da hora que estava marcada para o desfile do cortejo, chegou uma parte da Academia de Coimbra, entrando no Terreiro do Paço pela rua o Ouro, com o seu estandarte, e a *tuna*, tocando uma lindíssima marcha.

O dia, que se apresentou péssimo, com um vento bastante rijo, tendo chovido já de manhã, começou novamente a ameaçar chuva, e pouco depois era tanta e tão persistente a água que caía, que todo aquele belo acampamento teve de dispersar em debandada, fugindo a recolher-se debaixo das arcadas dos ministérios, para onde também correu a resguardar-se todo o povo que assistia à formação do préstito.

Ai se conservou a mocidade estudiosa, nos seus respectivos grupos, de onde de vez em quando irrompiam entusiásticas saudações e toda a academia do paiz, a João de Deus, à pátria, etc.

Assim estiveram, esperando que acabasse a chuva, que caiu impetuosa e puxada com violência pelo vento...

Era próximo da 1 hora da tarde, quando o tempo pareceu bonançar um pouco, que os colégios tomaram novamente as suas posições no Terreiro do Paço, de onde logo em seguida começou a desfilar o cortejo.”

“Os académicos do Porto e de Coimbra, acompanhados por alguns de Lisboa, reuniram-se ontem [8 de Março] no café Martinho, antes da uma hora da tarde, hora convocada para se dirigirem a casa de João de Deus, afim da académica coimbrã entregar ao egrégio vate o álbum que esteve em exposição na livraria Gomes.

Antes da partida a tuna de Coimbra tocou na sala do café várias peças do seu repertório, sendo applaudidos com entusiasmo.

O café Martinho estava cheio de pessoas de todas as categorias. De pé, em cima das mesas, académicos e populares, saudavam essa mocidade tão simpática nas suas manifestações.

À 1 hora e 10 min. da tarde os estudantes puseram-se em marcha. Na varanda do teatro de D. Maria estavam Bordallo Pinheiro, José da Câmara Manuel, secretário da empresa, Eduardo Brazão e Manuel



Gustavo Bordallo Pinheiro. Os académicos, cheios de entusiasmo, levantaram prolongados vivas ao distinto caricaturista Bordallo.

Da galeria do teatro normal foram tirados n'essa ocasião três *clichés* que aparecerão brevemente em um dos números do *António Maria*.

Os académicos, à frente dos quais ia a tuna e dois dos seus colegas, Manuel Xavier, do 5.º ano de matemática e Ramos Preto do 5.º ano de direito com o álbum onde se destaca o retrato de João de Deus, seguiram pelo lado ocidental da praça de D. Pedro, ruas do Ouro, de S. Nicolau, Nova do Almada, Garrett e praça de Luiz de Camões. N'este ponto aproximaram-se do monumento do grande épico, soltando vivas delirantes, e o sr. Jayme Leal abateu o estandarte por sobre o último degrau da escada. Então o quartanista de direito sr. Marreiros Netto proferiu algumas palavras, das quais destacamos as últimas, proferidas de joelhos pelo orador:

«A ti, poeta imortal, prestam homenagem as academias do país»

Enquanto durou esta saudação a tuna tocou o hymno da academia coimbrã, música de Medeiros e letra de Gama.

Em seguida os estudantes seguiram pela rua do Alecrim, travessa do Sequeiro das Chagas, rua das Chagas, largo do Calhariz, calçada do Combro, rua dos Poyaes de S. Bento, calçada da Estrella, e calçada nova da Estrella, parando em frente da Casa de João de Deus, onde já se encontrava a tuna do Porto, tocando algumas composições.

Não é fácil descrever o que então se passou. As almas juvenis vibraram todas de entusiasmo; os vivas, as palmas, sucederam-se sem interrupção.

Em seguida a comissão da academia de Coimbra, composta pelos srs. Ângelo da Fonseca, Marreiros Netto, Alberto Centeno, Manuel Xavier, Francisco Joaquim Fernandes, subiram a casa de João de Deus, onde fizeram entrega da sua preciosa dádiva.

Nessa ocasião Marreiros Netto felicitou João de Deus, em nome da comissão e Joaquim Fernandes, do 5.º anno de direito abraçou o egrégio vate em nome da Universidade.

O sublime autor do *Campo de Flores*, comovidíssimo, agradeceu então aos académicos dizendo depois que a manifestação o incomodava de veras, pois achava-se muito doente. A uma palavra do sr. Marreiros Netto, os académicos retiraram-se, bem como a tuna que depois de tocar

o hymno a João de Deus, feito por Simões Barbas, dedilhava o Hymno Académico.

Também falaram a respeito de João de Deus, os estudantes Marreiro Netto, o Vicente Madeira, o Luiz Guimarães, filho, do 2.º ano de filosofia, recitou uma poesia ao egrégio vate, que recebeu muitos aplausos.



ORNAMENTAÇÃO DO FUNDO DO PALCO DO THEATRO DE D. MARIA  
NANOITE DO SERRA ACADEMICO - 9 DE MARÇO.

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Figura 9 – Cliché de Raphael Bordalo Pinheiro

João de Deus, antes dos académicos dispersarem, pôs aos ombros a capa de Luiz de Guimarães, filho.

Jayme Ribeiro, aluno da escola Polytechnica, discursou igualmente da janela de João de Deus, na sua maior parte, e o sr. Pinto e Cunha lembrou que os versos de João de Deus, na sua maior parte, tinham por tema a religião, e por isso a faculdade de teologia, à qual pertencia, o saudava com entusiasmo.

Os estudantes, retirando-se, seguiram com as tunas à frente, pelas ruas dos Navegantes, da Bella Vista à Lapa, de S. Bernardo, de Santo Amaro, de S. Bento e Imprensa Nacional, do Noronha, do Arco, e da Escola Polytechnica.”

“O sarau no theatro de D. Maria foi uma festa de verdadeiro entusiasmo, espontaneidade, admiração, alegria.

A sala oferecia o mais brilhante aspecto, completamente repleta, tendo os camarotes *bouquets*, capas estendidas, a tribuna illuminada e cheia de plantas em artística disposição.

O camarote destinado a João de Deus e sua família tinha superiormente uma riquíssima corôa de flores artificiais.

Antes de começar o sarau, irromperam na sala vivas entusiásticos: às academias, de Coimbra, Porto, e a João de Deus.

Apenas levantou o panno, o vasto palco de D. Maria, oferecia o mais primoroso Confúcio. No fundo do palco, levantava-se um belo troféu, formado por estandartes, coroas de flores, e encimado pelo retrato do grande lírico.



Os alunos da casa pia, executaram então o hymno a João de Deus, que foi ouvido de pé.

João de Deus, apareceu então no seu camarote, ao lado da tribuna real, irrompendo na sala os mais entusiásticos vivas, sendo-lhe feita extraordinária e prolongada ovação. Dos camarotes agitavam-se capas, pastas, lenços; as manifestações de que

o mavioso poeta foi alvo n'esse momento, são indescritíveis.

O autor da *Cartilha Maternal*, comovidíssimo, assistia de pé, a mais aquela homenagem da Academia portuguesa.

Toda a família real que ocupava o seu camarote, se associou também, àquela saudação.

Os alunos do conservatório, executaram em seguida a *ouverture* de Flowton, *Stradella* e o *Anillo* de Hierro, sendo muito festejados.

Os alunos do 3.º ano de direito, o sr. António Silveira Junior, discursou de um camarote brilhantemente, sendo também alvo de muitos aplausos.

O estudante do Instituto commercial, o sr. Cância, recitou depois o monólogo o *Pae Adão* seguindo-se a tuna de Coimbra, que executou primorosamente a *suite* de valsas de Echeverria, e a *Gavotte* de Simões Carvalho, *Hommage aux dames*.

Nessa ocasião o estudante Hylario, recitou uma poesia sua, de homenagem a João de Deus, ajoelhando-se no palco.

Foi-lhe então pedido que cantasse o fado, a que aquele estudante acedeu, cantando deliciosamente. Entre os seus versos citaremos estas estrofes, que foram muitíssimo aplaudidas:

*Se o padre santo soubesse  
Qual é a opinião minha,  
Canonizava o João,  
Mais um santo p'rá folhinha.*

Antes de começar a segunda parte do sarau, falou o sr. Roquete, do instituto industrial, em nome da academia de Lisboa, seguindo-se-lhe o sr. Móra, do 4.º ano de Lisboa, que ofereceu à tuna portuense, que executou deliciosamente o entre-acto do 4.º acto da *Carmen*, uma lindíssima palma d'orchideas e lilazes.



O sr. Pinheiro Chaby recitou correctissimamente as poesias de João de Deus, *Perdão*, *O dinheiro*, *Muito pedir*, e a fábula, *A cabra, o carneiro e o cevado*, sendo muito aplaudido.

O estudante do 3.º ano de direito, o sr. Alexandre Braga, proferiu em seguida um brilhante discurso.

O sr. Xavier de Carvalho cantou a romanza *Non t'amo piu*, seguindo-se-lhe a tuna de Coimbra na valsa característica de Simões Carvalho, inspirada composição, recitando ainda muitas poesias e fazendo brilhantes discursos, muitos estudantes.

O adiantado da hora inibe-nos de alongarmos a notícia d'essa brilhantíssima festa, que deixou em todos a que ella assistiram a mais grata recordação e na qual foram constantemente levantados entusiásticos vivas.

A todos os estudantes que nela tomaram parte foram oferecidos magníficos *bouquets* artisticamente confeccionados na casa do sr. Marius Lathelise, a *La Ville de Paris*.

Na sala foi distribuída uma belíssima produção litteraria do sr. Abel Andrade.

À saída do sarau em D. Maria, os estudantes em grande número tiraram os cavalos do landau e em que estava João de Deus com sua família, e arrancaram o veículo levando-o com uma velocidade incrível pelo Chiado, rua de S. Roque, Patriarchal, Rato, Santa Isabel até à casa do poeta.

Atrás do trem seguia uma grande multidão, levantando-se em todo o trajecto calorosos vivas a João de Deus.

João de Deus ao chegar a casa sentindo-se incomodado recolheu-se em seu quarto, vindo à janela o seu amigo Casimiro Freire, que agradeceu em nome do poeta as manifestações, levantando vivas às academias de Coimbra, Porto e Lisboa.

Nesta ocasião o estudante. Hylario cantou o fado, sendo muito aplaudido, mandando-o o poeta chamar ao quarto para lhe agradecer.

A família de João de Deus agradecia reconhecida à janela as manifestações.

O comboio especial que deve conduzir os estudantes de Coimbra sai hoje [10 de Março] à 1 hora da tarde.

Foi o que ontem [9 de Março] à noite ficou resolvido.”

# 1895 - 1896

## MESA DA ASSEMBLEIA

**Presidente:** Diogo Marreiros Netto, 5ºano jurídico

## DIRECÇÃO

**Presidente,** António Egas Moniz, 2ºano médico

**Secretário,** João da Cunha e Costa, 2ºano médico

**Tesoureiro,** Thomaz Godinho de Faria, 2ºano médico

**Porta-bandeira,** Jayme Constantino Leal, 5ºano de filosofia

**Regente:** António Simões de Carvalho Barbas

### 1ºs violinos

António José Marques, 3º de fil.

José dos Santos Alves, 2º de fil.

José Gomes Cruz, 2º de fil.

João Brandão de Carvalho

### 2ºs violinos

António de Sousa Ribeiro, 4º de dir.

António Rodrigues d'Oliveira, 2º med.

Ernesto Nunes Lobo, 1º de dir.

António Ribeiro da Silva, 1º de mat.

### Flautas

Abílio Monteiro da Fonseca, 4º de dir.

Francisco Mourão de Paiva, 1º de dir.

### Bandolins

Jayme da Costa Arnaud, 5º de dir.

Manuel de Passos Freitas, 5º de dir.

Carlos Themudo, 4º de mat.

Manuel Sampaio Mansilha, 3º de dir.

António Macieira Júnior, 2º de dir.

Norberto Mascarenhas Pedroso, 1º de dir.

António Martinho de Brito, idem

Frederico Reis Leitão

### Violoncelo

dr. António Simões de Carvalho Barbas

### Contrabaixo

Alberto da Costa Rego, 2º de med.

**Violas**

Amadeu Gonçalves Guimarães,  
Plínio Gomes Vianna,  
Alberto Vasconcellos Moraes,  
Júlio Themudo,  
Cypriano dos Santos Trincot,  
António Ildefonso Silva,  
António de Lima e Brito,  
António Rocha Manso,  
D. Fernando de Almeida,  
José Alves Sobral,  
Carlos Guimarães,  
Ernesto Alves de Castro,

Affonso da Silveira Themudo,  
Alfredo Christina,

**Guitarra (solista)**

Manuel Joaquim Correia,

**Piano**

Óscar Pereira Martinho,

**Pandeiretas**

António Sampaio,  
Bernardo Vellez de Lima

# FIGUEIRA DA FOZ

FEVEREIRO 1896

“À chegada do *tramway* das 6 horas da tarde [1 de Fevereiro], enorme multidão se dirigia para a estação do caminho-de-ferro, enchendo pouco depois a *gare* e suas imediações e espalhando-se pelas ruas circunvizinhas.

Na gare achava-se também a direcção e vários sócios do Monte-pio Figueirense, Club Gymnastico, Associação Naval, Empregados de Caminho de Ferro, Philarmonica Figueirense, etc., etc.

Logo que o comboio deu entrada na estação, a Philarmonica rompeu com o Hymno Académico, os foguetes estalaram nos ares, e a multidão entusiasmada ergueu vivas calorosos aos académicos. Estes, agrupados às portinholas das carruagens agradeciam agitando as capas e levantando vivas entusiastas à Figueira e aos seus habitantes.

Depois organizou-se uma brilhante *marche aux flambeaux*, em que tomaram parte as corporações já mencionadas.

Organizado o cortejo, que era fechado pela Philarmonica Figueirense e seguido de enorme multidão, ruidosa e alegre, pôs-se ele em marcha pelas ruas de antemão marcadas no itinerário, em direcção ao Theatro-Circo.

A grande quantidade de archotes e balões venezianos que se espalhavam por entre a multidão compacta, davam ao cortejo um aspecto fantástico, parecendo de longe, uma enorme serpente de luz desenrolando-se ao longo das ruas e praças...

Os vivas atroavam os ares; as damas, das janelas, correspondiam às saudações que lhes eram dirigidas pelos académicos, acenando com os lenços, e saudando-os também; os foguetes sulcavam de rastos luminosos o céu escuro da noite; as notas entusiásticas do Hymno Académico, despertavam no coração de muitos, recordações meio apagadas dos saudosos tempos duma mocidade que não volta...

Chegados ao Theatro Circo, que se achava brilhantemente iluminado e decorado com troféus e bandeiras, entraram no magnífico salão do *Casino Peninsular*, onde foram cumprimentados pelas corporações que os tinham ido esperar e por diferentes cavalheiros desta cidade.

Enquanto não chegava a hora do sarau, os estudantes espalharam-se pelas ruas da cidade, que apresentavam uma vida e animação pouco vulgares nesta época do ano.

Às 8 horas o vasto e sumptuoso Theatro-Circo regurgitava de espectadores. Os camarotes, ornados de bandeiras e engrinaldados de plantas, estavam ocupados pelas principais famílias da cidade, direcções das diferentes associações, académicos, etc. Nos *fauteils* e lugares da plateia viam-se também muitas das formosas damas figueirenses, e a geral estava cheia completamente. O Circo oferecia um aspecto alegre e animado, como raras vezes temos visto.

Principiou o espectáculo com a apresentação da *Tuna*, que executou o *Hymno Académico*, saudado com uma trovoadade aplausos ruidosos, tocando em seguida o *Porta Bandeira*, passo-doble do seu ilustre professor e regente dr. Simões Barbas, *Pizzicato* e *Rapsódia de cantos populares*, do mesmo autor.

Estas peças, executadas com notável precisão e grande *entrain* foram extraordinariamente aplaudidas, e os simpáticos rapazes calorosamente victoriados.

Nesta ocasião foram oferecidos à *Tuna* um formoso *bouquet* e uma linda *corbeille* pelos Presidentes do Montepio e Club Gymnastico, achando-se também sobre o piano uma grande coroa de flores naturais, que lhe tinha sido oferecida na estação por mr. Lavoisey.

Começou a 2.<sup>a</sup> parte do sarau por um concerto de guitarras e violões executados pelos distintos membros da *Tuna*, Manuel Joaquim Correia, Manuel Mancilha, Júlio Themudo e Ernesto de Castro. Todos estes distintos amadores foram muito aplaudidos, tocando primorosamente o *Fado* na sua mágica guitarra, a pedido dos espectadores, o sr. Correia.

António Macieira, um fino e inteligente amator, cantou a primor a cançoneta *O Lazariста*, letra de Barbosa Júnior, com música de Fregoli.



Oscar Marinho executou ao piano uma das inspiradas valsas de Chopin. Apesar de tocar num detestável instrumento mostrou o seu grande valor de artista correcto e distinto.

Brandão de Carvalho agradeceu imenso, arrancando unânimes e merecidos aplausos do público e alcançando um verdadeiro sucesso de gargalhadas, na engraçadíssima cena cómica *Zé Broa*, música e letra de António Vianna.

Fechou com chave d'ouro a segunda parte do sarau o distinto regente da Tuna sr. dr. Simões Barbas, que executou primorosamente no seu violoncelo uma valsa de Chopin.

Um académico, cujo nome não pudemos obter, surgindo da concha, entreteve durante algum tempo os espectadores, recitando um engraçado monólogo – *O ponto*.

Um outro académico recitou também com muita correcção a poesia de Guerra Junqueiro – *A Lágrima*.

Durante os intervalos das diferentes peças da 2.<sup>a</sup> parte falaram entusiástica e brilhantemente os académicos José Joaquim Cardoso, do 5.<sup>o</sup> ano jurídico, Severo Portela, do 2.<sup>o</sup> ano, e D. Thomaz de Noronha, do 2.<sup>o</sup> ano teológico, agradecendo a gentileza de acolhimento que lhes era feito pelos habitantes da Figueira, e saudando-os reconhecidos.

Recitaram também inspiradas e emocionantes poesias os srs. Verediano Gonçalves, do 5.<sup>o</sup> ano de direito e André Reis, do 2.<sup>o</sup> ano.

Ao erguer-se o pano para a 3.<sup>a</sup> parte o académico sr. Egas Moniz, do 2.<sup>o</sup> ano de medicina, Vice-Presidente da *Tuna*, agradeceu num brilhante e esplêndido improvisado a recepção festiva e cordial que a Figueira fazia à Tuna Académica. Teve frases de verdadeira e arrebatadora eloquência, e o seu belo discurso foi coberto de justos e merecidos aplausos.

Em seguida a *Tuna* executou brilhantemente *Quem vive?* um bonito passo-doble de Alberto Morais, *Preghiera característica* uma fina melodia de Simões de Carvalho, esplendidamente instrumentada, e executada magnificamente; *Nina*, polka do mesmo autor; *Pandeirola*, trecho alegre e desenvolto do espanhol Mulgasu, terminando o sarau pela esplêndida valsa característica de Simões Barbas, *Surpreza*, esplendidamente executada pela *Tuna*.

Todas as peças foram sempre cobertas de aplausos ruidosos e espontâneos, saindo o numeroso público que assistiu a este magnífico e animado sarau agradavelmente impressionado.

A *Tuna* foi depois acompanhada por outros académicos e por vários membros das corporações que já citámos, ceiar ao Hotel Alliança,

trocando-se afectuosos brindes, e acabando esta festa perto das 4 horas da manhã.

No domingo, e no comboio das 7 e 45 da manhã, partiu a *Tuna* para Leiria, onde devia nesse dia tomar parte num espectáculo em benefício da sociedade da Cruz Vermelha. Acompanharam-na alguns académicos, mas a maior parte ficou ainda na Figueira, visto ser o dia seguinte feriado na Universidade.”



1.<sup>a</sup> PARTE  
(TUNA ACADEMICA)

- |   |   |
|---|---|
| 1. <sup>o</sup> Hymno Academico — <i>Medeiros</i> .   | 3. <sup>o</sup> <i>Die Lebewohle</i> , (adeuses), op. 81 — <i>Werber</i> , para piano, por <i>Oscar Marinho</i> .                                   |
| 2. <sup>o</sup> <i>Porta Bandeira</i> , passo doble — <i>Simões de Carvalho</i> .   | 4. <sup>o</sup> <i>Poesia</i> , por <i>Vellez de Lima</i> .   |
| 3. <sup>o</sup> <i>Pizzicato</i> — <i>Simões de Carvalho</i> .  | 5. <sup>o</sup> <i>Zé Broa</i> , cançoneta, musica e letra de <i>Antonio Vianna</i> , por <i>Brandão de Carvalho</i> .                              |
| 4. <sup>o</sup> <i>Rapsodia</i> , canção d'uma loira, vivandeira, recruta, malhão, noite serena, chula, Mariquinhas meu amor, canção da noite, fado, laranjinha — <i>Simões de Carvalho</i> . | 6. <sup>o</sup> <i>Valsa</i> , op. 34, n.º 2 — <i>Chopin</i> , para violoncello e piano, por <i>Dr. Simões de Carvalho</i> e <i>Oscar Marinho</i> . |

2.<sup>a</sup> PARTE

- 1.<sup>o</sup> a) *Pot-pourri da Traviata*.  
 b) *As Tres Graças*, valsa caracteristica — *Cochofel*.  
 c) *Jota* — \* \* \*

Para guitarras e violões, por Manuel Joaquim Correia, Manuel Maneilha, Julio Themudo e Ernesto de Castro.

- 2.<sup>o</sup> *Lazarista*, cançoneta, musica de *Fregoli*, letra de *Barbosa Junior*, por *Antonio Macieira*.

3.<sup>a</sup> PARTE

(TUNA ACADEMICA)

- 1.<sup>o</sup> *Quem vive*, passo doble — *Alberto Moraes*.  
 2.<sup>o</sup> *Pregheira* caracteristica — *Simões de Carvalho*.  
 3.<sup>o</sup> *Nina*, polka — *Simões de Carvalho*.  
 4.<sup>o</sup> *Pandeireta* — *Ramon Mulgozu*.  
 5.<sup>o</sup> *Surpreza*, valsa caracteristica — *Simões de Carvalho*.



Figura 10 – Programa do Sarau do dia 1 de Fevereiro de 1896

# LEIRIA

FEVEREIRO 1896

No dia 2 de Fevereiro de 1896, domingo, “eram 9 horas e três quartos da manhã e já na estação do caminho-de-ferro a academia leiriense com o seu estandarte aguardava os seus colegas da Universidade, que deviam chegar no comboio das 10, a fim de realizarem, em benefício da Cruz Vermelha, um sarau no teatro desta cidade.

A tuna compunha-se de 45 estudantes trazendo um estandarte, que era empunhado pelo sr. Jayme Leal. Trocadas as mais vivas saudações, aquela alegre *troupe* seguiu a pé para Leiria tocando e levantando calorosos vivas, acompanhada da academia leiriense e das pessoas que se lhes foram juntando.

À entrada da cidade esperava-os muito povo que os aclamou entusiasticamente. Os simpáticos rapazes dirigiram-se para as salas da Serenata Collipponense, onde lhes foi servido um copo d’água, trocando-se nessa ocasião alguns brindes entre eles e os membros daquela associação.

O almoço foi servido no Hotel Central, no pavimento *aux rez-de-chausée* onde se achava instalado o restaurante.

A sala estava singelamente adornada e o serviço foi parco e frugal, mas a mocidade dos convivas e sua conversação jovial davam àquela refeição o aspecto do mais brilhante festim.

Haviam já feito sentar a seu lado um soldado expedicionário; no fim do almoço apareceu outro e ambos foram alvo de entusiásticos brindes.

Logo ali surgiu a ideia de irem ao quartel de caçadores 6, cumprimentar a oficialidade; dito e feito.

No quartel, logo aí chegara a notícia da próxima visita e por isso os académicos eram aguardados à porta das armas por todos os oficiais que se achavam no quartel, sendo levantados pelo capitão Estrella os mais entusiásticos vivas.

Egas Moniz e mais dois académicos proferiram breves mas vibrantes alocações.

Foram então convidados a visitar o edifício que se achava ainda elegantemente adornado.

Muitas senhoras, que tinham acorrido também ao quartel atraídas por natural curiosidade, assistiram àquela visita e lançavam sobre os académicos folhas de hera, louro e flores.

À saída duma das casernas, estes, atapetando o chão com as suas capas e abrindo alas, ajoelharam para dar passagem às damas, levantando entusiásticos vivas.

Os académicos executaram primorosamente algumas peças do seu variado reportório e alguns deles discursaram eloquentemente. Responde-lhes o sr. capitão Sousa.

À saída do quartel aguardava-os a banda de caçadores 6, que tocou o hino nacional e em seguida o Hymno Académico, gentileza devida aos oficiais daquele regimento.

A tuna foi em seguida visitar o edifício do Lyceu dessa cidade. Eram esperados pela academia Leiriense e aí se achavam também já muitas senhoras.

O digno professor de matemática o sr. Perdigão que aí se achava, também acompanhou os académicos na sua visita a este estabelecimento, que faz honra a Leiria e é sem dúvida um dos melhores do país. O académico Egas Moniz usando novamente da palavra terminou felicitando a academia e o corpo docente, por possuir tão formoso edifício. Agradeceu-lhes aquele professor em nome do corpo docente.

O jantar foi servido às 4 horas e meia da tarde, tendo sido convidados além do sr. major Almeida, os expedicionários que se achavam ainda em Leiria.

Ao *toast* foram pelos académicos levantados numerosos brindes, alguns deles brilhantíssimos, ao exército, à armada, a Mousinho de Albuquerque, à família deste valente expedicionário, à academia de Leiria e à oficialidade de caçadores 6.

O sr. major Almeida também ergueu um caloroso brinde à academia de Coimbra e ao exército, trocando-se então muitos outros brindes entre os académicos e vários oficiais que se achavam presentes.

A Serenata Collipponense e a Sociedade Artística Musical foram ali cumprimentar os académicos, tocando algumas peças do seu reportório.

O programa do espectáculo constava de várias peças de música tocadas pela tuna e de algumas canções, poesias e trechos de música por alguns académicos.

Não era porém o seu objecto, mas a corrente de simpatia que a academia de Coimbra tem o condão de despertar em toda a parte, o que determinava o afan com que todos se apressavam a comprar bilhetes.

O teatro encheu-se à cunha e estava ornamentado com muito gosto. Nos camarotes ostentavam-se as mais graciosas *toilettes*.

Bastava a primorosa execução do programa para ninguém ter que se arrepende; mas os improvisos oratórios de alguns académicos, os versos dedicados às damas de Leiria, por Javme Leal, os repetidos vivas com que foi entremeadado o espectáculo, deram a esta festa a mais viva e entusiástica animação.

Os simpáticos académicos foram vivamente aplaudidos e dos camarotes foram-lhe atirados pelas senhoras, ramos e flores.

A pedido de alguns académicos, a direcção do club mandou iluminar as suas salas, onde ainda, à saída do theatro se improvisou uma pequena *soirée*, dançando-se animadamente até depois das 3 horas da noite.

A tuna retirou-se na segunda-feira as 10 horas da manhã, percorrendo antes as principais ruas da cidade, tocando e levantando muitos vivas, principalmente às damas de Leiria, sendo acompanhados ao bota fóra por muitos cavalheiros, oficiais de caçadores 6, académicos Leirienses e muito povo.”

## TOMAR

### MARÇO 1896

“Os dois concertos que a Tuna dará em Tomar são, como já dissemos nas noites de 21 e 22 do corrente [Março] e o produto líquido reverterá em benefício da Santa Casa da Misericórdia desta cidade. Desta forma prestam os estudantes valioso auxílio a um estabelecimento de beneficência, que muitas lágrimas enxuga e muita miséria consola. Assim, será completa a festa, pois que nem os desamparados da sorte deixarão de quinhoar nela.”

Sábado, dia 21 de Março de 1896, “no comboio da tarde, veio a Tuna. Foram recebidos em Paialvo pelos membros da comissão tomarense e depois dos cumprimentos e apresentações de estilo, dirigiram-se em carros para Tomar.

Aqui estava-lhes preparada uma esplêndida recepção em que as flores se casavam com sorrisos de damas.

A Tuna apeou-se e formou à entrada da rua da Graça e tocando um vivo e mimoso *passé calle* dirigiu-se à praça de D. Manuel, onde cumprimentou o sr. Administrador do concelho e a Câmara municipal, executando a Tuna o Hymno Académico.

Os vivas, as aclamações, os foguetes não cessavam e o entusiasmo, era quente, vibrante.

Da praça seguiu a Tuna a cumprimentar as redacções de jornais.

Em frente da nossa redacção, enquanto significávamos ao digno Presidente da Tuna, o sr. Diogo M. Netto, distinto quintanista de direito, o nosso agradecimento pela amável deferência que a *Verdade* lhes tinha merecido e dávamos as boas vindas, a Tuna executava com notável *mestria* o Hymno Académico.

Feitas as visitas aos jornais, dirigiu-se a Tuna, sempre aclamada e sempre debaixo duma verdadeira chuva de flores, ao hotel União, onde lhe foi servido o jantar e onde ficaram hospedados.

Viva alegria reinou à mesa. Os ditos cruzavam-se saltitantes, cheios de graça maliciosa, a mais franca cordialidade reinou em todo o jantar, que foi terminado com vivas a Tomar e às gentis damas tomarenses.

Depois os estudantes espalharam-se pela cidade esperando a hora do concerto, sempre obsequiados, sempre acompanhados pela simpatia de que tão dignos são.”

“Tem reinado delirante entusiasmo entre a primeira sociedade tomarense nos preparativos para a recepção brilhante a fazer à Tuna Académica de Coimbra.

A *matinée* hoje [22 de Março] realizada na sala nobre da Câmara Municipal, promete ser deslumbrante e deixará decerto gratíssimas e inolvidáveis recordações não só àqueles a quem é dedicada e oferecida, mas a todos que nela tomarem parte.

A grande comissão que tem sido incansável em promover em honra da Tuna uma recepção esplendorosa oferece-lhe uma bela coroa e as damas da *elite* tomarense levaram a amabilidade e graciosidade a constituírem-se em comissão para ofertarem aos simpáticos hóspedes laços de fitas de cores das diferentes faculdades que eles frequentam na Universidade.

Um grupo musical constituído de músicos da Infantaria 11, que está uma das boas bandas regimentais do país, abrilhanta o acto executando um bonito repertório.

A comissão oferece aos seus hóspedes e convidados um delicado copo d’água.

Foi expedido grande número de cartas de convite impressas na tipografia *d’A Verdade*.

O salão nobre da câmara, salas dependentes e lanços de escada estão primorosamente embelezados com profusão de camélias, festões de flores, vasos com arbustos preciosos, etc.”

THEATRO NABANTINO

SARAU

PELA

Tuna Academica de Coimbra

EM BENEFICIO

DA

SANTA CASA DA MISERICORDIA

21 - 3 - 1896

Principia ás 8 e meia horas da noite

**PROGRAMMA**

— DO —

PRIMEIRO CONCERTO

1.ª PARTE

(PELA ESTUDANTINA)

- 1 Hymno academico. *Medeiros*
- 2 Pandereta, jota... *Mulgosa*
- 3 Nina, polka..... *S. de Carvalho*
- 4 Rapsodia portu-  
gueza: a) Canção  
d'uma loira; b) Vi-  
vandeira; c) Recru-  
ta; d) Mallão; e)  
Noite serena; f)  
Chula; g) Mariqui-  
nhas meu amor; h)  
Canção da noite; i)  
Fado; j) Laranjinha *S. de Carvalho*

2.ª PARTE

- 1 Historia sem fim, cançoneta, letra do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Arthur Vianna, musica de Plinio Vianna, por *A. Macieira*.
- 2 Sôuges Dorés, de Raspal, suite de valeses, para duas violas, pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. *S. de Carvalho* e *Cypriano Trincão*.
- 3 Polonaise, op. 26, n.º 1, para piano, por Oscar Marinho — *Chopin*.
- 4 O Lazarista, cançoneta, letra de Barbosa Junior, musica de Fregoli, por *A. Macieira*.
- 5 Gai Babil, de J. Mayet, para guitarras e violas, por *Manuel Joaquim Correia*, *Mamel Mansilha*, *Julio Thenudo* e *Ernesto de Castro*.

3.ª PARTE

(PELA ESTUDANTINA)

- 1 Quien vive, paso-  
doble..... *Moraes*
- 2 Pregarista caracte-  
ristica, offerecida  
aos Ex.<sup>mos</sup> bando-  
linistas da Estu-  
dantina por..... *S. de Carvalho*
- 3 Pizzicato..... *S. de Carvalho*
- 4 Broma, jota offereci-  
da á Estudantina  
por..... *S. de Carvalho*

**Figura 11 - Programa do Sarau do dia 21 de Março de 1896**

# 1896 - 1897

**Presidente:** António da Silveira, 5º ano de Direito

**Regente:** António Simões de Carvalho Barbas

## COIMBRA

DEZEMBRO 1896

“Era antigo costume na Universidade, naturalmente introduzido depois que D. João IV escolheu Nossa Senhora da Conceição como padroeira do reino, distribuírem-se no dia 8 de Dezembro, em que a Igreja lhe celebra a festividade, os prémios e *accessits* conferidos aos alunos mais distintos no ano lectivo precedente.

À festa da Igreja, à futura mãe de Jesus, na formosa capela da Universidade, seguia-se a festa dos estudantes mais notáveis pelo seu talento e estudo, festa que também era de mães, na vasta e formosa sala dos capelos. Era em meio da primeira época do ano lectivo, e nada mais próprio do que essa solenidade simpática para ser um verdadeiro prémio, que aumentasse o fervor do estudo aos que já nele se distinguiam, e estimulasse e incitasse os remissos.”

“Foi o programa do sarau [8 de Dezembro] o seguinte:

### INTRODUÇÃO:

Alocução do Presidente do Instituto

Resposta dos premiados, pelo sr. José Tavares

### 1ª PARTE:

**Quien Vive** — Passo Doble, do sr. A. Moraes, pela Estudantina

O Médico — poesia pela srª. D. Amelia Janny

Symphonia de abertura da zarzuela Campanone, pelos srs. José Cochofel e

A. Moraes

A Voz do Mar — poesia pelo sr. Henrique de Vasconcellos

**Pandereta** — Jota, de Ramon Mulgosa, pela Estudantina

Alocução, pelo sr. António Silveira



2ª PARTE:

**Rhapsodia portugueza**, do sr. Simões de Carvalho, pela Estudantina

A Oliveira e a Braza — poesias, pelo sr. Villela Passos

Tysica — poesia, pelo sr. Gonçalves Cerejeira

Arlequinada, de L. Ganne, pelos srs. José Cochofel e A. Moraes

Marianna, a tecedeira — rimance, pelo sr. Francisco Pinheiro

**Á mi madre Assenchi** — suite de vales, de Echeveria, pela Estudantina

Por parte dos premiados agradeceu o sr. José Maria Joaquim Tavares, quintanista de direito, mas formado já em filosofia, apesar da sua pouca idade, e que numa e noutra faculdade obteve elevadas classificações, que bem merecem a sua capacidade e o seu estudo.

A estudantina, que ocupava um estrado ao topo da sala executou com a sua mestria ordinária, mas sempre admirada e sempre aplaudida, o passo doble — *Quien vive*.

Ergueu-se depois, acolhida com vivos aplausos, a sr. D. Amelia Janny para recitar a sua bela poesia — *O Médico*. A sr. D. Amelia trazia ao pescoço o colar do Instituto, de que é sócia efectiva, e ao peito a condecoração de uma sociedade literária da Itália. A sua poesia é cheia de sentimento, e nítida e correctamente e com sentimento foi recitada.

Do coração aplaudiram os ouvintes a distinta poetisa, que, como as antigas sibilas tem espalhado ao vento da publicidade as suas inspirações, sem as ter reunido em volume; pombas saídas do mesmo ninho, bom seria que, depois de terem andado soltas nos ares, se pudessem contemplar juntas, porque seriam um alegre e formoso bando.

Na *symphonia* de abertura da zarzuela campanone, assim como noutra composição que tocaram, os srs. Cochofel e A. Moraes foram aplaudidíssimos; nas mãos deles as guitarras exprimem todos os sentimentos, têm uma alma que comove e que entusiasma todos que os ouvem.

O sr. Henrique de Vasconcellos e o sr. Villela Passos recitaram poesias no gosto moderno.

A do sr. Vasconcellos é um pouco pagã, apesar de baptizada nas águas do mar.

*A Oliveira e a Braza* do sr. Villela Passos, são simbólicas, de um simbolismo talvez pouco perceptivo a uma primeira audição, mas musical e atraente.

A *Tysica* do sr. Gonçalves Cerejeira era comovente como a triste doença que representava; género Millevoeye, mas género que, quando

bem desempenhado, agrada sempre, porque a dor, a tristeza, o gemido são eternos na humanidade.

O sr. Francisco Pinheiro recitou a sua poesia, ou o seu rimance, como ele a classificou — Marianna, a tecedeira.

Todos os poetas foram muito aplaudidos.

Alguns dos intervalos entre estas poesias preencheu-os a Estudantina, dirigida pelo sr. Simões de Carvalho Barbas, e que é sempre admirável e admirada em tudo que executa; agradou especialmente a *Rhapsodia portuguesa*, de que o o mesmo sr. Barbas é autor: passavam umas após outras, ligadas suavemente, como irmãs que vão andando abraçadas, como as graças que se representam assim, as canções do nosso povo, que soam na nossa alma como nenhuma outras, e que são uma fonte de música e de melodia, tão bela, mais bela do que a de muitas nações que ate hoje têm conservado indisputado o domínio d essa arte, tão vaga e tão simpática, tão confusa e tão humana, que nada analisa, mas que tudo exprime, a que pode excepcionalmente ser insensível um Goethe, mas a que é sensível toda a natureza animada, homens e animais. Como sempre, a Estudantina foi uma honra para a Academia e para o sr. Simões Barbas. Abençoados ócios das aulas que assim se empregam!

O sr. António Silveira, que tem dotes oratórios, e que é o Presidente da Estudantina, agradeceu numa breve alocução o convite que fizeram à prestante associação e os aplausos que lhe tributaram.

Disse que, representando a Tuna Académica de Coimbra, a que imerecidamente presidia, lhe cabia a subida honra de, em nome dela, cumprimentar as excelentíssimas damas e cavalheiros presentes. À ilustrada e digna Direcção do Instituto agradecia, muito penhorado, o cativante e amabilíssimo convite, que lhes fizera para a festa daquela noite. Sem dúvida, que ao seu espírito ao dos seus colegas da Tuna se tornava deveras grato poderem contribuir; na limitada esfera dos seus recursos para a consagração da ideia, que presidira à organização daquele sarau. A união das classes, que há pouco ainda era apenas um grande princípio que as vozes proclamavam, começava também a ser, felizmente, um honroso facto, que as consciências aplaudiam. Nobilissimamente o compreendera a Direcção daquela casa; e, para que a sua ideia nada perdesse do seu fulgor, a chamada dos discípulos ao instrutivo convívio dos seus Mestres juntava os seus louvores aos que nas pugnas académicas se cobriam de lauréis.

Dir-se-ia que, num esplendente ardor de fraternidade, todos regressavam aos mesmos sonhos de mocidade, olhos volvidos pelas cariciosas paisagens que enchem os melhores dias duma geração inteira: — presentindo-se, como sob um poente em brasa as estrelas, que logo surgiam, o murmuro deslizar desse

Mondego, que ora se espreguiça no seu leito auri-fulgente da areia, ora beija, cobiçosamente nas margens as boninas; estendendo-se, desenhando-se a curva sinuosa do Choupal — tapete aéreo de folhagem aonde os rouxinóis em noites estivais vão desgarrar os seus amores; diluindo-se, como em tela escocesa, aquela melancolia paisagem do Penedo da Saudade e o sinistro, o quase horrendo abrir do Penedo da Meditação, gritando-se, vivendo-se, esta despreocupada mas agitadíssima vida de Coimbra, tão nossa e tão única, frementes, os lábios de epigramas e abertos sempre os corações às lágrimas dos que sofrem. Dos que sofrem e dos que trabalham, afinal... que, numa bela obra de justiça, ali estavam todos aplaudindo e coroando os triunfadores. Por isso, duplamente simpática aquela festa, — início duma fraternidade, que, sem dúvida, se desataria em benéficos resultados educadores e continuação duma velha usança que tinha por meta e fim principal o incitamento ao estudo.

Passou-se assim um sarau agradabilíssimo; celebrou-se assim a festa dos premiados; e o Presidente e a Direcção do Instituto deverão ficar satisfeitos de terem ressuscitado por este modo uma tradição universitária simpática e digna de conservar-se.”

## FIGUEIRA DA FOZ

DEZEMBRO 1896

“O sarau no Theatro-Circo [19 de Dezembro], em que tomou parte a esplêndida Tuna Académica Conimbricense, fechou com chave de ouro as festas com que no sábadado passado a simpática corporação dos Bombeiros Voluntários desta cidade solenizou o 14º aniversário da sua instalação.

Após o exercício teve lugar a sessão solene, presidida pelo sr. comendador Annibal Augusto de Mello, secretariado pelos srs. Florencio Monteiro de Figueiredo e Joaquim da Silva e Sousa Junior.

Na sala achavam-se representantes do Monte-Pio Figueirense, Gymnasio-Club, Associação Naval, Associação Artística, Theatro Boa-União, bombeiros voluntários e municipais, Phylarmonica Figueirense, etc.

Aberta a sessão tomou sua ex.<sup>a</sup> a palavra e num brilhante discurso agradeceu a comparência dos representantes das associações, enalteceu depois o corpo dos bombeiros, fazendo-lhes ver a grandiosidade da sua missão para a humanidade. Nesta parte sua ex.<sup>a</sup> teve frases que comoveram profundamente.

Colocou depois o distintivo de 5 anos de bom e efectivo serviço ao bombeiro n.º3 António Ranhel, e o de 10 anos ao bombeiro n.º5 José Thomaz.

Sua ex.<sup>a</sup> foi alvo de uma entusiástica ovação, ao terminar o seu discurso.

Falaram ainda os srs. Pedro Augusto Ferreira, por parte do Gymnasio-Club, e o bombeiro José Thomaz, que agradeceu a honra que lhe fora concedida.

Terminada a sessão seguiu-se um copo d'água oferecido aos cavalheiros presentes, durante o qual foram trocados entusiásticos brindes.

A Tuna Académica deu entrada nesta cidade no comboio *tramway* das 6 da tarde, sendo aguardada na estação pelas corporações de bombeiros, Gymnasio-Club, Monte-Pio, Associação Naval, philarmonica *Figueirense* e grande concurso de povo.

Organizado o cortejo à saída da estação, seguiu este em direcção ao edifício onde se acha instalada a corporação de Bombeiros Voluntários, na rua da Restauração, ao som do Hymno Académico executado pela philarmonica, soltando-se durante o trajecto calorosos vivas, tanto pelos académicos como pelas corporações que tomavam parte no cortejo, vivas que eram extraordinariamente correspondidos.

Chegados à casa dos bombeiros, ali foram cumprimentados os *tunos*, sendo-lhes em seguida oferecido um *copo d'água*, findo o qual se dirigiram à aula da philarmonica *Figueirense*, donde pouco depois seguiram para o circo.

O Sarau no teatro começou à hora marcada nos programas (oito e meia da noite) abrindo com o Hymno Académico, executado pela Tuna.

Em seguida falou o Presidente da Tuna Académica, António Silveira, que num esplêndido, discurso, vibrante de entusiasmo e de mocidade, fez em frase colorida e imaginosa a apoteose dos que se dedicam ao bem comum, sacrificando-se pelos seus semelhantes sem hesitação, e escutando apenas a voz do coração e os sentimentos altruístas de que estão possuídos.

Teve frases deliciosamente buriladas, descrevendo os encantos das pitorescas povoações do litoral português, e o seu discurso, uma pequena obra-prima de eloquência delicada e sugestiva, foi coroado duma ruidosa e prolongada salva de palmas.

THEATRO-CIRCO  
**SARAIVA DE CARVALHO**  
 FIGUEIRA

Sabbado, 19 de Dezembro de 1896

Sarau dramatico-musical  
 em beneficio do cofre da  
 ASSOCIAÇÃO HUMANITARIA DOS BOMBEIROS VOLUNTARIOS  
 DA  
 FIGUEIRA DA FOZ  
 no qual toma parte por especialissima finiza a sympathica

*Tuna Academica* 

1.ª Parte

PELA TUNA

*Hymno Academico*, Medeiros.

A' *mi madre* — Assenchi — Suite de vales —  
 Echeverria.

**A CAMARERA**

Cançoneta pelo academico João Carvalho

*Traviata* — Verdi — Phantasia para guitarra e  
 violas pelos academicos Alberto de Moraes, Mar-  
 tinho de Brito, Sousa Pinto e Julio Themudo.

3.ª Parte

*Pavane* — Lucena — para guitarras e violas, pe-  
 los academicos Alberto de Moraes, Martinho de  
 Brito, Sousa Pinto e Julio Themudo.

2.ª Parte

A comedia em 1 acto, de Luiz Quirino Chaves  
 pela troupe do Theatro-Circo

**OS CRIMES DO BRANDÃO**

PERSONAGENS

Julio de Seixas, chimico amator      Sr. Alfredo Forte  
 Brandão, seu criado.....      » Manuel Daniel  
 Clementina, esposa de Julia.....      Sr.ª D. C. Albarran

**A rir... a rir...**

Cançoneta pelo academico Antonio Macieira

*Fela Tuna*

*Rhapsodia portugueza* — Simões de Carvalho.  
*Quien vive?* — passe-calle — Alberto de Moraes.

**Figura 12 - Programa do Sarau do dia 19 de Dezembro de 1896**

Depois entrou no palco a direcção da corporação dos Bombeiros Voluntários vindo à sua frente o distinto advogado sr. dr. Annibal de Mello, que em nome daquela corporação e num breve e eloquente discurso, agradeceu a generosa cooperação da simpática Tuna

Académica, oferecendo-lhe uma rica e formosa coroa de flores artificiais, com largas fitas pendentes.

A Tuna executou em seguida esplendidamente a *suite* de valsas de Assenchi, *Á mi madre*, que foi coberta de aplausos.

António Macieira, disse com muita graça as cançonetas *A rir... a rir...* e a *Camarena*.

O grupo de guitarristas e violões da Tuna, srs. Alberto de Moraes, Martinho de Brito, Sousa Pinto e Júlio Themudo, executaram deliciosamente uma *Phantasia* da Traviata, o *Fado* e a lindíssima *Pavana* do maestro Lucena.

O grupo de amadores do Theatro-Circo representou muito bem a engraçada comédia *Os Crimes do Brandão*, desempenhada por D. Carlota Albarran, que revelou apreciáveis disposições para o palco, Forte e Manuel Daniel, que foram merecidamente aplaudidos.

Dois inteligentes académicos disseram também os monólogos *O gato e Zé Brôa*, fechando o sarau pela Rapsódia Portuguesa deliciosamente instrumentada pelo distinto regente da Tuna o sr. Simões de Carvalho, e que teve uma merecida ovação, e por uma alegre composição no género espanhol, do mesmo autor.

Durante o sarau reinou a maior animação, repetindo-se os vivas levantados pela academia à Figueira, às damas, às corporações dos bombeiros, à Phylarmónica, etc., etc.

No domingo de manhã a Tuna percorreu, tocando as ruas da cidade, retirando a maior parte dos simpáticos rapazes do comboio das 2h20 da tarde.

E a propósito, diremos, que em quanto durarem as obras no Theatro-Circo, não devem nele realizar-se espectáculos. A aglomeração de grande número de espectadores naquele recinto, tendo apenas uma saída para a plateia e geral, constitui um perigo, que o menor sinistro, um simples grito de alarme que estabeleça pânico, pode transformar numa catástrofe medonha.

Não nos levem a mal esta observação, mas vale mais prevenir do que remediar, quando qualquer sinistro nas condições em que actualmente se acha o teatro, seria de terríveis e irremediáveis consequências...”

# LISBOA

DEZEMBRO 1896

“O comboio conduzindo os estudantes de Coimbra chegou à estação da Avenida pelas 7 horas da manhã [23 de Dezembro]. Aguardavam a chegada a tuna académica de Lisboa, regida pelo sr. Luiz Pereira, no impedimento do sr. Illydio Amado, que se achava um pouco incomodado. Logo que o comboio entrou na estação, a tuna de Lisboa executou o *Centenário de Colombo*. As tunas saíram, indo a tuna de Coimbra tocando o passa-dobrado *Quien vive*, dirigindo-se pela calçada do Duque, Rocio, rua do Ouro, travessa de S. Nicolau, rua Augusta, Retrozeiros ao hotel da Nações, onde se alojaram.

Centenas de estudantes de Lisboa fizeram na *gare* a recepção mais entusiástica aos académicos de Coimbra, havendo repetidos vivas à confraternidade académica, às academias de Coimbra e de Lisboa, etc.

Foi uma manifestação em tudo digna da mocidade estudiosa, a qual se repetiu pelas ruas do trânsito até ao hotel.

Dali, saiu a tuna às 11 e meia da manhã, em direcção ao Instituto Industrial, seguida de grande número de estudantes e muito povo, executando durante o trajecto o passo-dobrado *O Sonho do Bacharel*.

Ao chegar à porta do Instituto, a tuna tocou o Hymno Académico de Coimbra, levantando-se também estrepitosos vivas.

Pouco depois, seria meio-dia e um quarto, realizava-se a Sessão solene.

Esta teve lugar na sala de indústrias químicas, que se achava repleta de estudantes, apesar da sua vastidão, reinando sempre o maior calor e entusiasmo.

Abriu a sessão sob a presidência do sr. Lima e Costa, achando-se a tuna de Coimbra sentada em volta da mesa da presidência.

Depois de algumas palavras de agradecimento do sr. Lima e Costa foi convidado a ocupar a presidência o director da tuna, sr. dr. Silveira, estudante do 5ºano de direito, que teve como secretários os srs. Silva e Rodrigues.

O sr. dr. Silveira, usou da palavra, agradecendo à academia de Lisboa a forma como fora recebida a tuna, falou sobre a fraternidade académica, com tanto entusiasmo e calor, que arrancou à assembleia frenéticos aplausos.

No uso da palavra, seguiram-se o sr. António Mário, estudante de Lisboa, que agradeceu a comparência da tuna no sarau.

Seguiu-se na mesma ordem de ideias o sargento sr. Silva, e por último falou brilhantemente o sr. Farinha, que fez um discurso cheio de patriotismo, saudando os estudantes de Coimbra e incitando a mocidade a aplicar-se ao estudo, porque o estudante de hoje é o homem do futuro.

O magnífico discurso do talentoso estudante foi coroado por uma prolongada salva de palmas, levantando-se vivas às duas academias.

A sessão foi encerrada em seguida, dirigindo-se a tuna para a sede da tuna lisbonense, na rua da Barroca.

Os académicos seguiram pelas ruas da Boa Vista, S. Paulo, Ribeira Nova, Alecrim, praça de Camões, rua do Norte, Salgadeiras ao ponto de destino [a sede da tuna de Lisboa].

Ali foram os académicos de Coimbra recebidos pelos srs. Illydio Amado, Luiz Pereira e José Costa, membros da direcção, que ofereceram à tuna de Coimbra uma taça de *Champagne*.

Por essa ocasião, discursaram os srs. Illydio Amado e Jayme Ribeiro, pela tuna de Lisboa, e pela tuna de Coimbra o sr. dr. Silveira, seu Presidente.

Em seguida aos brindes, a tuna executou os seguintes trechos musicais: *Pandeirola*, *Hymno Académico de Coimbra* e *Quem vive?*

Terminada esta manifestação de alegria, a tuna dirigiu-se para o hotel, executando o passe dobrado *O Sonho do Bacharel*.”

“Quando se trata de uma festa académica [sarau da Associação Victorino Damásio, protector dos pobres], cujo fim seja de caridade, não há ninguém que não queira concorrer a ela, mostrando assim a simpatia de que são dignos os estudantes. A festa de ontem [23 de Dezembro] é mais uma prova, dessas a que temos assistido, em que o público afirma com espontaneidade esse sentimento. A intenção do espectáculo era sublime – a caridade pelos estudantes pobres.

Por melhor que fosse a descrição da festa, por mais fiel que fosse a narração, distaria muito da realidade; e, por isso, limitar-nos-emos a acentuar apenas os nossos bravos aos estimáveis rapazes. Os discursos, os vivas, as palmas traduziam o sincero sentir das duas academias reunidas num abraço fraternal.

A espantosa concorrência que enchia completamente a grande sala do Colyseu dos Recreios, foi ali com dois fins: um levar um elemento monetário ao cofre da Associação Camoneana, e o outro aplaudir os rapazes que na sua alegria incomensurável da mocidade não esquecem os



infelizes colegas que lutam com as dificuldades económicas nos seus estudos, garantia do seu futuro e da sua felicidade.”



# Real Colyseu de Lisboa

RUA DA PALMA

Empresa Theatral Portugueza — Sociedade Anonyma Responsabilidade Limitada

DIRECÇÃO DE SANTOS JUNIOR

QUINTA FEIRA 24 DE DEZEMBRO DE 1896

As 8 horas e meia da noite

## EXTRAORDINARIO SARAU DE GALA

PARA SOLEMNIZAR O

9.º ANNIVERSARIO DA INAUGURAÇÃO DO

REAL COLYSEU DE LISBOA

GRANDE FESTIVAL

PELA

TUNA ACADEMICA DE COIMBRA, TUNA ACADEMICA DE LISBOA

E

GRUPO DE GUITARRISTAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Figura 13 – Cartaz do espectáculo de dia 24 de Dezembro de 1896

“Para solenizar o 9º aniversário da inauguração do elegante Colyseu da rua da Palma, realiza-se amanhã [24 de Dezembro] nesta magnífica casa de espectáculos um grandioso e extraordinário sarau de gala pela distintíssima Tuna Académica de Coimbra e pelo simpático grupo de guitarristas da universidade de Coimbra.

Com o seguinte programa:

### Primeira parte

1º *Symphonia*, pela orquestra

2º *Hymno Académico*, pela Tuna de Coimbra

3º *Euterpe*, pela Tuna de Coimbra, do dr. Simões Barbas

4º *Traviata*, phantasia, de Verdi

pela *Troupe de Guitarristas da Universidade de Coimbra*,

Alberto Moraes, Martinho de Brito, Júlio Themudo e Souza Pinto

5º *Pandereta*, jota, pela Tuna de Coimbra

## Segunda parte

1º *Symphonia*, pela orquestra

2º A representação da zarzuela em 1 acto, *Toros de Puntas*

## Terceira parte

1º *Symphonia*, pela orquestra

2º *A mi madre*, suite de valsas, pela Tuna de Coimbra, Echecerría

3º *O suicida*, monólogo, pelo estudante A. Araújo

4º *Troupe de Guitarristas da Universidade de Coimbra*

5º *2ª Rapsódia Portuguesa*, pela Tuna de Coimbra, Simões Barbas

6º *Hymno Académico*, pela Tuna de Coimbra

É o adeus a Lisboa dos briosos académicos.”

# COIMBRA

## FEVEREIRO 1897

“A sessão inaugural dos cursos populares realizou-se com a maior solenidade na noite de segunda-feira [1 de Fevereiro] na sala grande do *Instituto*.

Presidiu o sr. Conselheiro Bernardino Machado, secretariado pelos srs. drs. Luiz Veiga e Eugénio de Castro. A assembleia era numerosa, constituída por grande concurso de senhoras, sócios da sábia corporação, e muitos convidados.

O programa da sessão, que foi rigorosamente cumprido, era o seguinte:

*A socialização do ensino*, discurso de abertura pelo Presidente do Instituto.

*Sirène* – Paso doble, do sr. Simões de Carvalho, pela Estudantina Académica.

*À mi madre Assenchi* – Suite, de Echeverria, pela Estudantina Académica

*A glorificação do trabalho pela hygiene* – Conferência pelo sr. dr. Adriano Xavier Lopes Vieira

*Amourense* – Gavotte, do sr. A. Moraes, pela Estudantina Académica

*Rapsódia portuguesa* – do sr. Simões de Carvalho, pela Estudantina Académica

Além dos números deste programa, o sr. Francisco Pinheiro, um distintíssimo poeta, recitou, a exigência polida da assembleia, uma sua poesia, que agradou muito.

A direcção do *Instituto* é credora dos maiores louvores pelo impulso que está dando à propagação do ensino, que é certamente uma das principais atribuições incumbidas à corporação que dirige.

Agradecemos o convite com que fomos obsequiados.”

“Deve realizar-se no sábado [20 de Fevereiro] um atraente espectáculo, em benefício de um estudante do 1ºano jurídico, cuja família se acha na maior miséria.

Consta-nos que tomam parte nesta festa de filantropia a Tuna Académica, o grupo de guitarristas Alberto Moraes, o distinto actor Santinhos, os académicos Carlos Lopes, Francisco Pinheiro e António Macieira.”

# VILA NOVA DE FAMALICÃO

FEVEREIRO 1897

No domingo, dia 28 de Fevereiro, chegou no comboio expresso “a Tuna académica de Coimbra que era esperada na estação pela banda dos Bombeiros Voluntários, e por numerosos cavalheiros, subindo ao ar muitos foguetes.” Era também “esperada na *gare* por muitos estudantes, que levantaram entusiásticos vivas à tuna, aos académicos de Coimbra e Porto, etc. Uma comissão de estudantes entregou ao Presidente da tuna um esplêndido *bouquet*.”

“Na passagem pelas ruas da vila, as senhoras deitavam flores aos estudantes, que correspondiam atirando com as capas e dando vivas. Nas janelas havia cobertores de damasco e bandeiras.”

“Realizou-se, como estava anunciado, a *batalha de flores*, sendo muito grande a concorrência de pessoas que vieram presenciar o divertimento.” Havendo “mais de 100 carros de flores, enfeitados a capricho.” “Em carros também grande número de académicos tomou parte na *batalha*.”

“À noite, no salão da Câmara Municipal, realizou-se o concerto, que decorreu bem, estando o amplo recinto cheio de senhoras e cavalheiros.”

# GUIMARÃES

MARÇO 1897

Na segunda-feira, dia 1 de Março, no comboio-correio “seguiu a tuna para Guimarães, tendo uma recepção festiva na sua passagem por Vizella”. Tocaria “de dia no coreto do jardim e à noite no teatro D. Affonso Henriques.”

“Um caso novo n’esta terra e por isso mais simpático e de mais curiosidade. Concorreram, para que tivéssemos o prazer de ver e ouvir um distinto grupo da academia de Coimbra, os nossos patricios que frequentam a Lusa Athenas, e conjuntamente o sr. Jeronymo Sampaio, incansável trabalhador no brilhantismo de festas académicas.

O dia da visita foi para nós e para eles de uma infelicidade enorme. Muita chuva, fria como o gelo da Sibéria, e constante, impertinente sem um sorriso de sol.

Apesar de tão grande infelicidade, a recepção foi brilhante na Estação do caminho-de-ferro, à chegada do comboio n°1 que conduzia os tunos. Uma banda de música que executou o Hymno Académico de Guimarães, girândolas de foguetes, muitos vivas e a academia de Guimarães que os aguardava com o entusiasmo de rapazes.

Depois de recebidos com os discursos e boas vindas do estilo, dispersaram-se indo a maior parte deles para o palacete do conhecido e ilustre arqueólogo sr. Martins Sarmiento onde foram recebidos com todo o entusiasmo, havendo discursos elogiativos ao distinto arqueólogo e benemérito de Guimarães que os recebeu oferecendo-lhes um distinto copo de água. Diferentes grupos, em carros passearam as ruas, recebendo as mais extraordinárias ovações sob uma chuva de flores que contrastava num sorriso de entusiasmo com a sombria e impertinente chuva do inverno; uma verdadeira *fevereirada*. Hospedaram-se no conhecido hotel do Tournal e alguns académicos em casas particulares e de família. Em casa do sr. Serafim dos Anjos, comerciante desta praça deu-se uma verdadeira batalha de flores na passagem dos académicos que penhorados, atiravam com as capas às janelas numa expansão delirante que era recompensada com as coroas de louros e de camélias que as damas D. Júlia, D. Anna Fernandes, D. Maria Fernandes, D. Elisa, D. Julieta Guimarães e D. Josefina Ferreira atiravam aos carros que os

conduziam. Muito bem; é assim como Guimarães deve receber hóspedes ilustres.

Houve manifestações com estas na Porta da Villa à passagem da casa do sr. Fernandes; na rua de Santa Maria à passagem das casas do digno escrivão sr. José Joaquim d'Oliveira, António Carneiro, e António Luiz; rua das Lamellas, em casa do sr. Domingos Ribeiro da Costa Sampaio; largo da Misericórdia, em casa do sr. dr. Motta Prego e outras.

À noite realizou-se o espectáculo, que constou de 4 partes como anunciava o programa que, antecipadamente, fora distribuído.

O nosso 1º teatro D. Afonso Henriques estava à cunha. Nos camarotes o que há de mais distinto na cidade. Tocou-se o entusiástico e sugestivo Hymno Académico de Coimbra. Foi recebida a tuna pelo Presidente da academia-vimaranense sr. Neves Pereira, rapaz inteligente, que discursou com entusiasmo dando as boas vindas à distinta tuna conimbricense. Seguiu-se o Presidente da tuna conimbricense sr. António Silveira, quintanista de Direito, um rapaz bem conhecido pelo seu talento, que discursou com a eloquência que lhe é peculiar, não pondo de parte a história pátria, acerca de Guimarães, delineando-a com estilo de poeta e com a substância de quem conhece a sua crítica. Foi muito aplaudido.

Foi executada em seguida a 1ª parte do programa que constou do seguinte:

*Quien vive! – paso doble*

*A mi madre Assenchi – suite*

*Chaledo Blanco – seguidilla.*

A parte dramática, na 2ª parte, que constou da comédia os *dois Estroinas*, já conhecida aqui, mas que nada deixou a desejar e a cançoneta por Macieira Júnior, foi bem recebida e aplaudida.”

“A terceira parte não podia deixar de entusiasmar os espectadores ainda um pouco frios. Os fados de Coimbra têm uma vaga melancolia que agita os nervos; um *tic* que não se imita facilmente. Naquele dedilhar das guitarras um sentir delicioso das noites da Estrada da Beira e do Penedo da Saudade.

Agradaram também as cançonetas *De Paris* e *Sol-lá-si-dó* cujos intérpretes foram aplaudidos.

A 4ª parte abriu com a *Rhapsodia Portuguesa* do dr. Simões de Carvalho Barbas, professor de música da Universidade e antigo regente da tuna de Coimbra. É ele uma esplêndida alma, um exímio executante de viola-

francesa e um belo companheiro da mocidade académica. Foi muito aplaudido como autor e com justiça, levantando-lhe a academia entusiásticos vivas.

Seguiu-se o académico Gaspar de Abreu e Lima, terceiranista de Direito que discursou dum camarote, fazendo a apologia de Guimarães, numa linguagem burilada e eloquente, atingindo por momentos o entusiasmo íntimo de quem está ligado a esta nobre terra por laços de parentesco. Muito bem e muito aplaudidos.

Nesta ocasião foi oferecida à tuna, pelo nosso patricio o académico Luiz (Aldão) uma formosa *corbeille* de flores artificiais que foi recebida com salva de palmas assim como o *bouquet* que, juntamente, foi recebido pelo sr. Jeronymo Sampaio.

O sr. dr. Bráulio Caldas que em seguida apareceu num camarote, tendo acabado de escrever uma poesia dedicada à tuna, discursou referindo-se com elogio ao discurso do académico Gaspar de Abreu Lima, e em geral à academia de Coimbra, e leu a poesia que pelo próprio punho tinha escrito em papel selado, entregando-a depois ao Presidente da tuna, encaixilhada num belo quadro dourado, com o seu retrato de quintanista de Teologia e Direito e com um bilhete de visita com duas quadras, como intróito à poesia que fora distribuída impressa:

**Saudação à Tuna Conimbricense por um tuno aposentado**

*Andorinhas da sciencia*

Que esvoaçais por aí...  
Sabe Deus a inclemência  
Que passastes, vindo aqui!

Guimarães não é tão triste  
Como a chuva que mostra este ano!  
- Eu protesto, de arma em riste,  
Contra o tal Saragoçano.

A chuva de inverno é fria  
É gelo, é neve, é torpor;  
Mas não esmaga a alegria  
Da mocidade, o calor.

Ide dizer ao Mondego,  
(De Guimarães, velho e nobre)  
Que passastes tempo ledó  
Sob este céu que vos cobre.

Tendes na *Penha* os rochedos  
Que velhos têm mocidade;  
Também sabem os segredos  
*Do Penedo da Saudade.*

Vossas guitarras são de ouro.  
Os bandolins são de prata;  
A tuna é rico tesoiro  
Que Guimarães arrebatá.  
Cantai, tocai, que essa vida  
Em breve tempo se esvai,  
É nota alegre e querida  
Que tem a vida de um ai.

As pétalas das camélias  
Que vos cobriram a fronte  
São sorrisos das Ophelias  
D'este formoso horizonte.

Houve sorrisos de amor...  
Chegastes por uma aurora...  
Despedis-vos só há dor,  
Todos sentem, alguém chora.

Mas ninguém estranha o caso  
Ouvindo dizer: partistes;  
Quando os sóis vão no ocaso  
Vêm as noites que são tristes

*Guimarães, 1 de Março de 1897*

**Bráulio Caldas**

Respondeu-lhe o Presidente da tuna agradecendo-lhe e levantando-lhe vivas que foram correspondidos pelos académicos de Coimbra ao antigo colega da tuna conimbricense.

Executaram-se depois os outros números de música, uma esplêndida sinfonia do regente da Tuna e no final o Hymno Académico de Coimbra que foi ouvido de pé, terminando com vivas entusiásticos à academia.

No fim do espectáculo dispersaram-se os académicos, formando alguns grupos serenatas pelas ruas, indo a maior parte para a Assembleia Vimaranesa, onde lhes foi oferecida uma *soirée* que, segundo nos consta, durou até às 4 horas e meia da manhã, hora a que os simpáticos académicos partiram para Ponte de Lima.”

## PONTE DE LIMA

### MARÇO 1897

No dia 2 de Março, “a Tuna Académica de Coimbra, deu um concerto no teatro Diogo Bernardes, sendo os executantes entusiasticamente aplaudidos.” Não sabendo o repórter “quem mais deva felicitar, se a estes pelo bom desempenho e correcto proceder, se às senhoras limeirenses pelas horas que para elas passaram rápidas no teatro.”

## COIMBRA

### ABRIL 1897

“Chega amanhã [3 de Abril] a Coimbra, no comboio das 3 e meia da tarde, a tuna académica de Lisboa.

Reina enorme entusiasmo entre a academia de Coimbra para receber condignamente os seus colegas da capital.

A tuna, que é composta de perto de 70 executantes, vem acompanhada por um grande número de colegas, formando aproximadamente um grupo de 200 estudantes.

Ontem [1 de Abril] foram distribuídos convites pela cidade, pedindo aos habitantes para adornarem as janelas com colchas de damasco na ocasião da passagem da tuna pelas ruas de Coimbra.

Pela animação que vai na academia e no público desta cidade, a simpática tuna deve ter amanhã uma recepção brilhantíssima e digna da briosa academia de Lisboa.”

“Chegou ontem [3 de Abril] a esta cidade a Tuna lisbonense. A de Coimbra foi esperar os seus colegas à estação Nova, havendo grande concorrência de povo nas ruas.

Da estação seguiram as duas academias pelo Largo da Portagem, Calçada, Visconde da Luz, Sansão até ao Theatro Príncipe Real, onde a Tuna de Lisboa recebeu as congratulações fraternais da academia desta cidade, dirigindo-se depois para a alta.

As ruas da Baixa, por onde passou o préstito, achavam-se engalanadas com colchas de damasco e as janelas cheias de damas.

Das janelas do acreditado *Collegio Moderno*, foram lançadas sobre a academia, grande quantidade de flores.

O cortejo vinha organizado pela ordem seguinte:

Philarmónica Boa União, estudantes do Lyceu, Tuna Académica, estudantes de Filosofia, de Matemática, de Medicina, de Direito, de Teologia, Tuna Académica de Lisboa, estudantes de Lisboa, comissão central dos festejos, delegados dos cursos, corpos gerentes da Associação Académica e da Tuna de Coimbra, e Philarmónica Conimbricense.

Foi grande o entusiasmo de toda a academia.”

“Em homenagem à academia de Lisboa celebrou-se hoje [4 de Abril] na Associação Académica uma sessão solene presidida pelo sr. dr. Júlio Henriques, secretariado pelos Presidentes da Tuna Académica de Lisboa, da assembleia-geral e da direcção e pelo secretário da Associação Académica.

Proferiram-se alevantados e fluentes discursos, permutando-se efusivos brindes e entusiásticas saudações às academias de Lisboa e Coimbra. Esta sessão ficará decerto perdurável nos fastos académicos.

Encerrada a sessão dirigiu-se a Tuna de Lisboa à Universidade, indo cumprimentar os seus colegas da Tuna de Coimbra, que ali aguardavam a sua visita na casa de ensaio, instalada numa das dependências de aquele estabelecimento. Depois dos cumprimentos e fraternais amplexos, a direcção da Tuna conimbricense ofereceu-lhes uma taça de *champagne*. Após esta visita subiram ao paço das escolas a agradecer ao Reitor a



gentileza com que ontem recebera os simpáticos académicos, sendo-lhes novamente oferecido doces, vinhos finos e charutos.

Igualmente foram agradecer ao sr. bispo-conde que lhes dispensou as maiores amabilidades, fazendo-lhes servir outro copo d'água.

Do paço episcopal encaminharam-se para o governo civil a fim de cumprimentar o chefe do distrito, que os recebeu com toda a afabilidade.

Ao sair deste estabelecimento dispersaram.

As «repúblicas», onde estão hospedados distintos estudantes, conservaram-se embelezadas e iluminadas. É extraordinário o entusiasmo e alegria que domina não só a academia como também os habitantes.

Nunca em Coimbra se fez manifestação tão ruidosa, sincera e espontânea como esta. É indescritível tudo isto. Ouvem-se constantemente e ininterruptamente vivas às academias de Lisboa e Coimbra. Há um delírio extraordinário entre os académicos de Coimbra, sempre briosos, gentis e galhardos.

Às oito horas da noite reuniram-se ambas as tunas no pátio da Universidade, de onde partiram para o Príncipe Real a fim de tomar parte no sarau, para o qual não há bilhetes desde anteontem [2 de Abril]. A enchente deve ser enormíssima em virtude do feriado geral de amanhã, solicitado e obtido pelo governador civil.”

**THEATRO CIRCO PRINCIPE REAL**

—

**SARAU**  
PROMOVIDO  
PELA  
**Tuna Academica de Lisboa**  
SOB A REGENCIA DO ESTUDANTE DE MEDICINA  
**ALFREDO MONTEIRO**  
COM A COOPERACAO DA  
**Tuna Academia de Coimbra**  
e da Distincta **ACTRIZ**  
**D. ERNESTA CERRI**

—

**4 - 4 - 97**

—

Principia ás 8 e meia horas da noite

**1.ª PARTE**

—◆—

- I **Soy yo, passa-calle.** *E. Cyriaco*
- II **Pizzicato** ..... *Vechi*
- III **Romanza, pela Ex.<sup>ma</sup>**  
**Sr.º D. Ernesta Cerri** \*\*\*
- IV **Maroussia, serenata** *P. Clemente*
- V **Venetianiches Gou-**  
**dellied** ..... *Mendelssohn*
- VI **En los toros, passa-**  
**calle** ..... *J. Escoto*

2.ª PARTE

IGNEZ A INFELIZ

TRAGEDIA EM 1 ACTO

Original do estudante de Medicina

SAMUEL MAIA DE LOUREIRO

DISTRIBUIÇÃO

Ignéz ....	<i>D. Maria Augusta de Souza</i>
Pedro....	<i>Antonio d' Araujo</i>
Affonso...	<i>Fillipe Vieira</i>
Nuno ...	<i>Januario Barreto</i>
Coelho ...	<i>João Loforte</i>
Pacheco..	<i>J. Frazão</i>
1.º menino	<i>Azevedo</i>
2.º menino	<i>Luiz Cardoso</i>

3.ª PARTE

I	Tuna Academica de Coimbra	
II	O Tuno, passa-calle.	<i>M. da Motta</i>
III	Mandolinata .....	<i>A. Soller</i>
IV	Monologo, por A. Araujo .....	<i>Esculapio</i>
V	Malagueña .....	<i>L. Carreros</i>
VI	Cavallaria Rusticana, intermezzo..	<i>Mascagni</i>
VII	Centenario de Colón, passa-calle ...	***

Figura 14 – Programa do espectáculo de dia 4 de Abril de 1897

“Retirou ontem [5 de Abril] para Lisboa no comboio da tarde a Tuna Académica.”

# 1897 - 1898

**Presidente:** António d'Abreu Freire Egas Moniz

## DIRECÇÃO

**Secretário:** João da Cunha e Costa

**Tesoureiro:** Joaquim José d'Abreu

**Porta-bandeira:** José Paes Telles

**Regente:** António Simões de Carvalho Barbas



**Sub-Regente:** Samuel Augusto Pessoa

### **Primeiros violinos**

Mário Emílio Ochôa

João Brandão de Carvalho

Macário Ferreira

António Paiva Pinto Freixo

### **Segundos violinos**

António Reis d'Oliveira

Augusto de Sousa Rosa

Manuel de Paiva Pessoa

Amândio Paul

### **Oboé**

Francisco Martins Grillo

### **Clarinete**

António Soriano Mendes Lages

### **Bandolins**

António Caetano Macieira

António Ribeiro Passó

Mario Calliveto

Amadeu Gentil de Menezes

Manoel Joaquim Pires

António Ruibal Saavedra

António Cardozo Girão

Federico Reis Leitão

### **Flautas**

Anibal Dias

Eduardo Barbosa

### **Violeta**

José Marques

**Violas**

Claudio Olympio Dias Antunes  
Sabino Ferreira  
Jacintho d'Oliveira  
Cândido Pedro de Viterbo  
Francisco Cillo Gonçalves  
João Lopes Manita  
Custódio Madeira  
Luiz José da Motta  
Manoel Fernandes Martins  
Francisco Pedro  
Eduardo Alves de Sá  
José de Barros Mendes d'Abreu  
José Collaço Alves Sobral  
Alfredo Ferreira Christina  
Alberto Rodrigues Pinto

**Guitarras**

António Martinho de Brito  
António Ildefonso da Silva

**Contrabaixo**

Alberto Simões da Costa Rego

**Pandeiretas**

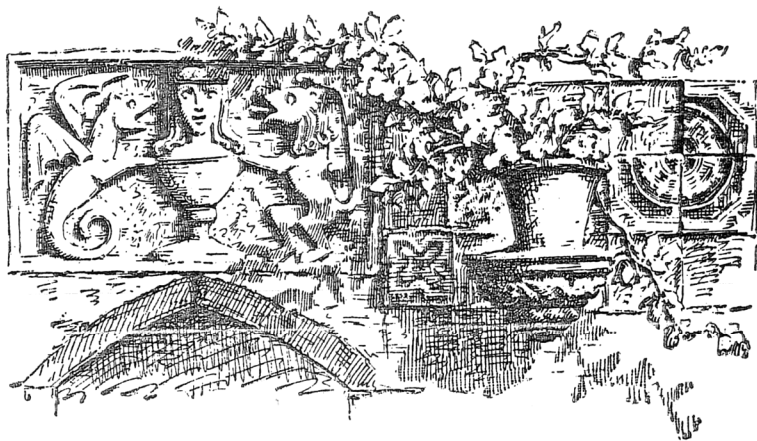
Lino Xavier Machado  
Fernando Alves de Souza  
Julio Vieira da Fonseca

**Pianista**

Alfredo Tinoco

# COIMBRA

DEZEMBRO 1897



## SARAU LITTERARIO-MUSICAL

offerecido pelo Instituto de Coimbra aos alumnos laureados  
da Universidade, no dia 8 de dezembro de 1897



## ALOCUÇÃO DO PRESIDENTE DA ESTUDANTINA

MINHAS SENHORAS, MEUS SENHORES

Como representante da Tuna Académica de Coimbra cumpre-me agradecer ao ilustre Presidente deste Instituto, a honra que nos concedeu de assistirmos a esta festa, simpática e justa, por ser um preito prestado ao trabalho e ao talento. A digna sociedade, que a empreendeu, e os motivos que originaram a sua realização, são dignos de todo o nosso entusiasmo e merecedores de toda a nossa simpatia.

Esta festa é incentivo ao trabalho, base fundamental da regeneração da nossa sociedade que se distingue, custa a confessá-lo, pela divisa bem pouco honrosa da ociosidade.

De há muito que a mocidade vem apregoando ideias avançadas e sonha revoluções para fazer entrar a nossa adorada pátria no préstito glorioso do progresso, no lugar que as nossas condições lhe destinassem. Patriotas sempre, como essa legião de heróis que nos precederam, julgam encontrar nos grandes abalos sociais a fonte perene de evoluções rápidas para o bem-estar dos povos.

Lembram nacionalidades que fulguram como astros brilhantíssimos no céu da história, à sombra de bandeiras manchadas no sangue de seus filhos. E, dominados por estes ideais, querem transplantar esses processos para aqui, que, embora terríveis, se deveriam aplicar já, se deles dependesse o nosso bem-estar futuro.

Não é esse, porém, o meu modo de pensar. As condições sociais dos povos variam mais do que os climas e as épocas mudam de rumo mais facilmente do que os ventos! E julgo encontrar na festa de hoje motivo suficiente para dizer que é de igual pensar a digna direcção deste Instituto, por tantos títulos ilustre.

Fomos grandes. Povo de aventureiros e de poetas, irmãos gémeos dos fenícios pelas condições geográficas e pela actividade, só vivíamos bem sobre barcas que desafiavam as ondas em busca de outras terras e de grandes glórias.

Houve tempos em que o nome de Portugal era projectado pela tuba da fama sobre toda essa Europa, que assistia atónita ao glorioso desenrolar de façanhas tão ilustres que faziam de cada português um Deus, no dizer gigantesco e belo do nosso imortal épico!

Volviam dos mares os descobridores e conquistadores aureolados de glória e por vezes cheios de riquezas.

Contavam as suas aventuras, narravam as suas proezas mais arriscadas e os sedentos de glória e fama lançavam-se, precipitavam-se, em busca da felicidade que pressentiam longe.

Terminou, porém, com essa época, a obra que o destino e as nossas condições nos impuseram e os descendentes dos heróis de outrora começaram a entrar numa inactividade desoladora. Dormiam descansados à sombra das riquezas que nos vinham dos vastos empórios do Oriente e, ostentando os actos

heróicos dos seus maiores, julgavam ter ainda glória bastante para si próprios. Dir-se-ia que este glorioso país, este conjunto de gerações, queria descansar também!

E descansou de vez. Até hoje, os portugueses só foram verdadeiramente grandes em aventuras e nas narrativas. Tivemos grandes conquistadores e imortais poetas. Mas mudaram as condições da vida dos povos e os portugueses, contudo, estacionaram. As raças pobres de então começaram a levantar-se sob o pendão gloriosíssimo do trabalho. Era a nova religião que havia de regenerar o universo.

A Agricultura, o Comércio, a Indústria, essa trindade da nova crença, aureolada com o diadema da ciência, indicava o caminho que tinha a seguir a humanidade através das épocas futuras. A Inglaterra ostenta hoje a sua riqueza filiada no trabalho rude das fábricas e no seu comércio activo. O trabalho é a riqueza das nacionalidades como é a riqueza dos indivíduos.

O tempo das moiras encantadas, com misteriosos e ocultos tesouros, passou com a lenda; o verdadeiro tesouro que possui o homem é o trabalho. E, por isso, nós, os novos, aqueles de quem depende a regeneração da pátria, se a pode ter, devemos levantar uma cruzada em defesa dos trabalhadores e do trabalho.

E não devemos só apregoar ideias, devemos moralizar com factos, não só dizer que trabalhem, trabalharmos também. É mais útil esta regeneração pelo trabalho, a fim de aproveitar todas as forças úteis do país, do que as revoluções sanguinárias que as aniquilem pelo extermínio.

O processo *brousseriano* passou da medicina e também deve passar como meio terapêutico aplicado às sociedades enfermas.

Minhas senhoras, meus senhores: A instrução e o trabalho formam a alavanca de Arquimedes com que se revolve o mundo. São os únicos sustentáculos de um desenvolvimento seguro e duradouro. Querem provas? Encontram-se facilmente na vida das sociedades hodiernas. Há poderio onde há instrução e trabalho. E o Instituto de Coimbra tem dado provas irrefragáveis de pugnar por este duplo bem e, por conseguinte, de tentar levantar o nível desta nossa desventurada pátria. Ainda no ano transacto abriu as suas portas aos cursos livres para que todos se podessem instruir e educar; por outro lado, apregou em conferências aos que somente tratavam de se instruir a vantagem do trabalho material, e, para não citar mais factos que demonstrem a minha afirmação, temos um e bem frisante na festa de hoje, tão belamente inaugurada pela alocação do ex. sr. conselheiro Bernardino Machado. É dedicada ela aos que labutaram e conseguiram os louros da distinção em seus estudos. É prémio e motivo de incitamento. Que prossigam uns e outros, que todos concorram segundo suas forças, para o bem-estar comum. Pela pátria, avante!

Mas tenho sido longo de mais e os meus companheiros, que têm tido o bom senso de entreter as horas de descanso cultivando a divina Arte, sob a regência do nosso querido e distinto maestro sr. dr. Simões de Carvalho, estão ansiosos por encher este ambiente com a chuva das suas notas em conjunto harmónico e

deleitoso. Geração os violinos em sua eterna ansiedade canções dolentes, rirão as violas e os bandolins em suas casquinadas harmónicas e este conjunto maravilhoso entusiasmará mais uma vez os que o ouvirem. Esta festa, onde não faltou o brilho da beleza feminina com todos os seus encantos e atractivos, encontra na música mais um motivo de magnificência. A mulher é a divina inspiradora; a música por isso ajoelha-lhe aos pés, como que sendo uma descendente de tantos encantos reunidos no fruto mais extraordinário da criação. Se ela, a mulher, rasga com um sorriso um mundo de torturas e extingue com um olhar severo ou de desdém um universo de alegrias! A música é quase uma sua irmã à força da convivência mútua, e por isso sentir-se-ão felizes os meus companheiros sabendo que vão embriagar os ouvidos de tão gentis damas com os sons harmoniosos de suaves acordes. E vou terminar para extinguir esta ansiedade, agradecendo novamente ao ilustre Presidente deste Instituto a honra do convite.

EGAS MONIZ

## COIMBRA

### FEVEREIRO 1898

“Realizou-se no sábado [12 de Fevereiro] o sarau em favor do cofre da Associação dos Bombeiros Voluntários, desta cidade, que correu muito animado pela Tuna Académica.

Foram executados belos trechos musicais e representadas as comédias - «Morrer para ter dinheiro» e «O Figurino», original do sr. Cláudio Antunes, distinto académico da Universidade.

O académico sr. Mendes d’Abreu Junior, também recitou um monólogo, que muito agradou.

O sr. Silva e Costa (Pad’ Zé), aluno do terceiro ano da faculdade de Direito, foi admirável na sua cena de imitações e no monólogo «Uma soirée em família».

Todos os académicos que tomaram parte no espectáculo foram muito aplaudidos, o sarau abriu e fechou com o Hymno Académico executado no princípio pela fanfarra dos Bombeiros Voluntários e no fim pela Tuna Académica, sendo ouvido de pé.

A casa estava muito regular. Os camarotes e a geral completamente cheios.”



# DIGRESSÃO À GALIZA

FEVEREIRO 1898

“Entre os tunos vêm os jovens que, como jornalistas, têm o encargo de tomar notas com o objectivo de enviar por telégrafo, como assim se tem verificado, a alguns periódicos portugueses.

O total de estudantes é de 92, se bem que vêm dois que não fazem parte da Tuna, oficialmente. À sua conta estão todos os gastos que ocasionem.”

“Em Caminha foram-lhes oferecidos ramos de flores. Em Cerveira as senhoras ostentavam trajes característicos do Minho. Em Valença os estudantes foram entusiasticamente recebidos pelas senhoras e pelo povo. Jantaram naquela vila e prometeram demorar-se ali no regresso.”

“Desde Valença que a Tuna tem sido alvo das mais estrondosas manifestações de simpatia e estima.

Em Villagarcía foi oferecido pela direcção do Casino um magnífico *copo de água* a todos os estudantes.”

# PONTEVEDRA

FEVEREIRO 1898

Sexta-feira, 18 de Fevereiro, “um espontâneo movimento de simpatia e afecto produziu nesta capital a chegada da Estudantina, composta de cem jovens, distintos e alegres.

Meia hora antes de entrar o comboio nas agulhas, tinha-se formado um concorrido cortejo na plataforma da estação ferroviária. Entre a algazarra vimos muitas damas e *señoritas* que foram vitorizadas pelos académicos lusitanos.

No estandarte, com bonitas fitas simbolizando as faculdades de Medicina, Farmácia, Direito, etc., da Universidade conimbricense, luzia uma artística coroa de prata.”

“Os *tunos* lusitanos deixaram-se finalmente ouvir aqui, antes de sair para Santiago, apesar do propósito que tinham de o não fazer até ao seu regresso da cidade compostelana.

Às dez saíram tocando um bonito pasacalle rodeados de imensa gente que os aclamava.

A sua primeira visita foi ao Governador civil da província.

Uma Direcção da *tuna* foi recebida pelo sr. Llamas Novac nos salões do Governo.

Ali entregou aos tunos um valioso obséquo.

Em frente ao edifício tocou a tuna dois números, dirigindo-se seguidamente para o *Ayuntamiento*.

Ali foram recebidos pelo *Alcalde accidental* sr. Casas que os convidou para um *lunch* que será servido quando regressarem de Santiago.

Na Plazuela de la Peregrina dispersou-se a tuna passando os alegres escolares a almoçar nas suas hospedagens respectivas.

Durante o cortejo pelas ruas disseram-se vivas a Espanha, a Pontevedra, à fraternidade académica e às damas galegas.

Muitas *señoritas* atiravam flores e laços das varandas a que os *tunos* correspondiam por meio de grandes demonstrações de júbilo e de galanteria.

Às onze e meia partiram para Santiago em várias carruagens.

A rua de Michelena, onde ocuparam as viaturas, estava invadida de gente e ocupadas as varandas por muitas *señoritas*.

Dos carros repetiram-se as aclamações.

O Presidente da tuna sr. Abreu Freire, rogou-nos [redacção do “El Diario de Pontevedra”] que manifestássemos que, por falta de tempo, não tinham podido, com pena sua, cumprimentar os centros de recreio e a imprensa local, prometendo fazê-lo quando regressassem de Santiago.

A sociedade Casino dispõe-se para nessa ocasião organizar um baile no qual serão obsequiados esplendidamente os entusiastas filhos de minerva.”

# SANTIAGO DE COMPOSTELA

## FEVEREIRO 1898

Sábado, 19 de Fevereiro, “a recepção foi brilhante, com toda a ponderação. Um quadro formoso e animado – disse um colega – era o que apresentavam as ruas e avenidas por onde a Tuna havia de passar não menos do que se oferecia na estação do caminho-de-ferro de Cornes.

À sua chegada dispararam-se muitos foguetes e tocaram músicas as bandas de *Cazadores*, municipal e infantil.

Os meninos do Hospício levavam velas e das ruas luzia uma bonita iluminação.

À passagem da Tuna atiravam-se flores, versos, *confetti* e serpentinas.

A comitiva dirigiu-se para Teatro que oferecia uma formosíssimo aspecto.”

“Às 9 horas da noite entraram os estudantes no teatro, onde foi a recepção. Presidia o *alcalde*, que saudou os académicos conimbricenses em nome do povo de Santiago. Falou depois o sr. dr. Alfredo Brañas, catedrático da faculdade de direito, representando o claustro plano da Universidade compostelana. O seu discurso foi eloquentíssimo, sendo interrompido, por vezes, por aplausos estrepitosos, principalmente quando s. ex<sup>a</sup>, num belo rasgo tribunício, se referiu ao descobrimento do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama. Terminou dando as boas-vindas aos estudantes em nome do corpo docente da Universidade e erguendo vivas a Portugal.

O académico, o sr. Bua Carou, tomando a palavra, manifestou o contentamento da velha Academia de Compostela pela visita da nobre e antiga Academia de Coimbra. Pelos seus colegas ofereceu aos irmãos portugueses uma riquíssima coroa de flores artificiais.

A Sociedade Económica, pela voz do seu Presidente, o sr. dr. Rivera de Aguiar, saudou também os académicos, oferecendo-lhes uma coroa.

Como representante da florescente Associação Académica de Coimbra, fez também uso da palavra o sr. Alberto Rego, aluno da faculdade de medicina, saudando, por aquela sociedade, os académicos compostelanos.

Falou, por último, o sr. Egas Moniz.

Agradeceu, em nome da Tuna, as manifestações de que tem sido alvo. Referiu-se em palavras cheias de colorido e entusiasmo ao papel civilizador que a Espanha tem desempenhado na epopeia da Humanidade. Entregou aos seus colegas compostelanos uma valiosa coroa de louros, terminando por saudar as damas de Santiago.”

“A Tuna executou, entre outras peças, a Marcha Real espanhola.

Depois da recepção, houve um fraternal banquete na hospedagem onde se instalaram os académicos lusitanos, com a assistência de jornalistas e estudantes.”

*«Os estudantes portugueses estão deveras cativados por tudo quanto lhes têm feito. Entram nos cafés, tomam qualquer coisa e... «Já está pago», dizem-lhes os criados. Os académicos espanhóis porfiam em obsequiá-los sempre por qualquer forma e de qualquer maneira.»*

“Ontem à tarde [20 de Fevereiro] percorreu a tuna as ruas de Compostela, visitando os centros, imprensa e Corporações populares.”

“Foi aplaudidíssima por todas as ruas por onde passou.

À tarde os académicos andaram jogando o carnaval com as senhoras, que se apinhavam por todas as janelas. O entusiasmo foi louco. As damas atiravam flores, fitas e laços. Até à noite *batalharam* renhidamente, saindo, por fim, vitoriosas, como sempre, as gentilíssimas senhoras.”

“À noite assistiram colectivamente aos bailes do *Casino, Círculo e Little Club*.”

“Resultou brilhante o concerto de segunda-feira [21 de Fevereiro]. Nunca recordamos, disse um colega compostelano, ter visto o teatro tão formoso, nem é possível que muitas vezes se veja.

O Presidente da Tuna, pronunciou um eloquente discurso. Transcrevem-se aqui alguns dos seus parágrafos:

«Antes que as nossas pobres harmonias como jogos francos alegres de meninos invadam esta sala do teatro que hoje anuncia as proporções gigantescas de um templo onde se consagra uma vez mais a união dos irmãos, união que faz muito tempo existia pela tradição e pela sua raça, permiti-me, meus senhores, uma aclamação.

Nós não somos artistas, não vimos por isso aqui tocar com a pretensão de alcançar os louvores de um correcto trabalho; longe disso: nós vimos aqui tocar como a paisagem de Coimbra, a recordar com prazer aquelas ilusões, aquelas alegrias, quando nas noites de luar caminhamos pelas poéticas margens do Mondego, pelas brisas e aragens puríssimas, o mesmo que pelo murmúrio daquelas águas evocam em nós recordações inolvidáveis dos que ali passaram deixando pedaços da sua alma.

Lá recordamos António Fogaça e Santos Mello e a triste nota dos nossos fados desperta na nossa memória o querido companheiro e melancólico boémio de hoje: «O Hylário.»

Portanto como sonhadores, como boémios e como estudantes é como aqui vimos.

No nosso cérebro conservamos as ilusões e ao nosso lado, com a alegria da nossa idade, levaremos gratas recordações e quando na ausência nos tivermos esquecido, recordaremos com prazer estes momentos de hoje, longe nos nossos sonhos tranquilos da nossa aldeia.

Recordaremos então os olhos que são entusiasmos dos nossos olhos e a melodia da vossa voz, senhores; e os ecos deste entusiasmo chegarão até aos nossos ouvidos como gemidos de violinos percebidos remotamente entre jardins de aromáticas flores.»



enchiam o local.” “O sr. Brandón com tanta mestria, que os tunos levaram-no em ombros pelo salão.”

“O conhecido jovem D. Ricardo López, cantou uma bonita composição em galego e outras de Tolstoi. Por certo que como os demais foi aplaudido pelas suas excelentes faculdades artísticas.”

“Houve *hurrahs*, apertos de mão, abraços, enfim, uma série de crescentes e delirantes ovações.”

“Às seis da tarde organizou-se um *asalto* na dita sociedade a que concorreram formosíssimas *señoritas*.”

No «Little Club» houve sessão musical. Foi executado o duo de tenor e baixo, «Duo de la Africana», os jovens srs. Zepedano e La Riva de certeza com grande mestria sendo objecto de uma entusiasta ovação pelos escolares portugueses.

Falou o Presidente da sociedade sr. Cayón, que em affectivas frases e com eloquentes palavras lhes deu as boas-vindas e os saudou cortesmente. Foi muito aplaudido, assim como o Presidente da Tuna.”

No baile do Casino, “a direcção recebeu os tunos no átrio da entrada e quando entraram no salão a orquestra executou o Hymno Académico.

O Vice-Director sr. Piñeiro fez a apresentação da tuna num bonito discurso.

O Presidente sr. Egas Moniz respondeu à saudação do sr. Piñeiro e disse que agradecia aos compostelanos a maneira triunfal como havia sido recibida a tuna, não só a presença da classe mais elevada e aristocrática mas também do povo.

«Eu não sei porque, acrecescentou, nos recebesteis como artistas: não, porque o não somos, só trazemos os nossos fados melódiosos que nasceram na nossa terra como as cores que matizam as rosas dos nossos campos.

Mas todavia, vimos como representantes de uma classe que aspira pelo bem e pela pátria...»

Os tunos tocaram a fantasia da traviata de Verdi, e uma valsa de Cochofel.

Os estudantes srs. António Macieira e Macário Ferreira cantaram bonitos fados.

O sr. Gonzalez recitou uma formosa poesia intitulada “A Lágrima” e o sr. Macieira leu o começo de uma poesia que pensa dedicar à poetisa Filomena Dato Murais.”

As ruas, “no dia de ontem [22 de Fevereiro] estiveram mais animadas que nos dois dias anteriores.

Os tunos em grupos de três ou quatro iam pelas ruas cantando fados e tocando nos seus bandolins.

Outros atiravam as capas às janelas que lhes eram devolvíveis com flores e laços.”

“O Ateneo «León XIII» celebrou uma *velada* em obséquio à Tuna portuguesa.

Começou às sete e meia, hora em que fizeram a sua entrada os tunos, aclamada com a Marcha Real portuguesa tocada pelo sexteto Curros.

O Presidente sr. Cabeza de León fez sentar-se a seu lado o Presidente da Tuna. O salão de actos encontrava-se cheio de sócios e o centro do gradeamento foi ocupado pela Tuna, apresentando aquele salão um formoso golpe de vista.

A Tuna em justa correspondência à saudação interpretou a Marcha Real espanhola.

Começou a *velada*, cantando os senhores La Riva e Muras.

De seguida fez uso da palavra o sócio sr. Usero Torrente que pronunciou um bonito discurso.

O sr. La Riva leu uma bonita composição do sr. Brañas, e depois outro senhor leu também outra em galego.

O sr. Cabeza de León, concluiu a *velada* com um magnífico discurso de boas-vindas à Tuna, versando acerca da comunhão de ideias e interesses que existe entre Espanha e Portugal, apresentando como prova a história e o mesmo idioma, e terminou fazendo votos que as visitas por estudantes portugueses e espanhóis, sirvam para conhecê-los e amá-los todos, especialmente os portugueses e galegos. Disse por último que o «Ateneo León XIII» para comemorar a visita da Tuna, oferecia a esta uma coroa, testemunho da sua simpatia.

Foi de seguida colocada no estandarte e a sessão terminou com uma magnífica improvisação do Presidente da Tuna agradecendo os obséquios recebidos; e, em consonância com o discurso de boas-vindas disse que sem fé, não é possível viver, e como testemunho disso, citou, entre outras coisas, as grandes obras e feitos realizados debaixo da sua influência, mostrando admiração pela basílica e o seu pórtico. Ao falar de León XIII disse que era uma figura das mais importantes do nosso século como político e como sábio. Ao fixar-se no retrato do Pontífice disse que era digno de figurar em todos os centros e associações.

O Presidente da Tuna demonstrou uma vez mais a sua erudição. Foi muito aplaudido.”

Do «Círculo Mercantil» “que podemos dizer: ainda se sentia a atmosfera da outra noite. Parecia continuar uma mesma reunião, pois desde as primeiras horas da noite de ontem [22 de Fevereiro] já o baile tinha começado.

Com o baile de ontem [22 de Fevereiro] à noite, o seu nome, que é da maior altura, fez-se notar na *velada*, que não poderá nunca apagar-se da mente de todos que a ela assistiram.

Deram grande animação à *velada*, os tunos portugueses que assistiram em grande número.

O conjunto dos salões era surpreendente.

Não entraremos em detalhes porque é impossível fazê-lo.

As notas agradáveis que ali havia eram tantas, que se torna difícil destacar a sua preferência. Mas falaremos da surpresa que proporcionou a Direcção com o *cotillón* que se bailou, e que resultou brilhante pelas caprichosas figuras e os valiosos presentes que trocaram os pares.

O *cotillón* foi admiravelmente dirigido pela elegante e belíssima Srta. Maria Astola que tinha por par D. Rafael García de la Riva.

Às doze da noite, o relógio marcava a quarta-feira de cinzas, e como a «Senhora Quaresma» entrava naqueles momentos a dizer que bastava de baile, os concorrentes retiraram-se obedecendo ao mandato imperativo da recém-chegada.”

“O Teatro esteve concorridíssimo na noite de Quarta-feira de cinzas [23 de Fevereiro].”

“Resplandecia na porta da bilheteira o sugestivo cartaz de «não há bilhetes» e isto basta para dar uma ideia, ainda que remota, do brilhante e animado aspecto que apresentava o teatro.

Encontrava-se, para desgraça dos empresários, como quase nunca se vê e até nos corredores dificilmente se podia andar devido à excessiva aglomeração de pessoas.

Os estudantes foram colocando, à maneira de colgaduras, as suas capas nos camarotes e plateia, galanteria à qual correspondiam as damas que ocupavam os referidos lugares oferecendo aos tunos magníficas fitas.

Ao levantar do pano a tuna foi vitoriada, vivas que aumentaram quando começou a tocar a Marcha Real espanhola que o público escutou de pé.

Seguidamente a orquestra interpretou com afinação excelente, uma bonita sinfonia repleta de dificuldades e intitulada «Euterpe», uma jota, «La Fiancé» de Waldteufel e o Pasacalle «Quien vive» de Muras.

No fim de cada uma destas peças, o público expressava a sua aprovação e o seu entusiasmo em delirantes aplausos.

Baixou o pano e um tuno recitou um monólogo. Outro leu do camarote presidencial uma bonita poesia dedicada às damas de Santiago.

A segunda parte foi tão interessante como a primeira.



Um distinto grupo de guitarras e bandolins executou cinco composições, entre elas os «fados» que dois académicos cantaram com sentimento e arte.

Depois Samuel Pessoa, sub-regente da tuna disse, com tanta «veia cómica» que poderia adivinhar-se um actor de primeira, espirituosas coplas cuja série teve que alargar a pedido do público.

A comédia «Dois Estroinas» teve muita graça.

Nela dois estudantes apelam a engenhosos recursos para «fazer» dinheiro e todos os enganos se dirigem a um velho apaixonado que envia uma carta a uma rapariga que vivera na morada dos ditos estudantes, mas que já tinha mudado de domicílio.

A carta caiu em poder dos tunos que se inteiraram das intenções do velho e para poder ficar com os presentes e o dinheiro que aquele dispunha para os gastos da boda, disfarçaram-se com o fim de fazê-lo crer que quando chegasse, como anunciava em carta, que eram um velho amigo e a filha deste.

Com a chegada do velho originam-se situações cómicas de muito efeito.

Depois da representação da comédia, fez-se pela sociedade Foto-Club uma vista fotográfica da sala e mais tarde outra da tuna.

Na terceira parte repetiu-se o «Chaleco Blanco» del Maestro Chuec e foram também muito aplaudidas a *Homenaje aux dames* de Simões de Carvalho e uma *Rapsódia portuguesa*.

Antes da última peça da *velada*, o Presidente da tuna sr. Egas Moniz do camarote da presidência pronunciou um formoso discurso despedindo-se de Santiago.

Respondeu-lhe noutro discurso o sr. Bua que teve momentos de muito efeito.

Com a execução do pasodoble «Tererá», do Hino português e da Marcha Real espanhola terminou esta *velada* da qual guardaremos perdurável recordação.”

24 de Fevereiro - “Pela manhã, às onze, foram obsequiados os tunos com um *lunch*, pelos seus companheiros de Compostela.

Foi servido no salão de descanso do Teatro.

Depois de celebrada a dita reunião os académicos foram despedir-se do Vice-Reitor sr. Troncoso.

No comboio da tarde abandonaram a cidade de Santiago entre vivas e aclamações da multidão.

# VILLAGARCIA DE AROUSA

FEVEREIRO 1898

“Ontem [24 de Fevereiro], ao cair da tarde, chegou a Villagarcia a tuna académica de Coimbra, sendo objecto duma excelente recepção.

Na estação ferroviária, estavam as autoridades e uma multidão de pessoas, entre as quais se contava grande número de damas e *señoritas*.

O agrupamento escolar executou diferentes composições musicais, visitando os centros recreativos, o *Ayuntamiento* e outros edifícios públicos.

À noite celebrou a Tuna um lúcido concerto no Teatro de Villagarcia.

Na manhã de hoje [25 de Fevereiro] sairão em vários carros para Pontevedra.

A música do Hospício e Comissões do corpo estudantil, assim como as autoridades e imprensa irão recebê-los e obsequiá-los à sua chegada com um *lunch* no *Ayuntamiento*.

Há uma grande procura de lugares para o concerto desta noite.

Depois da referida festa artística, assistirão os académicos lusitanos ao baile do «Casino» cuja Direcção lhes obsequiará com um *lunch*.”

# DE VOLTA A PONTEVEDRA

FEVEREIRO 1898

“Às quatro da tarde de ontem [25 de Fevereiro], fez a sua entrada nesta capital, de regresso de Santiago, a brilhante colectividade escolar de Coimbra, entre prolongadas salvas de foguetes, os acordes da Banda do Hospício, os vivas duma multidão imensa e precedida por um lúcido e numeroso cortejo de carros particulares e os em que figuravam distintas comissões que foram esperá-la ao *Alto de Curro*, entre elas uma muito vistosa da imprensa local.

Muitos edifícios públicos e particulares ostentavam desde as primeiras horas da tarde vistosas colgaduras que serviam como marco à multidão de belas pontevedresas, que atiravam fitas e flores à passagem dos filhos de Minerva, com verdadeira profusão, e coroas de louro em abundância que adornavam depois muitos *tunos*.

Dirigiram-se desde a *Puente del Burgo* pelas ruas Real, Herrería e Michelena ao compasso de um alegre pasacalle, acompanhados pela multidão e seguidos pelos carros, à Casa Consistorial, onde descansaram e de onde partiram para as respectivas *fondas* em que se hospedavam.

Uma comissão da Direcção da Tuna, foi saudar as sociedades e imprensa.

Às oito da noite, houve um concerto no Teatro.

Terminando este, passaram os académicos conimbricenses aos elegantes salões do “Liceo Casino” para onde se havia dado lugar às mais distintas damas, organizando-se assim um lucidíssimo baile em obséquio a tão distintos hóspedes, baile este que a galante Direcção teve a delicada atenção de coroar com um esplêndido *lunch* em honra dos estudantes portugueses. No final deste houve brindes. No baile, não decaiu a animação, entre os entretenimentos das damas, os galanteios dos tunos e as atenções fraternas a que todos se dispensavam.

Às três da madrugada, começou o desfile das nossas belezas terminando-se tão grata *velada* muito próximo das quatro horas.

Os tunos saíram no comboio das cinco em direcção a Portugal para dar um concerto na noite de hoje [26 de Fevereiro] em Viana do Castelo.”

# VIANA DO CASTELO

FEVEREIRO 1898

“No sábado [26 de Fevereiro], no comboio-correio, chegou a esta cidade, de regresso de Galiza, a tuna académica de Coimbra.

A recepção foi deveras entusiástica, comparecendo na «gare» do caminho-de-ferro a academia, algumas senhoras da família de académicos e muito povo.

Depois duma afectuosa recepção dirigiram-se os académicos ao teatro Sá de Miranda e ali o sr. Cardiellos Júnior falou em nome da academia desta cidade, proferindo um curto mas bem architectado discurso que lhe valeu uma prolongada salva de palmas.

Seguidamente o sr. Egas Moniz, Presidente da Tuna Académica, agradeceu a recepção que lhe foi feita e levantando diversos vivas foi a academia para o Hotel Central, onde tinha previamente preparados os seus alojamentos.

Durante o dia a Tuna percorreu algumas ruas da cidade, tendo por parte da população uma afectuosíssima recepção.

À noite realizou-se o espectáculo no Sá de Miranda que agradou muito.

A elegante sala do Sá de Miranda estava admiravelmente guarnecida de tudo o que em Viana há de mais distinto.

Produzia um efeito deslumbrante.

Neste espectáculo voltou novamente a falar em nome da academia de Viana o sr. Cardiellos Júnior, que fez um brilhante discurso, ao qual respondeu o sr. Egas Moniz, que num belo improvisado manifestou o reconhecimento da academia coimbrã pela recepção que em Viana lhe fora feita.

O académico espanhol que como representante da academia de Santiago de Compostela acompanhou a nossa academia, discursou com um grande entusiasmo, saudando as damas portuguesas.

Depois do espectáculo uma parte da academia percorreu algumas ruas em serenata.”

A Tuna partiu para Coimbra, no dia seguinte, “no comboio expresso, sendo desde o hotel até à estação acompanhada pela academia desta cidade e muito povo.

Quando o comboio partiu foram trocadas entusiásticas saudações entre os académicos, que foram bem impressionados pelas provas de deferência que aqui lhe foram dispensadas.”

## COIMBRA

### MARÇO 1898

No dia 1 de Março, “no comboio da manhã regressou a esta cidade a tuna académica Conimbricense. Era esperada por muitos académicos e grande concurso de povo. Dirigiu-se tocando a casa do seu ilustre regente sr. dr. Simões Barbas, a quem levantou calorosos vivas, a que ele correspondeu com reconhecimento.

Em seguida esteve tocando o Hymno Académico em frente à casa da Associação Académica. Aqui e em todo o trajecto, foram levantados entusiásticos vivas a Espanha, à Academia e autoridades compostelanas, às damas espanholas, à pátria de Campo-amor, etc.

Acompanharam a tuna os distintos académicos compostelanos José Fernandez Tafall, redactor da *Gazeta de Galicia*; José Correia Rivas, Frederico Lopes Linares e José Hernandez S. Thomé.

Na Associação Académica discursou o primeiro daqueles académicos, declarando que a Tuna Compostellana visitaria para o ano a academia de Coimbra.

Respondeu-lhes o académico português o sr. Ferreira Lemos, produzindo um admirável discurso.

Os tunos conservam gratíssimas recordações de Espanha, nomeadamente de Santiago de Compostela.

Vêm muito penhorados pela maneira brilhante como foram recebidos, trazendo todos grande número de ricos laços, alguns com as cores nacionais de Portugal e Espanha, presos a medalhas de prata com a efígie do apóstolo S. Tiago, patrono das Espanhas, oferecidas pelas damas do país vizinho.

Alguns trazem também pequenos crucifixos de prata.

A tuna recebeu as seguintes prendas:

Uma lyra de prata, oferecida pelo círculo mercantil;

Coroas oferecidas pela Academia Compostellana, Atheneu, Casino de Caballeros e Recreio Artístico, destacando-se a primeira, que é riquíssima.

Recebeu grande número de bouquets, sendo um acompanhado de uma mimosa poesia pela *señorita* poetisa Filomena Dato Murais.”

“A tuna deu cinco saraus, sendo 2 em Santiago, 1 em Villagarcia, 1 em Pontevedra e 1 em Viana do Castelo. Os académicos espanhóis retiram depois de amanhã.”

## VISEU

### MARÇO 1898

“A Tuna Académica, de Coimbra, resolveu vir passar três dias a Viseu para se fazer ouvir no teatro Viriato.”

“No comboio do meio-dia, de sábado [19 de Março] chegaram a esta cidade os estudantes de Coimbra, em número superior a 100, e que aqui vieram fazer uma visita aos seus camaradas visienses.

Na *gare* eram esperados por todos os estudantes do nosso Liceu, seminaristas, etc., trocando-se vivas entusiásticos. À chegada do comboio uma filarmónica tocou o Hymno Académico.

Em seguida os estudantes seguidos de muito povo dirigiram-se ao teatro Viriato que se achava vistosamente engalanado e onde houve uma sessão solene.

Falaram vários académicos trocando-se as costumadas boas-vindas e levantando-se vivas calorosamente correspondidos.

Finda a sessão os académicos seguidos da *tuna* que tocava um *passee-calle* foram descansar para os hotéis aonde se hospedaram.

À noite houve espectáculo no teatro, sendo a tuna muito aplaudida nos diversos números de música que habilmente executou devendo especializar-se os bailados das *Horas*, da *Gioconda* que teve um primoroso desempenho.

O teatro apresentava um belo golpe de vista, vendo-se nos camarotes gentilíssimas senhoras da nossa sociedade elegante.

No domingo a tuna foi visitar os seus colegas do seminário aonde foram muito bem recebidos pelo Vice-Reitor, sr. dr. Marques de Figueiredo e todos os seminaristas, havendo saudações afectuosíssimas.

À noite, alguns rapazes fizeram uma *quête* para uma *soirée* que se realizou no Grémio, exibindo-se a tuna e dançando-se até perto das quatro horas da madrugada.

Houve serviço de vinhos e *sandwichs*.

Na segunda-feira a *tuna* partiu para Coimbra, repetindo-se na *gare* as demonstrações de estima a que têm jus os simpáticos rapazes.”

# MEALHADA

## MARÇO 1898

“MEALHADA, 18 de Março – Chegaram aqui às 6 horas da tarde mais de 100 académicos de Coimbra, de todas as faculdades, com o fim de fazerem uma manifestação ao sr. dr. Costa Simões, ex-Reitor da Universidade.

É esperada aqui na próxima quarta-feira [23 de Março] a tuna académica de Coimbra, à qual se prepara uma manifestação de simpatia.

# 1898 - 1899

**Presidente:** António Caetano d'Abreu Freire Egas Moniz

## DIRECÇÃO

**Tesoureiro:** Joaquim José d'Abreu

**1º Secretário:** João da Cunha e Costa

**2º Secretário:** Motta Veiga

**Porta-estandarte:** José Paes Telles

**Regentes:** António Simões Barbas e Samuel Augusto Pessoa

**Sub-regente de Simões Barbas:** Mário Emílio Ochôa

### Grupo de Guitarras

**Director** – A. Pires Martinho de Brito – 2º Direito

António Ildefonso Silva Coelho – 5º Direito

Ricardo Branco Borges de Souza – 5º Direito

Manuel Ribeiro Alegre – 1º Direito

### Grupo Dramático

Raul Mendes d'Abreu – 2º Direito

Adolpho Motta – 5º Direito

Amadeu Ferreira d'Almeida – 2º Direito

Francisco Martins Grillo – 2º Filosofia

Macário Ferreira – 4º Teologia

Francisco Pedro – 3º Filosofia

António Pereira de Souza – 2º Direito

# CASTELO BRANCO

FEVEREIRO 1899

*Caros Colegas*

*Só hoje podemos responder ao vosso amável e atencioso ofício, que nos deu as melhores impressões dessa Academia, a quem nos começaram a ligar desde já, os laços mais estreitos de amizade.*

*Todas as academias devem estar juntas pelo vínculo sagrado de solidariedade, mas nós devemos estar unidos doravante pelo abraço estreito de amigos, que aí vos iremos dar no próximo carnaval, salvo motivos imprevistos, dando em tempo competente os devidos pormenores da nossa viagem.*

*Foi com o maior entusiasmo que acolhemos o vosso convite, e é com um desejo ardente de vos abraçar que nos confessamos dos nossos colegas albicastrenses, amigos dedicados.*

*Coimbra, 10 de Dezembro de 1898*

*Pela Tuna Académica*

*O Presidente*

*António Caetano d'Abreu Freire Egas Moniz*

“Como é sabido, estive entre nós aquela briosa classe de rapazes que veio dar no nosso elegante teatro dois saraus dramático-musicais. Dizer o que eles foram no seu admirável conjunto, equivale que se a ir de encontro aos escolhidos da banalidade. Por isso mesmo, resumiremos o nosso sentir, que é o sentir dos que a eles assistiram, em poucas palavras.

O Carnaval – esse eterno galhofeiro doutras eras, é hoje apenas um pálido e triste simulacro do que foi, passando a sua vida miserável em esgares estúpidos e às vezes indecorosos, pelas ruas.

A sua costumada insipidez foi, porém, este ano ressalvada em parte, pois se o tempo o permitisse, essa pléiade juvenil que nos visitou saberia imprimir-lhe um outro aspecto mais risonho.

A recepção foi brilhantíssima. Teve aqueles retoques de imponência que só costuma revestir grandes festas espontâneas. Assim foi que a população desta cidade correu em massa compacta à estação de caminho-de-ferro, à espera dos garbosos rapazes.

Às 5 horas da tarde do dia 12 do corrente [Fevereiro] a academia do nosso liceu acompanhada da banda, percorreu as ruas da cidade, em caminho da estação. No percurso o povo ia seguindo, de maneira que as ruas tornaram-se intransitáveis.



Seriam 6 horas da tarde, pouco mais ou menos, quando o comboio apareceu nas agulhas. A música rompe com o Hymno Académico e os vivas, entusiásticos e calorosos, confundem-se no espaço com o estralejar dos foguetes. Um delírio!

Organizado o cortejo que era majestoso, deu-se volta às ruas do trajecto que já aqui publicamos no último número.

O entusiasmo sempre crescente, redobrava quando as damas, pelas janelas, lançavam flores à passagem da Tuna, acenando com os lenços e dando palmas.

Nunca vimos a cidade tão bonita como nessa noite memorável. As luminárias postas às janelas, caprichosamente, artisticamente, era dum efeito mágico, encantador.

Depois de percorridas as ruas do trajecto, foi a Tuna recebida no salão nobre da Associação de Castelo Branco, onde lhe foram dadas as boas-vindas.

Presidiu Egas Moniz, presidente da Tuna e quintanista de medicina, convidando para secretários os srs. capitão Rebello e António Grave, presidente da academia albicastrense. Depois de aberta a sessão, o nosso inteligente amigo António Grave, deu as boas-vindas à Tuna de Coimbra, num discurso rendilhado, formoso, cheio de encanto e entusiasmo. O final do seu discurso foi coberto por uma estrepitosa e prolongada salva de palmas. Seguiu-se Egas Moniz que agradeceu a manifestação imponentíssima que a cidade de Castelo Branco acabava de fazer à Tuna de que era presidente. Falou da história deste bom e hospitaleiro povo de Beira, referindo-se mais particularmente à cidade que havia pouco tinha recebido, a ele e aos seus colegas, de uma maneira que excedeu em muito a sua expectativa; foi aqui que ele, orador, fez o seu primeiro exame de instrução primária e era aqui também que vinha fazer as suas despedidas de estudante. Egas Moniz foi igualmente muito aplaudido, ouvido no final do seu discurso vivas às academias, às damas, à cidade de Castelo Branco, etc.

Acabada a cerimónia, dispersaram os estudantes de Coimbra para os seus respectivos hotéis. O jantar correu animadíssimo, com ditos espirituosos cheios de verve e expansão. Depois disto, ainda os estudantes percorreram as ruas, tocando e cantando, enquanto outros se introduziam pelas casas, onde havia bailes.

Assim terminou a noite de domingo gordo.

Na segunda-feira [13 de Fevereiro] o dia apareceu nebuloso, chovendo de espaço a espaço. E foi isto, que infelizmente contribuiu para que não víssemos combates renhidos no jogo do pó. Ainda assim, alguns estudantes alugaram carros passando as ruas da cidade, e atirando com milho em troca das... flores com que as damas lhes retribuíam.

De tarde, a Tuna Académica Albicastrense, saiu da sua casa de ensaio e foi, apesar da chuva, cumprimentar os seus colegas de Coimbra na pessoa do seu presidente, o sr. Egas Moniz, que se achava hospedado em casa do sr. dr. Alfredo Alves da Motta, e onde houve troca de brindes afectuosos.

Às 8 horas da noite, houve *rendez-vous* no hotel Francisco, organizando-se aí uma marcha *aux flambeaux*, em direcção ao teatro.

## Theatro de Castello Branco

### SARAU

PROMOVIDO

PELA

TUNA ACADEMICA DE COIMBRA

SOB A REGENCIA DO PROFESSOR DE MUSICA

DA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

*Dr. Antonio Simões de Carvalho Barbas*

13 - 2 - 99

#### 1.ª PARTE

PELA TUNA ACADEMICA DE COIMBRA

- 1.º *Hymno Academico*. Medeiros
- 2.º *O Tuno Albicastro*, *trense*, *pasa-calle*. S. de Carvalho
- 3.º *Euterpe*, symphonia S. de Carvalho
- 4.º *Habanera*..... \* \* \*
- 5.º *Bernucha*, Jota.... S. de Carvalho

#### 2.ª PARTE

- I. *O Tio Matheus*, monologo por Raul d'Abreu.
- II. Pelo grupo de guitarras:
  - a) *Graciosa*, symphonia..... O. Métra
  - b) *Recuerdo de Santiago*, valsa. Silva Coelho
  - c) *Fados*.
- III. *O Guarda-sol*, cançoneta por Adolpho Motta.
- IV. Solos em viola pelo Ex.º Sr. Dr. Simões de Carvalho:
  - a) *Gavotte*.... S. de Carvalho
  - b) *Rondala*.... S. de Carvalho
- V. *Os estroinas*, comedia em 1 acto (imitação de Castro Soromenho).

#### 3.ª PARTE

PELA TUNA ACADEMICA DE COIMBRA

- 1.º *El Toledano*, *pasa-calle*..... \* \* \*
- 2.º *Le poète et le paysan*, symphonia... Frantz Suppé
- 3.º *Graciosa*, polka.... S. de Carvalho
- 4.º *Surprise*, valsa.... S. de Carvalho
- 5.º *Hymno Academico*. Medeiros

Figura 16 – Programa do espectáculo do dia 13 de Fevereiro de 1899

Esta casa que já de si é muito elegante e passa por um dos melhores teatros da província, estava singelamente ornada com serpentinhas, flores, buxo, máscaras, pastas, etc.

O seu aspecto era deslumbrante. Um golpe de vista formosíssimo.

Levantou o pano. O entusiasmo transformou-se em comoção. A alegria comunicativa irradiou em todos os rostos, fremente, indizível. As palmas, os vivas, retumbando pelo ar, pareciam fazer vir tudo a terra. Pareceu mais um sonho esfumado na fantasia de todos os espíritos, do que uma realidade palpável e imperdível. O que todos sentiram foi uma dessas emoções que o coração cala, e a pena não traduz!

Abriu e fechou o espectáculo pelo tradicional e belo Hymno Académico. A música deliciosa, fina, clássica, tão dúctil como encantadora, tão subtil como harmoniosa.

Aquela *Euterpe*... calemo-nos. O que o coração sente não o dizem os lábios, nem a expressão mais cintilante.

A parte dramática correu, como era de esperar, graciosa e correcta, humorística e bem desempenhada, Adolpho Motta fez uma admirável tricana, tentadora... com uma *graça desenvolta de verdadeira chica*. Um *salero* e uns *tics* cheios de *donaire* e voluptuosidade que iludem cabalmente o olhar mais arguto.

Abreu, um artista; e nisto vai todo o seu elogio. Tem vagas de cómico genuíno, casando ao jeito adequado o *savoir dire*. Que dizer mais?

No meio do espectáculo foi ao palco um grupo de senhoras oferecer à Tuna de Coimbra um lindo e formosíssimo *bouquet* de flores naturais confeccionadas em Lisboa, que muito penhora a Tuna, havendo vivas às damas, e ao povo de Castelo Branco, às academias, etc.

Durante este espectáculo, houve nada menos de 5 discursos. Agradando todos, seja-nos lícito explicitar aqui o do sr. dr. Ramos Preto, que foi uma verdadeira peça oratória, cheia de eloquência, inspirada e quente, em cujo quadro fez realçar a mocidade, livre das *intrigas* da vida prática, no conflito egoísta de *interesses mesquinhos*. Sua ex.<sup>a</sup> foi, justa e merecidamente, saudado com palmas e bravos e muito cumprimentado por todos aqueles que o *compreenderam*...

Arrebatado pelo entusiasmo da ocasião também pronunciou algumas palavras o nosso amigo sr. dr. Anthero Falcão, digníssimo delegado em Idanha-a-Nova, de incitamento aos moços de quem a Pátria muito espera.

Na terça-feira [14 de Fevereiro] a Providência ainda neste dia não se dignou enviar-nos um dia como desejávamos, se bem que um pouco melhor do que o antecedente. Repetia-se, como no anterior, as mesmas cenas carnavalescas. Os briosos rapazes visitaram alguns dos principais pontos da cidade, como o formoso jardim do Paço do Bispo, elogiando-o imenso.

Percorrendo as ruas da cidade, seguiu também a Tuna Académica de Coimbra, sendo por toda a parte vitoriosamente aclamada, e vendo-se nas janelas riquíssimas colchas de damasco de seda à passagem da Tuna. As gentis damas da nossa sociedade, como toda a gente enfim, foram-lhe extremamente pródigas em flores, vendo-se as ruas sempre cheias. Entrou a Tuna em várias casas, como a dos srs. dr. Alfredo Motta, José Olaia, Luiz Fevereiro Paiva Pessoa; onde estava hospedado o distinto maestro dr. Simões Barbas, que foi sempre alvo das mais vivas demonstrações de simpatia, e nas quais lhes foram servidos abundantes *copos d'água*.

Às 8 horas da noite e novamente à porta do hotel Francisco, reuniram-se os nossos académicos com os de Coimbra, para em marcha aux flambeaux se dirigirem ao teatro.”

“O 2º sarau correu da mesma forma, animadíssimo. O mesmo delirante entusiasmo, a mesma franca alegria. Correntes magnéticas estabelecidas duns para outros corações, permutavam e estreitavam todas as almas, numa mesma comunhão de pensamentos.”

“A mesma música no sentimento e na correcta execução dos seus intérpretes. A mesma graciosidade no desempenho da parte dramática. As mesmas palmas e bravos, senão mais, de todos os espectadores, ovações estrondosamente ensurdecedoras.

No princípio da 2ª parte do espectáculo, a Tuna Académica Albicastrense foi ao palco tocar um primoroso *passe-calle* oferecido aos seus colegas de Coimbra e composição do nosso amigo e hábil maestro Jesus Escoto. Foi muito aplaudido. Em seguida o nosso bom amigo sr. António Grave, pronunciou um lindo discurso, verdadeiramente encantador, depois do qual fez entrega da rica pasta que a academia albicastrense ofereceu à Tuna de Coimbra. O sr. Grave, como presidente da academia, congratulou-se pelo bom êxito das festas e agradeceu, mais uma vez, a honra da visita que a Tuna conimbricense tinha feito a esta cidade, a convite da academia de Castelo Branco. No final do seu discurso recebeu uma ovação muito significativa e honrosa, que bem traduziu quanto foram apreciadas as palavras do inteligente académico.

Respondeu-lhe Egas Moniz, sempre fluente e inspirado, correcto e mimoso, que produziu um discurso de primeira ordem. Referiu-se à instrução do povo, e disse, com muita verdade, que eles eram também operários: - operários da civilização e do progresso mais pelo cérebro que pelo braço. Conservou por algum tempo suspensa nos seus lábios a assembleia numerosa e selecta, sendo muito saudado.

Assim correu o espectáculo, deixando em cada espectador uma impressão agradavelmente sensível.

**SARAU**  
PROMOVIDO  
PELA  
TUNA ACADEMICA DE COIMBRA  
SOB A REGENCIA DO PROFESSOR DE MUSICA  
DA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
*Dr. Antonio Simões de Carvalho Barbas*

14 — 2 — 99

2.<sup>a</sup> PARTE

- I. *As mulheres*, monologo por Adolpho Motta.
- II. Pelo grupo de guitarras:
  - a) \* \* \*, pasa-calle. *Mansilha*
  - b) *Pavana* . . . . . *Lucena*
  - c) *Jota* . . . . . *Macedo*
  - d) *Fados*.
- III. *De Paris*, cançoneta por Francisco Pedro.
- IV. *Guerra aos Nunes*, comedia em 1 acto.

1.<sup>a</sup> PARTE

PELA TUNA ACADEMICA DE COIMBRA

- 1.<sup>o</sup> *Hymno Academico*. *Medeiros*
- 2.<sup>o</sup> *O Tuno Albicastrense*, pasa-calle. *S. de Carvalho*
- 3.<sup>o</sup> *Le poète et le paysan*, symphonia . . . *Franz Suppé*
- 4.<sup>o</sup> *Volkeslied*, Romance sans parole . . . . . *Mendelsshon*
- 5.<sup>o</sup> *Bernucha*, Jota . . . . . *S. de Carvalho*

3.<sup>a</sup> PARTE

PELA TUNA ACADEMICA DE COIMBRA

- 1.<sup>o</sup> \* \* \*, pasa-calle . . . . . \* \* \*
- 2.<sup>o</sup> *Euterpe*, symphonia *S. de Carvalho*
- 3.<sup>o</sup> *Mazurkas*, 43 e 48. *Chopin*
- 4.<sup>o</sup> *Surprise*, valsa . . . . . *S. de Carvalho*
- 5.<sup>o</sup> *Hymno Academico*. *Medeiros*

Figura 17 – Programa do espectáculo do dia 14 de Fevereiro de 1899

No final e depois de uma estrepitosa salva de palmas, foi a Tuna chamada muitas vezes, sendo alvo de muitas aclamações, aparecendo os académicos de Coimbra, empunhando taças de *champagne* que lhe foi oferecido pelo sr. dr. Alfredo Alves da Motta, e brindando à academia albicastrense, damas, que dos camarotes acenavam com os lenços...

Com esta nota alegre muito significativa, terminou o 2.<sup>o</sup> e último sarau, que jamais se apagará da memória.”

# COIMBRA

MARÇO 1899

3 de Março de 1899 – “O sr. dr. Simões Barbas, distinto professor de música da Universidade deixou a presidência da «Tuna Académica».”

17 de Março de 1899 – “A Tuna Académica é, como o público muito bem sabe, uma ilustrada e deveras simpática associação de estudantes amadores de música.

É já muito apreciada não só nesta cidade mas por esse país fora, e até no estrangeiro; e com muita razão porque é muito distinta entre as que mais o são. Efectuou-se definitivamente a junção desta com a Associação Académica, facto que se realizou com alegres demonstrações de regozijo, visto que assim deverá a Tuna ter um futuro próspero e duradouro, como todos desejam que tenha, pois que para isso tem muitíssimos merecimentos.”

# COIMBRA

ABRIL 1899

“Não se descreve o entusiasmo que reinou por toda a cidade, a propósito do *Centenário da Sebenta*. Não foi só a academia que possuiu deste sentimento; toda a cidade e todas as classes se interessaram pelo monumental *charivari*; e não só a população da cidade, mas de outras muitas terras vieram presenciar a brincadeira mais ruidosa e mais divertida que jamais se terá visto nestes reinos e seus domínios.

Enfim a paródia foi completa e com todos os pormenores dos grandes centenários a sério.

Os hotéis, cheios de forasteiros.

Principalmente famílias de estudantes, parentes e aderentes e os folgazões que folgam com a nota alegre e divertida da mocidade, não faltaram ao estrondoso *centenário*.

E na verdade, *se bem o disseram, melhor o fizeram*.

O Centenário da Sebenta, ficará assim assinalado brilhantemente nos anais da academia. Excedeu toda a expectativa principalmente o cortejo e sarau.

É-nos impossível dar nota completa da impressão alegre e espirituosa que ele deu.

O *Hymno da Sebenta* é delicioso e a execução por mais de 500 vozes foi encantadora. Todos os números do programa habilmente executados e freneticamente aplaudidos.

Hoje e sempre há-de falar-se do *Centenário da Sebenta*, como um facto que deve orgulhar a academia de 1899, a quem entusiasticamente saudamos.”

Theatro-Circo Príncipe Real



## Sapau de Gala

COMMEMORATIVO DO CENTENARIO

da

# "SEBENTA"

Noite de 29 d'abril  
de 1899.



**Figura 18 – Folha de sala do espectáculo do dia 29 de Abril de 1899**

“29 de Abril – O espectáculo começou com o Hino da Sebenta, engraçada composição de Luís de Albuquerque, em que entravam muitos estudantes no palco e toda a plateia depois, entoando o *refrain* de uma conhecida canção popular.

O hino foi bisado e muito aplaudido, sendo o seu autor saudado com grande ovação e coberto de flores.

## 1.ª PARTE

### Hymno da "Sebenta"

executado pela orchestra e cantado pelo *Orpheon da « Sebenta »*

*Letra de Mario Esteves d'Oliveira*

*Musica de Luiz Pinto d'Albuquerque*

## JUBILEU DOS CALOIOS

conferido pela Commissão d'honra do Centenario

Representação da peça commemorativa  
do Centenario

### AUTO DA "SEBENTA"

farça em verso, em 1 prologo e 2 quadros,  
original de *Affonso Lopes-Vieira*

#### FIGURAS

SANTA SEBENTA . . . . .	Emygdio Coelho
O ESPECTRO D'EL-REY D. DINIZ . . . . .	João Eloy Cardoso
EUZEBIO, <i>aspirante a urso</i> . . . . .	Alberto Costa ( <i>Pad Ze</i> )
JOANNINHA, <i>servente</i> . . . . .	Manuel Barbosa
ROSALINO, <i>poeta épico</i> . . . . .	Alberto Pinto de Lemos

#### TITULOS DOS QUADROS

I — *Œ'um quarto da Alta.* II — *O nicho da Santa.*

## 2.ª PARTE

### Tuna Academica de Coimbra

<i>Tango</i> . . . . .	Samuel Pessoa
<i>Raymond</i> , symphonia . . . . .	Ambrosio Thomaz

### Canções populares

pelo *Orpheon da « Sebenta »* sob a direcção de Luiz Pinto d'Albuquerque  
Com versos de Affonso Lopes-Vieira

- I — *O estalado*
- II — *O vira*
- III — *A moda da Ritta*
- IV — *Canção de Touraes.*
- V — *Violetas*

### Senhor, não!

Poesia de Dom Thomaz de Noronha, recitada por Luiz Lereno

Figura 19 — Programa do espectáculo de dia 29 de Abril de 1899



### 3.ª PARTE

## Bailados da "Sebenta"

Composição de Dom Thomaz de Noronha, musica do maestro Ponchielli

### *Primeiras figuras*

Manuel <i>das Barbas</i> . . . . .	Eugenio Pimentel
Maria <i>das Barbas</i> . . . . .	Paes Telles
<i>Espantoso</i> . . . . .	João Centeno
Herminio <i>dos oculos</i> . . . . .	Antonio Macieira
Cupido . . . . .	Manuel Barbosa

### *Corpo de baile*

#### BAILARINOS

Portelheiro  
Vianna  
Vasco Vasconcellos  
D. Vicente da Camara  
Trancoso  
Arnaldo Freire

#### BAILARINAS

Aguiar  
*Néné*  
Marrecas Ferreira  
A. Costa  
Ferreira d'Almeida  
Luiz Graça.



### FINAL

*Grande symphonia astral e vagneriana*

(NUMERO DE SURPREZA)

Figura 20 – Programa do espectáculo de dia 29 de Abril de 1899 (cont.)

Em seguida, como na sala estivesse gente de mais, em virtude de terem entrado muitos académicos sem bilhete, o comissário Lemos declarou que o espectáculo não podia continuar sem que a sala se evacuasse, entrando de novo só os que estivessem munidos de bilhetes.

Esta resolução do comissário provocou muitos protestos, tanto mais que o comissário, para satisfazer a sua ordem, fez entrar na plateia a força armada.

O capitão Lemos foi apupado, mas, por fim, toda a gente saiu, tornando a entrar apenas limitado número de espectadores.

No entanto, o barulho e a confusão foram medonhos, havendo muitos estudantes que se indignaram com o procedimento do comissário, e só o muito sangue-frio da comissão promotora dos festejos pôde contê-los.

O espectáculo só começou às onze horas da noite..."

"A segunda parte do espectáculo de ontem [29 de Abril] foi magnífica, sendo muito aplaudidas as canções populares cantadas pelo Orfeão da Sebenta, dirigido por Luís de Albuquerque, e os bailados compostos por D. Thomaz de Noronha, onde vários rapazes, vestidos de bailarinos, fizeram as delícias da assistência, em especial o estudante Barbosa, que fazia de Cupido. Também foi muito aplaudida a tuna, havendo repetição do Hino da Sebenta.

O espectáculo terminou às duas da manhã..."

# 1899 - 1900

**Presidente:** José de Mattos Sobral Cid

**Regente:** Francisco Lopes Lima de Macedo

Alfredo Tinoco  
Afonso Rodrigues  
Alves de Sousa  
Armando Macedo  
Alberto Pereira d'Almeida  
L. Alberto de Oliveira  
António Martinho de Brito  
Visconde de Fontoura  
José Collaço Alves Sobral  
Abílio Justiça  
Abraão de Carvalho  
Júlio Vieira da Fonseca  
Afonso Amorim  
Manuel Teles  
J. Batista Rodrigues  
João Brandão de Carvalho  
Francisco Martins Grillo  
Raul Duque  
Mário Duque  
Alfredo Rêgo  
António Saavedra  
M. Joaquim Pires

A. da Silva Pimenta  
Luiz José da Mota  
J. Assunção Ferraz  
J. Ferreira Sucena  
António de Aguiar  
Hipólito Carmona  
Eduardo Barbosa  
Pedro Gouveia  
Albino M. Saraiva  
Aníbal Dias  
Jacinto M. de Oliveira  
Francisco Pedro  
António Marques  
Ernesto Nunes Lobo  
Pedro Morais Campilho  
Mário Emílio Ochôa  
Amadeu Ferreira de Almeida  
Abílio Pinto de Lemos  
José Sobral Mattos Cid  
Pais Teles  
Abel Veiga  
Bernardino de Carvalho



Figura 21 – Tuna Académica de Coimbra 1899/1900

# SALAMANCA

## FEVEREIRO 1900

“Uma hora antes da chegada do comboio-correio de Portugal, encontrava-se, ontem à noite [23 de Fevereiro] a *gare* e imediações da estação de caminho-de-ferro de Salamanca materialmente invadidas pelo numeroso público que apareceu para receber a Tuna, cuja visita se tinha vindo a anunciar.

Ali se encontravam alguns dos indivíduos da Comissão escolar, a Tuna Salmantina e grande número de estudantes que levavam à frente as quatro bandeiras das faculdades universitárias.

A chegada do comboio foi recebida com calorosos vivas a Espanha e Portugal, lançados pelos estudantes de ambas as nações, e por nutridas salvas de palmas. Acompanhavam a tuna de Coimbra, que enchia três vagões de 2ª classe, desde Ciudad Rodrigo, os elementos da Comissão que haviam saído de Salamanca pela manhã para recebê-los.

Depois dos cumprimentos de rubrica organizou-se a comitiva, a qual se pôs em marcha precedida de 50 “faróis” que o Ex.<sup>mo</sup> *Ayuntamiento* havia cedido para este fim.

Atrás formaram-se as Estudantinas Salmantina e a Tuna de Coimbra, rodeadas dos demais estudantes e seguidas de imensa gente.

Na *Puerta de Toro* juntou-se a Rondalla «Hijos del Trabajo», e todos juntos, ao compasso dos pasodobles que tocaram alternadamente, chegaram pela rua de Zamora até à *Plaza Mayor*.

Todo o trajecto por onde passaram os estudantes, estava cheio de gente, e os balcões das casas na sua maioria com colgaduras e “faróis”.

A recepção feita à Tuna de Coimbra foi bastante carinhosa e entusiasta.

Os vivas e aplausos não cessaram um momento, até que se dissolveu a comitiva na *Plaza*.

Os portugueses deslocaram-se para as *fondas* onde se hospedam para jantar e para se vestirem, para depois visitarem os salões do Círculo Mercantil, onde se celebrava um baile em sua honra.

Este resultou brilhantíssimo e muito ao gosto dos nossos hóspedes, entusiasmados pela beleza e elegância das *señoritas* que havia no Círculo.

A Tuna de Coimbra interpretou admiravelmente a Marcha Real espanhola, que foi recebida com vivas a Portugal, a Espanha, a Salamanca, às meninas salmantinas e aos estudantes, e com aplausos estrepitosos.

A Direcção obsequiou com doces as senhoras, e com licores e cigarros os estudantes.

Houve brindes eloquentes, em que os portugueses e salmantinos fizeram eco da fraternidade que todos sentiam, e do afecto e simpatia que a todos nos unem.

O baile, a cada momento mais animado, terminou depois das três da madrugada.

“À uma da tarde [24 de Fevereiro] visitaram os estudantes portugueses a Universidade.

Foram recebidos no meio de entusiásticos vivas e aplausos pelos estudantes de Salamanca.

O sr. Reitor esperava-os na *Paraninfo*, onde entraram tocando a Marcha Real espanhola.

Ocupava o sr. Esperabé a poltrona presidencial, tendo à sua direita o sr. Mattos, Presidente da Tuna de Coimbra, e à sua esquerda o sr. Nóvoa, da comissão de Salamanca.

Depois de ter acabado de tocar a tuna portuguesa, o sr. Reitor dirigiu a palavra aos estudantes, e num sentido discurso deu-lhes as boas-vindas, aspirando para que a união entre os dois países seja firme e sincera, e para que se chegue a estabelecer em ambas as universidades (de Salamanca e Coimbra), uma cátedra de literatura e língua portuguesa na primeira, e de literatura e língua espanhola na segunda.

Elogiou os belos dotes que adornam o sábio Reitor da Universidade de Coimbra, e terminou dando vivas a Portugal, à Universidade de Coimbra e ao seu Reitor.

Foi justamente aplaudido.

O sr. Cid, Presidente da Tuna de Coimbra, pronunciou em seguida uma eloquente improvisação, em que realçou as glórias da nossa pátria, de cuja história se mostrou profundo conhecedor.

A tuna tocou o Hymno Académico.

Depois o sr. Reitor obsequiou com doces e licores aos estudantes de Coimbra e estes fizeram a entrega de uma preciosa fotografia, em que aparecem todos retratados e onde se lê uma respeitosa dedicatória.

Acompanhados do sr. Reitor os estudantes visitaram as aulas, a biblioteca e demais dependências da Universidade.”

“Da Universidade deslocaram-se ao Governo civil, onde foram recebidos atentamente pelo sr. Baztán (don Francisco Javier) filho do sr. Governador e obsequiados esplendidamente com doces, licores e tabacos.

Às cinco tinham pensado visitar o excelentíssimo *Ayuntamiento*, mas foram avisados oportunamente de que não esperavam a sua anunciada visita até hoje às onze da manhã.”

“O concerto no *Liceo* foi uma enchente completa. Público distinto, o mais brilhante da cidade, ocupa os lugares. Nos camarotes, plateia e *butacas*, muitas caras bonitas e muitos trajes elegantes. Algumas *señoritas* vestem o clássico traje de *charra*; outras a típica *mantilla* branca.

Às nove sobe o pano.

Aparece a Tuna de Coimbra, que é apresentada pelo Presidente da de Salamanca, sr. Otero.

Responde-lhe o sr. Mattos Cid, de Coimbra, em inspiradas e correctas frases.

Os portugueses entoam a Marcha Real espanhola e os salmantinos, depois, deixam ouvir os acordes da Marcha portuguesa, sendo ambos os números escutados de pé pelo auditório.

A partir deste momento, os aplausos sucedem-se no teatro e o entusiasmo cresce de uma maneira prodigiosa.

Dizer que os estudantes portugueses foram ovacionados em todos os números do programa excusa de se referir; conhecendo como conhecemos, os salmantinos, a notável organização musical dos simpáticos lusos.

Mais do que verdadeiros aficionados trata-se de professores peritíssimos e, por isso, nada tem de estranho que interpretem admiravelmente música do corte mais clássico e da mais difícil execução.

O programa foi escutado com suma atenção, mas especialmente o grupo de guitarras que constitue um precioso número.

Um estudante português cantou sentidos e harmoniosos fados.

Os *bailados de Gioconda* também agradaram sobremaneira.

Muito bem o director da Tuna sr. Macedo e muito bem também a Tuna Salmantina.

A comédia em 1 acto “Os tios”, proporcionou um agradável momento à assistência. Um estudante português, vestido com faldas e *mantón de Manila*, bailou sevilha, o que foi um delírio de aplausos, vivas e olés.

Nesta obra distinguiu-se Raud d’Abreu, que é um excelente actor.

A batalha de *confetti* e serpentinas, resultou inflamada, e não sei se foi explosiva, porque rebentaram algumas lâmpadas de luz eléctrica. Em alguns instantes era tal o desesperado da luta, que até parecia cheirar a pólvora. Atiraram-se centos de milhares de serpentinas e arrobos de papéis, e quando já se haviam esgotado as munições, transtornados com o ardor da luta, houve quem atirasse até um *sombrero*.

Os estudantes portugueses nomearam Rainha da festa a bela e distinta *señorita* Eufrosia Torres, que vestia um elegantíssimo traje branco. Na plateia ocupada por ela, ondeava a bandeira escolar, e estudantes lusitanos e espanhóis davam guarda de honra à *señorita* de Torres.

Em suma, uma festa deliciosa, que deixará recordações muito gratas em conimbricenses e em salmantinos.”

“Ontem [25 de Fevereiro] às onze da manhã visitou a tuna portuguesa as Casas Consistoriais, em cuja Sala de Sessões foi recebida e obsequiada com doces, licores e cigarros.

Acompanhavam o *Alcalde interino*, sr. Reymundo, os *concejales* srs. García Polo, Fernández Robles, Rivas, Nava, Meca e algum outro que não recordamos neste momento.

O *Alcalde* dirigiu-lhes a palavra, agradecendo a atenção que haviam tido, ao visitar o *Ayuntamiento*, que é a genuína representação do povo de Salamanca.

Aos acordes da Marcha Real espanhola, que saíram tocando os estudantes portugueses na Casa Consistorial, apareceram na varanda, o *Alcalde* e os demais srs. *concejales* que estavam no salão, por cujo motivo houve vários vivas a Espanha, a Salamanca, a Portugal e a Coimbra.

Da Casa Consistorial dirigiu-se a tuna portuguesa ao palácio da excelentíssima *Diputación*, onde eram esperados pelos srs. Alonso, Presidente, e deputados González Domingo, Baz, Luna, Gorjón e Pollo.

Foram obsequiados os portugueses como no *Ayuntamiento* e pronunciaram-se discursos pelos srs. Alonso, González Domingo, Luna e Gorjón. Respondeu-lhes o sr. Mattos Cid, sendo todos aplaudidos freneticamente, em especial os srs. González Domingo e Luna.

Os estudantes portugueses admiraram o magnífico salão de sessões da *Diputación*.

“À uma e meia da tarde realizou-se o banquete em obséquio dos estudantes de Coimbra, organizado pelos da Universidade de Salamanca.

Presidiu o catedrático da faculdade de Ciências, sr. Reymundo, que tinha à sua direita o também catedrático sr. G. Domingo e o Presidente da «Estudiantina salmantina» sr. Otero, e à sua esquerda o Presidente da Tuna de Coimbra sr. Mattos Cid e o estudante da Universidade de Santiago don Angel Cobián y Cañedo.

Próximo da presidência encontravam-se os representantes da imprensa local: o director do *El Adelanto* e um redactor por cada um dos periódicos *El Labáro*, *El Combate* e *El NOTICIERO*, e os elementos da Comissão escolar executiva.

Os demais assistentes, que seriam menos que duzentos, colocaram-se indistintamente nas largas mesas dispostas para o efeito.

O *menú*, selecto e abundante, foi muito bem servido pelo Café Suizo.

Durante toda a refeição reinou grande animação, não cessando de trocar obséquios os festejados e os organizadores e de dar vivas a Portugal e à Espanha.

Ao destapar-se o *champagne* brindaram: o Presidente da tuna de Coimbra; o da de Salamanca, o estudante de Santiago, sr. Cobián; o Presidente da *rondalla* «Hijos del trabajo»; o estudante português sr. Baceller Telles, e o Presidente da Comissão escolar de Salamanca sr. Nóvoa e o vogal da mesma, sr. Casado.

Todos os brindes podem resumir-se dizendo que foram expressão do mútuo afecto e simpatia entre os escolares portugueses e os de Salamanca.

Os srs. González Domingo e Reymundo, terminaram a sessão com eloquentes discursos, dedicados a recordar as glórias universitárias de Coimbra e de Salamanca.

Ambos os respeitáveis professores foram aplaudidos estrepitosamente e levantados em ombros pela juventude estudiosa de Coimbra.”

“Ontem à noite [25 de Fevereiro], às nove, encaminharam-se os estudantes de Coimbra para a estação de caminho-de-ferro, acompanhada de grande número de estudantes desta Universidade, com o objectivo de tomar o comboio de Medina del Campo e continuar até Valladolid, conforme o seu itinerário.

Pouco antes da hora da partida do comboio, apresentou-se na *gare* o Governador civil interino sr. Gil, que participou aos estudantes portugueses que acabava de receber um telegrama do Governador de Valladolid, dizendo-lhe que não lhes consente sair para aquela província; por cujo motivo se viram obrigados a suspender a viagem e a regressar a Coimbra.

Como no inesperado telegrama não se fazia referência de nenhum género, respectiva aos motivos para que não fossem a Valladolid, os estudantes do reino vizinho, foram muitas as versões que circularam e muitos os comentários; inclinando-se a opinião geral a crer que somente razões de índole sanitária podiam ter originado a mencionada proibição.

Resultado de tudo: os estudantes de Coimbra pela ordem que acabava de lhes ser comunicada, fizeram uma reunião e decidiram por unanimidade retornar no primeiro comboio para Portugal.

Efectivamente, esta manhã às quatro saíram para Coimbra.”

Nas primeiras horas desta tarde [25 de Fevereiro, mesmo dia da partida para Coimbra] recebeu o sr. Gil este outro telegrama do Governador de Valladolid:

«Pode permitir V. S. aos estudantes de Coimbra que venham a esta capital. – Governador civil.»

## VALLADOLID

### MARÇO 1900

“Às seis da tarde de ontem [26 de Fevereiro] recebemos na nossa redacção [“La Libertad” de Valladolid] a visita do Presidente interino da Comissão escolar para comunicar-nos que os estudantes de Coimbra não virão visitar-nos para já.

Parece que a Direcção de Saúde se opôs a que viessem a Valladolid, tendo em conta o estado excepcional em que se encontra actualmente o vizinho reino lusitano por motivo da peste bubónica.

À Comissão que se dignou visitar-nos estranhava-lhe tais medidas, por que, se houvesse alguma razão para adoptar-las, deveriam tomar-se logo, não permitindo aos estudantes de Coimbra ir a Salamanca, em cuja capital estão agora a celebrar *veladas* e récitas com grande aplauso dos salmantinos.

Mas o caso é que, ouvindo as advertências da Direcção de Saúde, o ministro da Governação telegrafou, com carácter de urgência, ao



governador civil desta província a fim de que não permita a vinda dos estudantes portugueses a esta capital.

E o sr. governador comunicou-o imediatamente aos estudantes vallisoletanos.

Uma comissão destes saiu no comboio para Medina com o objectivo de avisar os seus companheiros de Coimbra.

Suspendeu-se, pois, toda a classe de preparativos que se estavam a fazer para receber a Tuna Portuguesa.”

A 8 de Março noticia-se o seguinte: “A nossa academia [de Coimbra] recebeu galhardamente o sr. D. Abelardo Pietro Veja, que em nome d’academia de Valladolid veio a Coimbra dar uma satisfação acerca dos motivos porque a autoridade superior não deixou seguir a Tuna Académica para aquela cidade.

Em honra do ilustre delegado houve *sessão* nas salas do *Instituto* que correu muito animada. Presidiu o sr. Sobral Cid.”



**Figura 22 – Tuna Académica de Coimbra com D. Abelardo Pietro Veja**

NOTA:

*Esta fotografia não está referenciada com legenda ou data (tratando-se esta reprodução de uma restauração da original em mau estado de conservação), contudo, pelo artigo anteriormente transcrito sobre a sessão solene, depreende-se que esta fotografia retrata a referida ocasião, localizando-se possivelmente perto das instalações do Instituto de Coimbra, entre 1 e 8 de Março de 1900.*

*Suporta esta conclusão o facto de estar, no conjunto, Francisco Lopes Lima de Macedo Jr. do lado direito do tuno com traje espanhol e José Mattos Sobral Cid respectivamente do lado direito de Francisco Lopes Lima de Macedo. Sendo importante o facto de apenas se apresentar um tuno espanhol, podendo-se auferir tratar-se de um delegado, assim como a circunstância dos tunos de Coimbra estarem preparados com os seus instrumentos, denotando intervenção musical.*

*Encontra-se igualmente nesta fotografia junto da janela do lado direito o dr. Egas Moniz, recém-licenciado, antigo Presidente da Tuna, e está também presente o tuno Mário Soares Duque, mais tarde secretário da Direcção, que se sabe ter entrado “para a Tuna académica em 15 de Janeiro de 1900”.*

“Os estudantes vallisoletanos estão a fazer grandes preparativos para receber dignamente os seus companheiros da Universidade de Coimbra que, provavelmente, chegarão amanhã [18 de Março] a esta capital, acedendo ao galante convite que lhes dirigiram.

Entre os festejos organizados em seu obséquo, figura uma *novillada*, cujos produtos dedicar-se-ão ao povo de Ataquines, na qual tomaram parte vários estudantes aficionados, e será presidida por distintas *señoritas* da localidade.

O acreditado *ganadero* de Rioseco, D. Fernando Cuadrillero, ofereceu para esta corrida um precioso novillo, tendo recebido muitas felicitações por esta oferta.”

“A fim de entrarem em Valladolid em hora mais oportuna que a da chegada do comboio que os conduzia, uma comissão foi recebê-los a Medina del Campo, onde se deteve o núcleo principal da tuna portuguesa.

Uma pequena comissão seguiu para Valladolid.

Os estudantes desta capital reuniram-se na *Acera de San Francisco* à uma da madrugada em número considerável e dirigiram-se à estação às duas, esperando a chegada dos estudantes portugueses.

A comissão destes foi recebida com grande entusiasmo, dirigindo-se ao Hotel Iberia, onde tinham preparado alojamento para todos os estudantes.

Às seis da manhã chegaram os restantes, organizando-se uma grande manifestação, com vivas à Espanha e a Portugal.

Reina grande entusiasmo em Valladolid.”

“O concerto dado esta noite [19 de Março] no teatro Calderón em honra da Tuna de Coimbra resultou brilhantíssimo.

Na execução demonstraram os músicos ser uns verdadeiros mestres.

Repetiram-se vários números.

Nos intervalos deram-se vivas a Espanha, Portugal e à união ibérica, e outras provas de entusiasmo.

Os estudantes de Coimbra e os espanhóis rivalisaram em obsequiar-se mutuamente.

Os cadetes da cavalaria tomaram parte na manifestação.

Os estudantes de Portugal atiravam as capas e deitavam-nas no chão para que as *señoritas* passassem sobre elas.

O concerto foi presidido por duas *señoritas* distintas, ostentando os camarotes as bandeiras de Coimbra e da Universidade de Valladolid, e magníficas coroas de flores naturais, presente dos estudantes portugueses aos estudantes desta Universidade.

Repetiram-se as mesmas manifestações ao visitar a Academia de Cavalaria, cujo professorado, com o coronel à cabeça e todos os cadetes, receberam os estudantes portugueses.

O Presidente da Tuna de Coimbra saudou, em nome dos estudantes de Portugal, os cadetes e professorado da Academia.

Depois mostraram-lhes o bonito edifício, e logo passaram a *Picadero* pequeno, onde lhes serviram um *lunch*, reinando a melhor fraternidade entre os estudantes e os cadetes.

A banda militar acompanhou o acto.

O entusiasmo subiu de nível ao executar-se a jota, que foi bailada no meio de entusiásticos vivas.

Os estudantes, satisfeitos dos obséquios recebidos na Academia de cavalaria, passaram ao *Frontón de Fiesta Alegre*.

Neste local obsequiaram os estudantes da Universidade e os cadetes da Academia de cavalaria aos seus companheiros de Portugal, com um banquete de 220 pessoas, reinando o maior entusiasmo e a fraternidade mais completa.

Depois visitaram a Universidade onde foram os estudantes recebidos pelo claustro e obsequiados com um esplêndido *lunch*.

O segundo concerto celebrado esta noite [20 de Março] no teatro Calderón foi também brilhante.

Depois foram os estudantes para a estação, de volta a Coimbra, sendo alvo de despedidas e aclamações por numerosa concorrência.”

# 1900 - 1901

## MESA DA ASSEMBLEIA

**Presidente:** João Henrique Moreira Ulrich Junior  
e em Fevereiro de 1901: António Aurélio da Costa Ferreira

## DIRECÇÃO

**Secretário:** Francisco Martins Grillo

**Regente:** Francisco Lopes Lima de Macedo

“Nos meados de Dezembro, [a tuna académica] oficiou à direcção da A. A. [Associação Académica de Coimbra] comunicando que se separava desta, pois desejava fazer vida independente.”

## FIGUEIRA DA FOZ

DEZEMBRO 1900

“Como estava anunciado, chegou ontem [sexta-feira, 7 de Dezembro] a esta cidade no *tramway* das 6 horas da tarde a tuna académica de Coimbra.

Na estação aguardavam a chegada dos simpáticos rapazes a direcção do Gymnasio-Club, acompanhada da Philarmonica 10 d'Agosto e de grande concurso de povo que enchia a estação e imediações. Estavam também representadas algumas associações, com os respectivos estandartes.

Logo que o comboio parou, a philarmonico tocou o Hymno Académico, soltaram-se vivas entusiásticos e subiram ao ar girândolas de foguetes.

Organizou-se depois uma *marcha aux flambeaux* indo à frente a Philharmonica e fechando o préstito a tuna tocando um entusiástico *passa calle*.

O cortejo dirigiu-se para o Theatro Príncipe D. Carlos; sede do Gymnasio-Club, onde dispersou.

Pelas 8 horas da noite começou o sarau, que decorreu animado, como era de esperar. Com o seguinte programa:

Primeira Parte

- 1º *Hymno Académico*, dr. Medeiros
- 2º *Entre-acto da Ópera Mignon*, A. Thomaz
- 3º *Campanone*, Ouverture, Mazza
- 4º *Czarda n.º 11*, Danse Styrienne, Michiels
- 5º *El Lisbonense*, Pasacalle, Verguilla

Segunda Parte

- 1º *Aldighiere Junior*, Scena comica por Raul d'Abreu
- 2º *Trabalhos em argolas*, por Pompeu de Seabra
- 3º *Trabalhos athléticos*, por João d'Azevedo
- 4º *Morta galante*, Poesia, por Francisco Pedro
- 5º *Sol-lá-si-dó*, Cançoneta, por Raul d'Abreu

Terceira Parte

- 1º *Blanquito*, Pasa-calle, \*\*\*
- 2º *Tout en rose*, Valse, E. Waldteufel
- 3º *Sylvia*, Pizzicato, Leo Delibes
- 4º *Gioconda*, Bailados da ópera, Ponchielli

Fez a apresentação da tuna num discurso primorosamente burilado o seu Presidente o académico João Henrique Ulrich Junior, seguindo-se o Hymno Académico que foi escutado de pé pelos espectadores e saudado com uma entusiástica salva de palmas. Depois executou a tuna as peças constantes do programa, que tiveram belo desempenho, sendo todas muito aplaudidas, tanto na primeira como na terceira parte do sarau.

Raul d'Abreu, o talentoso amator que possui uma notável aptidão para o palco, disse esplendidamente o *Aldighiere Junior* e a cançoneta *Sol-lá-si-dó*.

Chico Pedro muito bem igualmente na *Morta galante*.

Os trabalhos em argolas pelo sr. Pompeu de Seabra, muito perfeitos, sendo aquele amator bastante aplaudido.

O académico João Eugénio Ferreira pronunciou também um eloquente discurso, sendo este orador, como o que o precedera, entusiasticamente saudado.

O teatro estava repleto, vendo-se nos camarotes as damas mais gentis desta cidade.

A direcção do Gymnasio ofereceu à tuna uma formosa *forbeille* com largas fitas azuis e brancas.

A tuna partiu hoje [8 de Dezembro] para Leiria no comboio das 6 da manhã.”

## LEIRIA

### DEZEMBRO 1900

“Chegou hoje [8 de Dezembro] pelas 9 horas da manhã a *Tuna Académica de Coimbra* acompanhada dum grande número de académicos, muitos dos quais são nossos patrícios.

À estação foram esperá-la a academia leiriense, a *Serenata Collipponense*, os alunos da Escola Distrital, muito povo, algumas filarmónicas, etc.

Na cidade lavra grande entusiasmo para a recepção dos jovens estudantes, e oxalá o tempo não prejudique as manifestações de agrado que se projectam.

Pelas 11 e meia da manhã a tuna visitará a Escola Distrital onde será recebida pelo corpo docente, alunos e alunas, etc.

Visitará também o Lyceu e ali a academia leiriense tenciona oferecer-lhe, para ornamento do seu estandarte, um bonito laço de compridas fitas de seda azul e branca tendo numa das pontas, bordada a ouro, esta legenda: - *À Tuna Académica de Coimbra*. E na outra: - *A Academia Leiriense*.

A *Serenata Collipponense* oferecer-lhe-á também para o mesmo fim, um laço de fitas de seda *moirée* branca, tendo numa das pontas o emblema da *Serenata* com o escudo das armas de Leiria bordado a matiz e na outra legenda: - *Tuna Académica de Coimbra – A Serenata Collipponense*.

Ambos os laços são primorosamente bordados pela sr.<sup>a</sup> D. Amélia Cunha.

Pelas 9 horas da noite principiará o espectáculo no teatro, composto de cenas cómicas, trabalhos de argolas, trabalhos atléticos, cançonetas, poesias e variadíssimos números de música, executados pela tuna de que

é regente o hábil organista da Real Capela da Universidade, sr. Lima de Macedo.”

“Depois das 9 horas da manhã, a «Tuna» que havia sido esperada na gare da estação pelos alunos do Lyceu e diferentes associações, deu entrada em Leiria, percorrendo as principais ruas acompanhada de numeroso povo, que a vitoriava ininterruptamente ao passo que as damas nas janelas também a vitoriavam, espargindo sobre seus membros pétalas de flores.

Além dos executantes da «Tuna Académica» vieram também de Coimbra diferentes estudantes de todas as faculdades universitárias e do Lyceu daquela cidade.

Depois da «Tuna» recolher ao Hotel Liz, onde se hospedou, os académicos espalharam-se por diferentes pontos dignos de visita, e à hora da música congregaram-se no jardim público passeando uns, estadeando outros nos bancos e até nos canteiros, formando dóceis para se abrigarem dos raios solares com as suas capas suspensas na rameada das árvores a que o inverno havia roubado as folhas.

A banda regimental começou o seu concerto pelo Hymno Académico; às primeiras notas desferidas, os estudantes correram pressurosos de todos os pontos do jardim a rodearem o coreto e ao finalizar o hino romperam numa ovação estrepitosa, prolongada, erguendo muitos vivas à banda, ao seu regente, ao regimento de infantaria 7, ao exército, etc.”

“À noite, antes de principiar o espectáculo, os académicos percorreram as ruas em marcha *aux flambeaux* acompanhados pela «Sociedade Artística Musical» que executava o Hymno da Carta, quase abafados pelos brados veementes de todos os rapazes que prestam culto à deusa Minerva. As damas que apareciam às janelas eram saudadas delirantemente, sendo-lhes arremessadas as capas, como se por meio delas os estudantes quisessem enviar todo o calor da sua alma, todo o sentir do seu peito.

Depois das 9 horas com um enchente colossal como poucas vezes temos visto no Theatro D. Maria Pia, principiou o sarau, que decorreu animadíssimo, sendo impossível traduzir todas as impressões que ali nos agitaram em gestos do mais requintado entusiasmo.

Ao levantar do pano, surgiu no palco a «Tuna Académica» tendo à frente o seu hábil regente, sr. Francisco de Lima Macedo, um artista de raça, que em Coimbra goza dos maiores créditos.

O Hymno Académico foi ouvido de pé por todos os assistentes, destacando-se nos camarotes os vultos gentis das nossas conterrâneas ostentando primorosas *toilettes*.

Todos os números musicais foram executados com a máxima correcção e bom gosto, arrancando aplausos sinceros.

Na parte dramática, o académico Raul d'Abreu recitou com fina graça a cena cómica «Aldighiere Junior» e a cançoneta «Sol-lá-si-dó». A pedido recitou a poesia «Lágrima», de Guerra Junqueiro e um monólogo, revelando uma vocação extraordinária para a arte cénica.

Foram admiradíssimos também os trabalhos de argolas por Pompeu Seabra.

O sr. dr. Medeiros, digno professor do Lyceu, que é também um distinto amador de violino e autor do Hymno Académico, foi chamado ao palco e ali calorosamente aplaudido pelos académicos e pelo público.

Dum camarote, um aluno do Lyceu, Ivo, filho da sr.<sup>a</sup> Helena Silva, professora de bordados da Escola Industrial, proferiu com muita naturalidade e notável desembaraço, uma curta mas bem elaborada saudação aos seus colegas de Coimbra.”

“A academia leiriense ofereceu à «Tuna» um quadro com a fotografia do nosso castelo, tendo um dos lados um formoso laço de seda com dedicatória.

A «Serenata Colliponense» também ofereceu para o estandarte da «Tuna» uma larga fita de *moirée*, com dedicatória.”

No fim do espectáculo repetiram-se as ovações e foi calorosa, entre a academia de Coimbra e a nossa, a troca de vivas e saudações; o público tomou também parte nessas manifestações de agrado e todos saíram levando na alma um nítido eco da alegria sincera e comunicativa que deixam sempre as festas da mocidade.”

“Findo o espectáculo, ainda diferentes grupos de estudantes percorreram as ruas em *serenatas*, dedilhando e cantando maviosos fados e canções coimbrãs.

No comboio da 1 hora da tarde de domingo os nossos alegres hóspedes recolheram à lusa Athenas, deixando entre todos os leirienses as mais perduráveis recordações.”



# SANTARÉM

FEVEREIRO 1901

A Tuna Académica de Coimbra “tenciona dar dois saraus no Theatro Rosa Damasceno, nos dias 2 e 3 de Fevereiro próximo.

Como porém é de presumir – segundo a notícia de vários jornais – que o funeral da Rainha Victória de Inglaterra se celebra em 2 do próximo mês, a visita da Tuna transferir-se-á para outra ocasião, por ser este dia considerado de luto e não se permitirem espectáculos públicos.”

“Esteve entre nós a mocidade coimbrã, representada por um punhado de moços alegres, exuberantes de vida sem saudades do dia de ontem, olhos fitos na ilusão de amanhã!

A velha Scalabis, que desde muito esperava ser honrada com a visita de tão ilustres hóspedes, parecia uma outra; despida da sua soturnidade habitual de monja solitária, vestiu-se das suas melhores galas, como uma moça frescalhona, para receber essas almas dos escolares que numa romaria de cantares e de esperanças nos veio recordar, num dia, que este mundo nem sempre é pejado de amarguras e que a sua travessia não é uma fadiga constante sobre espinhos e cardos!

Os telegramas recebidos de Coimbra prenunciavam que a Tuna não visitaria já esta cidade por se ter declarado de luto o dia do enterro da Majestade Britânica.

Telegramas posteriores recebidos pelo Presidente da academia de Santarém, davam, porém, a boa nova de que os estudantes chegariam no dia imediato.

Então, os moços académicos da nossa terra, mensageiros desta notícia, em breve a fizeram conhecida até aos mais recônditos becos da cidade.

E esta frase «Vêm os estudantes de Coimbra» saia-lhes dos lábios, vibrante como um clarim de guerra ecoando por essas ruas que eles palmilhavam, correndo, ansiosos para que todo o mundo o soubesse.

E nós, sem flores nem ilusões porque as durezas da vida nelas têm despedaçado com uma crueldade implacável, sentimos, ao assistir a esses entusiastas infantis, um bem-estar na nossa alma, como se nela poisasse um jorro d’azul do céu, ao vir duma manhã d’oiro!

Às 2 e meia da madrugada de domingo [3 de Fevereiro] abordou à estação o comboio que partira de Coimbra às 10 da noite, conduzindo os estudantes.

A concorrência era enorme: na *gare* não só se viam agrupamentos de estudantes empunhando archotes, como larga afluência de populares.

De Coimbra poucos mais académicos vieram para além dos que formam a *tuna*, perfazendo todos um número de 60. Trazia um dos académicos o guião [estandarte] coberto de fitas de seda multicolores com bordados a ouro.

Os estudantes, a pé e em carros, entraram na cidade, formando-se um grande cortejo; foram depois hospedar-se para os hotéis Duarte e Felippe, onde lhes estavam preparadas as dormidas.

A despeito da madrugada estar fria ainda, não raras janelas se abriram, assomando cabeças femininas numa reverência *pecaminosa* de «sejam bem-vindos!»

O domingo [3 de Fevereiro] foi um dia de verdadeira festa em Santarém. Parece que todas as almas comungavam num igual esforço de vontade para se divertirem à sombra benéfica duma rapaziada foliona, que Minerva abraça num carinho maternal. À hora em que a cidade desperta para as labutas quotidianas, já se viam grupos de estudantes mal dormidos a procurarem ver as belezas da nossa terra e os sugestivos pontos de visita; e as meninas curiosas debruçavam-se para respingarem o movimento das ruas.

Às 10 horas reuniram-se junto ao Hotel Duarte todos os estudantes, não só de Coimbra, mas do Lyceu, Escola Agrícola e Colégios da cidade, formaram um luzente cortejo, que depois de cumprimentar o Reitor do Lyceu seguiu a *Tuna* que executava um alegre *passee-calle*.

A entrada para o Lyceu fez-se tumultuosamente e, num abrir e fechar de olhos, se encheu a vasta Sala dos Actos, onde aguardava a chegada dos estudantes o Reitor sr. padre João Rodrigues Ribeiro. Por este ilustre professor foi dita uma feliz alocação congratulatória em que patenteava manifesto contentamento por ver nesta terra representada a brilhante academia do país; terminou por agradecer a visita honrosa que lhe era feita pelos estudantes de Coimbra.

Respondeu-lhe o quartanista de Direito, Abílio Pinto, dizendo em frase enérgica da união que deve preencher as classes académicas, que representam a vida, o futuro, e a regeneração deste país que, mais do que nunca, no momento actual precisa de esforço de todos para reconquistar o seu crédito vilipendiado e abatido, e termina agradecendo as palavras

encomiásticas que pelo distinto professor foram dirigidas à academia coimbrã.

Levantavam-se muitos vivas aos estudantes de Santarém, de Coimbra e à solidariedade académica.

À saída achava-se no átrio do Lyceu a Banda dos Bombeiros Voluntários que ali foram cumprimentar a *Tuna*, incorporando-se no cortejo até ao Theatro Rosa Damasceno, onde se realizou a *matinée*.

Como esta festa diurna fora pouco anunciada, por ser resolvida à última hora, não houve por isso vasta afluência nas bilheteiras do teatro. No entanto ainda se viram bastantes camarotes ocupados pelas damas da nossa primeira sociedade e a plateia estava regularmente concorrida.

A *Tuna* executou com mestria as peças do programa e o grupo dramático deu um desempenho satisfatório à parte que lhe estava confiada.

O espectáculo acabou às 4 horas da tarde. Findo este, ainda os estudantes aproveitaram umas horas, entre o intervalo do jantar, para fazerem vários passeios, gozando simultaneamente a amenidade do dia, o belo sol acariciador e amigo, que tombava docemente dum azul radioso, que mais parecia de plena primavera.

Antes que badalassem as 7 e meia, hora que foi designada para principiar o espectáculo, os estudantes procuravam os seus hotéis para jantar.

O proprietário do Hotel Duarte, para não desmerecer dos seus créditos, serviu-lhes uma refeição opípara: um *menú* delicado, digno do Hotel mais caprichoso em matéria culinária.

Pela autoridade superior deste distrito, o nosso respeitável amigo dr. Simões Baião, que ali se encontrava hospedado, foi-lhes mandado servir *au dessert* uma taça de *champagne*, e os felizes moços traduziram em efusivos brindes e reconhecimento, e se não cantaram maravilhas do precioso néctar, que tem uma glorificação solene na famosa *Niña Pancha*:

Viu de mon âme  
Je te proclame  
L'astre de nos jours...

é porque tinham a alma *torciollada* pelas conveniências do lugar e as responsabilidades da noite não permitissem uma boémia a todo o pano...

Desde a tarde que fora aberta a bilheteira do teatro: eram disputados os bilhetes, e muita gente ficou a ver navios... por não ter acordado mais cedo.

Havia verdadeiro entusiasmo por essa festa da noite.

A despeito de tudo... a *Tuna* estava no seu posto à hora anunciada nos programas.

A nossa elegante casa de espectáculos apresentava uma decoração simples mas elegante. Com capas de estudantes e colgaduras de Damasco, pendente dos camarotes, assentavam vários instrumentos musicais, numa disposição ordenada a que não eram alheios a boa estética e harmonia.

Toda a Santarém aristocrática assistiu a esta festa e as belezas femininas, que as há, suavemente encantadoras como Virgens de Rubens, vaporosas como sylphides, ostentavam uma larga e deslumbrante representação; as suas *toilettes* de gala rebrilhavam à bela-luz dos Auers.

Todas as *localidades* do teatro estavam ocupadas e a enchente era à *cunha*.

Correu o pano e a *Tuna* abriu com o Hymno Académico – essa adorável inspiração musical que tantas gerações de estudantes têm conhecido – que foi ouvido de pé por todos os espectadores.

O terceiranista de medicina Martins Grillo, belo olhar de talento, falamos, em seguida, dizendo um improviso, que foi um excelente discurso, o quanto vai penhorado e os seus companheiros, com o bizarro acolhimento dispensado pela população santarena. Com uma linguagem literária, verdadeiramente levantada, saía-lhe a frase fácil e correntia como um arroio a deslizar na serenidade do vale; o seu inspirado discurso encantou todo o auditório.

Toda a parte musical do programa foi superiormente desempenhada pelo grupo de executantes, sabiamente dirigidos pela conscienciosa batuta do sr. Lopes de Macedo, organista da Real Capela da Universidade [de Coimbra], que foi aplaudido com justiça por todos os espectadores.

O grupo dramático da *Tuna* representou uma comédia espirituosa, onde por vezes houve pilhas de graça. O público premiou o trabalho dos distintos amadores, palmeando-os com entusiasmo.

Também o quartanista de direito, sr. Ferreira d'Almeida, com um seu colega, desempenhou o belo duo dos *paraguas* da conhecida Zarzuela espanhola, sendo-lhes feita uma frenética ovação, em verdade, merecida.

O decorrer da récita foi interceptado com vivas recíprocos às academias de Santarém e de Coimbra, e todos ficaram bem impressionados com a festa a que tinham assistido.

Terminado o espectáculo, às 11 da noite, saiu toda a massa de gente acompanhando os estudantes que se dirigiam em carros para a estação, a esperar aí o comboio da meia-noite que os conduziu a Coimbra.

A despedida não se fez com o entusiasmo que era de esperar, devido a quê, não o sabemos nós...”

## COIMBRA

### FEVEREIRO 1901

22 de Fevereiro – “Está Coimbra em festa por ter dentro dos seus muros a simpática tuna compostelana.

A academia, o corpo catedrático, a Câmara Municipal, a Associação Comercial, várias outras corporações e o povo conimbricense, estão-se esmerando, como à porfia, em dispensar aos estudantes espanhóis as mais distintas e cavalheiras obsequiosidades.

Entusiástica e vibrante de calorosas aclamações, a chegada da tuna à estação. Em seguida formou-se um majestoso cortejo, precedido da excelente banda dos bombeiros voluntários, que acompanhou em triunfo a estudantina de Santiago até aos Paços das Escolas, onde foi recebida pelo ilustre Reitor sr. dr. Gonçalves Guimarães, conselho de decanos, e corpo catedrático.

Teve lugar na majestosa sala dos capelos a sessão solene em honra dos nossos gentilíssimos hóspedes. Presidência do digno Vice-Reitor, tendo por secretários os respeitáveis lentes decanos de teologia e direito sr. conselheiro Silva Ramos e dr. Paiva Pitta. A sala repleta de altos funcionários, muitas damas, académicos, e representantes de todas as classes. Nos doutorais tomaram assento 30 catedráticos, agrupados por faculdades. Nas galerias, bastantes senhoras das principais famílias de Coimbra. Dentro da teia as duas tunas, tomando lugar junto da escada central, a um e outro lado, os dois porta-bandeiras.

O aspecto da grandiosa sala era tudo quanto há de mais luzente e majestoso.

À entrada dos espanhóis ecoou uma demorada salva de palmas, levantando-se entusiásticos vivas às universidades de Santiago e Coimbra, a Espanha, etc.

O acto principiou pela leitura do officio do illustre Reitor da Universidade Compostelana, apresentando ao da Universidade de Coimbra a tuna de Santiago.

Em seguida o sr. Vice-Reitor leu uma erudita alocução, dando as boas-vindas aos tunos.

Seguiram-se a discursar brilhantemente, saudando com efusão e entusiasmo os académicos de Santiago, o srs. dr. Mendes dos Remédios, dr. Daniel de Mattos, dr. Rocha Peixoto e conselheiro Bernardino Machado.

Em nome da academia de Coimbra cumprimentaram os tunos espanhóis, produzindo formosas e correctas orações, os srs. Santos Monteiro, do 3ºanos de direito, e Costa Ferreira, do 2º de Medicina.

Falou em último lugar, com transportes de eloquência, agradecendo àquela grandiosa manifestação, o Presidente da tuna compostelana, o sr. D. Luiz Cornille, um rapaz vivo, insinuante, em extremo simpático.

Todos os oradores foram calorosamente aplaudidos e alguns até efusivamente abraçados pelos seus colegas.

A esplêndida e memorável assembleia, terminou levantando-se vibrantes saudações à Espanha e Portugal e suas academias.

Pelas 5 horas da tarde os tunos espanhóis vieram aos Paços do Concelho apresentar os seus cumprimentos à municipalidade. Recebeu-os amavelmente a câmara, e discursou brilhantemente saudado os tunos de Santiago o illustre Presidente sr. dr. Dias da Silva.

O sarau no teatro circo decorreu animado, estando a sala à cunha. As duas tunas executaram magistralmente, sendo muito aclamadas. O Presidente da Associação Académica de Coimbra ofereceu ao Presidente da tuna espanhola uma formosa, rica e artística palma, guarnecida com flores artificiais, de que pendiam largas fitas de seda das cores nacionais de Portugal e Espanha.

Durante o espectáculo houve sempre a melhor ordem. Nos camarotes, todos cheios, viam-se algumas das mais consideradas famílias de Coimbra.

A sala apresentava uma distinta ornamentação.

Neste magnífico sarau colaboraram as duas tunas, discursaram o Presidente da estudantina espanhola sr. D. Luiz Cornille, Santos Monteiro, Presidente da Associação Académica, e Matta e Dias; recitaram poesias Dona Mesquita Paul e Chaby; e disseram monólogos Raul d'Abreu, João de Carvalho e Mello Chaves.

Ao digno comissário de polícia sr. dr. Pedro Ferrão, fez a academia, num dos intervalos, uma expressiva e eloquente manifestação de simpatia.”

“Os estudantes espanhóis foram *aboletados* por casa de académicos e por algumas *repúblicas*.”

“Hoje [23 de Fevereiro] realizar-se-á ainda a sessão solene na sala do Instituto, promovida pela tuna académica de Coimbra com o fim de festejar a visita dos seus colegas de Santiago de Compostela.

Amanhã [24 de Fevereiro] de manhã, visita a tuna espanhola os monumentos de Coimbra, as quintas das Lágrimas e Portela, Penedos da Saudade e Meditação, Choupal, etc. À tarde, jantar de gala no Theatro-Circo em honra dos estudantes de Santiago, e à noite novo sarau.

A partida para o norte deve ser na próxima segunda-feira.”

“Seguuiu ontem [25 de Fevereiro] de tarde no comboio misto para Aveiro a tuna compostelana. A despedida foi tão entusiástica e afectuosa como a recepção. Foram à *gare* dar uma adeus cordial e de funda simpatia aos estudantes de Santiago, a Associação Comercial, academia, bombeiros voluntários, com a sua banda de música, numerosas damas e muito povo.

Todas as festas em sua honra decorreram com desusado brilhantismo. O sarau do Instituto, que teve lugar no sábado à noite [23 de Fevereiro], o banquete no restaurante da Sé Velha, e o concerto no Theatro Príncipe Real, que se realizaram no domingo [24 de Fevereiro], foram três festas deslumbrantes, a testemunharem o cavalheirismo e a fidalga hospedagem que esta cidade prestou aos simpáticos académicos de Compostela.

No sarau do Instituto, entre outras apreciáveis colaborações, houve eloquentes discursos dos srs. conselheiro Bernardino Machado, dr. Alves da Horta, lente da faculdade de teologia; dr. Costa Ferreira, Presidente da tuna de Coimbra; dr. José Cid; e de D. Luiz Cronille, Presidente da tuna de Compostela. Todos os oradores foram calorosamente aplaudidos, provocando os mais vibrantes aplausos, uma poesia, expressamente composta para aquele memorável sarau, pela ilustre poetisa do Mondego, sr<sup>a</sup> D. Amélia Janny. Depois das 10 horas principiou o baile, que esteve animadíssimo até ao final.

O opíparo banquete teve uma feição jubilosa de vivo entusiasmo, levantando-se mútuos e eloquentes brindes.

No sarau de domingo a academia fez uma veemente e efusiva saudação de simpatia e reconhecimento ao ilustre Vice-Reitor da Universidade, sr. dr. Gonçalves Guimarães, pela sua distinta e penhorante colaboração nos obséquios aos tunos de Compostela, correspondendo assim por forma nobilíssima à amável apresentação que os precedeu, e lhe foi dirigida pelo respeitável Reitor da Universidade de Santiago.

Aos simpáticos tunos espanhóis foram oferecidos os seguintes brindes: uma formosa palma, pela Associação Académica; um rico álbum

com fotografias de Coimbra, pela Câmara Municipal; uma coroa de folhas de louro e carvalho, pelos bombeiros voluntários; e pela Associação Comercial, uma artística pasta, com guarnições de prata, contendo a mensagem que a mesma corporação lhes dirigiu.

Durante a visita dos tunos espanhóis houve ainda duas imponentes e significativas manifestações de simpatia da mocidade estudiosa, que devemos mencionar: foi uma dirigida ao digno comissário de polícia, sr. dr. Pedro Ferrão; e outra ao benemérito comandante dos bombeiros voluntários, sr. Simões Paes.”



# 1901 - 1902

## MESA DA ASSEMBLEIA



**Presidente:**

dr. António A. da Costa Ferreira

## DIRECÇÃO



**Presidente:**

Francisco Martins Grillo



**Tesoureiro:**

Amadeu F. d' Almeida Carvalho



**Secretário:**

Mário Soares Duque



**Regente:**

Francisco L. Lima de Macedo



Figura 23 – Tuna Académica de Coimbra 1901/1902

# LISBOA

## DEZEMBRO 1901

O comboio conduzindo a tuna e os estudantes de Coimbra chegou à estação da Avenida à meia-noite e 10 minutos [21 de Dezembro], isto é com cinquenta e quatro minutos de atraso.

Muito antes das 11 horas porém, via-se já a *gare*, a sala de entrada da estação, até a calçada do Carmo, completamente apinhados de gente. A academia de Lisboa, estava em grande número, reinando o maior entusiasmo e a mais viva animação.

Por entre a multidão, que se apertava duma forma perigosíssima, viam-se muitas senhoras, podendo-se calcular que eram mais de oito mil pessoas que aguardavam a chegada dos académicos de Coimbra.

Na gare estavam as tunas dos estudantes da Polytechnica e dos estudantes do Lyceu, tendo esta o seu estandarte desfraldado. A primeira era regida pelo sr. Alfredo Mantua e compunha-se de 45 figuras e a segunda regida pelo sr. Carlos Canedo, compondo-se de 36 executantes.

À chegada destas tunas houve um vivo entusiasmo, levantando-se vivas às academias de Coimbra e de Lisboa.

Afinal chegou o comboio, e apenas a máquina apareceu à boca do túnel ressoaram repetidos vivas que se prolongaram até que os estudantes desceram das carruagens.

O entusiasmo então foi delirante, havendo abraços efusivos entre os que se conheciam.

A polícia, sob as ordens do chefe Amorim, auxiliando os estudantes de Lisboa, abriu alas entre o povo que enchia a plataforma, para dar passagem aos recém-chegados, que se fez com grande dificuldade.

A multidão começou a debandar estabelecendo-se um aperto medonho, e em seguida começaram a seguir por sua ordem, os estudantes do Lyceu, da Polytechnica, e em último lugar os de Coimbra.

Desde a chegada dos estudantes até que se organizou o cortejo para o hotel, queimaram-se no antigo pátio do Duque de Lafões muitos morteiros.

Os académicos de Coimbra que compõem a tuna são 50, e vêm acompanhados de cerca de trinta estudantes das diferentes faculdades e do Lyceu de Coimbra.

Aguardavam a tuna a direcção e a mesa da assembleia-geral da Associação dos Jornalistas, que lhes apresentaram os seus cumprimentos, oferecendo-lhes a sede da associação, o que lhes aceitaram, prometendo comparecer, hoje, ali, pelas 4 horas da tarde.

Os cumprimentos repetiram-se depois no hotel, agradecendo os estudantes em termos calorosos o oferecimento que os membros dos corpos gerentes da Associação dos Jornalistas de Lisboa lhes haviam feito.

À saída da estação da Avenida, pela rampa da calçada do Carmo, começou a choviscar, mas isso não impediu que se organizasse logo o cortejo até ao hotel Portuense, na praça do Município, onde se hospedaram.

Na organização observou-se a mesma ordem que trouxeram de dentro da estação.

Na frente tomou lugar a tuna e estudantes do Lyceu com estandarte, seguindo-se a tuna e estudantes da Polytechnica, fechando o cortejo a tuna e estudantes de Coimbra.

Desceram pela calçada do Carmo, tomando pela rua ocidental da praça de D. Pedro e seguiram pela rua do Ouro, rua dos Capellistas e praça do Município, onde a multidão era grande.

Durante o trajecto o entusiasmo era enorme, ressoando repetidos vivas às academias de Lisboa e de Coimbra, e tocando alternadamente as tunas.

Quando chegaram ao hotel, ficaram agradavelmente surpreendidos por verem a ornamentação das salas e dos quartos que era composta de exemplares do *Diário de Notícias* de ontem, que, como se sabe, publicava retratos de vários membros da tuna. Essa ornamentação estava realmente artística e produzia bom efeito.

Depois de instalados no hotel, o Presidente da tuna, sr. Francisco Martins Grillo, estudante de medicina, veio a uma das janelas e proferiu um brilhante discurso em que agradeceu à academia e ao povo de Lisboa a entusiástica recepção e calorosa manifestação que lhe haviam feito.

Respondeu da rua, também com calor, o Presidente da academia de Lisboa, sr. Januário Barreto, saudando a academia de Coimbra e observando que devendo os académicos vir fatigados, que o melhor era terminar as manifestações para descansarem.

Nessa ocasião levantam-se mais vivas, atingindo a manifestação um verdadeiro delírio.

A tuna de Coimbra quando chegou ao hotel era 1h30 da noite, mas o povo que enchia a praça do Município só debandou depois das duas horas.”

“À 1 hora da tarde de ontem [22 de Dezembro], achavam-se reunidos **na Sociedade de Geografia**, além da direcção desta benemerita colectividade, que tão obsequiosamente cedera o seu magnífico salão «Portugal» à Associação dos Jornalistas para a sessão de recepção à Tuna Académica de Coimbra, os corpos gerentes da mesma associação e muitos milhares de pessoas, na sua maioria estudantes e famílias de estudantes e de professores.

Raras vezes, naquele edifício, terão ressoado tão estrepitosas as aclamações e reinado tão vivo entusiasmo.

Assumindo a presidência o sr. Brito Aranha que chamou para seus secretários, além dos srs. Jayme Victor e José Parreira, secretários da mesa da assembleia-geral da Associação dos Jornalistas, os srs. drs. Costa Ferreira, Presidente da Tuna de Coimbra, e Januário Barreto, Presidente da academia de Lisboa, toda a assistência se descobriu e, de pé, ouviu o Hymno Académico, executado primorosamente pela Tuna, coroando a sua execução com calorosos vivas e uma prolongada salva de palmas.

Em seguida usou da palavra o **sr. Brito Aranha**. Muitas palmas e vivas. Dá em seguida da palavra ao **sr. Januário Barreto**, pela academia

de Lisboa, que foi delirantemente aplaudido. Toma em seguida a palavra o **sr. Lourenço Cayolla**, pela Associação dos Jornalistas. Foi muito vitoriado e abraçado.

Sobe ao estrado dos oradores, o Presidente da Tuna de Coimbra, **dr. Costa Ferreira**.

Diz que, acostumado a ver celebrar apenas a grande alegria dos rapazes, não pode deixar de se sentir comovido com esta solenidade.

Faz depois uma eloquente relação dos generosos impulsos da academia, pugnando por tudo quanto é patriótico, justo e digno, tudo quanto vem da luz da liberdade e da voz da independência.

São novos mas são homens, são estouvados, mas têm coração, e por isso é com toda a boa vontade que vêm colaborar na festa de caridade que vai realizar-se.

Termina saudando a Associação dos Jornalistas, a Caixa de Socorros aos Estudantes Pobres, as damas de Lisboa e a Sociedade de Geografia, onde se cultiva uma só religião da Pátria.

É delirantemente aplaudido.

**Rodrigues Cebolla**, pela academia de Lisboa, saúda eloquentemente a mocidade de Coimbra, em nome da alma portuguesa, que hoje, é acolhida de braços abertos pela academia de Lisboa.

Novos aplausos e vivas.

**Domingos Pepolim**, discursa com o fim de pedir à imprensa de Lisboa que agite a opinião do país abrindo uma subscrição para o levantamento, em Coimbra, de um monumento a Joaquim António de Aguiar, cujo nome não deve morrer, porque representa um dos momentos históricos mais solenes da nossa pátria; e também à academia de Lisboa faz igual apelo.

Termina levantando um viva à academia de Lisboa e ao jornalismo português.

**Mário Soares Duque**, declara-se reconhecido pela recepção feita à Tuna e assegura que um facto fica firmado entre a academia e a imprensa, para que uma e outra pugnem pela liberdade da nossa Pátria, sem tréguas nem descanso, são como revolucionários mas como portugueses, levantando a luz, a verdade e a justiça, desde o palácio do rico ao tugúrio do pobre.

Muitos aplausos.

**Leopoldo Saraiva**, pela academia de Lisboa, que é recebido com uma salva de palmas, diz que falaram a Associação dos Jornalistas e a academia de Coimbra, e que ele, orador, quase que melhor fora agradecer

a uns e outros pelo silêncio, em nome da academia de Lisboa, que vem prestar à de Coimbra o culto da sua gratidão.

Foi muito aplaudido.

**Júlio Martins**, Aventura-se em erguer a sua palavra neste momento feliz para dizer que todos os corações dedicam os seus melhores afectos à academia de Coimbra que sempre está enfileirada na hoste dos que querem marchar para a frente, como sempre esteve, indisciplinada mental, como lhe chamou a voz de Anthero e de Theóphilo.

Foi muito aplaudido e abraçado.

**Costa Ferreira**, abraçando o sr. Brito Aranha, diz que nesse abraço, dado ao venerando soldado da paz, abrangia todos os seus confrades e todos os académicos.

**Brito Aranha**, encerrando a sessão, soltou um viva à academia de Coimbra, correspondendo a assembleia com entusiásticos vivas à Associação dos Jornalistas, à academia de Lisboa, etc.”

“Terminada a sessão solene no «Salão Portugal», foram os estudantes à **Associação dos Jornalistas**.

Às três horas e meia, a Tuna Académica do Lyceu de Lisboa chegava à sede da Associação dos Jornalistas.

Grande número de estudantes de várias escolas e muitos populares encheram por completo a rua do *Diário de Notícias* e em frente dos nossos escritórios levantaram calorosos vivas à Associação dos Jornalistas, ao *Diário de Notícias* e a imprensa, vivas que foram correspondidos pelos corpos gerentes da associação, pelos redactores e empregados da nossa folha, que saudaram com entusiasmo a Academia, das janelas do nosso edifício.

Nessa ocasião foram lançadas sobre os estudantes muitas flores.

Ao entrarem no edifício do nosso jornal, eram os estudantes aguardados pela *Tuna do Diário de Notícias*, que executou o seu hino, e por todo o pessoal da nossa folha que, em alas, os aguardava.

Às 4 horas em ponto chegava a «Tuna Académica de Coimbra», à qual foram dirigidas as mais entusiásticas saudações, sendo levantados também calorosos e uníssonos vivas.

A sua entrada foi realmente imponente.

Os corredores que conduzem à sala onde se realizou a recepção, ornamentados com muitos festões de verdura e belas plantas ornamentais, bandeiras, etc., tinham um belo aspecto.

Apenas chegou a Tuna Académica de Coimbra, que era aguardada pela Tuna do Lyceu de Lisboa, fez-se ouvir o Hymno Académico e redobram os vivas.

A nossa *Tuna* saudava-a também executando o seu hino e os académicos vitoriam-na com entusiasmo.

Esse formoso grupo dirigiu-se em seguida para a sala da nossa redacção sempre aclamado.

Teve então começo a recepção.

A sala da redacção do *Diário de Notícias* achava-se ornamentada caprichosamente para a circunstância.

Ao fundo, entre as vastas janelas que a iluminam, levantava-se sobre um estrado um pedestal, composto pelas formas estereotípicas do *Diário de Notícias*, sustentando a bela estátua de Guttemberg, da «Associação Typographica Lisbonense», gentilmente cedida para a cerimónia.

Essa estátua, sobressaía sobre um fundo de palmeiras e plantas exóticas que se estendiam até ao tecto em caprichosas curvas e pelas paredes palmeiras e outras plantas, davam um aspecto lindíssimo a esse salão.

Em uma das paredes, ornamentadas igualmente, destacava-se entre verdura, um caprichoso entrelaçado de todos os jornais de Lisboa e de Coimbra.

Da ornamentação realmente formosa desta sala e que todos calorosamente elogiaram, ornamentação que foi dirigida pelo nosso colega Eduardo Coelho, terão os nossos leitores ideia pelos «croquis» que junto publicamos.

Fortemente iluminado o vasto salão da redacção do *Diário de Notícias*, no qual a Associação dos Jornalistas recebia a gentilíssima visita da Academia, oferecia então o mais belo quadro, em que sobressaíam os trajas negros dos estudantes, que ao centro dela se agrupavam.

A Tuna Académica de Coimbra executou nesse momento o Hymno Académico, findo o qual se levantaram entusiásticos vivas à Associação dos Jornalistas e aos académicos de Lisboa e de Coimbra.

Foi depois servida uma taça de *Champagne*, tomando então a palavra o **dr. Alfredo da Cunha** (*Presidente da direcção da Associação dos Jornalistas*).

Na sua qualidade de Presidente da direcção da Associação dos Jornalistas, disse que lhe cumpria agradecer à Tuna Académica de Coimbra e aos representantes das escolas a sua visita, cumprindo-lhe ao mesmo tempo saudar o brilhante grupo de moços estudantes que tinham vindo transmitir àqueles que tão affectuosamente os receberam, como

que numa transfusão de mocidade e de vida, o entusiasmo e a seiva da sua ardente juventude.

Toma a palavra o **dr. Costa Ferreira** (*Presidente da Tuna de Coimbra*) dizendo que pela primeira vez a Tuna Académica de Coimbra reconhece que foi vencida. Em toda a parte os estudantes daquela cidade têm visto a sua passagem juncada de flores, tem sido ela engrinaldada de louvores e triunfos. Eles conseguiram dominar até mesmo em terras, que todo o esforço português pudera nunca avassalar. Mas agora, em face de tantas provas de estima e de amor, reconhecem-se fracos e a sua fórmula: «chegámos, vimos e vencemos», é substituída por uma outra: «chegámos, vimos e fomos vencidos». Sendo assim só pode manifestar a sua gratidão e todos os sentimentos que lhe vão na alma, exclamando: «Viva a Academia de Lisboa! Viva a Associação dos Jornalistas de Lisboa».

**Morais Pinto** (*Pan-Tarantula*), leu uns espirituosíssimos versos. A estes versos respondeu, daí a minutos, um estudante de Coimbra, fingindo que oferecia a Moraes Pinto um tinteiro – que por sinal era o do director desta folha – nos seguintes termos:

Quis mostrar nosso afecto verdadeiro  
Mas vi logo quão escassa é toda a tinta  
Quão escasso o papel do mundo inteiro  
Quão fraca a pena, e fraco mais quem o pinta.

Renunciei ao intento mais primeiro  
Deitei fora papel, pena e tinta  
E humildemente oferto-lhe o tinteiro.

António Barroso Victorino  
(Quintanista de direito)

**Luiz de Moraes Carvalho**, fez mais uma saudação e agradecimento no desempenho da sua dupla qualidade de jornalista e de estudante.

Toma a palavra **Trindade Coelho** dizendo que só as instâncias cheias de carinho do seu amigo Lourenço Cayolla o podiam levar a usar da palavra neste momento. Não tencionava falar aqui. Mas, visto ser forçado a fazê-lo, dirá que no seu peito não se apagou nunca a chama que o aquecia quando estudante. O seu coração pulsa ainda em unísono e todos os dos que o estão ouvindo. É um estudante de “in illo



tempore”, mas que compreende bem os entusiasmos, as alegrias, as generosidades dos da geração actual.

Um estudante de Lisboa saúda Trindade Coelho como um distintíssimo homem de letras. Saúda-o também, pela sua profissão, como um verdadeiro representante da sociedade, Trindade Coelho compreende, neste ponto, a sua missão, não como um acusador de officio, mas como um verdadeiro representante da sociedade que, em defesa desta, acusa os verdadeiros criminosos, mas que sabe, com igual sinceridade, defender os inocentes.

Fala também **Mendonça e Costa**, como sócio da Associação dos Jornalistas e **Januário Barreto** que disse que desta vez ia separar-se dos seus colegas da direcção da academia de Lisboa, pedia-lhes desculpa de proceder assim, mas tendo falado tantos oradores e tendo-se encarecido tanto os serviços da Caixa de socorros a estudantes pobres, ainda não falara nenhum dos seus protegidos. Era, pois, nesta qualidade, que usava da palavra, para patentear a gratidão que deve a todos os que têm concorrido para a manutenção daquela Caixa, a que ele deve tudo quanto é.

**Carvalho da Silva**, fala em nome da direcção da Caixa de socorros a estudantes pobres, para cumprir um inadiável dever. Não é orador, reconhece-o bem. Mas conta com toda a indulgência dos que o ouvem para que lhe perdoem a ousadia de usar da palavra, o que faz por não poder manter a sua gratidão, por tantas palavras generosas que têm sido dirigidas à direcção daquela Caixa, de que é o mais humilde membro.

Terminados estes discursos cheios de entusiasmo, a *Tuna do Lyceu de Lisboa* saiu da sala, seguida pela *Tuna Académica de Coimbra*.

Redobraram os vivas, entusiásticos, e principalmente quando a *Tuna do Diário de Notícias* repetiu o seu hino, sendo o grupo dos nossos companheiros de trabalho calorosa e affectuosamente saudado, mostrando-se todos os estudantes vivamente penhorados pela gentileza com que o correcto grupo musical os recebia.

As aclamações sucediam-se com entusiasmo, levantando-se vivas à Associação dos Jornalistas, à imprensa portuguesa, à academia, a Brito Aranha, Alfredo da Cunha, Cayolla, e ao Diário de Notícias, para o qual o dr. Costa Ferreira teve referências muito amáveis, e que lhe agradecemos, da segunda vez que usou da palavra.

Os estudantes saíram da Associação dos Jornalistas, seguindo pela rua Larga de S. Roque, desceram as ruas Garrett, do Almada, entrando no

largo do Município onde estão, como dissemos, hospedados no hotel Portuense, à esquina da rua do Arsenal.

Durante o trajecto foram os académicos seguidos por muitos populares.

Às janelas assomavam muitas damas que os estudantes saudavam com vivas calorosos.

Esse grupo era na verdade imponente. À frente a Tuna do Lyceu de Lisboa executando um belo «pase calle», abria o cortejo, que era encerrado pela Tuna Académica de Coimbra que executava igualmente um inspirado «ordinário».

Muitos estudantes e populares seguiram o cortejo.

A Tuna Académica de Coimbra, chegou ao seu hotel depois das 5 horas e meia da tarde, tocando a Tuna do Lyceu o Hymno Académico e levantando-se entusiásticos vivas.”

“A convite dos alunos da Escola Médica de Lisboa, foram ontem [23 de Dezembro] àquele estabelecimento de ensino superior a Tuna de Coimbra e os estudantes daquela cidade, que a acompanharam à capital pela 1 hora da tarde.

Como já eram esperados pelos académicos de Lisboa, houve vivas às duas academias quando a Tuna entrou, tocando, no pátio da Escola.

Estando na secretaria os srs. professores drs. Bettencourt Pitta, director da Escola, José António Serrano, secretário, Branco Gentil, Bello Moares e Hygino de Sousa, foram vestir as suas becas a fim de receberem a academia de Coimbra, correspondendo assim à amabilidade dispensada, há dois anos, aos académicos de Lisboa quando foram recebidos pelo corpo docente da Universidade.

Aqueles lentes dirigiram-se à sala dos actos e ali a Tuna tocou o seu hino, que foi ouvido de pé por todas as pessoas presentes.

O sr. dr. **Bettencourt Pitta** deu as boas vindas aos académicos, felicitando-os por terem há muito acabado as divergências que houve entre a Universidade e as outras escolas de medicina do país.

Em seguida falou o sr. dr. **Bello de Moraes** numa afectuosa alocução, disse aos estudantes que eles eram ali os bem-vindos, porque representavam a mocidade, com todas as suas excelências de coração e qualidades desse espontâneo entusiasmo que faz milagres. Agradeceu-lhes depois a visita, terminando por fazer votos para que, segundo a moderna orientação do ensino, se estreitam cada vez mais os laços de confraternidade e união entre alunos e lentes, caminhando todos irmãos e amigos, com o fito no mesmo ideal, parceiros da mesma cruzada.

Respondeu-lhe, num improviso brilhante o Presidente da Tuna o sr. dr. **Costa Ferreira**. Disse que agradecia comovidamente, não só aquela alta e significativa homenagem, como todas quantas a Tuna tem recebido em Lisboa, tão carinhosas e tão festivas como ainda em vez nenhuma lhes tinha sido dado o indescritível júbilo e a honra de receber. E agradecia especialmente à Escola, como aluno de medicina que era, alimentando a esperança de que, para glória e defesa colectiva, tanto moral como material, da espécie humana, a solidariedade médica havia de afirmar-se cada vez mais larga e intensa, e portanto mais fecunda.

Seguidamente os membros da tuna percorreram as diferentes aulas e mais dependências da Escola, acompanhados sempre pelos lentes e alunos, que vieram ainda em massa até o vestibulo, saudá-los à saída sendo levantados entusiásticos e calorosos vivas.

O grupo académico, saiu da Escola Médica sempre acompanhado por muitos populares, dirigindo-se para o largo do Pelourinho onde lhes foi feita a recepção na Câmara Municipal.

Eram pouco mais de 3 horas quando a Tuna Académica deu entrada no Município, subindo a formosa escadaria da Câmara ao som das calorosas saudações da mocidade académica de Lisboa e muitos populares que a tinha esperado nas imediações do edificio.

À porta da sala das sessões estavam o sr. conde d'Ávila e mais sete membros da comissão.

Ao passo que os académicos iam entrando, o sr. conde d'Ávila e os seus colegas apertavam-lhes afectuosamente as mãos, convidando depois o Presidente da tuna e o porta estandarte a ocuparem as cadeiras onde ordinariamente se sentam os membros da comissão administrativa. Os académicos da Tuna ficaram à entrada desse recinto. Então, tomou a palavra, o sr. **Conde d'Ávila** que disse que a comissão administrativa do município de Lisboa recebia com o maior prazer a Tuna Académica e registava nos seus anais essa visita que representava uma deferência para com a comissão e para com a cidade de Lisboa. Honrando a tuna saudava toda a academia, homenagem que se estendia até à Universidade de Coimbra, cujo filho se honrava de ser.

Esta delicada saudação foi correspondida com uma prolongada salva de palmas dos académicos e do público, e de muitos vivas à cidade de Lisboa, e às academias do país.

Respondeu depois o Presidente da Tuna Académica de Coimbra.

O sr. dr. **Costa Ferreira** dizendo que a visita da Tuna não representa a visita de uns boémios, um passeio agradável à cidade de Lisboa: os

laços que unem a mocidade das escolas iam enfraquecendo, e assim como o enfraquecimento dos organismos é sintoma da decadência dos grandes ideais, o enfraquecimento daqueles laços pode trazer o amesquinamento da vida da pátria: é preciso pois congregar os esforços de todo o país numa federação que se alargue até o estrangeiro: tome-se, pois, a visita da Tuna como uma aspiração para a confraternização dos novos, pela confraternização dos académicos, e como um testemunho da muita consideração que a academia de Coimbra merece o povo de Lisboa...

Estas frases foram saudadas pela Tuna e pelos assistentes, repetindo-se os vivas à comissão administrativa da Câmara Municipal, ao povo de Lisboa e às academias.

A última pessoa que usou da palavra num belo improviso foi o sr. dr. **Matheus dos Santos** que disse congratular-se com a estada dos académicos em Lisboa, naquela sala onde os brasões da cidade e os bustos e retratos de vários homens célebres na história lembram as nossas glórias passadas que Camões immortalizou nos seus «Lusíadas», e rememorando aos académicos que eles representam o futuro, vê neles a esperança e penhor seguro de que ainda teremos dias de grande glória e de que não serão interrompidas as brilhantes tradições do nosso querido Portugal.

Calorosas salvas de palmas saudaram as palavras do sr. conselheiro Matheus dos Santos, e novos vivas à comissão e à cidade de Lisboa foram levantados pelos assistentes.

Então o sr. conde d'Ávila levantou um viva à mocidade académica de Coimbra, outro à Tuna académica e um terceiro à Tuna de Lisboa, vivas que foram correspondidos calorosamente pela multidão.

A Tuna Académica deixou o edifício da Câmara Municipal, executando o Hymno Académico.

Atravessando o largo do Pelourinho, entrou no hotel, seguindo depois até à rua Capello onde entrou no Governo Civil para cumprimentar o sr. governador civil de Lisboa.

Na ausência do sr. dr. Pereira e Cunha que, como dissemos, está há dias incomodado, foram recebidos pelo sr. tenente coronel Correia e o chefe da 1ª repartição, servindo de secretário geral.

Os estudantes estiveram no pátio do governo civil, onde executaram o Hymno Académico e levantaram calorosos vivas ao sr. governador civil, ao sr. tenente coronel Correia, etc.

Próximo das 5 horas, retiraram-se em direcção ao hotel, tocando um inspirado ordinário.

A Tuna da Escola Polytechnica saiu da sua sede para encontrar-se com a de Coimbra na Câmara Municipal; não a encontrando, porém, dirigiu-se ao governo civil, onde então confraternizaram.”

“Esteve animadíssimo o espectáculo de ontem [22 de Dezembro] no Colyseu dos Recreios dedicado pelo sr. António Santos à Tuna académica de Coimbra.

Os estudantes afluíram ali em grande número, e, nos intervalos, o grande boémio *Pad'zê*, da faculdade de direito de Coimbra, entreteve o público com os seus originais discursos, em que chamava Napoleão I rei de Inglaterra, tratava Cleópatra por prima e, nesta toada, conseguia despertar a gargalhada dos espectadores.”

“Brilhantíssima e entusiástica, segundo se esperava, a récita de ontem [23 de Dezembro] no Theatro D. Amélia!

Nunca naquela casa de espectáculos vimos uma enchente igual, como nunca vimos também igual calor nos aplausos, igual espontaneidade nas recíprocas manifestações de simpatia trocadas entre as duas academias, de Coimbra e Lisboa, que ao mesmo tempo incluíam nas suas saudações a Associação dos Jornalistas a quem a festa era dedicada.

Não havia um único lugar vago, e, pelo contrário, nas coxias, de pé junto das frisas, sentados no chão, no palco, do lado de fora do pano, por toda a parte onde podia caber, mais ou menos apertado, o corpo de uma pessoa, lá se via um estudante, de Lisboa e de Coimbra, alegre e irrequieto.

Os discursos foram muitos, e todos traduziram a estreita comunidade de pensamentos e reciprocidade de affectos que unem as academias à imprensa e que faziam com que todos – jornalistas e estudantes – se sentissem perfeitamente à vontade na companhia uns dos outros.

O espectáculo começou às 8 horas e meia, tocando a Tuna de Coimbra o Hymno Académico, que foi ouvido de pé e coberto de aplausos delirantes.

Em seguida, do palco, o Presidente da Tuna, dr. Costa Ferreira, fez a apresentação dos seus companheiros num formosíssimo discurso em que descreveu quanto pelo amor é capaz de fazer um estudante, quer esse amor seja o da sua pátria, que o de um ente estremecido, quer o dum ideal grandioso na ciência ou na arte. Terminou por uma delicadíssima invocação às damas presentes.

Então os representantes dos corpos gerentes da Associação dos Jornalistas foram ao palco cumprimentar o Presidente e regente da Tuna, entregando a este o sr. Brito Aranha um formoso ramo de flores naturais com largas fitas franjadas, e ao sr. dr. Costa Ferreira, Presidente da Tuna, foi pelo sr. dr. Alfredo da Cunha entregue um artístico programa do espectáculo, impresso a cores, e contendo a reprodução dum grupo da tuna, do qual pendiam fitas franjadas a ouro e com a dedicatória e a data de ontem [23 de Dezembro].

## PROGRAMA DO ANO DA MELIA

Segunda feira 23 de dezembro, ás 8 horas da noite

### TUNA ACADEMICA DE COIMBRA

Sarau oferecido á ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS DE LISBOA

Do producto liquido

é beneficiado o cofre da CAIXA DE SOCCORROS A ESTUDANTES POBRES

#### 1.ª PARTE

- 1.º — *Hymno Academico* — DR. MEDEIROS.
- 2.º — *Campanone*, Ouverture — MAZZA.
- 3.º — *Nena Baila*, Gavotte — C. BERGA.
- 4.º — *Czarda n.º VI* — MICHELLIS.
- 5.º — *Rapsodia de canções portuguezas* —  
F. MACEDO.

#### 2.ª PARTE

### O AUTO DA SEBENTA

Farça em verso  
de costumes coimbrãos, em 1 prologo  
e 2 quadros,  
commemorativa do Centenario da  
"SEBENTA"

Original do Ex.º Sr. Dr. AFFONSO LOPES VIEIRA

Coimbra — 1899

#### 3.ª PARTE

- 1.º — *Le Bal des Fleurs* — Gavotte — J.  
D'ALMEIDA.
- 2.º — *Tout en rose* — Suite — WALDTEUFEL.
- 3.º — *Sylvia* — Pizzicato — LEO DELIBES.
- 4.º — *Gioconda* — Bailados da opera — PON-  
CHIELLI
- 5.º — *Marcha Española* — IBO GOTOS.

Figura 24 — Programa do espectáculo do dia 23 de Dezembro de 1901

Continuou a execução primorosa da primeira parte do programa, e, finda ela, falou, em nome da academia de Lisboa, o sr. Leopoldo Saraiva, estudante do curso superior de letras, que respondeu brilhantemente ao discurso do sr. dr. Costa Ferreira, numa curta oração, muito conceituosa e bem modelada.

Tanto este orador, como os que se lhe seguiram, falaram de um camarote de 1ª ordem, reservado pela direcção da Associação dos Jornalistas para a direcção da Sociedade de Geografia e para os Presidentes da tuna académica de Coimbra e da academia de Lisboa.

Usou depois da palavra o sr. dr. Magalhães Lima, em nome da Associação dos Jornalistas. Não podemos dar na rápida notícia que estamos escrevendo, à hora adiantadíssima a que terminou o espectáculo, uma ligeira ideia sequer do discurso do nosso colega, que conseguiu electrizar o público arrancando-lhe entusiásticos aplausos. Foi uma das mais belas orações que lhe temos ouvido!

Pouco antes a comissão da academia de Lisboa fora ao palco entregar ao Presidente da Tuna uma coroa de louros com fitas pintadas e a dedicatória e data.

Seguiu-se na 2ª parte do programa o «Auto da Sebenta», engraçadíssima farsa em verso do sr. Lopes Vieira, desempenhada com muito chiste por estudantes de Coimbra. Era este um dos grandes atractivos do espectáculo e não falharam as previsões de que já anteviam o entusiasmo que ele devia despertar.

Lopes Vieira foi chamado repetidas vezes ao palco envolvido na capa de um estudante e vitoriado com merecido apreço.

No «Auto da Sebenta» cantou um fado o estudante de Coimbra, Viterbo, que teve de o bisar e mais tarde cantar: a instâncias do público que lhe fez grandes ovações, vários trechos de música, e entre eles um da «Cavalleria Rusticana».

Tanto os solos pelos srs. Forte Rebello «violoncelo» e Luiz Ribeiro «bandolim», como as cenas cómicas «Aldeghieri» e «Sol-si-dó» pelo estudante Raul d'Abreu, que imitou perfeitamente o actor Valle, foram aplaudidíssimos.

No 2º intervalo falou o sr. Topolim e recitaram versos os srs. Correia de Barros e Santos Tavares.

Ao subir o pano para a terceira parte, o sr. Januário Barreto, Presidente da academia de Lisboa, saudou brilhantemente a bandeira da Tuna, arrancando aplausos sinceros de todos os que o executaram.

Ainda falou o estudante da Polytechnica sr. Carvalho, um estudante do Lyceu e outros, cujos nomes não podémos fixar.

O boémio Pad'zé recitou um discurso semelhante ao que lhe ouvimos no Colyseu e ao qual nos referimos ontem, sustentando, com argumentos que despertaram gargalhadas constantes, a «these» seguinte: ninguém diga desta água não beberei.

No final do espectáculo, que terminou depois da 1 hora da madrugada, repetiram-se os vivas à academia e à imprensa.

E assim acabou a festa brilhantíssima que trouxe a Lisboa a tuna académica de Coimbra, a qual deixa entre nós as mais simpáticas recordações e os maiores desejos de que breve aqui a tornemos a ver e a aplaudir.”

“A partida da Tuna Académica de Coimbra, realiza-se hoje [24 de Dezembro] às 11 horas da manhã na estação da Avenida.

Antes dessa hora, as Tunas da Escola Polytechnica e do Lyceu de Lisboa, vão ao Hotel Portuense para acompanharem os seus camaradas à «gare».”

“À partida da Tuna, assistiram, além de inúmeros estudantes de Lisboa e de muitas outras pessoas, os srs. Brito Aranha, dr. Alfredo da Cunha e Lourenço Cayolla, representando a Associação dos Jornalistas.

Foram levantados muitos e calorosos vivas às academias de Coimbra e de Lisboa, à Associação dos Jornalistas, no sr. engenheiro Porto, que facultará a entrada gratuita na gare aos estudantes, ao povo de Lisboa, etc.

Poucos momentos antes da partida, o dr. Costa Ferreira pronunciou algumas palavras de saudosa despedida a todos os que tão cordialmente haviam recebido a tuna de Coimbra.”

# COIMBRA

JANEIRO 1902

“Durante muitos anos teve o Club Académico e a Academia Dramática a sua sede no Colégio Real de S. Paulo, na rua Larga. Ali floresceram essas duas instituições mais de meio século, deixando nos anais da Escola superior de Coimbra traços indeléveis dos distintos elementos recreativos que uniam na mais agradável e fraternal convivência os estudantes da Universidade. A Academia Dramática, que teve uma notável influência literária, desempenhou o papel de escola de



declamação, onde iniciaram a sua carreira de eloquência religiosa, parlamentar, forense e tribuniária alguns dos nossos vultos mais notáveis no campo da intelectualidade, em evidência nos dois últimos quartéis do século findo.

Esse edifício, por iniciativa rasgada dum ministro das obras públicas, illustre filho da Universidade, o sr. conselheiro Emydio Navarro, foi arrasado, afim de no seu lugar se levantar uma casa de nobre arquitectura, cuja construção principiou, para sede do teatro académico, etc.

Desde então o Club, hoje Associação Académica, tem andado por casas arrendadas; e o theatro ou Academia Dramática, de todo desapareceu, fazendo a mocidade estudiosa as suas festas de quando em quando no Theatro Príncipe Real.

Neste particular não devemos deixar de estranhar muito que na recente reforma ditatorial da Universidade se não atendesse, como convinha, a este momentoso assunto, decretando-se os precisos meios para a academia possuir, devidamente regulamentada e dotada pelo Estado, uma completa instituição onde a par dos indispensáveis passatempos recreativos, tão necessários aos que estudam, funcionassem a Tuna, o Gymnasio, o Theatro e a Philantrópico-Académica.

A sala de espectáculos poderia servir também para concertos musicais, conferências e torneios de oratória.

A um espírito eminentemente reformador nunca deveria passar despercebido este importante assunto. A parte recreativa, é circunstância preponderante para um bom regímen escolar. É que, sendo o trabalho do estudo um dos que mais cansa o espírito, tem que ser intervalado com agradáveis diversões para, por assim o dizermos, se retemperarem as faculdades intellectuais.

Nesta cidade funciona a douta associação científica e literária, o Instituto de Coimbra, constituída por lentes e estudantes, mas da qual também fazem parte muitos indivíduos estranhos à Universidade.

Pois, não obstante isso, o estado deu ao Instituto, para sua sede, o edifício do Colégio dos Paulistas da Ordem de S. Paulo da Serra d'Ossa, onde tem feito importantes obras e reformas, e concede que seja gratuita a impressão da sua revista na imprensa da Universidade.

Trazemos este exemplo apenas para demonstrar que, se o Instituto é digno e merecedor, como realmente é, do auxílio e protecção official, também, por ponderosos motivos, o governo não se devia esquivar-se a dotar a mocidade estudiosa da Universidade com os meios precisos para convenientemente instalar num apropriado edifício estas suas utilíssimas instituições: Associação Académica, Teatro, Tuna, Gymnasio e Philantrópica.”

“Há grande entusiasmo para assistir ao sarau académico que no dia 22, quarta-feira, se realiza no Theatro-Circo em benefício do cofre da Associação Académica; além da tuna académica, figurará no programa o Auto da Sebenta; por especial obséquio o sr. Luiz Pinto d’Albuquerque ex-regente do orpheon académico, cantará o prólogo dos *Palhaços* e a canção do toureador da *Carmen*; o distinto bandolinista Ribeiro, executante da tuna, tocará a peça de concerto que tanto entusiasmo causou em Lisboa no sarau que a tuna ali deu no Natal; o talentoso amador Raul Mendes d’Abreu dirá cançonetas.

Com mais outros elementos conta a Associação e todos, como os acima citados, exclusivamente académicos.”

## COIMBRA

### FEVEREIRO 1902

“Tem continuado a reunir na sala nobre da Associação Académica a grande comissão académica encarregada da recepção aos estudantes espanhóis [de Valladolid]. Estes, em telegrama, declararam que na excursão que vêm fazer no próximo carnaval, tencionam visitar Lisboa e Porto, dispondo para isso dos dias de carnaval e dalguns seguintes. Não se sabe, por isso, em que dias se realizará a visita, parecendo fora de dúvida que será depois do carnaval.

Devido à incerteza que existe sobre o dia fixo da visita dos estudantes espanhóis, a tuna académica resolveu ontem [3 de Fevereiro] definitivamente em assembleia-geral não realizar no próximo carnaval a projectada excursão a Ourense e a Lugo.

Para apresentar às academias destas duas cidades as devidas escusas por a tuna as não poder, por ora, visitar, partiu ontem [3 de Fevereiro] para o reino vizinho o quintanista de direito Amadeu Ferreira d’Almeida, digníssimo tesoureiro da tuna.

Resolveu mais a tuna em assembleia-geral adiar a visita a Ourense e Lugo para as proximidades das férias da Páscoa.

Entre os números que figuram no programa, organizado pela tuna, de festejos dedicados aos espanhóis, salientam-se uma sessão solene e sarau num dos salões do Instituto e uma visita às salas da tuna, oferecendo-se-lhes por essa ocasião um delicado copo d’água.

Já foram abertas nos diferentes cursos pelos respectivos delegados, as subscrições para fazer face às despesas dos festejos.”

“No dia 17 visitarão os srs. governador civil, comandante da divisão, e officialidade do 23, cujo quartel foi primorosamente ornamentado para esse fim.

Na noite deste mesmo dia, por iniciativa da tuna académica de Coimbra, realiza-se em honra do tunos espanhóis, um esplêndido sarau literário-musical no salão do Instituto.

No dia 18, visita aos monumentos, e grande banquete de despedida oferecido pela academia de Coimbra.”

# COIMBRA

MARÇO 1902

“É hoje [15 de Março] que se realiza o sarau a favor das creches no Theatro-circo. O programa é atraentíssimo figurando nele M.<sup>elles</sup> Faria e Maia, Brandão de Carvalho, e os académicos Fortée Rebello, Ribeiro, Eurico Lisboa e outros.

As distintas poetisas D. Amélia Janny e D. Domitilla de Carvalho recitarão poesias originais que serão distribuídas no teatro.

A parte dramática da tuna representará uma comédia.

A tuna académica tocará os melhores números do seu esplêndido repertório.

Entre os números executados pela tuna, que se apresentará sob a regência do simpático maestro sr. Macedo, figuram os *Bailados da Gioconda*.”

# LUGO

ABRIL 1902

*«Queridos Colegas:*

*Após mil dificuldades tenho hoje o prazer de vos participar definitivamente a próxima visita da Tuna Académica de Coimbra a essa capital nos primeiros dias d'abril.*

*Foram grandes os obstáculos com que lutamos mas maior o desejo de vos abraçar e de corresponder à gentileza que caracteriza os filhos da nobre e altiva Galiza e que tanto em evidência pusestes no modo como recebesteis o nosso delegado Amadeu Ferreira d'Almeida Carvalho. Era dever meu ter respondido à amável e carinhosa carta que me enviasteis, mas quis guardar essa resposta para o momento em que pudesse anunciar-vos a visita da Tuna Coimbra, visita que tanto ambicionávamos.*

*Finalmente vamos em poucos dias ver confundidos num só nossos peitos como confundidos estão de há muito nossos pensamentos, e desse abraço ideal de santa fraternidade em que vai reunir-se a mocidade estudiosa das duas nações da Península,*

*as maiores do mundo perante a História, certamente algo de grandioso ficará – o estreitamento cada vez maior da amizade que une e unirá sempre Galegos e Portugueses, filhos duma mesma raça, nascidos sob o mesmo céu e acariciados pelas brisas dos mesmos rios. E no ante-goço da satisfação imensa que a minha alma vai sentir em brado com todo o entusiasmo:*

*Viva a Península!*

*Viva a Galiza!*

*Aproveitando esta ocasião participo-vos que o Tesoureiro da tuna dr. Ferreira d'Almeida partirá para essa capital no princípio da próxima semana. Em nome da Tuna Académica de Coimbra abraça-vos o vosso companheiro.*

Coimbra, 20 de Março de 1902

O Presidente da Direcção, *Francisco Martins Grillo.*»

“Ao ter-se notícia certa de que chegavam os estudantes de Coimbra à estação ferroviária desta cidade [Monforte] no comboio-correio das vinte e quatro do dia 1 [de Abril], uma grande parte do público apressou-se a recebê-los.

Na gare [de Monforte – antes da chegada a Lugo] não se podia dar um passo por causa da multidão. À chegada do comboio lançaram-se vivas a Portugal e à Espanha, a Monforte e Coimbra, à tuna portuguesa, etc.

O Presidente da tuna dr. António da Costa Ferreira, em eloquentíssimas palavras expressou a satisfação com que chegavam os portugueses a este povo de fidalgos, resumindo muito brevemente os timbres gloriosos da sua história.

Respondendo-lhe com palavras muito afectuosas os Presidentes do Casino e do Liceo Artístico, a quem se havia comunicado a chegada na tarde desse dia.

Com sentimento de todos, foi muito insignificante o obséquio que se lhes fez no salão da Sociedade Benéfico-Recreativa, por não se haver preparado nada de antemão no curto tempo desde a chegada da comunicação dos simpáticos conimbricenses.

Não obstante, estes, com o seu claro critério, compreenderam que aqui mesmo com falta de preparação havia afecto de sobra. Todos os que os rodeavam, buscavam a ocasião de demonstrar-lhes o seu carinho não só por serem nossos irmãos, mas também pela sua ilustração e correção insuperáveis.

Tanto assim é, que o sr. Costa Ferreira e o sr. Martins Grillo, pronunciaram tão calorosos discursos como os que se costumam entre as espumas do *Champagne* e no meio da maior cordialidade, que esta não faltou por parte de ninguém naquele momento.

Ao arrancar do comboio repetiram-se os vivas recíprocos, não cessando os conimbricenses a demonstração do seu entusiasmo até que os perdemos de vista.”

“Segundo estava anunciado, a chegada dos estudantes de Coimbra verificou-se na madrugada de ontem [2 de Abril]; mas sofreu alterações o programa traçado de antemão, uma vez que, ao desembarcar, os estudantes tomaram o caminho da Estação para alojar-se no Hotel Méndez Núñez e consagrar ao descanso algumas horas.

A notícia de que se encontravam dentro de muralhas, circulou com rapidez, e à hora em que se anunciara a sua entrada oficial – onze da manhã – a numerosa gente que os esperava, em vez de os aguardar na rua da Estação, enchia quase por completo a rua *de la Reina* esperando que saíssem da *fonda*.

Às doze e meia saíram os tunos do hotel e dirigiram-se ao Governo civil com vontade de saudar a primeira autoridade da província.

O sr. Urazáiz fê-los passar ao seu gabinete e uma vez ali, o Presidente da Tuna dr. Costa Ferreira com palavra fácil saudou o Governador civil como primeira autoridade da província, a cuja alocação respondeu o sr. Urzáiz com a correcção que o distingue, desejando que da sua estadia na província de Lugo levassem ao seio das suas famílias a mais grata das impressões.

Depois de trocados os correspondentes cumprimentos, executaram os tunos a Marcha Real espanhola e para terminar, a pedido do sr. Urzáiz, o hino académico português, terminando tão grata visita com calorosos vivas a Portugal e Espanha, a Coimbra e Lugo, à Tuna e ao Governador civil.

Depois da visita, a única que se pode dizer ter sido feita ontem [2 de Abril], saiu a Tuna para percorrer as ruas da capital, verdadeiramente atestadas pelas numerosas pessoas que aclamavam os conimbricenses, aclamações que eram por estes correspondidas com vivas a Espanha e a Lugo.

Desde a *calle de San Pedro* dirigiram-se os tunos, ao sair do Governo civil, para o *Ayuntamiento* pela *calle de la Reina*, *Plaza de Santo Domino*, *calle Traviesa* e *Plaza Mayor*.

À sua passagem, dos balcões engalanados com colgaduras, choviam pombas, flores e versos.

Os tunos dando vivas a Espanha, a Lugo e às mulheres espanholas, atirando aos balcões as capas e elogiando com a galanteria própria da juventude estudantil às nossas lindas conterrâneas, chegaram ao *Ayuntamiento* onde se encontrava a banda do município que executou ao chegar da tuna o Hino nacional português.

Recebeu a Tuna na casa Consistorial o *Alcalde* sr. Morandeira Rico, a quem acompanhavam os *concejales* srs. Moure, Rodríguez López de la Peña, Alfonso, Varela Toiriz, Taboada, Varela Sanfiz, Acevedo e não sabemos se algum mais.

Além disso encontravam-se, convidados pelo *Alcalde*, as primeiras autoridades civis e militares, representantes da magistratura, dos centros de recreio, etc.

No gabinete da *Alcaldia* recebeu o sr. Morandeira os tunos de Coimbra, trocando-se os cumprimentos de rubrica e passando depois ao salão de sessões, onde estava preparado o banquete com que a Corporação municipal obsequiava os simpáticos forasteiros.

O banquete celebrou-se no meio da maior fraternidade e boa harmonia, identificando-se lucenses e portugueses com os mesmos sentimentos e as mesmas aspirações.

A quase coincidência das línguas galega e portuguesa, fez com que a conversação desde o começo fosse animada e que, os laços de simpatia se estreitassem mais e mais ao bater dos copos entre espanhóis e lusitanos.

O *menú*, redigido em português, obséquio aos nossos hóspedes (mas condimentado em castelhano), nada deixou a desejar e deu crédito à cozinha do Hotel Méndez Núñez encarregado de servi-lo.

Ao soar o primeiro destapar do *Champagne*, levantou-se para brindar o *Alcalde* sr. Morandeira, seguindo-lhe os senhores Costa Ferreira, Presidente da tuna; Rodríguez López, Soares Duque, secretário da tuna; Vázquez Moure, Ferreira d'Almeida, tesoureiro dos conimbricenses; Tápia, em quem delegaram os directores dos periódicos locais e por último em nome da Comissão escolar lucense o sr. Fernández Vivero.

Não vamos detalhar os brindes, por temor de incorrer em equivocados conceitos, o que seria fácil tratando-se de brindes cruzados entre representantes de duas nações distintas, alguns dos quais não falam o nosso idioma ainda que o seu se pareça bastante.

Temos, sim, de dizer que todos os discursos foram ouvidos com especial complacência; que em todos eles houve como nota característica o desejo da união ibérica, sem prejuízo da independência e liberdade de Portugal nem de Espanha, e que foram interrompidos frequentemente pelos bravos e aplausos dos presentes.

No entanto, devemos fazer constar a eloquência verdadeiramente admirável do Presidente e do secretário da Tuna, galantes na forma, profundos nos conceitos e eruditos, sem a erudição enjoativa e indigesta que tanto abunda.

Teve o sr. Tapia momentos muito felizes que foram correspondidos com grandes aplausos, assim como os demais oradores cujos discursos eram correspondidos com estrepitosos vivas e cerradas salvas de aplausos.

Foi, em conjunto e em detalhe, uma festa muito simpática e grata.

Entre os comensais encontravam-se dois periodistas portugueses, os quais ontem mesmo telegrafaram aos seus respectivos periódicos as impressões da recepção que à Tuna se fez.

O salão estava decorado com simplicidade mas não isento de elegância.

Tão grata festa terminou às quatro da tarde, dirigindo-se os tunos ao hotel e dali para o Teatro-Circo onde devia realizar-se o anunciado concerto no Teatro

Os nossos leitores conhecem o programa do Concerto:

### **Primeira parte**

1. Marcha Real Española.
2. Hymno Académico – *dr. Medeiros*.
3. Campanone, ouverture. – *Mazza*.
4. Sylvia, pizzicato. – *Leo Delibes*.
5. Pasacalles. – *Ibo Gottos*.

### **Segunda parte**

1. Solo de bandolim por D. Luís Ribeiro.
2. Cena cómica, *Milagros de Nuestro Señor*, por D. João de Carvalho
3. Marta, variações; solo de violino, por D. M. Brito Santos. – *H. Farmer*.
4. Pavana Lucena. – As Três graças, *Cochophel*. – Fados, variações em guitarra portuguesa, pelo grupo de guitarras.
5. *O ano passado por água abaixo*, duo dos guarda-chuvas, por D. João de Carvalho e D. Amadeo d'Almeida.

### Terceira parte

1. Nena, baila gavotte. – *C. Berga*.
2. Czarda n. 6 – *Michiellis*.
3. Fout en rose, Suite. – *Waldteufel*.
4. Rapsódia de canções portuguesas. – *F. Macedo*.
5. Marcha Real Española.

Poucas alterações sofreu que em vez de diminuírem, aumentaram os seus atractivos.

O Teatro – não há que dizê-lo – estava a abarrotar.

Nem um lugar vazio, nem uma entrada por vender; podem estar satisfeitos pelo resultado os tunos conimbricenses.

E ao falar do seu resultado, dizemo-lo de todos os aspectos, tanto do ponto de vista económico como do artístico, pois entraram-se muitas pesetas na bilheteira e foram muitos também os aplausos que alcançaram os tunos, o mesmo nas obras pela orquestra como nas interpretadas pelos solistas.

As aclamações repetiram-se, os vivas voltaram a soar e as chamadas à cena do regente e da orquestra em pleno demonstravam a satisfação com que se os ouvia, a tal ponto que pareceram breves a muitos as horas que durou o concerto.

Às oito da noite terminou o concerto e voltavam os tunos ao hotel, com o objectivo de descansar um pouco, que bem o mereciam.

No Casino, concluíram-se as gratas impressões do dia, com chave de ouro, a aristocrática sociedade da *calle Traviesa*.

Contra o que ordinariamente sucede naquele Círculo de recreio, foi a concorrência pontual e numerosa.

A concorrência era muito distinta, pois todos sabemos que é o Casino o centro favorito da *élite* da nossa sociedade.

Muitas mulheres e muito formosas. E não citamos os seus nomes porque pode resultar em lamentáveis omissões.

A Direcção do Casino recebeu a tuna no salão do baile, enquanto a orquestra da *Sociedad* tocava o Hino lusitano.

Trocados os cumprimentos de estilo, soaram os primeros acordes da *vals*, saíram os primeiros pares, e desde já se pode afirmar que reinou a animação mais completa e a alegria mais encantadora no salão, confraternizando lusitanos e espanhóis.

Num dos intervalos foi a Tuna obsequiada pela Direcção com um esplêndido *lunch* e as damas com pastas e refrescos.



Quando nos retirávamos do *Casino* encontrava-se o baile no apogeu do seu brilho e da sua animação e brilho que foram as duas notas características da festa de ontem [2 de Abril] à noite, que é das que se recordam sempre.”

“Foi o dia de ontem [3 de Abril] não menos agitado que o anterior; dir-se-ia, pelo contrário, que aumentou o entusiasmo popular e a prodigiosa actividade dos estudantes para dar atenção a todos.

Depois de uma noite de baile, a que precedera outra noite de viagem e um dia de continuado movimento, seria uma crueldade exigir aos conimbricenses que madrugassem ontem.

Levantaram-se pois, tarde, como era natural, ainda que ao meio-dia, se dispararam foguetes que anunciavam a saída dos tunos do hotel onde se alojaram.

Saíram pois do hotel de Méndez Núñez e dedicaram as horas do meio-dia a cumprimentar as autoridades e Corporações, os srs. Governador civil e militar, o *Ayuntamiento* e a *Diputación*, o Instituto, a imprensa, etc.

Seria aproximadamente uma e meia quando chegou à *Diputación*, sendo recebidos pelo Presidente sr. Pardo Rodríguez, a quem acompanhava o deputado sr. González Alvarez.

Trocaram-se afectuosas palavras entre os tunos e o Presidente da Corporação provincial e depois este obsequiou-lhes esplendidamente com pastas, *Jerez*, *Champagne* e *habanos*, no *salón blanco*, onde os estudantes de Coimbra descansaram um pouco.

Foram depois visitar o edifício na parte que ocupa a *Diputación*, contemplando a amplitude, boa disposição e elegância do edifício.

Da *Diputación* passaram ao Instituto onde também foram esplendidamente recebidos e onde o sr. Portabales lhes deu as boas-vindas num discurso tão transbordante de entusiasmo, tão cheio de esperanças na juventude, tão artisticamente pitoresco, que os estudantes não cessavam de aclamar o veterano maestro, não se podendo evitar que com o entusiasmo os estudantes conimbricenses em triunfo o levantassem sobre os seus ombros, enquanto se diziam vivas a Espanha, a Portugal, ao claustro de Lugo e ao de Coimbra, aos estudantes de ambos os povos, etc.

Passaram logo ao Instituto. Agradou-lhes extremamente a numerosa e bem organizada Biblioteca provincial, permaneceram nalgumas salas e retiraram-se cerca das três da tarde.

Formoso espectáculo era ver as varandas das casas engalanadas e luzindo vistosas colgaduras, detrás das quais se destacavam as lindas caras das nossas vizinhas e conterrâneas.

Um tuno espanhol não conseguindo conter o seu entusiasmo acabou por desfazer o tricórnio ao atirá-lo às varandas. Os portugueses, que não usam tricórnio senão um largo gorro negro, que em forma de barretina lhes cai, atiravam as capas às varandas para recolhê-las depois, adornadas com uma fita, com uma cinta e com umas flores prendidas pelas *señoritas* lucenses como sinal de simpática e grata recordação.

Agradecidos, dos seus lábios não brotavam senão frases de gratidão e de carinho por semelhante recepção que superava todas as suas expectativas e todos os seus cálculos.

Pouco depois realizava-se o segundo dos concertos no Teatro-Circo.

Ainda que não com tanta concorrência como a de quarta-feira, pôde qualificar-se a entrada de muito boa, pois estavam cheios os camarotes e quase cheios os lugares altos.

O programa cumpriu-se no meio de grandes aplausos e aclamações, vendo-se obrigado o sr. D. João de Carvalho a repetir a cena mímica que foi muito do agrado do público.

Também foram muito aplaudidos os panderetólogos que fizeram alarde de agilidade e destreza no manejo do clássico instrumento músico estudantil.

Ao final da segunda parte, o sr. Fernández, em nome do corpo escolar lucense, fez a entrega aos seus companheiros de Coimbra de uma lira de flores que lhes presenteavam como recordação da sua visita a esta cidade *del Sacramento*, trocando-se os discursos de rubrica que foram escutados com o mais religioso silêncio e aplaudidos no final.

Ao terminar o programa de tão grata festa, a assistência, em pé, fez levantar três ou quatro vezes o pano no meio de delirantes aclamações e vivas entusiastas.

Do Teatro dirigiram-se depois os tunos à *Plaza* e pouco depois ao *Círculo de las Artes*, onde estava preparado o banquete que dava em sua honra aquela popular e entusiasta Sociedade.

Ocupando três dos lados do amplo salão de colunas, encontrava-se disposta a mesa, pois assim tornou necessário o grande número de comensais. Nas colunas destacavam-se as bandeiras de Espanha e Portugal, entrelaçadas com ramos e coroas de folhas e flores, elegante e simples decoração que dava ao salão mais simpático e agradável aspecto.

Os sócios que não tinham lugar à mesa, amontoavam-se às portas e enchiam os *divantes*, confraternizando com os comensais, tanto lusitanos como espanhóis, e dando à festa maior animação.

O *menú* foi servido pelo hotel Méndez Núñez, digno de elogio.

No meio da maior fraternidade e na mais completa ordem, passaram a correr as horas da comida, até que ao destapar da primeira garrafa *champagne* o Vice-Presidente da Sociedad sr. Paradela – que presidia ao acto por indisposição do sr. Vázquez, - levantou-se para saudar os tunos, dando-lhes as boas-vindas em nome da Sociedade em frases correctas e breves que foram muito aplaudidas.

Respondeu-lhe num discurso excelente como todos os que tem feito, o secretário da Tuna que pela quantidade e qualidade dos discursos que nestes dias proferiu se acredita um excelente orador, fácil e elegante de palavra, abundante de recursos.

O seu discurso de ontem [3 de Abril] à noite foi muito aplaudido assim como os dos demais senhores que lhe seguiram no uso da palavra.

Foram estes os srs. Rodríguez López, Casanova, catedrático deste Instituto, outro estudante cujo nome não recordamos agora e os srs. Tapia, Fernández Cid e Amor Meilán.

Houve aplausos para todos, apesar da brevidade dos seus discursos, pois o tempo escasseava e os tunos conimbricenses tinham de tomar o comboio-correio das dez da noite.

A orquestra, dirigida pelo maestro Martí, acompanhou o acto, sendo também objecto de calorosos aplausos.

A despedida, por afectuosa e sincera não recordamos que em Lugo se tenha feito outra igual a ninguém desde há muitos anos.

A *Plaza Mayor*, a *calle de la Reina* e a *calle de la Estación* estavam cheias de gente que esperava a passagem da tuna.

Nos balcões e galerias as damas lucenses destacavam-se, apesar da escuridão da noite, como montes de curiosas cabecitas, desejosas de contribuir com a sua presença para a solenidade da despedida.

Agitaram-se lenços e mais lenços, a cuja saudação contestavam os estudantes lusitanos com galanteios e adeuses de despedida, agitando no alto as capas enroladas ao braço.

Os vivas sucediam-se sem interrupção e a gente que se foi juntando à comitiva era em tão grande número, que ao chegar à porta da Estação formava-se já um núcleo de alguns milhares de almas.

Na estação era impossível dar um passo.

Homens, mulheres e crianças, as autoridades, as corporações e o povo em massa amontoava-se forçando para entrar na *gare*.

Tentou-se a princípio imperdi-lo, mas a avalanche humana era tão grande que cedeu tudo à frente dela, as portas abriram-se e a *gare* encheu-se de gente, a tal extremo que as pessoas apertavam-se umas contra as outras como sardinhas na canastra.

Entrou o comboio com grandes precauções e então todos se precipitaram para as carruagens com o objectivo de dar aos tunos o mais cómodo assento e o mais desocupado vagão.

Trocaram-se abraços, apertos de mão, vivas entusiastas, correspondidos por milhares de bocas e aplausos carinhosos. A banda municipal rompeu a tocar e depois dos toques e sinais de ordem o comboio começou a sua marcha, lenta, muito lentamente e com grandes precauções, como era necessário ante a imensa massa humana que o rodeava.

Assim é tudo, pode assegurar-se que por um milagre da providência não ocorreu nenhum incidente desagradável.

Até que o comboio saísse das agulhas continuaram os vivas e as aclamações, regressando depois à cidade aquela imensa fila de pessoas que guardarão seguramente perdurável recordação destes dois dias.”

# OURENSE

ABRIL 1902

“No dia 3 às vinte e quatro passaram de regresso por esta estação [Monforte] onde acorreram muitas pessoas de ambos sexos, saudando os estudantes, tendo o pesar de se encontrar algo indisposto o sr. Ferreira, ouvindo-se de novo recíprocos vivas, e acompanhando-os alguns até Ourense.

Chegaram a esta povoação [Ourense] às 3, onde os esperavam algumas comissões. Pelo intempestivo da hora, depois de alguns vivas, foram descansar.

Às 11 teve lugar a entrada na povoação, dirigindo-se, acompanhados das comissões e numeroso público, à casa consistorial, onde foram obsequiados com um *lunch*. Reinou grande animação naquele acto, brindando o *alcalde* e o sr. Grillo com tanta eloquência como sempre.

Dali dirigiram-se ao Governo civil e em seguida onde se encontravam hospedados, esperando as cinco da tarde para o concerto no Liceo.

Sentimos não dispôr de espaço para poder descrever a boa impressão que em todos causou este acto.

Limitar-nos-emos a dizer que tudo estava muito bem organizado pela Direcção, não escapando o mínimo detalhe ao seu distinto Presidente sr. Tomás Fábrega, falando com muita eloquência, o Vice-Presidente, o sr. Moreiras e o sr. Martins Grillo.

À saída encantava a galantia dos distintos jovens portuguezes, que com muitos vivas às *señoritas* de Ourense, se puseram em fila, estendendo as suas capas para que passassem por cima.

Ainda que tivesse digno substituto sentiu-se o facto de o sr. Ferreira não poder realizar com a sua eloquência estes actos. Passou o dia na cama, se bem que às dez da noite nos manifestou que estava já bastante melhor.

A Tuna permanecerá em Ourense, até à manhã de segunda-feira [7 de Abril].”

# 1902 - 1903

**Presidente:** José Caeiro da Matta

## DIRECÇÃO

**Tesoureiro:** Bernardo Polónio

**Regente:** Francisco Lopes Lima de Macedo



**Figura 25 – Tuna Académica de Coimbra em 1903**

# FIGUEIRA DA FOZ

DEZEMBRO 1902

“Esta prestimosa associação [Bombeiros Voluntários] tenciona festejar o seu 20º aniversário com toda a pompa e luzimento.

No dia 19 de Dezembro próximo haverá, em cumprimento dos estatutos, sessão solene na sede da associação, ficando todos os outros festejos transferidos para o dia seguinte, em virtude da Tuna Académica de Coimbra, que gentil e obsequiosamente toma parte no sarau que a associação realiza no Theatro Príncipe D. Carlos, não poder vir no dia 19.

No dia 20 haverá, pois alvorada com música, exercício geral, e à noite sarau, em que tomarão parte a Tuna Académica de Coimbra, a Real Philarmónica 10 d’Agosto, e uma trupe de amadores dramáticos desta cidade sob a direcção do nosso amigo Luiz Dias Guilhermino, que representarão a comédia «Dar corda para se enforcam», além de monólogos e cançonetes por estudantes e amadores.

Aos nossos simpáticos hóspedes prepara a associação dos Bombeiros Voluntários uma grande recepção na *gare* do caminho-de-ferro.”

# 1903 - 1904

## MESA DA ASSEMBLEIA

**Presidente:** Cunha Reis

**Regente:** Josué Trocado

## VILA DO CONDE

FEVEREIRO 1904

“Chegou hoje [13 de Fevereiro] a esta vila a Tuna Académica de Coimbra, sendo recebida no meio de grande entusiasmo de população, que afluíu à estação e ruas do trajecto.”

“Na estação eram os simpáticos visitantes aguardados pela comissão organizadora dos festejos, pessoal da fábrica Rio Ave com a respectiva banda e corpo de bombeiros, charanga da Correção, banda marcial vila-condense, e grande afluência de pessoas de todas as classes sociais.

Entre vivas e palmas se organizou o cortejo que pelas principais ruas da vila se dirigiu ao teatro Affonso Sanches, sendo no trajecto constantemente coberto de flores, que das janelas adornadas de bandeiras e colgaduras, eram arremessadas com entusiasmo e profusão.

Na sessão solene de boas-vindas falou o Presidente da comissão dos festejos, o sr. dr. Alberto Pinheiro Torres, ilustre director da casa de Correção, que, num belo discurso, cheio de sentimento e brilhante de imagens, saudou os académicos de Coimbra. Agradeceu-lhe em termos eloquentes o académico Cunha Reis congratulando-se pela recepção que a sua terra fizera aos tunos de Coimbra.

De tarde foram os académicos, seguidos sempre de numerosas pessoas, visitar a casa de Correção, fabrica Rio Ave, Grémio Vila-condense, etc., sendo em toda a parte recebidos com carinhosas demonstrações de simpatia.



O jantar no hotel Central, cujo salão estava artisticamente ornamentado, decorreu em meio de grande animação, sendo ao «dessert» levantados muitos e entusiásticos brindes.

A récita de gala atraiu ao teatro Affonso Sanches, que realçava uma bela ornamentação, afluência numerosa e selecta que se não fartava de aplaudir os intérpretes dos vários números do programa.

A tuna académica foi apresentada pelo seu Presidente interino, Cunha Reis, que exaltou as belezas desta terra num largo discurso cheio de entusiasmo.

A comissão promotora dos festejos ofereceu, no palco, aos distintos académicos uma rica coroa de louros e flores artificiais, tendo nas fitas, além dos emblemas das diferentes faculdades, a seguinte, dedicatória: «Os vila-condenses à Tuna Académica de Coimbra, 13 de Fevereiro de 1904» trabalho primorosamente executado a óleo por uma distinta professora do nosso colégio de S. José, *mademoiselle* Gali.

A tuna partiu no domingo pela manhã em direcção à Póvoa, tendo na *gare* uma despedida afectuosa.”

## PÓVOA DE VARZIM

### FEVEREIRO 1904

Domingo, 14 de Fevereiro, “logo ao alvorecer da manhã uma azáfama enorme se notava nas ruas desta vila e um vaivém de pessoas fazia lembrar algo de extraordinário que se ia passar nesta vila.

Dava-se demão aos últimos preparativos, apressava-se a derradeira homenagem, ordenava-se pronta execução da colocação de mais uma bandeira, daquele galhardete que o vento da noite fizera tombar, deste festão que a inclemência do tempo arrancara e lançara por terra, enfim, trabalhava-se afincadamente nas últimas minudências, porque o comboio não tardaria e seria um desaire não estar tudo preparado.

Santo patriotismo e boníssima gente!

Vinham-nos lágrimas aos olhos por esse ardor de entusiasmo que o pobre sentia avigorar-se de momento a momento, que o rico estreitava ao coração como património sacratíssimo, a que os novos se ajoelhavam como Ideal, que os velhos rendiam o preito e que as próprias crianças na sua insciência cortejavam com alegria.

Tudo trabalhava, porque todos à compita, queriam mostrar ser verdadeiros filhos da Póvoa, queriam ter a suave lembrança que a sua terra mãe recebeu a tuna académica de Coimbra com a honra devida e com a galhardia merecida.

Às 9 horas da manhã seguimos para a estação do caminho-de-ferro e já o povo se apinhava no largo da estação seguindo com ansiedade as oscilações do pêndulo do relógio afirmando-se, de espaço a espaço, para os minutos que tinham lentidões de séculos; ou, então apurava-se o ouvido ao silvo da locomotiva, mas este trazia desesperanças e negaças a cada momento.

Neste entretentes, a *gare* foi franquida às pessoas de representação social e o comboio envolto numa densa nuvem de fumo lá aparecia na curva como colosso gigante que trazia insculpido o génio festivo que punha na nossa alma um grito de alarme.

Entrado nas agulhas, logo o estralejar dos foguetes e o som do hino nacional se fez ouvir, quando os vivas irromperam frenéticos, saudando a tuna académica.

Postos em marcha, levando à frente a banda Povoense, e precedidos por alguns milhares de pessoas, que os receberam de sorriso franco e aberto, só próprio dos filhos do povo seguiram para a rua do Príncipe, onde uma verdadeira nuvem de flores cobriu os entusiastas até à Câmara Municipal que se encontrava lindamente adornada, com plantas e arbustos.

Recebidos na sala das sessões para ilustre vereação camarária e administrador do concelho, executaram o Hymno Académico, escutado reverentemente por centenas de pessoas. Seguidamente o digno Presidente do município sr. padre José Amorim saudou a vinda dos estudantes a esta vila, penhorando-se pela atenção recebida pelos povoenses, deferência que ficaria gravada nos anais da nossa terra como pergaminho de honra.

O seu discurso, belamente escrito, imprimiu uma agradável impressão nos assistentes.

Respondeu-lhe o Presidente de tuna, sr. Cunha Reis, agradecendo a brilhantíssima recepção feita e com orgulho lembrava que «se ontem tinham atravessado por entre um chuveiro de flores, hoje tinham de confessar que uma população laboriosa os recebiam com uma bizzaria só própria de fidalgos.»

Um e outro discursos fora acolhidos com salvas de palmas entremeadas com lindíssimos números de música que os assistentes palmeavam.

Depois de vivas estrondosos tomou a palavra o nosso distinto conterrâneo sr. Josué Trocado, regente da tuna, que expendeu brilhantemente as suas ideias, afervorando o culto católico nas regências das leis, mas sem as peias do obstrucionismo pecaminoso que interfere na política com sagacidade estulta.

Saboreou a largos tragos o valor da filosofia, em tais casos, o pernicioso do revolucionismo que se afasta das leis religiosas e a falsidade do fanatismo que vai de encontro às instituições do Estado.

Foi longamente vitoriado e depois de repetidos vivas trocados entre os estudantes e o sr. Presidente da Câmara, aos quais o povo correspondia com entusiasmo, seguiram pela rua do Almada até ao Hotel Universal, repetindo-se a mesma chuva de flores.

Findo o almoço, pelas 2 horas da tarde, a tuna académica entrou na Associação Comercial simplesmente adornada mas elegantemente, o que imprimia um carácter de realce àquela prestíssima agremiação.

Foram recebidos naquela casa com uma cativante afabilidade pela direcção, presidida naquela ocasião pelo nosso amigo sr. Miguel Braga.

No meio dum selectíssimo auditório e depois de executado o Hymno Académico, leu o sr. Braga um bem architectado discurso, agradecendo à tuna a vinda daquela associação tão gostosa para eles que se lembrariam sempre dela com cativante amabilidade.

Em pé, junto ao estrado, vimos a figura simpática do sr. dr. Caetano d'Oliveira, sempre pronto às manifestações de regozijo quando elas têm um cunho de simpatia e quando o bom nome da Póvoa se cobre de glória de mistura com os *hurrahs* soltados por quem tem redivivo no peito o amor da sua terra.

Infundia respeito o seu porte, mas havia no seu semblante um esto de entusiasmo que aquecia os indiferentes e que electrizava a assembleia s. ex.<sup>a</sup> teve arrancos de entusiasmo como a querer confundir-se com a mocidade estudiosa.

Respondeu ao sr. Manoel Braga, o Presidente da tuna, agradecendo a penhorante recepção, e saudou a Póvoa como terra de trabalho, que podia distender a sua bandeira que ele tinha brilhos que se não apagavam, feitos heróicos que não tinham rival. Felicitou a Associação Comercial pela interferência em todas as questões que se prendem com o

comércio local, e que ela no seu critério e sábio pensar coroa sempre de bom êxito.

O seu discurso mereceu uma estrondosa ovação por parte dos ouvintes.

À saída da academia travou-se um tiroteio de flores entre a Associação Comercial e a casa do nosso bom amigo sr. José Lopes Pereira.

Era magnífico o ver-se milhares de pétalas volitando nos ares ao sabor duma aragem fresca que então corria.

Simplemente imponente.

Praça do Almada abaixo, capas aos ombros, ei-los seguem na sua romagem bendita, colhendo sorrisos e a expansibilidade do povo, enquanto das janelas, peçadas de gentis senhoras, caíam chuvas de flores, verdadeiras bâtegas que o delírio tamborinava nas pandeiretas dos alegres rapazes, que fugindo à saraivada foram acolher-se no edifício dos Bombeiros Voluntários que os esperavam com o seu corpo activo todo uniformizado e postado defronte do quartel e com a sua direcção.

A mesma elegância, o mesmo adorno de plantas, um conjunto admirável.

Executando o Hymno Académico tomou a palavra o ilustre Presidente da assembleia-geral, sr. dr. António Silveira, que agradeceu à tuna a sua honrosa visita àquela Associação.

Não podemos dizer mais do discurso de s. ex.<sup>a</sup> porque nos mingam palavras, que só a sua alma de académico tinha, e tintas para esboçar o quadro que só quem andou com a capa aos ombros podia pintar.

No seu discurso havia o fundo da saudade, que era como o dobre de finados no seu coração de estudante.

Num elegante improviso respondeu-lhe o sr. Cunha Reis que teve frases sublimes enaltecendo os serviços do sr. dr. António Silveira quando Presidente da tuna.

Em bem verdade que de todas as vezes que o Presidente da tuna teve ocasião de falar, nunca s. ex.<sup>a</sup> subiu mais alto e falou com mais entusiasmo.

É que estava defronte dum talento, dum colega que tão distintamente cursou a Universidade insculpindo-lhe uma auréola luminosa.

O sr. dr. António Silveira, em nome do corpo activo e como deferência da visita da tuna, convidou os académicos a assistirem a um pequeno exercício feito pelos nossos bombeiros.

Todos os trabalhos foram satisfatoriamente desempenhados e coroados de espaço a espaço com estrondosas palmas.

Seguiram pelas ruas Direita e Junqueira, onde houve a repetição do mesmo entusiasmo.

Nesta última rua, a galhardia dos seus moradores transformou o solo num tapete de flores e verdes.

Não bastava a profusão de flores arremessada sobre as cabeças dos alegres rapazes; tornava-se necessário a ponto de acolchoarem o solo de flores, a mimosa dádiva de peitos juvenis e de almas de selecção.

E se a Póvoa é um jardim à beira-mar plantado, que mais podíamos oferecer à distinta tuna que não fossem flores e mais flores?

Assim o compreendeu o nosso povo, assim o entenderam as nossas gentilíssimas damas, que interpretavam e bem, a hospitalidade dos tunos como sentimento da mais alta e mais nobre fidalguia.

Da sacada do seu prédio, o redactor da «Propaganda» saudou os académicos, terminando o seu discurso por uma poesia intitulada «Portugal».

Rematou a sua saudação com punhados de flores, que lançou sobre os tunos.

Quando nos embebíamos no entusiasmo popular e percorríamos a alegre romagem, acompanhando a tuna académica, longe estávamos de pensar que uma mimosa e agradável surpresa nos esperava na rua da Junqueira, em casa da sr<sup>a</sup> Emília Lima.

Embandeirado o seu prédio com colchas de chita e donde pendiam laços de seda, via-se também uma alva manta, tendo ao centro uma coroa de *mimosas* atravessada por duas palmas.

O centro dessa graciosa *moldura* era abrilhantado por 5 formosas raparigas trajando à camponesa, que num extremo de delírio, envolveram os académicos num manto de flores, o que eles agradeceram, arremessando-lhes as capas e de envolta os seus corações agradecidos.

E elas, as lindas tricanas, prendiam-lhes nas negras capas, raminhos de violetas, a flor modesta dos vales, tão modesta como a homenagem que lhes tributamos, tão flagrante como o suave perfume da nossa estima.

E a coroa das *mimosas* lá seguiu a beijar as fitas de seda da bandeira da Academia, como outras recordações que mãos de fadas prenderam ao laboro da Universidade.

A mesma continuidade de ovações, a mesma chuva de pétalas no resto da rua da Junqueira até ao largo do Café Chinez, onde, da casa do

sr. dr. David Alves e da ourivesaria Barbedo, caiu sobre a tuna uma copiosa e continuada chuva de flores.

Do largo do Café Chinês, seguiram os académicos para a Assembleia Povoense onde foram recebidos pela respectiva direcção.

Executado o Hymno Académico, coube ao Presidente da assembleia a honra de cumprimentar a tuna académica.

Referiu-se à vida académica de Coimbra, desenhando com saudade esse viver boémio, essas lindas paisagens que o Mondego banha, esses sítios pitorescos que a tradição e a história têm celebrizado e que a lira dos poetas tem cantado em suas estrofes.

Vitoriosíssimo, respondeu-lhe o Presidente da tuna, que mais uma vez agradecia a imponência dos festejos feitos na Póvoa e tarde ou nunca se esquecerá deste dia faustoso e solene.

Tanto à entrada como à saída dos académicos da assembleia, as distintas damas povoenses cobriram de flores os briosos estudantes, continuando a tuna o seu trajecto pelas ruas do Passeio Alegre, Avenida Mousinho d'Albuquerque e rua do Almada, onde também teve uma recepção imponente. De todas as janelas, principalmente das casas dos srs. Narciso Baptista Carneiro, Miguel Braga e Diniz Vianna, as pétalas de flores caíam em surpreendente abundância.

A gentileza das damas levou os estudantes aos excessos da maior gratidão, retribuída nas capas, que voavam às janelas para que as senhoras lhes colocassem ramos de violetas.

Poucas vezes a Póvoa assistiu a espectáculos desta natureza, porque raras vezes o sentimento popular se coadunará tão gentilmente.

Se não soubéssemos quanto é capaz a alma patriótica do nosso povo teríamos de registar com orgulho esse dia memorável, em que a Póvoa teve louçanias e se entrajou festivamente para receber os ilustres visitantes.

Com a alma sangrando saudades por esses momentos e alegria passados entre gentis damas e rapazes boémios, lá seguiram rua do Almada abaixo e rua do Príncipe até entrarem na associação de socorros mútuos “A Povoense”.

Na sede desta prestante Associação, foram os simpáticos académicos recebidos por toda a direcção e por grande número de sócios, que ergueram entusiásticos vivas à mocidade estudiosa, à Pátria, e à tuna académica, sendo correspondidos com outros às classes trabalhadoras, à confraternização operária, às associações de socorros mútuos, etc.

Depois de algumas palavras de agradecimento, proferidas pelo Presidente da direcção, sr. Martinho Abreu, e às quais respondeu o talentoso Presidente da tuna, sr. Cunha Reis, incitando o operariado à luta pela conquista das suas justas aspirações, novamente se levantaram calorosos vivas à tuna e à Academia de Coimbra, delirantemente correspondidos pelas classes operárias desta vila, ali numerosamente representadas.

Desta associação seguiram os simpáticos académicos pela praça do Almada até à rua da Igreja, onde está instalada a sede da Associação dos empregados do comércio.

A sala de recepção nesta colectividade estava caprichosa e caracteristicamente decorada com lenços, chales, leques e arbustos, apresentando um belo efeito e um requintado bom gosto.

A briosa classe dos empregados do comércio estava ali bastante representada, sendo os moços estudantes acolhidos, à sua entrada na sala, com ruidosas salvas de palmas, de mistura com atroantes vivas, soltados com indescritível entusiasmo.

Saudou a tuna em nome da Associação, o seu Vice-Presidente, sr. José Sampaio, agradecendo o sr. Cunha Reis com palavras encomiásticas para a classe dos empregados do comércio povoense.

Seguidamente, o sr. Monteiro Borges, digno secretário da Associação, em frase breve, mas persuasiva, fez a apologia da Academia de Coimbra, sempre pronta a colocar-se ao lado dos oprimidos e dos fracos, sempre pronta a pugnar pelos nobres e generosos ideais, lembrando-lhes por isso, que havia uma classe que muito necessitava do auxílio daquelas capas negras, amanhã trocadas pelas fardas de ministros de Estado, de governantes da Nação: essa classe era a dos empregados do comércio, que há muito lutava por um nobilíssimo e humanitário Ideal, sem até hoje conseguir o seu *desideratum* – o descanso dominical.

Não esqueçam, pois, os briosos académicos, as justas aspirações dessa classe tão improva e tão olvidada.

Terminou o sr. Monteiro Borges por oferecer, em nome da Associação de classe dos empregados do comércio povoense, ao regente da Tuna, nosso amigo e conterrâneo sr. Josué Trocado, um lindíssimo *bouquet* de flores artificiais.

Muitíssimo aplaudido, agradecendo o sr. Cunha Reis, comovidíssimo, o brilhantismo da recepção feita à Tuna e a gentileza da oferta ao seu talentoso regente.

Deu-se então um facto que provocou o mais vivo entusiasmo, a mais impressionante das surpresas.

O redactor da «Propaganda» sr. Cândido Landolt, tomando pela mão o valente e arrojado lobo do mar, *Mestre Sergio*, que ali estava vestido com a sua branca farda de patrão do nosso barco salva-vidas, trazendo pendentes do peito, daquele peito de herói, as testemunhas da sua heroicidade, aquelas medalhas ganhas à custa da salvação de tantas vidas! Apresentou-o aos briosos académicos como um modelo de bravura e de requintado humanitarismo.

Descrever o que se passou nesse momento, não cabe nos estreitos limites duma notícia. As palmas, os bravos, os vivas, ferviam de toda a parte; o académico Leite Júnior, também condecorado com uma medalha por um feito heróico, facto este frisado pelo sr. Landolt no seu discurso, cobre com a capa o vencedor das ondas, e, ajoelhando ante ele, beija-lhe respeitosa e a mão!

*Mestre Sergio* foi então delirantemente aclamado, levantando o digno Presidente da Tuna um viva à nossa classe piscatória.

Trocados os últimos cumprimentos, retiraram-se os simpáticos académicos ao hotel Universal, aonde foi servido o jantar, que decorreu no meio do maior entusiasmo, sendo levantados muitos brindes.

Às nove horas da noite principiou no Theatro Garrett, o Sarau.

Se durante o dia as manifestações em honra dos briosos académicos tinham atingido o maior esplendor, o máximo brilhantismo, no teatro, então, tomaram essas manifestações o carácter dum verdadeiro delírio.

A sala ostentava uma decoração primorosa, lindíssima, vendo-se na frente dos camarotes, artisticamente dispostos, objectos alegóricos, tais como capas, pastas, pandeiretas, bandolins, guitarras; tudo a atestar o fino gosto do ornamentador, o nosso amigo sr. Sá Vieira, a quem foi, e muito bem, confiado esse encargo.

O teatro achava-se repleto, estando os camarotes e frisas ocupados pelas damas da nossa sociedade, todas em *toilettes* vistosas e garridas, que punham no recinto uma nota alegre e festiva.

Principiou o sarau com a execução do hino da Tuna, que foi ouvido de pé, depois do que o Presidente sr. Cunha Reis, fez o discurso da apresentação, sendo calorosamente aplaudido.

Nessa ocasião foi-lhe entregue no palco pelas gentis damas D. Maria Vianna e D. Cecília Carneiro uma lindíssima palma enfeitada com flores artificiais, oferta feita à Tuna por uma comissão de senhoras da qual faziam parte.



Agradeceu o sr. Cunha Reis saudando, num magnífico improviso, a gentileza das damas povoenses.

Decorreu depois o sarau no meio do mais vivo, do mais delirante entusiasmo!

**Primeira parte** – pela Tuna:

Hymno Académico;  
Campanone, sinfonia, de Marra;  
Bal de Fleurs, gavotte, de Almeida;  
Pizzicato, mandolinata de Boller;  
Marcha Espanhola, de Ibo Gòtos.

**Segunda parte**

O Diálogo «A Judia»;  
personagens: Martins de Carvalho e Tavares.

A engraçada comédia em 1 acto, com parte adequada à cena, por Martins de Carvalho, «Véspera de Feriado»,

Monólogos «O Avarento» por Manassés e o «Idylio» por Guerra

**Terceira parte**

A interessante cançoneta por Manassés, «A Prima Rosa»;

Pela Tuna:  
Czardas, danse Styrienne, de Michiels;  
Carmen, pot pourri de Bizet;  
Sourire d'avril, valsa de Dèpret;  
El Lisbonense, passe cale por E. Verguilla.

A cada trecho de música executado ou recitativo proferido, caía sobre os moços académicos uma verdadeira chuva de flores, de *bouquets* e de fitas de variegadas cores, que as nossas gentilíssimas damas, à compita, lhes atiravam dos camarotes mais próximos do palco.

O programa foi cumprido à risca, sendo todos os números de música freneticamente aplaudidos, especialmente a sinfonia do «Campanone» e o *pou-pourri* da «Carmen» que o nosso amigo e prezado conterrâneo, sr. Josué Trocado, regeu com verdadeiro garbo e mestria, como grande conhecedor que tem mostrado ser, da sublime arte de Verdi! Muito bem!

O melhor da noite foi, sem dúvida, a voz trinada e maviosa de Manassés, o émulo distintíssimo das serenatas de Coimbra, o retinto e adorável sucessor do chorado Hylario – que tantas e tão fundas saudades deixou na sociedade do seu tempo.

Manassés, e outro, de violas ao peito e lábios a rir, cantou uma trova, já hoje popular, onde se retratam os amores da mocidade que vive embalada pelas brisas do Mondego:

O amor dum estudante  
Dura pouco, nada dura,  
Tão somente cinco anos,  
O tempo da formatura...

Isto percebe-se, é lá por Coimbra; - cá por fora o primeiro amor nunca esquece. – Está visto! Pois como são as coisas !?

E a prova está evidente naquela canção intitulada «Margarida», que Manassés, e só Manassés, sabe cantar imprimindo-lhe um garganteio de rouxinol da Saudade.

Disse ele:

Margarida vai à fonte,  
Vai encher a cantarinha:  
Brotam lírios pelo monte,  
Margarida vai à fonte,  
Vai à fonte e vem sozinha!

Tão ligeira e delgadinha  
A forma do seu andar:  
Lembra voos d'andorinha,  
Quando passam à tardinha,  
Quando giram devagar!

Linda flor desconhecida,  
Que o Sol beijou ao nascer:  
Deixa-te estar escondida,  
Margarida, Margarida,  
No porte do teu viver!

Margarida quando passa,  
Leva saias d'algodão:  
Mas tem vestidos de graça,  
Quando ri e quando passa,  
Poisando os olhos no chão!

Tão pequena a casa dela,  
Mesmo à beira do caminho:  
E os canteiros da janela,  
São tão lindos como ela,  
Tem aroma a rosmaninho!

Seus olhos meigos risonhos,  
Nunca poisam em ninguém:  
Parecem viver de sonhos,  
São mais lindos que risonhos,  
Mas risonhos são também!

Dum camarote, o nosso prezado sr. dr. Caetano d'Oliveira, em frase vibrante de entusiasmo e magnificamente burilada, pôs em relevo à face da história, os feitos heróicos da Academia Coimbrã, saudando nos académicos de hoje os académicos de outras gerações e que tanto contribuíram para que a nossa Pátria conservasse intactos o seu nome e a sua independência!

O discurso do sr. dr. Caetano d'Oliveira, uma verdadeira peça de oratória, foi cortado a cada momento de aplausos frenéticos, sendo, ao terminar, alvo de uma grande ovação.

Também o nosso ilustre amigo sr. dr. António Silveira saudou, no palco, os briosos membros da Tuna, dessa Tuna de que ele tinha já sido o Presidente e que tantas recordações saudosas lhe trazia à mente, pois que ao defrontar a sua bandeira, ainda lhe parecia estar, ao cair da tarde, ouvindo o murmurar das águas do poético Mondego ou o delicioso trinado dos rouxinóis do Choupal!

O discurso do sr. dr. António Silveira, proferido com aquela eloquência de frase que todos lhe conhecem e com aquela harmonia de estilo que lhe tem granjeado os louros dum orador consumado, causou um vivo entusiasmo entre os moços académicos, que o cobriram com as suas capas, abraçando-o doidamente.

Falou ainda, e muito bem, o académico, nosso conterrâneo, sr. Arnaldo Vianna, distinto quintanista de direito, orgulhando-se de ver a fidalguia, a requintada galhardia com que o seu querido torrão natal recebeu os académicos seus companheiros!

Era quase uma e meia horas da madrugada quando o talentoso Presidente da Tuna encerrou o sarau, agradecendo aos povoenses as ruidosas manifestações que tinham feito à Tuna.

O que então se passou, é quase impossível descrever-se; os académicos soltam vivas estrepitosos à Póvoa, à gentileza e fidalguia das suas damas, ao mesmo tempo que com os lenços se despedem do numeroso público, que igualmente impulsionado do mesmo entusiasmo, soltava vivas à Academia de Coimbra, à Tuna Académica, etc., correspondendo também com os lenços à despedida dos moços académicos.

À saída, no átrio do teatro, repetiram-se as manifestações por parte dos simpáticos estudantes às damas povoenses, formando tapete com as capas para elas passarem.

E assim terminou essa impotente festa, e assim, terminaram os festejos académicos nesta vila, quando soavam as 2 horas da madrugada!”

“No dia imediato [14 de Fevereiro], a Tuna Académica, partiu no comboio das 8 da manhã em direcção a Barcelos, onde recebeu todas as honras que um público ilustrado pode dispensar aos representantes do primeiro estabelecimento científico do país – a Academia de Coimbra”

# BARCELOS

FEVEREIRO 1904

“No comboio-correio da manhã de ontem [14 de Fevereiro] chegou a esta vila a Tuna Académica de Coimbra.

Na «gare» da estação foram os simpáticos académicos aguardados pela comissão promotora dos festejos em sua honra, por alguns académicos nossos patrícios, pela corporação dos bombeiros voluntários com a sua banda, corpo docente e alunos do Externato Barcellense, representantes de associações, etc.

Mal o comboio se avistou subiram ao ar grande número de girândolas de foguetes, e ouviram-se entusiásticos vivas à academia e tuna académica, vivas a que os académicos correspondiam com outros a Barcelos, às damas, e aos barcelenses.

Pouco depois organizou-se o cortejo seguindo em direcção a esta vila.

As ruas por onde passaram os académicos estavam embandeiradas vendo-se em todas as janelas grande número de damas que despejavam constantemente sobre os novos hóspedes açafates de flores e grande número de «bouquets», gentileza a que os académicos correspondiam arremessando-lhes com as capas e levantando-lhes entusiásticos vivas.

Em algumas ruas e especialmente na rua D. António Barroso, era de um belo efeito ver o cruzar das flores que as nossas damas arremessaram com entusiasmo, e que nos fez recordar as brilhantes batalhas de flores que aqui se realizaram.

Os académicos dirigiram-se para os paços do concelho, sendo ali aguardados pelo Vice-Presidente da Câmara sr. Carlos Machado Paes, e pelos vereadores srs. Alves de Faria, Coelho Gonçalves, Manuel A. de Passos e Luiz Ferraz.

O sr. Vice-Presidente saudou em nome da Câmara de Barcelos os simpáticos académicos, agradecendo-lhe a honra da sua visita e terminou levantando um viva à academia de Coimbra.

Respondeu-lhe o Presidente da tuna, sr. Cunha Reis, que em frase quente e entusiasta agradeceu a magnífica recepção que os barcelenses haviam feito à academia, saudou a câmara e agradeceu-lhe a recepção feita.

O sr. dr. Martins Lima em nome do corpo docente do Externato Barcellense, e o sr. dr. Augusto Monteiro em nome da comissão promotora dos festejos também saudaram a academia, respondendo a ambos o Presidente da tuna, agradecendo-lhes.

A tuna executou alguns trechos musicais, sendo muito aplaudida.

Em seguida os académicos dirigiram-se para a Associação dos Bombeiros Voluntários, sendo ali recebidos pelos membros da direcção e pelo Presidente da assembleia-geral sr. dr. Augusto Monteiro, que lhes deu as boas-vindas.

Respondeu-lhe o académico sr. Cunha Reis.

Depois desta visita a tuna dispersou, dirigindo-se os académicos para os diversos hotéis, onde foram almoçar.

Logo vão cumprimentar outras associações.”

“Magnífico, brilhante mesmo, o espectáculo realizado anteontem [15 de Fevereiro] no teatro Gil Vicente pela Tuna Académica de Coimbra.

A casa à cunha, como nunca a vimos, sendo necessário até colocar algumas cadeiras suplementares, reinando sempre durante o espectáculo o maior entusiasmo.

Os camarotes repletos de damas ostentando vistosas «toilettes».

As serpentinas cruzavam-se constantemente duns camarotes para os outros, para a plateia e para o palco, cobrindo dentro em pouco toda a sala uma rede de fitas de variadas cores.

A Tuna apresentou-se muito bem executando correctamente diversas composições musicais.

A comédia, «Véspera de feriado», bastante engraçada, teve um desempenho muito regular.

O académico Manassés cantou admiravelmente bonitas canções obtendo fartos aplausos.

Todo o espectáculo correu muito bem, sendo os académicos muito aplaudidos e, por vezes, coberto de «bouquets» de violetas que as damas lhe arremessavam dos camarotes.

Discursaram, agradecendo a magnífica recepção que tiveram aqui, o Presidente da Tuna sr. Cunha Reis e os nossos patrícios e simpáticos académicos srs. Manuel Novaes, Joaquim Paes e Gonçalo Araújo, sendo todos muito aplaudidos.

Um grupo de senhoras foi ao palco oferecer ao Presidente da Tuna uma formosa coroa com largas fitas de seda azul e branca em que se via uma dedicatória das damas à academia.

Nessa ocasião foi grande o entusiasmo dos académicos, fazendo uma ruidosa ovação às damas.

No fim do espectáculo os académicos tapetaram com as suas capas as escadas dos camarotes para as damas passarem sobre elas.

Enfim, foi uma noite belamente passada no nosso teatro e que deixou magníficas recordações, tanto aos académicos que foram muito penhorados com o acolhimento que aqui tiveram, como às pessoas que assistiram ao espectáculo.”

## CAMINHA

### FEVEREIRO 1904

“Na terça-feira de Carnaval [16 de Fevereiro] chegou a esta vila a tuna de Coimbra, a qual, como era de esperar, foi recebida pelos habitantes desta vila da forma mais carinhosa e entusiástica.

A *gare* da estação achava-se completamente ocupada por alguns centos de pessoas, entre elas todas quantas têm uma posição saliente no nosso meio, e bem assim pela banda Lanhellense, que à chegada do comboio, romperam em vibrantes aclamações aos nossos juvenis e simpáticos visitantes.

Pouco tempo depois os académicos, levando na sua frente a banda de música a que já nos referimos, e seguidos por numerosa multidão, dirigiram-se para o edifício da Câmara Municipal, onde eram aguardados pelo seu ilustre Presidente, o nosso amigo sr. conselheiro Arnaldo Rego, e por alguns vereadores.

O sr. conselheiro Arnaldo Rego, em frases alevantadas e cheio de recordações do seu tempo de académico, deu as boas-vindas a esse grupo de alegres rapazes que vieram dar uma nota de vida a este meio burguês e pacato, e em nome da Câmara da sua presidência ofereceu-lhes uma magnífica coroa de louros, da qual pendiam largas fitas de seda com

as cores correspondentes às diversas faculdades dos cursos da nossa Universidade. O discurso de s. ex<sup>a</sup> foi por vezes interrompido pela assistência, com bravos e palmas. Seguiu-se-lhe no uso da palavra o Presidente da Tuna, o nosso conterrâneo dr. Odorico Carneiro, o qual também com calorosa emoção, agradeceu a maneira penhoradíssima como esta vila estava recebendo os seus companheiros.

A tuna executou ali alguns números de música, e a seguir percorreu diversas ruas a fim de cumprimentar as autoridades e a redacção do nosso colega local, «Jornal Caminhense», onde lhe foi oferecido um copo de água.

À noite houve espectáculo no teatro Valladares que se achava engalanado, não havendo um único lugar devoluto, reinando sempre extraordinária animação. O programa do espectáculo não pôde ser rigorosamente cumprido por dificuldades de momento, mas isso não obstou a que os números executados fossem coroados de aplauso. Aos simpáticos académicos ofereceu a comissão dos festejos um lindíssimo bouquet de flores que lhes foi entregue pelo seu Presidente, o nosso amigo sr. Azevedo Lima.”

# COIMBRA

## MAIO 1904

“Em virtude das deliberações tomadas na última assembleia-geral da academia, foi nomeada uma comissão presidida pelo sr. dr. Avelino César Augusto Maria Callisto, para propor os meios de fazer ressurgir do abatimento a que chegou a Associação Académica, que há muito atravessa uma terrível crise, devido à falta de apoio por parte da academia.

Realiza-se sábado [14 de Maio] um sarau no Theatro Príncipe Real, revertendo o produto líquido a favor do cofre da Associação Académica. No espectáculo toma parte o grupo dramático da mesma Associação e a Tuna académica.”

“O sarau que hoje [14 de Maio] se realiza no Theatro-Circo, a benefício do cofre da Associação Académica, consta de quatro partes: a 1<sup>a</sup> preenchida pela Tuna Académica; 2<sup>a</sup> exercícios de gymnastica, atlética, e assalto ao florete por dois académicos; 3<sup>a</sup> uma romanza ao piano pelo sr. Luiz de Albuquerque, e o concerto VII de Ch. Beriot, em violino,

pelo sr. Maurício Costa; 4ª a comédia em 1 acto Uma mulher por duas horas, pelo grupo dramático da Associação Académica.

Os professores de esgrima, srs. António Martins e Cândido Fernandes tomam parte no espectáculo, se os seus afazeres lhe permitirem sair hoje de Lisboa no rápido das 4 ½ da tarde.

O sarau será presidido pelo sr. dr. Avelino César Maria Callisto, Presidente da comissão executiva extraordinária da Associação Académica.”



# 1904 - 1905

## MESA DA ASSEMBLEIA

**Presidente:** Francisco Odorico Dantas Carneiro

## DIRECÇÃO

**Presidente:** Alfredo de Mattos Chaves

**Secretário:** Enrique Martins de Carvalho

**Tesoureiro:** Bernardo Polónio



**Regente:** Theóphilo Russell

Alberto Carneiro Alves da Cruz,  
Leite Júnior,  
Luís da Silva Ribeiro,  
Francisco Pedro de Jesus,  
João de Moraes Silvano,  
Artur de Augusto,  
Alberto Pereira de Almeida,  
João Bizarro de Assunção,  
José Joaquim Pacheco,  
Abel d'Abreu Campos,  
Armindo Afonso Tavares,  
José Simoes Serrano,  
Alfredo Sousa Silva,  
João Norberto Gonçalves Guerra.  
Mário Themudo,  
Alberto T. Fernandes de Castro,  
Julio Veira de Figueiredo Fonseca,  
Arnaldo de Mello,  
José Simões da Cunha,

José Pinheiro Cardozo da Silva,  
António A. de Magalhães Feijó.  
Raul de Souza,  
Adelino Furtado,  
Maurício Costa,  
Álvaro Amoino,  
Gonçalo José d'Araújo,  
António Fernandes da Gama,  
Arménio d'Albuquerque,  
Francisco de Souza Frias,  
Manuel Alegre,  
Gaspar Carneiro,  
Alfredo Gouveia Pizarra,  
Adelino Pinto Bastos,  
José Manuel da Costa,  
Luiz C. de Andrade e Silva F. d'Azevedo,  
Luiz Francisco Revello Bicudo,  
Manuel Macedo,  
Carlos Monteiro de Saccadura Botte,

Adolfo Mário Salgueiro Cunas,  
Abilo Nascimento,  
Arnaldo Pires da Costa,  
João Pedro Soares Junior,  
Balthasar Feixeira,  
José Mendez Oliveira da Fonseca,  
Alfredo Nobre,  
Augusto Telles Malafranca,

Carlos Pereira da Luz,  
Abilio Ribeiro Campos de Mello,  
Arnaldo Nogueira Memos,  
Luiz de Athaide,  
José Larocq,  
Raul Feixeira,  
Mário Monteiro  
e Francisco Luís Tavares.

“Formam a Tuna Académica de Coimbra cinquenta e cinco escolares.

Figuram na colectividade 12 violas, 8 bandolins, 7 violinos, 2 flautas, 8 guitarras, um baixo e uma pandeireta.”

## COIMBRA

### DEZEMBRO 1904

“Como dissemos realiza-se hoje [13 de Dezembro] o espectáculo no Theatro-Circo em benefício do cofre desta simpática associação [Associação Académica de Coimbra]. Sobe à cena a comédia de 1 acto – A Volta de João, desempenhada por académicos; a comédia de 1 acto – O coração tem caprichos, por Lucília Simões, Augusto Rosa e Henrique Alves, do Theatro D. Amélia; e são executados vários números de música pela Tuna Académica.”

“Segue hoje [17 de Dezembro] no comboio rápido da noite a Tuna Académica de Coimbra, que vai dar amanhã [18] e segunda-feira [19], dois saraus em Beja e Évora.”

## ÉVORA

### DEZEMBRO 1904

*“Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.*

*Tenho a honra de apresentar a V. Ex.<sup>a</sup> os alunos desta Universidade, que constituem a respectiva tuna, e que em alegre e simpática digressão vão a essa cidade em manifestações tão próprias da sua idade e descuidosa juventude.*

*Conto que serão recebidos com afecto e generosidade, como merecem moços, cujos sentimentos são dignos da nossa simpatia.*

*Garanto a V. Ex.<sup>a</sup> a correção e galhardia do seu proceder, como é próprio de mocidade boa e tão ilustrada.*

*Agradeço a V. Ex.<sup>a</sup> toda a cooperação e generosa benevolência para com os excursionistas.*

*Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup>, Paço das Escolas, em 17 de Dezembro de 1904.*

*Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Reitor do Lyceu central d'Évora*

*O Vice-Reitor da Universidade  
Dr. Avelino César Augusto Callisto”*

“Na noite de 19 do corrente [Dezembro] teve lugar no Theatro Garcia de Rezende, um sarau dramático-musical, pela tuna académica de Coimbra, de que é mui digno Presidente o sr. Carneiro, formado em Teologia e cursando actualmente o 3º ano de Direito.

O teatro, com todos os lugares ocupados, apresentava um aspecto encantador, ornando a frente dos camarotes risinhos rostos juvenis, cheios de graça, que davam a nota aprazível dum requinte de bom gosto com as suas elegantes *toilettes* e a alegria que se desenhava nas suas formosas fisionomias.

Depois do Hymno Académico, que foi ouvido de pé por todos os espectadores, o Presidente da tuna proferiu um eloquente discurso, em que frisou os fins alevantados que os impeliam para estas excursões, que têm o duplo fim de instruir e aprender; fez referências lisonjeiras à cidade de Évora pelo seu passado histórico e actual importância no progresso do país, e acabou victoriando as nossas autoridades e instituições eborenses, sendo correspondidos os vivas com frenético entusiasmo.

Na parte musical, o desempenho foi correctíssimo e habilmente regido, sobressaindo na parte dos trechos executados pela tuna, a *gavotte* d'Almeida, a que imprimiram distinto colorido e muita fantasia, com perfeita unidade nos *rubatos* do andamento.

O estudante M. Costa obteve uma ovação no seu solo de violino, justamente merecida, pois a uma boa técnica alia esmerada interpretação e sentimento. Com igual justiça foi muitíssimo aplaudido o estudante L. Ribeiro no bandolim, que executou brilhantemente e com apurada afinação um capricho espanhol.

Na parte dramática revelaram-se artistas e conseguiram interessar o público.

O espectáculo acabou a hora muito adiantada, e os estudantes de Coimbra estenderam as capas para as senhoras passarem, à saída.

O nosso público mostrou bem ostensivamente quanto lhe foi agradável a visita dos académicos de Coimbra, e soube significar quão alheio e contrário era a umas demonstrações de carácter mal avisado que se pretendia fazer aos simpáticos estudantes conimbricenses.”

# BEJA

DEZEMBRO 1904

“Conforme noticiámos, chegou domingo [18 de Dezembro] a Beja, no comboio da tarde, a Tuna Académica de Coimbra, que foi recebida na estação de caminho-de-ferro pela academia, autoridades e muito povo desta cidade. Houve grande entusiasmo, sendo levantados e calorosamente correspondidos muitos vivas.

Desde a estação seguiu a Tuna, tocando, pelas principais ruas da cidade, levantando sempre entusiásticas saudações às senhoras e habitantes de Beja. De uma das janelas de um prédio da Praça D. Manoel foram lançadas sobre os nossos simpáticos visitantes alguns *bouquets* de flores naturais, gentileza que os académicos agradeceram redobrando de amabilidades às senhoras desta cidade.

A Tuna foi depois cumprimentar as autoridades, Reitor do Lyceu, etc., em seguida ao que se dispersou.

À noite realizou-se o anunciado sarau no Theatro Bejense, sendo a concorrência verdadeiramente muito extraordinária, pois não ficou um lugar por vender, apesar dos preços terem sido elevados.

O sarau abriu pelo Hymno Académico, executado pela Tuna, o qual foi ouvido de pé por todas as senhoras e cavalheiros que se achavam na sala, e muito aplaudido. A seguir o Presidente da Tuna, quintanista de Direito, sr. Dantas Carneiro, usou da palavra para saudar o povo de Beja e especialmente as senhoras, em homenagem a quem se curvava o estandarte da Academia de Coimbra. Disse que veio encontrar a genuína alma portuguesa nas trovas alentejanas. Saudou os estudantes do liceu de Beja, a quem chamou futuro da pátria, exortando-os a trabalharem pela nossa regeneração, pois tem fé que Portugal, que outrora foi herói, há-de sê-lo ainda. Terminou advogando a criação de uma liga de todos os estudantes portugueses, unidos pelos laços da solidariedade e levantando entusiásticos vivas às damas, ao Reitor do Liceu, professores e academia e ao povo trabalhador capaz de regenerar a pátria. Foi muitíssimo aplaudido. Seguiu-se o desempenho do programa que foi primoroso. Na

parte musical, sob a direcção do maestro Russell destacaram-se os solistas srs. Maurício Costa, em violino, e Luiz Ribeiro, em bandolim, que foram freneticamente aplaudidos. Todos os outros executantes se houveram com correcção, principalmente na difícil *ouverture* do Campanone e na mimosa selecção da Carmen, pelo que ouviram muitas palmas.

A parte literária também agradeou imenso, especialmente a *Ceia das Faculdades*, em que os estudantes José Costa, Francisco Pedro e Malheiro da Silva, conquistaram inúmeros aplausos.

No fim do sarau usou novamente da palavra o sr. dr. Dantas Carneiro, que mais uma vez saudou as damas de Beja, apresentando-lhes as suas despedidas em nome da Tuna. Então falou também o professor do Liceu de Beja sr. dr. José Vicente Madeira, que se encontrava no balcão do teatro, e que agradeceu as amabilidades dos nossos visitantes, e, dirigindo sinceras saudações aos que partiam, terminou levantando um viva à academia de Coimbra.

Seguidamente foi oferecido aos membros da Tuna uma taça de champagne, nas salas da Sociedade Bejense, onde se reuniram muitos sócios daquela casa.

Os nossos ilustres hóspedes, sempre inexcedíveis de deferência e amabilidade para todos, dançaram e fizeram música primorosa, tendo executado alguns solos de violino o sr. Maurício Costa e em bandolim o sr. Luiz Ribeiro, ambos proficientemente acompanhados ao piano pelo distinto maestro sr. Russell.

A pedido de vários cavalheiros também o nosso patricio sr. Manoel Rodrigues Palma cantou à viola e ao piano, acompanhado pelo mesmo maestro, alguns trechos de música, recebendo muitos e merecidos aplausos.

Entre alguns dos sócios presentes e dos membros da *Tuna* trocaram-se affectuosos brindes destacando-se entre eles os seguintes, de que conseguimos tomar notas:

Do sr. Alberto Alves da Cruz, estudante de Medicina, às prosperidades daquele Club, agradecendo a recepção que nele era feita bem como aos seus companheiros. Do sr. Mattos Chaves enaltecendo e louvando a franqueza, profundamente positiva, que tão gentilmente ali se manifestava, consubstanciada na Direcção daquela sociedade, que tão longe tinha elevado os requintes da sua amabilidade, distinguindo por aquela forma a academia de Coimbra.

Do sr. Dantas Carneiro, presidente da Tuna ao nobilíssimo povo de Beja, representado pelos sócios daquele Club.

Além destes cavalheiros usaram da palavra os srs. dr. Manoel Palma, dr. José Vicente Madeira, padre José Manoel Tavares, João Fonseca, dr. António Guerreiro Faleiro e dr. João Rodrigues de Brito, cujos discursos

não extratamos por se nos terem extraviado algumas notas, mas que podemos informar terem sido unânimes em eloquentes saudações e calorosos agradecimentos aos simpáticos académicos.

Como remate cómico desta tão simpática festa, em que uma alegria verdadeiramente comunicativa transparecia em todos os rostos, uma voz se levantou por sobre todas as outras dizendo:

Rapazes, ponto final!  
Tenham todos saudinha  
E... a taluda do Natal...

Era um conhecido militar, que, às 3 horas da madrugada, deu as despedidas aos simpáticos académicos, cujos corpos, sem descanso havia dois dias e outras tantas noites, estavam, certamente a pedir repouso.

Assim terminou esta festa deliciosa, remate gratíssimo a coroar a série de gentilezas com que os esperançosos representantes da academia de Coimbra gravavam no coração dos bejenses as mais indeléveis recordações da sua visita a esta cidade.”

## BRAGA

### MARÇO 1905

“Chegou quinta-feira [2 de Março] de manhã no comboio-correio, a esta cidade, a tuna académica de Coimbra, composta de 40 executantes.

Foram esperá-la à *gare* os académicos do nosso Lyceu, com a respectiva bandeira e a banda da Officina de S. José; os académicos do curso de preparatórios do seminário Conciliar, com a sua bandeira e a banda dos Orfãos de S. Caetano; e deputações do curso theologico e do seminário de Santo António e S. Luiz Gonzaga. À chegada levantaram-se vivas calorosos, tocaram as bandas e queimaram-se foguetes.

Os tunos, acompanhados dos académicos bracarenses, seguiram da estação para o Lyceu, sendo-lhes lançadas flores durante o trajecto. Nas janelas havia colgaduras e viam-se muitas senhoras.

No Lyceu foram recebidos pelo digno Reitor, sr. dr. Alves de Moura, e pelo professorado. O sr. dr. Moura deu-lhes as boas vindas, que o Presidente da tuna agradeceu, em frases de caloroso entusiasmo.

Do Lyceu foram ao governo civil cumprimentar o sr. governador civil substituto, conselheiro João Lobato, que os recebeu muito amavelmente.

Dali foram ao seminário Conciliar, onde eram esperados, à entrada, pela tuna académica do estabelecimento. Foram recebidos pelo

professorado e curso teológico, discursando o aluno terceiranista daquele curso, sr. Clemente Ramos e o Presidente da tuna.

Por último foram apresentar os seus cumprimentos à oficialidade d'infantaria 8, que os esperou à entrada do quartel acompanhando-os à sala d'armas. O sr. Tenente-coronel Zeferino de Moraes Motta, que está a commandar o regimento, deu-lhes as boas vindas, agradecendo-lhes a gentileza da sua visita. Respondeu-lhes o Presidente da tuna. Durante a visita tocou ali a banda regimental.

À noite realizou-se o espectáculo de gala no theatro de S. Geraldo. Foi executado o programma seguinte:

1.<sup>a</sup> Parte – Pela tuna, sob a regência do maestro Russell: 1.<sup>o</sup> – Hymno Académico, Medeiros; 2.<sup>o</sup> – «Sourire d'avril», valsa, M. Despret; 3.<sup>o</sup> – Symphonia do «Campanone», Mazzas.

2.<sup>a</sup> Parte – 1.<sup>o</sup> O episódio dramático em 1 acto, de Marcellino Mesquita – «Uma Anedocta»; 2.<sup>o</sup> – Solo de bandolim pelo tuno Luiz Ribeiro; 3.<sup>o</sup> – Solo de violino pelo tuno Maurício Costa; 4.<sup>o</sup> – A comédia em 1 acto, de José Bruno – «A Ceia das Faculdades».

3.<sup>a</sup> Parte – Pela tuna: 1.<sup>o</sup> Gavote, Almeida; 2.<sup>o</sup> – Pastoral e Rapsodia portugueza; 3.<sup>o</sup> Hymno Académico.

A tuna foi entusiasticamente aplaudida pela numerosa e selecta assistência.”

# SANTIAGO DE COMPOSTELA

MARÇO 1905

“Já chegou à Galiza a tuna académica de Coimbra.”

“Alegrando as nossas ruas entrou ontem [3 de Março] às oito da noite, ouvindo-se vivas, com o disparo de foguetes e salvas de aplausos.

Traziam o estandarte coroadado de flores e fitas e fizeram a entrada no meio de vivas e saudações entusiásticas.

Os estudantes compostelanos festejavam a visita dos seus colegas, os calorosos e ilustrados filhos do reino lusitano.”

“Desde a estação de Cornes, onde os aguardavam, foram os académicos conimbricenses acompanhados até ao teatro.”

“O coliseu estava formosíssimo com a representação de formosas mulheres do elemento escolar.

Falou em nome do povo o *Alcalde* interino sr. Lino Torre, que teve conceitos belíssimos, referindo-se ao exército da ciência para o qual não há fronteiras nem limites.

Foi muito oportuno o sr. Torres, assim como o catedrático Miguel Gil Casares, que como professor e entusiasta do corpo docente, tem todo o carinho pelos filhos de Minerva.

Falou também, em nome dos estudantes, o sr. Atocha, reconhecendo com palavras muito oportunas e simpáticas o carinho dos estudantes de Espanha pelos de Portugal.

Depois de tocar o Hymno da Carta e a Marcha Real Espanhola, os tunos atiraram as capas para o proscénio que foram recolhidos pelas formosas filhas de Compostela.

Falou o Presidente da tuna agradecendo os obséquios.

Hoje dará um concerto no teatro depois de visitar o *Ayuntamiento*, Universidade e as sociedades de recreio.

Será nomeada madrinha a *señorita* Anita Calvo.”

“Hoje [4 de Março], às quatro em ponto da tarde, realizar-se-á no Teatro Principal um grande concerto pela *Tuna Académica de Coimbra*, cujo programa é o seguinte:

#### **Primeira parte**

- 1º Marcha Real Espanhola
- 2º Hymno Académico, Medeiros
- 3º Gavota, Almeida
- 4º Sourire d'Avril, Depret

#### **Segunda parte**

- 1º Capricho español,  
(solo de bandolim pelo tuno L. Ribeiro)
- 2º Grupos de guitarras.
  - a) Jota
  - b) Fados
  - c) Pasodoble

#### **Terceira parte**

- 1º Poesias originais, recitadas pelo seu autor.
- 2º «Aldighieri Junior»
- 3º Concierto 7º de Beriot (solo de violino pelo tuno M. Costa)

#### **Quarta parte**

- 1º «Carmen» (selección), Bizet
- 2º Pasacalle, Macedo”

“Hoje e amanhã [4 e 5] assistiram aos bailes os académicos de Coimbra e visitarão várias casas onde se fará música.



Percorrerão as nossas ruas onde se atirarão flores e fitas e sairão para La Coruña na segunda-feira à noite.

A tuna hospeda-se no Hotel Suizo e são em número de 58.”

“Depois de dar dois brilhantes concertos e animar as nossas ruas, saiu esta manhã [6 de Março] para La Coruña a tuna de Coimbra, cuja recordação para todos é tão grata.

Gente jovem, animada e de circunstâncias (leia-se também dinheiro) formaram aqui um desfile agradável, dedicando à nossa história, ao nosso carinho e à nossas tradições singular predilecção.

Proferiram-se bonitos discursos, distinguindo-se o Presidente da Tuna, que falou nos dois concertos com eloquência e entusiasmo.

Renderam-se a Portugal e Espanha as honras e sentimentos de patriotismo, confraternizando escolares lusitanos e espanhóis.

A madrinha, belíssima *señorita* Anita Calvo ofereceu-lhes uma formosa coroa de louro com botões de ouro.

A dedicatória é expressiva e elegantíssima.

Ontem [5 de Março] ocupava dita *señorita* assim como no sábado [4 de Março], o camarote presidencial, sendo uma das formosas flores do jardim de Compostela.

Esta manhã saíram para La Coruña os estudantes, ocupando três carros.

Com eles vai como Presidente o jovem escolar sr. Mengotti. A tuna é dos mais agradáveis agrupamentos que nos têm visitado.”

# LA CORUÑA

MARÇO 1905

“Ocupando uma carruagem de *La Ferrocarrilana*, um *ripert* e um carro denominado *El Volador*, chegaram ontem [6 de Março] à tarde, cerca das duas, a La Coruña, os 55 estudantes que formam a Tuna académica de Coimbra.

Vieram à frente as duas primeiras carruagens conduzindo a maior parte dos estudantes e pouco depois a terceira.

Como ontem [6 de Março] não se publicaram periódicos e como os lusitanos não anunciaram a hora em que chegariam – pelo menos o

*Alcalde* não recebeu telegrama algum – foram muito poucas as pessoas que presenciaram a sua chegada.

Apesar disso, o público que na ocasião transitava pelos *Cantones* e pelas imediações da *Rua Nueva* dispensou-lhes uma carinhosa recepção.

Os simpáticos académicos, das escotilhas e das janelas dos carros, onde traziam coberta a sua bandeira, acenavam às varandas agitando as capas e os gorros e dando calorosos vivas à Espanha e à La Coruña que eram respondidos pelo público com outros à Tuna e a Portugal.

Às portas do Hotel Continental, onde se hospeda a alegre e brilhante colectividade, esperava os lusitanos uma comissão de estudantes corunheses que lhes deu as boas-vindas.

Pouco depois passaram pelo Hotel, para saudá-los, alguns representantes da imprensa local.

Depois do jantar foram os tunos para a povoação e foram cumprimentar o *Alcalde*.

Do Hotel dirigiram-se para a *Plaza de Mina*, onde se formaram para fazer a entrada na povoação.

Abria o cortejo o porta-estandarte, conduzindo a insígnia da Faculdade de Medicina, a que quase todos os estudantes pertencem, uma formosa bandeira, da qual pendia uma riquíssima coroa de prata, verdadeira obra de arte, que foi oferecida à tuna em Santiago pela distinta madrinha, a bela e formosíssima *señorita* Ana Calvo.

O esplêndido obséquio, chamou com justiça a atenção de quantos aqui puderam admirá-la de perto.

Depois do estandarte seguia a Direcção da tuna seguida dos restantes tunos, formados em filas e executando um alegre pasacalle.

Assim continuaram pelos *Cantones*, *calle Real*, *Riego de Água* e *Plaza de María Pita* até ao *Ayuntamiento*, seguidos sempre dum crescente número de pessoas que não cessava de vitoreá-los e aplaudi-los.

À sua passagem pelas ruas o público aclamava-os entusiasticamente, repetindo-se os vivas à Tuna e a Portugal, à Espanha e à Corunha.

Das varandas as *señoritas* saudavam os lusitanos atirando-lhes flores, serpentinas e *confetti*.

Os nossos distintos hóspedes respondiam a estas manifestações agitando as capas e fazendo-as subir até às varandas.

Quando a tuna chegou ao *Ayuntamiento*, estavam no salão de sessões, onde foram recebidos, o *alcalde* sr. Mariño e os *concejales* srs. Areal e Longueira. Chegando prontamente o secretário sr. Cid.

O Presidente da Tuna sr. Francisco Dantas Carneiro, cumprimentou o *alcalde* saudando-o afectuosamente.

O sr. Mariño respondeu-lhe lamentando-se que não tenha havido participação oficial da hora da chegada da tuna para dispensar-lhes a recepção de que é merecedora e sentindo que a colectividade se tivesse dirigido à Academia de Medicina e não ao *alcalde* que é quem directamente representa a cidade.

O sr. Dantas deu as suas desculpas e logo a tuna fez ouvir a Marcha Real e o Hymno Académico entre aplausos e vivas das selectas pessoas que tiveram acesso ao salão.

O sr. Carneiro fez uso da palavra e em breves e eloquentes frases saudou o *Ayuntamiento* e o povo de La Coruña, fazendo presente o seu reconhecimento e o dos seus companheiros pela carinhosa recepção que aqui encontram sempre os estudantes portugueses.

Respondeu-lhe o *alcalde* também num breve discurso.

Disse que lamentava que a escassez de tempo não os tenha permitido poder organizar-se convenientemente para obsequiar a tão ilustrada colectividade com todo o esplendor; que La Coruña sente vivas simpatias pelas tunas portuguesas, pois pela identidade de raças que liga espanhóis e lusitanos numa mesma aspiração fará que as duas nações cheguem a constituir uma só, famosa e forte.

Acrescentou que sentia na alma não poder acolher a tuna como queria, porque ela representa tudo o que Portugal pensa e estuda.

Terminou dando vivas à nação portuguesa, à Universidade de Coimbra e à tuna.

Os estudantes corresponderam com outros vivas a Espanha, à La Coruña e ao *alcalde* e depois de tocar novamente a Marcha Real e o Hymno Académico, saíram da *Casa del pueblo*, acompanhando-os até à escada o *alcalde* e os *concejales* presentes.

Queriam os tunos passar logo ao Palácio da Capitania geral com o objectivo de saudar a primeira autoridade militar, mas como o sr. Rodríguez Bruzón não se encontrava no seu gabinete desistiram do seu propósito, adiando as visitas para hoje porque se aproximava a hora do concerto.

Seguidos de numeroso público dirigiram-se ao Hotel pela *calle de San Andrés*.

O Teatro-Circo Emilia Pardo Bazán, onde se realizou o concerto anunciado pela tuna, encontrava-se às sete e meia da noite quase cheio.

Os camarotes, as poltronas e os camarotes principais estavam todos ocupados por uma distinta concorrência, entre a qual havia muitas e muito belas *señoritas*.

O concerto começou às oito.

Ao levantar do pano e com a tuna académica em palco, uma prolongada salva de aplausos ressoou no teatro, confundindo-se com os vivas à Espanha e à La Coruña, que davam os portugueses, e com os vivas a Portugal e aos escolares lusitanos, que pronunciavam os espectadores.

Fez a apresentação da tuna, em correctíssimas frases, o Presidente sr. Dantas Carneiro e proferiu um discurso notável e muito inspirado o académico Mário Monteiro que teve parágrafos de carinhoso affecto para Espanha e para a Galiza.

A orquestra da tuna tocou a Marcha Real espanhola e o Hymno Académico, que foram ouvidos de pé pela assistência e aplaudidos com entusiasmo e com repetidos e reiterados vivas.

Depois, com perfeita afinação e com esmerado gosto, tocou a orquestra a sinfonia de *Capanone* e mais tarde a valsa *Sourire d'Avril* e os demais bonitos números da ópera *Carmen*, entre os quais figura o *bolero*, a *habanera* e a *canción del toreador*.

A orquestra da Tuna académica de Coimbra é um agrupamento musical de verdadeiro mérito e está constituída por elementos todos eles valiosíssimos, que formam um conjunto artístico que sabe dar o seu apropriado matiz às obras que interpreta. Assim ficou demonstrado neste concerto da noite.

O tuno sr. Costa tocou magistralmente no violino o 7º concerto de Bariat, executado com extraordinária perfeição, e um solo de violino que lhe valeu muitos e merecidos aplausos. É, o sr. Costa, um completo violinista que maneja o arco com a soltura e mestria próprias de um verdadeiro artista.

O sr. Ribeiro demonstrou que domina o bandolim fazendo nele primores de execução e vários tunos interpretaram alguns números musicais e os populares fados que valeram outras tantas ovações aos seus executantes.

A comédia *Scenas de Coimbra*, muito bem interpretada por vários tunos, é uma obra que abunda em situações cómicas que foram aplaudidas pela assistência.

Quando às onze terminou o concerto, depois de tocar novamente a orquestra a Marcha Real Espanhola e o Hymno Académico, repetiram-se os aplausos, os vivas e as aclamações.

A Tuna dirigiu-se seguidamente à sua hospedagem.

Muitos académicos assistiram depois ao baile que a *Reunión de Artesano* deu no Teatro principal, aceitando o convite que lhes havia dirigido a Direcção daquele entusiasta e popular centro recreativo.

“Contra o que se esperava, os académicos de Coimbra não saíram ontem [7 de Março] em grupo a percorrer as ruas da povoação.

Uma comissão de estudantes, em dois carros, dedicou-se a visitar durante o dia as autoridades, as sociedades de recreio e alguns centros de ensino.

Saudaram o governador civil interino sr. López Llasera e o cônsul de Portugal sr. Ferreira.

Estiveram ainda no Instituto provincial, e nas primeiras horas da tarde foram ao *Sporting Club*, ao *Casino Republicano*, ao *Nuevo Club* e à *Reunión de Artesanos*.

Em todas as sociedades de recreio foram recebidos carinhosamente, lamentando-se a sua breve estadia na La Coruña e obsequiando-os e acolhendo-os esplendidamente.

Também estive a comissão nas redacções dos periódicos locais, para deixar patente a sua gratidão pela cortesia com que a imprensa os havia tratado.

Muitos estudantes percorreram as principais ruas da cidade, a pé e em várias carruagens, lançando galantemente serpentinas às *señoritas* que das varandas e das galerias presenciavam o cortejo, e atirando as capas, que eram devolvidas com laços de cores distintas e com ramos de flores, recordações femininas que eles recolhiam com expressivas mostras de agradecimento.

As fitas que a maior parte dos académicos de Coimbra ostentavam antes da hora de partida eram uma verdadeira profusão de laços e cintas.

Às seis da tarde saíram os estudantes do Hotel Continental para dirigir-se à estação com o objectivo de regressar a Portugal.

O público numeroso que ocupava a *Calle nueva* manifestou-se em entusiásticos vivas à tuna, a Portugal e a Coimbra. Os estudantes, da sua parte, respondiam com repetidos e frenéticos vivas à Espanha, à Galicia e à La Coruña.

O cortejo da tuna pelos *Cantones* e outras ruas do trajecto foi uma série contínua de vivas, aplausos e aclamações.

Na gare da estação, onde alguns tunos cantaram fados enquanto o comboio não saía, dispensou-se à brilhante colectividade conimbricense uma despedida muito efusiva e sinceramente entusiasta, repetindo-se as demonstrações de carinhosa e fraternal simpatia.”

# COIMBRA

ABRIL 1905

“No salão do Instituto há-de realizar-se hoje [11 de Abril], pelas 7 horas da tarde, um concerto promovido pela Tuna Académica em honra do distinto maestro Russel.

# 1905 - 1906

## MESA DA ASSEMBLEIA

**Presidente:** José de Almeida Eusébio

**Regente:** Theóphilo Russell

### TOMAR FEVEREIRO 1906

“No dia 1 do corrente [Fevereiro] foi a nossa cidade visitada pela tuna académica de Coimbra, que aqui deu entrada cerca das 2 horas da tarde, subindo ao ar nessa ocasião algumas girândolas de foguetes. Depois de percorrer as ruas da Graça, Everard e Serpa Pinto, donde lhe foram lançadas flores, dirigiu-se aos Paços do Concelho, onde um dos académicos, em nome dos visitantes apresentou os seus cumprimentos, agradecendo-lhe o Presidente da Câmara, o sr. Benedicto António Pereira d’Azevedo. Em seguida, dirigiu-se a tuna ao quartel d’Infantaria 15, onde apresentou igualmente os seus cumprimentos, recolhendo em seguida ao Hotel União Comercial, onde se hospedaram. Durante o trajecto foram acompanhados pelas filarmónicas Nabantina e Gualdim Pais.

Pelas 8 horas da noite houve espectáculo no nosso teatro, composto de escolhidos números de música, que foram brilhantemente executados, duma comédia e monólogos, desempenhados com geral agrado.

Um dos académicos, num brilhante improviso, agradeceu as demonstrações de agrado com que foi recebida a tuna, respondendo-lhe o sr. Lima Simões, que em nome da população de Tomar agradeceu por uma vez a honra da visita.

Depois do espectáculo, que correu sempre animado, houve baile no Club Tomarense até à madrugada.

No dia 2, pelas 11 e meia horas da manhã, seguiu a tuna para Santarém, onde deram também espectáculo, sendo a despedida, feita pela Academia, muito entusiástica. De várias janelas também lhe foram lançadas flores.”

# SANTARÉM

FEVEREIRO 1906

“Santarém recebeu ontem [2 de Fevereiro], mais uma vez, a tuna coimbrã, que veio em excursão a esta cidade, realizando já um sarau no Theatro Rosa Damasceno.

Os académicos, em número de 65, chegaram a esta cidade no rápido das 2 horas da tarde, vindo de Tomar. Eram aguardados na estação do caminho-de-ferro pelos estudantes do Liceu de Santarém, com a sua Tuna que lhes fizeram um acolhimento entusiástico, seguindo logo, para o bairro de Marvila, pela calçada de Santa Clara, entrando na cidade ao som de um animado «passa-calle».

Deram entrada no Liceu às 3 horas da tarde, realizando-se a sessão solene na vasta sala nº1. Ao acto presidiu o Reitor do Liceu de Santarém sr. dr. Salvador, secretariado pelo aluno do mesmo Liceu sr. Callado Ramos e pelo académico sr. José Euzebio, Presidente da Tuna de Coimbra.

O sr. Reitor do Liceu proferiu um discurso de saudação, seguindo-se o académico de Santarém sr. Callado que deu as boas-vindas aos seus colegas conimbricenses.

Dentre os alunos do Seminário Patriarcal, que aguardava a chegada dos seus colegas, na sala do Liceu, falavam com muito entusiasmo e geral agrado, os estudantes de teologia srs. Gonçalves de Carvalho e José Fino Beja. Também falaram, com muito aplauso de assistência, o académico de Lisboa sr. Carrasco Guerra que, com outros colegas veio cumprimentar a Tuna, e os estudantes de Coimbra, srs. Mário Monteiro e José Euzebio, Presidente da Tuna, estes agradecendo a manifestação de simpatia de que foram alvos por parte dos estudantes de Santarém. O académico sr. Callado, de Santarém, fechou a sessão com um agradecimento, executando depois a Tuna o Hymno Académico, composição do actual professor do Liceu de Santarém sr. Medeiros.



A sala em que se realizou a sessão estava completamente apinhada de povo, notando-se muitas senhoras nos lugares de tribuna.

Os estudantes percorreram depois a cidade, no meio da maior animação, indo cumprimentar as autoridades locais. Nas ruas do trajecto viam-se quase todas as janelas artisticamente engalanadas com lindíssimas colchas de seda e Damasco, sendo atirada, à passagem da Tuna, grande profusão de flores.

O sarau no teatro teve assistência numerosíssima, decorrendo a festa no meio do buliçoso entusiasmo e sendo freneticamente aplaudidos tanto os executantes da Tuna e seu regente como todos os estudantes que se encarregaram da interpretação da comédia *A Casa de Babel* e de vários monólogos e cançonetas.

Foi uma festa acentuadamente alegre e animadíssima que deve ter deixado recordações gratíssimas na alma juvenil dos estudantes.

A sala do teatro, bem como o vestíbulo achavam-se ornamentados com colchas de seda, capas d'estudantes, instrumentos musicais, fitas e grinaldas de flores e hera, sendo esta decoração caprichosíssima devida ao fino gosto do distinto paisagista sr. António Manoel da Saúde.”

Hoje [3 de Fevereiro], “na sala de jantar do Hotel Duarte os estudantes de Santarém ofereceram, pelas 2 horas da tarde, um «copo d'água» os seus colegas de Coimbra.

À noite realiza-se novo sarau no Theatro Rosa Damasceno, com um programa completamente novo, revertendo o produto líquido a favor das obras do «Pavilhão Júlio Malfeito».”

## VISEU

### FEVEREIRO 1906

“Veio a Viseu na sexta-feira [23 de Fevereiro] a Tuna Académica de Coimbra.

O dia estava tempestuoso; não obstante os rapazes foram gentilmente recebidos por toda a cidade sendo calorosamente acolhidos.

Visitaram logo à chegada o quartel-general onde o sr. comandante da divisão os saudou, oferecendo-lhes a seguir um copo d'água.

Foram a seguir à associação dos bombeiros voluntários, quartel do 14, Liceu, Governo Civil e por último ao Seminário onde lhes dirigiram-se brilhantes discursos de saudação os srs. cónego Damasceno, distinto

professor do Seminário, e ordenando Rocha, que é já hoje um orador de muito merecimento.

Também recitou uma mimosa poesia o ordenando sr. Requiixa.

Depois do jantar visitaram as redacções dos jornais locais e as diferentes associações.

No Grémio foi-lhes oferecido também um ligeiro copo d'água trocando-se alguns brindes muito cordiais e affectuosos.

Às 9 horas e meia da noite principiou o sarau, vendo-se a sala cheia de espectadores, sobressaindo entre eles muitas das nossas mais gentis patricias.

Correu muito bem, apresentando-se a tuna muito bem ensaiada.

Na parte dramática há a destacar o nosso patricio Luiz Carlos e um simpático rapaz a que chamavam *Ideias* e que tem um inesgotável reportório de cançonetes e recitativos engraçadíssimos.

Depois do espectáculo dirigiram-se para os salões do Grémio onde se reuniram algumas senhoras da nossa primeira sociedade, dançando-se até às 4 horas da manhã.

A direcção do Grémio ofereceu aos seus hóspedes uma chávena de chá.

Seguiram ontem [24 de Fevereiro] de manhã para Espanha, onde vão passar os três dias carnavalescos.”

## ZAMORA

### FEVEREIRO 1906

“Ainda que por ter sido alterada a sua chegada, eram muitas as pessoas que a ignoravam. Foram à estação para receber a tuna portuguesa representações dos Centros docentes, autoridades, imprensa, militares e um bom número de zamoranos.

Ao entrar o comboio nas agulhas, a assistência saudou com estrondosos aplausos e prolongados vivas os estudantes lusitanos que hoje [26 de Fevereiro] honram Zamora com a sua visita e vêm estreitar os vínculos de carinho entre as duas nações irmãs.

Os vivas a Portugal e Espanha só se interromperam pelas manifestações de simpatia e incessantes aplausos.

Aos melodiosos acordes de um inspirado pasodoble, fez a *Tuna* a sua entrada na capital, dirigindo-se ao *Ayuntamiento*, onde a recebeu

cortesmente o tenente *alcalde* D. Angel Conde, que em eloquentes frases saudou os tunos dando-lhes as boas-vindas em nome do povo de Zamora.

Com galantes frases, o Presidente da tuna, José de Almeida Eusébio, devolveu carinhosamente a saudação, sendo acolhidas as suas palavras com vivas e aclamações. Momentos depois chegou o sr. Rubio a quem saudou o distinto académico português sr. Monteiro.

Os simpáticos tunos foram obsequiados com um esplêndido *lunch*, que terminou com entusiásticos brindes dos srs. Almeida, Monteiro, Cruz e Prieto. Uma salva de aplausos deu fim à visita.

A Tuna de Coimbra foi recebida na *Diputación* pelo Presidente sr. Esteva Pascual, que em breves mas sentidas palavras, saudou os nossos ilustres hóspedes.

Os srs. Almeida e Monteiro responderam ao sr. Esteva recordando, entre outras glórias zamoranas, o caudilho Viriato.

A ovação que se tributou aos oradores lusitanos foi tão grande como merecida.

Desde o Palácio provincial, a tuna dirigiu-se para o Governo Civil, quartel de Infantaria, Palácio episcopal e círculos de recreio, sendo em todos objecto de carinhoso e entusiástico recebimento, e acolhida esplendidamente.

À sua chegada ao quartel de Infantaria, uma comissão de oficiais saiu a receber os estudantes, e a música do regimento Toledo interpretou o hino português.

Um refinado *lunch*, servido no *Cuarto Banderas*, e um eloquente discurso do tenente-coronel sr. Aguado, deram fim a tão agradáveis visitas.

Tanto no celebrado Casino, como nos círculos de París e no Teatro, os estudantes portugueses foram recebidos com evidentes provas de carinho e entusiasmo e em todas essas festas se tributaram ovações aos *tunos*.

O concerto celebrar-se-á no Teatro e será dedicado às lindas *señoritas* desta capital.

Presidirá a Tuna a *señorita* Guadalupe Roman.

O programa é como segue:

### **Primeira parte**

- I a) Hymno Académico, Medeiros;
- b) Campanone, ouverture, Mazzas;
- c) Bal de Fleurs, gavote; Almeida
- d) Carmen, selección, Bizet

Pela *Tuna Académica de Coimbra* sob a direcção do maestro Theóphilo Russell.

II Cenas cómicas, por Luís Carlos

III Andantino e Polonaise, opera 36 Ch. Dança, para violino, por Maurício Costa.

### **Segunda parte**

*La fonda del tio Genaro*

Comédia em 1 acto, adaptada para o espanhol pelo estudante português Leite Júnior.

PERSONAGENS

Don Jerano, (Pinto Bastos) Walter Cowerley, (A. Ferreiro); Pepe (seu filho)

L. Ideas. – Don Canuto, Carlos.

IV Wals fantástico, opera 97 número 2. Munier; para bandolim, por Luís Ribeiro.

V Cenas cómicas, por Lopes Ideas.

VI Grupo de guitarras.

### **Terceira parte**

VII a) Sourire d'Avril, Wals; M. Despert.

b) Anillo de Hierro, prelúdio do terceiro acto; M. Marqués.

c) Rapsódia Portuguesa (alvorada, reis magos, aldeias, gaita de foles, bailados, fados, etc.)

d) Hymno Académico pela *Tuna*.

Os acompanhamentos ao piano seram executados pelo maestro Theóphilo de Russell.”

“Sem um único lugar desocupado e com a boa sociedade zamorana a render entusiasta e carinhosa homenagem aos nossos ilustres hóspedes: os *tunos* de Coimbra, assim o coliseu apresentava um aspecto deslumbrante, como pela beleza encantadora e elegante *señorita* Guadalupe Román Puente, rainha da festa, com singular acerto elegida sua madrinha.

O espectáculo, pois, tinha que resultar formoso, muito mais quando o selecto programa que nos ofereciam os simpáticos portugueses tiveram neles felicíssimos intérpretes que demonstraram uma vez mais o gosto e delicadeza com que executam, não só o seu extenso e difícil reportório

musical, mas também a caprichosa e graciosíssima brincadeira no acto intitulado *La venda de don Gerano*.

Limitamo-no a dizer que o concerto resultou maravilhoso e digno dos seus organizadores, mas dominando nele uma nota sublime: o entusiasmo nas verdadeiras mostras de carinho que se dispensaram aos estudantes, o delírio com que se lhes aplaudiu, em especial ao eloquente e fogo orador José de Almeida Eusébio, quando no seu discurso, esmaltado de inspiradíssimos pensamentos, cantava as belezas da mulher espanhola.

A ovação que tributou ao sr. Almeida não é para ser descrita; foi tão grande como a que momentos depois se dispensou à angelical Guadalupe Román quando, acompanhada da sua distinta irmã Angeles e a formosíssima Lolita Crespo, fez a sua apresentação no camarote presidencial.

Guadalupe correspondeu a esta prova de carinho, dando vivas a Portugal e Espanha, que foram freneticamente correspondidos.

Em resumo: a *velada* recordá-la-emos com orgulho quantos tivemos o gosto de a ela assistir; e para os ilustrados estudantes lusitanos foi um assinaladíssimo triunfo artístico, o mais invejável sem dúvida dos que tiveram na sua excursão.”

# SALAMANCA

FEVEREIRO 1906

“Os estudantes da Universidade de Coimbra regressaram esta madrugada da sua excursão a Zamora, dando esta tarde [27 de Fevereiro], às cinco, um concerto no teatro do Liceo.

Segue-se o programa:

## **Primeira parte**

- 1.º a) Hymno académico, Medeiros.
- b) Campanone (overture), Mazzas.
- c) Bal des Fleurs (gavotte), Almeida.
- d) Carmen (selecção), Bizet.
- 2.º Cenas cómicas, por Luis Carlos.
- 3.º Andantino e Polonaise, op. 36, Ch. Dancla, violino por Maurício Costa.

## Segunda parte

1.º La fonda del tio Jenaro (comédia em 1 acto)

Reparto.- D. Jenaro, Pinto Bastos.- Pepe (seu filho), L. Ideas.- Walter Cowerley, A Ferreira.- D. Canuto, L. Carlos.

2.º Bolsa Phantastica, op. 97, número 2, Munier, para bandolim, por Luiz Ribeiro.

3.º Cenas cómicas, por Lopes Ideas.

4.º Grupo de Guitarras.

## Terceira parte

1.º a) Sourire d'Avril, valse, M. Despret.

b) Anillo de hierro, prelúdio do terceiro acto, M. Marqués.

e) Rapsódia portuguesa (alvorada, seis magos, aldeões, gaita de foles, bailados, fados, etc.

d) Hymno Académico, pela Tuna.”

“Como oportunamente anunciámos ontem [27 de Fevereiro] às quatro da madrugada chegou a esta cidade a Tuna de Coimbra, que não tinha outro objectivo senão dar um concerto musical.

À estação acorreram poucas pessoas devido, sem dúvida alguma, ao mau tempo que fazia sentir.

Em carruagens deslocaram-se à *fonda* da Burgalesa, dedicando toda a manhã, juntamente com vários estudantes salmantinos, a visitar os principais monumentos da nossa cidade.

Os elogios que da fachada da Universidade, Catedral, Hospital, etc., se fizeram foram grandiosos.

Às quatro da tarde reuniram-se na citada *fonda* indo de imediato para o Teatro do Liceo.

Com pouca assistência deu-se início ao concerto, entoando a Tuna a Marcha Real.

De seguida o sr. Sanmiguel, Vice-Presidente da Tuna de Salamanca, fez a apresentação da Tuna portuguesa, pedindo ao público um aplauso.

O Presidente e outro individuo da Direcção da Tuna de Coimbra responderam ao sr. Sanmiguel com frases muito galantes e carinhosas, sendo muito aplaudidos ao terminar.

Não encontramos palavras de suficiente elogio para os elementos da Tuna e, além disso, faltar-nos-ia espaço para relatar todos os primores que, com os instrumentos de corda, fizeram os estudantes portugueses.

Todo o público, que ainda que pouco era distinto, premiou com prolongadas salvas de aplausos o trabalho dos tunos.

Para demonstrar o entusiasmo com que o público que ontem assistiu ao espectáculo sente, basta saber que procuraram persuadir os estudantes de Coimbra para que permanecessem aqui para que dessem outro concerto e o público salmantino pudesse apreciar a trabalho de ambas as tunas portuguesas [a de Coimbra e a da Guarda].

Dado o fraco resultado que o concerto de ontem produziu na bilheteira, os jovens portugueses estão indecisos, mas segundo últimas notícias consentiram em prolongar a sua estadia.

De esperar é que o público salmantino acuda uma vez mais ao lindo coliseu da *calle de Toro*, com a consciência que hão-de sair satisfeitiísimos do espectáculo dos portugueses.

Às nove terminou o concerto.

Por se encontrarem muito afónicos a maioria dos que tomavam parte na representação no acto intitulado “*La fonda del tio Jenaro*”, esta foi suspendida.”

“À reunião verificada ontem [27 de Fevereiro] no Casino de Salamanca, que foi indubitavelmente a mais brilhante do Carnaval, concorreu a tuna de Coimbra, que interpretou no elegante pátio a *Marcha Real* espanhola e o hino *Da carta*, sendo muito aplaudidos e vitoriosos.

Depois subiram à sala alta, onde, depois de tocar com admirável mestria várias peças de concerto e alguns solos de violino, foram obsequiados com doces, bebidas e cigarros.

No Casino persuadiram-se os estudantes de Coimbra de que não deviam dar outro concerto e adoptaram a resolução de regressar ao seu país, como, efectivamente, o fizeram esta madrugada [28 de Fevereiro].”

# 1907 - 1908

## MESA DA ASSEMBLEIA

**Presidente:** José de Almeida Eusébio

**Regente:** Theóphilo Russell



José das Neves Elyseu



Maurício Costa

## COIMBRA

FEVEREIRO 1908

“O público conimbricense tem hoje [22 de Fevereiro] para passar a noite os seguintes divertimentos:

Sarau dramático-musical no teatro do Collegio Mondego, revertendo o produto das entradas em benefício dum aluno que carece de meios para prosseguir os estudos no Seminário.

O programa para este sarau é o seguinte:



Tuna académica – *Instrução*, Ramada Curto.  
*Caridade*, Leitão.  
*Violino*, Maurício Costa.  
Orchestra – *Quem desdenha...* comédia, pelos alunos do Collegio.  
*Somnambula*, D. Zulmira Galvão.  
*Grupo de guitarras*, Menano, Vahia e Anthero da Veiga.  
*Tragédia*, monólogo, Bousquet.  
*Reino da Bolba*, comédia.  
*Sempre distraído*, comédia.  
Sexteto, canções e poesias.  
Tuna académica.”

# FIGUEIRA DA FOZ

FEVEREIRO 1908

“Partiu ontem [28 de Fevereiro] de tarde para a Figueira da Foz, onde realizou um sarau, a Tuna Académica de Coimbra, composta por 26 executantes, sob a regência do sr. José Elyseu, e 14 estudantes que compõem o grupo dramático.

A tuna segue da Figueira para a Guarda, Abrantes e Castelo Branco. O seu programa é o seguinte:

- 1.<sup>a</sup> **parte** (pela tuna) – Hymno Académico.  
Serenata de bandolins.  
Valsa (*Emengarda*), por Vasco Rocha.  
Passa calle (*Alma nova*), por José Elyseu.
- 2.<sup>a</sup> **parte** – Poesia dedicada às damas da Figueira.  
*Scena antiga* (peça em verso, por Carlos Amaro).  
Orquestra La Moreux.
- 3.<sup>a</sup> **parte** – *Silêncio callado* (comédia), por um conhecido e distinto guitarrista (Paulo Menano).  
Coisas... do Ideias.
- 4.<sup>a</sup> **parte** (pela tuna) – Passe-calle (*De Coimbra à Figueira*), por F. Alve.  
Bolero (*O académico*) por J. Elyseu.  
Hymno Académico.”

# CASTELO BRANCO

MARÇO 1908

“À hora em que esta folha for distribuída [1 de Março] deve ter chegado a Castelo Branco a tuna académica conimbricense, que vem dar um espectáculo ao nosso teatro.

Os estudantes do Lyceu preparavam-se para lhe fazerem uma brilhante recepção e é de esperar que o espectáculo, que deve realizar-se hoje à noite, seja de molde a deixar as mais gratas recordações tanto aos académicos como ao público.”

## GUARDA

MARÇO 1908

“Na segunda-feira [2 de Março] foi o espectáculo realizado pela Tuna de Coimbra, que chegara nesse mesmo dia, sendo esperada na estação pela academia egytaniense.

Ali acudiu presurosa toda a *elite* da cidade, vendo-se nos camarotes muitas damas elegantemente vestidas.

O programa do espectáculo foi variado e belo, desempenhando a Tuna magníficos números de música. Passou-se uma bela noite de entusiasmo e franca gargalhada, que a *graça* dos tunos despertava a cada passo.

O jogo das serpentinas, soberbo.

Terça-feira [3 de Março], ao escurecer, *matinée*, também pela Tuna.

Bastante concorrência, repetindo-se o jogo das serpentinas que ficaram na plateia em montão. Proferiram-se ainda discursos, acabando a *matinée* para se seguir para os bailes do Club e do Grémio.”

## COIMBRA

ABRIL 1908

8 de Abril – “A Tuna Académica da Universidade passou a ser regida pelo muito hábil violinista sr. Maurício Costa. Em virtude de

terem passado para esta Tuna alguns académicos que pertenciam à do Lyceu, foi esta dissolvida ou, pelo menos, quase desorganizada.

A Tuna da Universidade vai nas férias de Páscoa fazer uma excursão ao norte do país e a algumas terras de Espanha.”

# CAMINHA

ABRIL 1908

“Como estava anunciado, chegou aqui na terça-feira [28 de Abril], de passagem para a Galiza, a Tuna Académica da Universidade de Coimbra. Fácil se tornava prever – porque é a segunda vez que esta brilhante corporação dramático-musical nos visita – que a sua vinda a esta vila constituiria um acontecimento muito próprio a despertar esta terra da sua habitual letargia. Com efeito, tudo se agitava em preparativos, e as nossas gentis *demoiselles* não eram das que mostravam menos afã, confeccionando os *bouquets* com que sitiariam as *praças* fortes que encerram os corações fracos dessa radiosa mocidade que tem o condão de transmitir a sua alacridade a todos quantos a cercam. Depois ela é a mocidade que caminha para o futuro na conquista do sonhado ideal e tudo isto nos impunha o dever indeclinável de a receber carinhosamente, mesmo entusiasticamente, fazendo quanto possível para que daqui levasse as mais gratas recordações. E que a nossa terra cumpriu esse dever disseram-no-lo as manifestações que por sua parte a Tuna coimbrã não cessou de nos dar até ao momento da partida, deixando-nos uma recordação saudosa das breves horas que passou entre nós, horas de festa para Caminha, fazendo com que os seus habitantes não pensassem noutra coisa que não fosse nos estudantes de Coimbra.”

“O tempo parece que quis associar-se ao nosso júbilo, pois que tendo chovido torrencialmente desde o anoitecer da véspera até depois da meia-noite, fazendo desanimar do bom êxito da recepção que se preparava à Tuna, a chuva cessou pela madrugada, irrompendo depois o sol triunfantemente e pondo uma nota alegre na festa. Grande Deus! Louvores te sejam dados!

Manhã soalheira, tudo se animou, e ao meio dia menos um quarto, a Filarmónica Caminhense, tocando um *passo dobrado*, partia da Praça do Conselheiro Silva Torres para a estação do caminho-de-ferro, onde a essa hora já se acotovelava uma multidão enorme que de todos os

pontos da vila e dalgumas povoações mais próximas ali convergiu para presenciar a chegada da Tuna Académica.

Ao meio dia e oito minutos entra o comboio-correio nas agulhas e toda aquela multidão se agita ao mesmo tempo que no ar estrondeiam os foguetes e a música toca o Hymno Académico. Parado o comboio, a Tuna ergue vivas ao povo de Caminha, vivas que são correspondidos por delirantes vivas à Academia de Coimbra e à Tuna Académica. Trocados os cumprimentos entre o Presidente da Tuna e os membros da comissão que preparou a recepção, aquele grémio encaminhou-se para os Paços Municipais, seguindo pelo largo da estação, Avenida Saraiva de Carvalho, rua do dr. João Pitta (antiga rua da Corredoura) e Praça do Conselheiro Silva Torres, entrando no edifício da Câmara Municipal onde a Tuna era aguardada pelo Presidente da vereação.

Durante o percurso a Tuna tocava um *passee calle* erguendo repetidos vivas às damas de Caminha e ao povo caminhense, vivas que eram correspondidos com outros à Tuna. Entrando esta na sala das sessões da Câmara Municipal, sempre acompanhada de muito povo, a maior parte do qual, não podendo dar ingresso na sala, ficou em frente do edifício – ali executou o Hymno Académico, que, ao terminar, foi acolhido por uma salva de palmas. Em seguida o Presidente da vereação, num breve discurso, deu as boas vindas à Tuna Académica, agradecendo-lhe a sua visita a esta vila, visita que tanto sensibilizava os seus habitantes pela deferência que ela traduzia. Respondeu o académico sr. José d'Almeida Eusébio, Presidente da Tuna, concluindo por levantar vivas à Câmara Municipal e ao seu Presidente, vivas que foram correspondidos com outros à Tuna, à Academia de Coimbra, etc.

Dos Paços Municipais dirigiu-se a Tuna para a sede da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários, sendo ali recebida pela respectiva direcção, dando-lhe as boas-vindas o Presidente e Vice-Presidente, aos quais respondeu o Presidente da Tuna, e repetindo-se as manifestações de apreço à distinta corporação dos académicos.

A Tuna foi em seguida visitar as redacções dos jornais, sendo recebida na redacção deste jornal [Jornal Caminhense] pelo seu director, que numa alocução deu as boas vindas à Tuna Académica, agradecendo a sua visita e terminando por erguer vivas à mesma corporação, à academia de Coimbra, e ao Presidente da Tuna, vivas que foram retribuídos com vivas ao director do «Jornal Caminhense» e à imprensa.

Aqui respondeu ainda o Presidente da Tuna, tocando esta por último o Hymno Académico e trocando-se novas saudações.

Depois destas visitas, a Tuna, executando um *passee calle*, percorreu diversas ruas, voltando à Praça do Conselheiro Silva Torres, dispersando nesta praça e dirigindo-se os tunos para os hotéis «Luso Brasileiro» e «Minho», onde ficaram hospedados, à excepção duns poucos, que foram hospedados nas casas dos snrs. Conselheiro Arnaldo Rego e José Rego.

A Avenida Saraiva de Carvalho, a rua do dr. João Pitta, parte da Praça do Conselheiro Silva Torres e da rua do Visconde de Guilhomil, achavam-se ornamentadas com galhardetes, vendo-se também nas sacadas dalguns prédios colchas de damasco, dando este conjunto um aspecto festivo a essa parte da vila. A sacada da nossa redacção estava engalanada com uma colcha de damasco carmesim, achando-se também hasteada a respectiva bandeira.

À noite realizou-se no teatro «Valladares» o Sarau dramático-musical.

A sala do elegante teatro achava-se *au gran complet*, vendo-se nos camarotes quase tudo quanto a nossa terra tem de mais distinto. E dizemos quase tudo, porque se uma ou outra família não assistiu ao espectáculo foi porque o luto a impediu de gozar esse prazer espiritual.

A Tuna executou o seguinte programa:

#### **1ª Parte**

Apresentação da Tuna pelo seu Presidente Almeida Eusébio.

Hymno Académico – Medeiros.

Campanone – Mazas.

Cavallaria Rusticana – intermezzo – Mascagni.

El Anillo de Hierro, Prelúdio – M. Marquez.

#### **2ª Parte**

Comédia num acto – *Pobreza, misérias de companhia*.

#### **3ª Parte**

Largo de Haendel – Violino, violetas e baixo por executantes da Tuna.

Coisas, pelo Tuno S. Ideias.

Dors, mon enfant, berceuse, C. Loret.

Mazur, É Mlynarski – Solo de violino pelo Tuno Maurício Costa.

Guitarradas com acompanhamento de violas.

#### **4ª Parte**

Rapsódia de Cantos populares – Russell e Macedo

(Alvorada, Reis Magos, Aldeões, Gaita de foles, Carvoeiras, Noite Serena,

Fados, etc...)

Sourire d'avril, valsa – Despret.

Carmen (selecção da Ópera) – Bizet

Hymno Académico – Medeiros.

Formosíssimo o discurso de apresentação, um verdadeiro ramilhete das mais grafantes flores de estilo e eloquência. Descrevendo a Natureza no que ela tem de mais artístico e poético no nosso Minho, o sr. Almeida Eusébio pintou o quadro com as mais brilhantes cores. Junte-se a tudo isto o primor da recitação e teremos dado uma pálida ideia do que foi esse discurso, que no final teve uma grande ovação, caindo sobre o orador um chuvaire de *bouquets*.

Todos os trechos musicais foram magistralmente executados sob regência do maestro Theophilo Russel, notando-se a justeza e afinação dos diversos instrumentos.

Escusado será dizer que ao terminar cada uma das peças, na sala ressoavam estrondosas salvas de palmas e o mesmo sucedeu no final da comédia, que está bem urdida, não lhe faltando as situações hilariantes, de molde a provocarem a gargalhada dos espectadores.

Quem se-nos revelou um artista *hors ligne* foi o académico Maurício Costa, que maneja com um mimo e correcção admiráveis o arco do seu violino, o que deu lugar a que alguém exclamasse que ao Maurício tinham errado a vocação, acrescentando nós – que realmente era melhor que ele fosse um insigne violinista do que um vulgar bacharel.

Num dos intervalos da última parte do espectáculo foi ao palco a comissão promotora da recepção da Tuna, e um dos seus membros, o sr. dr. Dantas Carneiro, ofereceu-lhe, em nome da mesma comissão, um lindo *bouquet* de flores artificiais, do qual emergiam duas palmas, tendo pendentes duas largas fitas de moirée, uma carmesim e a outra branca, com esta dedicatória em letras douradas: «À Tuna Académica da Universidade de Coimbra – A comissão de Coimbra oferece – 1908».

Também um grupo de senhoras ofereceu ao Presidente da Tuna uma pasta coberta de seda carmesim, com pintura a aguarela, e guarnecida a laços de fita da mesma cor. Esta pasta foi entregue no palco por um menino, filho da sr.<sup>a</sup> D. Silvina de Pinho Malheiro.

Durante o espectáculo foram lançados sobre os académicos grande número de *bouquets*, muitos deles formosíssimos, e *sachets* com *bombons*.

Como se vê do programa acima transcrito, o espectáculo terminou com o Hymno Académico, que, sempre que se executou, foi ouvido de pé, erguendo a Tuna no final entusiásticos vivas às gentis senhoras caminhenses e ao povo de Caminha, sendo estes vivas correspondidos pelos espectadores com outros à Tuna Académica, ao seu Presidente e à Academia de Coimbra.

A sala do teatro achava-se distintamente engalanada com colchas de damasco de cores diferentes e festões de verdura e flores. As colchas pendiam dos balcões dos camarotes, tendo artísticos apanhados em que foram colocadas pastas e corbelhas de flores. Do tecto também pendiam dum escudo com o monograma da Tuna Académica, cinco largas bambolinas, cada uma delas da cor característica das faculdades da Universidade. Quatro destas bambolinas estavam presas pelas extremidades à parte superior dos camarotes da 2.<sup>a</sup> ordem e a restante ao fundo da sala e no mesmo plano, formando todas elas um docel. No átrio, dos lados da porta da entrada da plateia, erguiam-se dois plintos sustentando vasos com palmeiras, vendo-se, além disso, noutros pontos do vestíbulo, diferentes festões de verdura e flores, formando tudo um belo conjunto.”

“Ontem [29 de Abril] deu a Tuna uma *matinée* em benefício do cofre do Núcleo da Liga de Propaganda da Instrução Popular. Quase todos os camarotes estavam ocupados e bem assim as cadeiras da plateia.

Os simpáticos tunos receberam novas ovações e no final do espectáculo repetiram-se os vivas.

Eram duas horas da tarde e tornava-se forçoso partir. Meia hora depois seguia a Tuna para a estação do caminho-de-ferro, indo sempre acompanhada pela comissão a que atrás nos referimos e por muitas outras pessoas.

Durante o percurso, a Tuna tocava um *passee calle* e não cessava de erguer vivas às gentis damas de Caminha e ao povo caminhense. Pouco depois chegava o expresso e nele tomou lugar a Tuna, que seguiu viagem para Ourense, trocando-se à partida do comboio as últimas e bem frenéticas saudações.

À gare da estação foram muitas senhoras para também fazerem as suas despedidas.”

# OURENSE

ABRIL 1908

“A Tuna Académica de Coimbra, chegará a esta cidade no dia 30 do corrente [Abril] no comboio da meia-noite.

Agita-se a ideia de organizar uma comissão popular, para preparar-lhes uma brilhante recepção.”

# PÓVOA DE VARZIM

MAIO 1908

“Chegou, segunda-feira [4 de Maio], no comboio às três e dez, a esta vila, a tuna académica de Coimbra.

Na *gare* era aguardada por representantes da Câmara, autoridades, representações das associações locais, todos os membros dos corpos gerentes e numerosos sócios do Club Naval, além de muito povo e a banda marcial de Laundos.

Regida pelo distinto professor de música o sr. Domingos Cunha, compareceu também ali a tuna académica do nosso Lyceu, que saudou os nossos ilustres hóspedes, executando muito bem o Hymno Académico e alguns trechos musicais.

Àquele nosso amigo e aos executantes os nossos parabéns pela gentil e cativante lembrança.

Depois de trocados os cumprimentos de praxe, pôs-se o cortejo em andamento, produzindo um brilhante efeito, dando-lhe uma ar um tanto marcial as ricas bandeiras das associações.

A passagem desde a estação ao teatro foi brilhantíssima, devido à fidalguia das nossas damas, que cobriram ininterruptamente de flores e surpresas os briosos académicos. Viam-se pelas ruas do percurso alguns prédios artisticamente ornamentados, traduzindo assim a primor a galanteria de seus moradores.

A seguir foram trocados os cumprimentos no teatro, dando as boas-vindas, numa linda saudação, o digno Vice-Presidente da câmara, sr. Abbade de Nabaes. Pronunciou, por essa ocasião, um brilhante discurso o académico e nosso amigo sr. Avelino Faria, felicitando a Póvoa pela fidalguia da sua manifestação e pondo em relevo o valor do seu movimento associativo; dissertou sobre o que significava a associação e o grande auxílio que presta para o engrandecimento da pátria.

Em nome do Club Naval cumprimentou os académicos num belo improviso o nosso amigo e Presidente da comissão sr. dr. Josué Trocado.

Por último apresentou os agradecimentos em nome da tuna o seu digno e ilustre Presidente. De palavra fácil e insinuante, traduziu perfeitamente a satisfação de que estava possuído, tecendo grandes elogios ao povo laborioso da nossa querida terra.

Todos os oradores foram aplaudidos.



Trocaram-se muitos vivas, havendo grande entusiasmo.

Terminada a recepção, dirigiram-se os académicos para o hotel, onde se efectuou um lauto jantar, para o qual foram convidados os srs. Vice-Presidente da Câmara, prior, Presidente da academia povoense e os corpos gerentes do Club Naval.

Decorreu o jantar com grande entusiasmo, trocando-se à sobremesa numerosos brindes.

À noite realizou-se o espectáculo no Theatro Garrett, que se achava ornamentado a primor, revelando o gosto artístico da briosa comissão que, presidida pelo sr. Cândido Trucco, envidou os melhores esforços por satisfazer o convite que lhe foi feito.

Deveriam ser nove horas, quando começou o espectáculo, sendo executado o programa rigorosa e brilhantemente.

Não distinguimos número algum, por o desempenho de todos eles ter arrancado entusiásticos e merecidos aplausos.

No decorrer do espectáculo foram ofertados: por um grupo de senhoras, uma rica pasta com uma palma de prata; uma lyra de flores artificiais pelo «Grupo dos 30»; uma fita pela Academia do nosso Lyceu, e numerosos ramos de flores artificiais, além de muitas outras lembranças.

Falaram os srs. Joaquim Martins da Costa Junior, em nome do «Grupo dos 30» e dr. Josué Trocado pelo Club Naval. Foram muito palmeados.

Ao abrir o espectáculo fez o discurso de apresentação o ilustre Presidente da Tuna, que, como de todas as vezes que falou, impressionou admiravelmente o público pelo brilhantismo de frase e fino traço de reconhecimento.

Pronunciou também um primoroso discurso o distinto académico e nosso prezado conterrâneo sr. Joaquim Graça, que cativou o público pela modéstia e sinceridade com que coloriu o seu magnífico trabalho. Muitos e sinceros parabéns.

Foi uma noite agradável que nos ofereceu a distinta tuna académica de Coimbra no nosso teatro, que, se revestindo de galas, cingiu o seu salão nobre de gentis senhoras, que, por completo, ocupavam todos os camarotes e frisas.

Outro tanto não podemos dizer da plateia de que apenas fora passada metade, o que sem desdouro para a reconhecida generosidade dos povoenses, foi motivado pela situação financeira da Póvoa nesta época em que todos, mais ou menos, são atingidos pelos tristes efeitos duma

rigorosa crise, profundamente gravada na indústria e comércio, que assim se vêm forçados a fugir a passatempos que viriam suavizar um tanto os amargos dissabores que experimentam presentemente nas suas lides.

Devido a esta causa foi escasso o produto do espectáculo, o que à comissão e à própria tuna contristou bastante, querendo esta até ficar aqui mais uma noite para assim ver se podia de qualquer forma conseguir ver melhor coroados os seus esforços. Não foi, no entanto, isso possível por a Companhia do caminho-de-ferro não validar para o dia seguinte os bilhetes.

Por gentil e nobilíssima atenção para com a tuna, nossa hóspede, um grupo de senhoras ofereceu-lhe, na manhã de terça-feira, uma reunião no salão de baile da Assembleia Recreativa Povoense.

Quando ali chegaram os académicos, hora e meia da tarde, já nas diferentes salas do edifício se viam numerosas famílias, ostentando alegres e vistosos vestuários, realçando jóias de apreço.

À entrada da tuna houve calorosa manifestação a que entusiasticamente corresponderam os académicos.

Começou em seguida a distracção, que constou de trechos executados pela tuna, discursos, recitações e animadíssimo baile.

Foi esta uma festa particular, mas, por certo, não das que menos havia de ter cativado os nossos hóspedes!...

Constituiu um fidalgo testemunho da parte das ilustres promotoras.

Foi oferecido aos convidados um delicadíssimo e variado serviço, vindo da conceituada Confeitaria Oliveira, do Porto.”

# 1908 - 1909

**Presidente:** Amâncio Alpoim

## COIMBRA

JANEIRO 1909

“Deve realizar-se hoje [23 de Janeiro] pelas 8 e meia horas da noite, nesta casa de espectáculos [Theatro Príncipe Real], o sarau promovido pela academia, em benefício das vítimas do terramoto no Sul da Itália.

O programa, que é dos mais atraentes, visto dele fazerem parte os melhores elementos da academia, além da colaboração dalgumas senhoras da nossa melhor sociedade e de reconhecido valor no nosso meio artístico, é o seguinte:

### 1ª PARTE

- a) *Hymno Académico*;
  - b) *Salut au drapeau*;
  - c) *Habanera*, pela Tuna Académica;
- Palavras\*\*\*;

*Grande marcha* da ópera *Aida* por uma grande orquestra, sob a direcção do distinto maestro A. Ribeiro Alves;

*Racconto*, (Bohème) Puccini, canto pela ex.<sup>ma</sup> sr<sup>a</sup> D. Pepa Goodolphim Mattos Cordeiro, acompanhada a piano pela ex.<sup>ma</sup> sr<sup>a</sup> D. Palmyra da Cunha Sequeira;

*Poesia*, pelo académico Affonso Rodrigues Pereira;

*Pensée d'Automne*, canto pela ex.<sup>ma</sup> sr<sup>a</sup> D. Eduarda Hickling Ivens, acompanhada a piano pela ex.<sup>ma</sup> sr<sup>a</sup> D. Luiza Ivens;

*O Zé Cabaço*, pelo académico Caldeira Coelho.

## 2ª PARTE

*Fazer fogo com pólvora albeia*, imitação de Aristides Abranches, comédia em 1 acto pelo Grupo Dramático Académico;

*Ave Maria de Luzççç*, canto pela ex.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> D. Margarida da Silveira Vaz de Menezes Sampaio e Mello, acompanhada a piano pela ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Palmyra da Cunha Sequeira;

*O Alabardeiro*, pelo académico Firmino d’Azevedo;

*Addio terra nativa* (Africana), de Meyerbeer;

*Aurette a cui si spesso*, (Lohengrin) Wagner, canto pela ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Palmyra da Cunha Sequeira, acompanhada a piano pela ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria de Sande Mexia Ayres de Campos de Barros;

*Pergaminhos*, pelo académico A. Esteves.

## 3ª PARTE

a) *Coral de J. S. Bach*;

b) *Freischütz* (coro dos caçadores) Weber, pelo Grande Orpheon Académico, sob a direcção do académico António Joyce;

*Coisas de Alberto Ideias*, pelo mesmo académico;

*Guitarrada* \*\*\*;

*Versos*... pelo académico Félix Horta;

a) *Fados* de Wenceslau Pinto;

b) *El Toledano – Pase Calle*, pela Tuna Académica.”

“O sarau académico, em benefício dos sobreviventes dos terramotos de Itália renderam líquido 606\$50 reis, sendo a despesa de 67\$390. Esta importância foi entregue ao sr. Conde do Ameal para o remeter para a Itália.”

# COIMBRA

FEVEREIRO 1909

24 de Fevereiro – “Um grupo de alunos da Universidade promoveu uma festa em benefício das vítimas da crise duriense. Foi uma noite bem passada e uma ideia generosa e feliz a desse grupo de rapazes, assim como foi bem escolhido o programa do sarau.

Voltou a exhibir-se o Grande Orpheon Académico que, sob a magistral direcção de António Joyce, nos encantou com a magnífica execução e artística interpretação do «Coral», de Bach, do *Côro dos Caçadores*, do *Freischütz* de weber e do *Côro* dos pastores da «Serrana», do compositor português Alfredo Keil.

Tornámos a ouvir a voz timbrada e agradável da sr.<sup>a</sup> D. Eduarda Ivens, as graças do inevitável Ideias e os sons, já tão nossos conhecidos, da Tuna Académica.”

# COIMBRA

MARÇO 1909

“Na sede da Tuna Académica realizou-se anteontem [11 de Março] à noite uma sessão especialmente destinada à inauguração do retrato do sr. dr. Avelino Calisto, ilustre lente da Faculdade de Direito, que tem dispensado obséquios àquela agremiação.

A sessão foi muito concorrida por damas, académicos, representantes da imprensa, etc.

Presidiu o sr. dr. Avelino Calisto.

O Presidente da Tuna, sr. A. Portella, tomando a palavra fez um caloroso elogio do sr. dr. Calisto, que agradeceu por forma muito penhorante para a Tuna que o honrava com aquela demonstração de apreço.

Descerrado o retrato, de novo tomaram a palavra os mesmos oradores para troca de agradecimentos.

A Tuna executou alguns números de música, bem como o grupo de guitarristas, sendo todos muito aplaudidos.”

# VISEU

ABRIL 1909

“Chegou como estava anunciado, no domingo [25 de Abril].

Não vinham alegres os rapazes, como era de esperar num dia de folguedo e alegria, sem peias e com entusiasmo.

Sentiam-se confrangidos perante a dor que a todos avassala e a sua alegria inata não podia expandir-se.

Todavia, nem por isso, as poucas horas que passaram entre nós tiveram monotonia ao despertarem aborrecimento.

Viseu recebeu-os hospitaleira e festivamente; seguiu as suas tradições e cumpriu o seu dever.

Na estação aguardavam-nos os estudantes de Liceu com a sua bandeira, os do Seminário, tendo também a bandeira, a classe dos

empregados do comércio com a sua tuna e a bandeira, bombeiros Voluntários e Municipais, juntamente com muito povo.

À chegada do comboio, e mal entrou nas agulhas, de ambas as partes, estrugiram clamorosos vivas.

Saíram da estação, dirigindo-se para a Câmara que regurgitava de gente e onde estavam muitas senhoras, onde foram recebidos pelo sr. Presidente da Câmara que lhes deu as boas vindas, em nome da cidade.

Agradeceu o Presidente da tuna, sr. Amâncio Alpoim contristado com os infortúnios causados pelo terramoto e anunciando que o produto líquido do espectáculo era destinado às vítimas do terramoto.

Foi muito aplaudido e com ele a tuna da sua presidência que no final, tocou o Hymno Académico, ouvido de pé.

Saídos dali, e levantando entusiásticos vivas à cidade de Viseu e suas gentilíssimas damas, dirigiram-se ao Liceu, indo dali à Associação dos Bombeiros e daí à dos Caixeiros, dirigindo-se depois ao Seminário onde foram entusiasticamente recebidos, ao som do Hymno Académico tocado pela charanga da casa.

No salão da Biblioteca, foram saudados pelo sr. dr. Frutuoso da Costa, digno Vice-Reitor e pelo académico do Liceu, sr. João Marques Ferreira da Costa, aos quais agradeceu o sr. Alpoim.

À noite, o Viriato estava repleto de espectadores: não havia um único lugar à venda.”

O programa constava do seguinte:

### **Primeira Parte**

**Hymno Académico**, por dr. J. Medeiros

**Apresentação da Tuna Académica**, pelo Presidente – Amâncio Alpoim

**“Anillo de Hierro”** – Prelúdio – pelo maestro: Miguel Marques

**“Serénade Orientalle”** – por Gongloff

**Fados** – por Wenceslau Pinto

**“Habanera de la Zarzuella – *Torear*”** por lo Fino;

**Viva o Algarve** – *Passo doble* pelo dr. Simões Barbas.

### **Segunda Parte**

**“Como se trata um credor”**, comédia em um acto.

Personagens:

A. Ideias, A. Baptista, A. Esteves, Felix Horta (estudantes);

Caldeira Coelho (Pantaleão);

Seves de Oliveira (creado)

### **Terceira Parte**

**Poesias** – Firmino d’Azevedo;

**Solo de Violino**, Avelino Joyce;

**Guitarradas**, Paulo Menano e Fernando de Mattos;

**Coisas**, Alberto Ideias

### **Quarta Parte**

“**Campanone** – Overture” por Mazza;

“**La Tulipe** – Gavotte” – por J. J. d’Almeida;

“**Salute au drapau** – marche” – por Haslinger;

**Hymno Académico** – por dr. Medeiros.

O espectáculo foi uma soberba diversão de rapazes; os números literários excelentes, e os musicais inexceláveis. A destacar, Paulo Menano nos fados de guitarra.

Os tunos partiram na segunda-feira [26 de Abril], no comboio das 7h40 da tarde, levando as melhores impressões, depois de terem assistido a uma *matinée* no Grémio e visitado vários estabelecimentos.”

# COIMBRA

## MAIO 1909

“Realizou-se no dia 1 deste mês [Maio], no Theatro Principe Real, o Sarau a favor das Creches de Coimbra, promovido pelo Orpheon Académico e patrocinado pela generosa iniciativa da Sr.<sup>a</sup> D. Maria Anna Portocarrero da Câmara, alma fidalga e comovida, a quem os abandonados da sorte tanto e tanto devem de carinho e de amor.

Foi, como de resto todos os anos, uma festa requintada e esplêndida, em que tudo se reuniu, desde a procurada organização do programa até à escolhidíssima assistência, para nos dar uma impressão inolvidável de alegria, de entusiasmo e de arte.”

“Eram oito e três quartos quando entrámos na sala. Esta tinha, nesse momento, o ar alegre e suave que lhe davam as *toilettes* claras, quase todas brancas, das senhoras, que, em grande número, se viam pelos camarotes e frisas e, ao mesmo tempo, predominava nela também a nota, grave e pesada, das casacas correctas, impecáveis. A luz difusa, mas clara, das lâmpadas eléctricas, de mistura com a claridade forte da incandescência, dava um relevo acentuado e profundo, vincando, com traços incisivos, as fisionomias. Quando, precisamente, acabámos de limpar cuidadosamente as lentes do binóculo para procedermos a um exame mais detalhado e...

mais aproximado, as primeiras notas do Hino Académico, tocado pela Tuna, soaram, vibrantes e marciais, o que nos obrigou a interrompê-lo.

Depois começou cumprindo-se o programa. É a Sr<sup>a</sup> D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, a distinta *virtuose*, discípula dilecta de Vianna da Motta, que, magistralmente, executa ao piano números difíceis de *Schubert-Liszt*, *Chopin*, etc., e D. Sarah da Motta Vieira Marques que, com o costumado brilho, canta alguns trechos; ambas recebendo da plateia, que sobejamente as conhece já e admira, ovações enormes.

Bensaude, como sempre o conhecemos: correcto, interpretando distintamente o prólogo dos *Palhaços* e depois no *duo* do *Barbeiro de Sevilha* com D. Sarah Marques, em que ambos mereceram a enorme manifestação de apreço que tiveram.

Cecil Mackee, delicioso no violino, arrancando fartos e justos aplausos.

Do Orpheon, que dizer que não esteja dito já? Uma vez mais nos dominou, nos arrebatou. A arte, consubstanciada ali, na poderosa e bela organização musical, que é a de António Joyce, manifesta-se nele com todo o seu império, esse império avassalador, absorvente quase, que, sobre os nossos espíritos e sobre a nossa inteligência só ela sabe e pode exercer.

Chegámos, por vezes, a ter a ilusão de que a batuta de Joyce, que ele nervosamente e em movimentos bruscos, mas seguros, agita e que, ora marca passagens fortes, cheias, ora sublinha outras, em que a voz quase se extingue, tudo isto numa gradação de sons, bem definida, tem o mesmo poder de magia que a nossa imaginação criou para essas varinhas de condão dos contos de fadas. A plateia levanta-se então, e entusiasticamente aclama Joyce.

Propositadamente deixámos para o fim as referências a D. Branca de Gonta Collaço e a António Arroio, que o público de Coimbra não conhecia ainda, mas a quem soube fazer justiça, prestando homenagem aos seus elevados méritos.

A distinta poetisa e primorosa *diseur*, filha do saudoso Thomaz Ribeiro, teve uma verdadeira consagração. Recitou de uma forma inconfundível e com incedível mimo: *Versos ao mar*, *Flirt* e um soneto. Depois, já na frisa, instada novamente, recitou ainda um outro soneto.

Das manifestações de que Branca de Gonta foi alvo, compartilhou também seu marido, o primoroso artista que é Jorge Collaço.

António Arroio falou-nos de música como quem dela muito conhece. Durante mais de uma hora mostrou exuberantemente os seus conhecimentos profundos. Falou-nos do Orpheon de há 30 anos, traçou-nos um belo quadro da evolução da arte musical, falou-nos das grandes massas corais organizadas, ou seja, dos orfeons, enfim, a sua bela



alma de artista, dando calor e eloquência à sua frase, fala-nos enternecida e quase religiosamente de música.

Uma prolongada salva de palmas coroa as últimas palavras do distinto crítico. Durante os intervalos e depois, à saída, as ovações sucederam-se, sempre cheias de entusiasmo e calor.

Nelas não foi, nem podia ser, esquecida a Sr<sup>a</sup> D. Maria Anna Portocarrero, incansável organizadora destas festas, que foi deliberadamente aclamada.

Uma bela noite de festa, como, aliás, o tínhamos previsto.”

“O rendimento líquido do sarau em benefício da Creche foi de 565\$555 réis.”

“O sr. dr. Avelino Calisto promoveu para o dia 29 e 30 do mês passado [Maio] um festival no pátio da Universidade, cujo produto é aplicado ao encerramento das matrículas dos estudantes pobres.

Tomaram parte no festival a Tuna Académica, o Orpheon, a banda regimental e a música dos órfãos.

Foi uma simpática ideia que calou no ânimo de quem é altruísta.”

“Kermesse no pátio da Universidade rendeu 240\$000 reis líquidos de todas as despesas, que já foram distribuídos a 8 alunos necessitados para a matrícula.”

# COIMBRA

JUNHO 1909

A 5 de Junho aparece a notícia de que “a reforma de estatutos, a que esta colectividade [Tuna Académica] vai proceder, estabelecerá a criação duma caixa de socorros aos seus associados, que deles necessitem, sendo os fundos dessa caixa constituídos pela percentagem de 25 por cento do produto de cada sarau e espectáculo que a tuna promova e realize.

Para a elaboração da reforma está nomeada uma comissão composta pelos srs. Bento Accácio, Amâncio Alpoim, António Maria de Sousa Nápoles, Firmino de Azevedo e Arnaldo Sequeira.”

“No dia 6 de Junho efectua-se no Theatro Circo um sarau musical, pelo pianista sr. Vianna da Motta, tencionando a academia organizar uma recepção ao exímio artista, com o concurso da tuna e do orpheon.”

“O distinto pianista Vianna da Motta, quando esteve, há dias, nesta cidade, prometeu compor um novo hino académico.”

# 1909 - 1910

**Regente:** Francisco Lopes Lima de Macedo

## SANTARÉM

NOVEMBRO 1909

“Vieram no domingo [14 de Novembro], no momento em que do céu, com negrimes inverniais, descia a chuva impertinente, como tentando empanar o brilho de uma festa que requeria sol a jorros, esse belo sol que costuma dourar as cristas dos cinco outeiros que a hospitaleira terra escalabitana coroa, ainda apertada no seu esburacado cinto de muralhas romanas.

Os habitantes desta cidade, tradicionalmente fidalga e hospitaleira, que já tinham aclamado os estudantes na estação do caminho-de-ferro e em todo o percurso, receberam a academia junto ao passeio da Rainha, onde a Banda dos Bombeiros Voluntários tocou. Apenas negrejavam, à distância, as capas negras dos académicos que, a pé ou de carro, mal tentavam defender-se da chuva inclemente que não abriu sequer um parêntesis de *tréguas* nessa hora prometedora de grandes aclamações e de ruidoso saudar.

A despeito desse contratempo, o povo estacionava pelas lojas e sob árvores do largo Passos Manuel, aguardando a Tuna da Universidade de Coimbra e no claustro do Lyceu uma massa compacta esperava os rapazes que, ao entrar ali, foram alvo de vivas que esfusiavam numa recapitulação ruidosa, erguendo a sua bandeira ajoujada de fitas multicolores que são como um «remember» de tantas jornadas gloriosas assim avivadas no *registo* da Tuna.

A sala n.º 1 do Lyceu, com todo o seu ar universitário, foi invadida pela multidão em que predominava o elemento académico: os estudantes do Seminário e os do Lyceu; e grande número de senhoras que não temeram arrosta com a chuva para ir colaborar também nas boas vindas aos tunos.

Ao fundo, a figura encanecida do Reitor, sr. padre João Ribeiro, secretariado pelos srs. comandante de artilharia 3 e professor ginestral Mechado, presentes um representante da Câmara Municipal, algumas autoridades e directores de colégios.

Serenado o ruído das saudações, o sr. Reitor do Lyceu cumprimenta os estudantes da Universidade de Coimbra e diz que todos os académicos presentes terão a generosidade de desculpar um velho, cansado das labutas escolares, pelo pouco que possa dizer nas suas saudações. Afirmando que a cidade de Santarém é altamente hospitaleira, mostra como essa condição se manifesta no rosto alegre de toda a gente que, ali, aclama a mocidade académica que está na aurora da vida, olhando os largos horizontes, a esperança do futuro, porque um dia serão os estudantes de hoje chamados a dirigir a evolução social.

Alude à grandeza passada dos portugueses que ao mundo deram lição com as suas notáveis descobertas. E se hoje não podemos lutar com outras grandes nações, por falta de recursos materiais, a alma é ainda a mesma, heróica e sonhadora, capaz de grandes cometimentos.

O sr. padre João Ribeiro, comovido bastante, termina por um «Viva a mocidade académica de Coimbra» que foi extraordinariamente correspondido, seguindo-se uma prolongada salva de palmas, entrecortadas por saudações ao Reitor do Lyceu, à Academia de Coimbra, ao exército, ao Lyceu de Santarém, à fraternidade académica, ao Seminário, às damas de Santarém, etc.

O Presidente da Tuna de Coimbra agradece, orgulhando-se da recepção.

Não esperava tanto, apesar de saber que Santarém era verdadeiramente hospitaleira. Afirmo que a Tuna Académica é a única que conserva as tradições nessa Coimbra de lenda e de sonho. Na luta social em que vence quase sempre o mais rico, torna-se preciso angariar subsídios com destino aos estudantes pobres. A isso vem a academia. Aludindo aos seminaristas e agradecendo-lhes a recepção; diz que mais tarde eles espalharão por essas aldeias o ensino, numa missão benéfica e grandiosa. Aos estudantes da Escola Agrícola exorta-os a que se esforcem por levantar o país que é essencialmente agrícola, lamentando que em vez de se dedicarem à agricultura a maioria dos rapazes prefira avolumar a legião de bacharéis.

Dirigindo-se aos estudantes do Lyceu lembra-lhes que, ao pretenderem entrar nas escolas superiores, muitos o não poderão fazer por falta de meios. A caixa de subsídios tende a remediar essa lacuna.

Agradece a comparação das senhoras porque o seu sorriso dá sempre uma nota alegre nestas festas.

Depois do agradecimento do representante da Academia de Coimbra o estudante Abel da Silva, em breves palavras dá as boas vindas aos seus colegas conimbricenses, em nome do Lyceu desta cidade, referindo-se ao fim caritativo que os traz a Santarém, essa sublime missão dos tempos modernos que leva o homem dum a outro extremo da terra para acudir aos seus semelhantes.

Diz que em Santarém existem almas iguais às suas, mirando o bem, olhando o infinito que não compreendem, mas sempre com a esperança de chegar às grandes amplidões de liberdade, irmã da fraternidade, do dever pelo próximo, da união das almas pela comunhão dos princípios da idade moderna.

É necessário que a árvore académica dê fruto, de contrário esta será estéril, será morte. Esses frutos devem ser o amor pela liberdade e a luta pela caridade.

Fala depois o seminarista Izidro Varella, do 4ºano teológico, que entusiasma o auditório com o calor da sua palavra, proferindo uma alocução.

Ainda o aluno da Escola Agrícola, sr. António Sousa, profere algumas palavras de agradecimento, fazendo a apologia da agricultura e saudando os estudantes de Coimbra. O académico sr. António Cordeiro Gomes Abreu, na sua qualidade de santareno e de estudante da Universidade, felicita-se pela brilhante recepção feita na sua terra à Tuna Académica.

A festa encerra-se com algumas palavras do digno Reitor do Lyceu que são abafadas pelos vivas e palmas de todos os estudantes numa ruidosa e significativa manifestação de entusiasmo.

Os estudantes, que deviam ser recebidos, depois, no edificio dos paços do concelho, desistiram do seu propósito, por motivo da chuva que caía, seguindo para o Hotel Central. Das janelas, onde cabazes de flores viçosas havia para serem espalhadas à passagem do cortejo, as meninas românticas procuravam avistar os moços académicos, mas... debalde.

Só quando a chuva cessou é que a Tuna saiu do Hotel, indo cumprimentar a sua presidenta honorária, a ex.ma sr.<sup>a</sup> D. Alda Anachoreta, seguindo depois pela rua João Affonso até ao quartel de caçadores 6 onde foi gentilmente recebida pela oficialidade, executando nessa ocasião a banda do batalhão e cambiando-se muitas saudações e vivas ao exército, à pátria, aos académicos.

Não podendo seguir para o quartel d'artilharia 3, em consequência do tempo, foi ali cumprimentar os oficiais uma delegação, regressando todos os estudantes ao hotel para lhes ser servido o jantar que, como é de supor, decorreu no meio dum ruidoso entusiasmo.

No Theatro Rosa Damasceno, simples na sua decoração, em que belas colchas de Damasco formavam docel nos balcões de primeira ordem, realizou-se, à noite, o sarau.

Era grande a assistência. Junto da balastrada dos camarotes mulheres, de claro, como em noite de gala, davam à sala uma nota sedutora, verdadeiramente gentil à luz crua do gás. Essas figuras que nós conhecemos de todos os dias, de todas as horas, neste restrito meio provincial, quase tomavam formas divinas, para nos reaparecerem ali, belas na sua frescura perfumada, radiantes na sua beleza casta.

Cumpriram o programa os seus estudantes? Sabemos lá!...

Por entre os gritos comburentes das saudações se levantou o pano, se executou o Hymno Académico – esse trecho que tantas vezes tem acordado os ecos da Porta Férrea – e o estudante Ideias, já nosso conhecido de há anos – quanto não sabemos – numa simplicidade encantadora de frase, fez a apresentação da Tuna.

Depois... trechos musicais, versos, colocação duma fita no estandarte da Tuna pelos alunos da Escola Agrícola, guitarradas, solos, poesias, a comédia *O Comendador Aleixo*, interpretada com muita felicidade, por estudantes que revelam aptidão cénica; e da parte do público os bravos, as palmas, o entusiasmo a jorrar espontâneo, dessa confraternização buliçosa, irrequieta, que imprime halos de alegria na fronte do mais sisudo.

O que se pode afirmar é que já cantavam os galos por esses quintais, numa estridente alvorada, quando o Hymno Académico se executou a encerrar a festa que foi mais uma bela noite a registar no Livro de Oiro do nosso primeiro templo de Arte.

A matinée, embora fraca de assistência não decorreu com menos entusiasmo, vendo-se as localidades, na mor parte, tomadas pelo elemento académico.

A Tuna executou primorosamente alguns trechos, sobressaindo o «passe-doble» *Blanquito*.

O programa alterou-se – porque seria milagre fazer cumprir aos rapazes aquilo que tinham pensado fazer... de véspera – e de monólogo em monólogo, de pedido em pedido por aí fora... a assistência deliciou-

se com a graça esfusiante, dos endiabrados moços, que exibiram números verdadeiramente originais, provocando a ovação.

O académico Abel da Silva, de Santarém, entrou no palco a oferecer uma fita dos estudantes do Lyceu para a bandeira que logo foi colocada como lembrança da romagem a esta cidade. (Pobre porta-estandarte...)

À *procura d'um emprego* foi uma «charge» muito regularmente desempenhada, merecendo aplausos. E os *Luziadas*, em quase todas as línguas... de trapo, constituiu decerto um dos graciosos números do programa.

Às 4 horas, a festa tinha cessado pelo Hymno, e os rapazes, desobrigados da sua missão, saíam para o hotel, em busca do repasto, que foi outra festa a que se associou o ex-académico e nosso amigo sr. José Montez, ofertando aos rapazes, alguns que ainda foram seus conterrâneos, umas taças de vinho espumoso do Douro que é muito superior ao *champagne*... falsificado.

A Tuna retirou para Coimbra no rápido das 6h36 da tarde de segunda-feira, sendo os estudantes acompanhados à «gare» pelos seus colegas de Santarém e por muito povo que os saudou na ocasião da partida.”

## COIMBRA

### ABRIL 1910

“Foram a Lisboa os académicos da Universidade, srs. Tavares da Silva e Alfredo Santos, para solicitar do governo feriadados nos dias 25 e 26 do corrente [Abril], a fim de se poderem realizar em Coimbra os festejos em honra de Herculano.

A pretensão foi atendida, podendo por isso considerar-se de férias a próxima semana.

Fica apenas o sábado para dia de aulas.”

“Sábado [23 de Abril] pelas 9 horas da noite, chegou a esta cidade o distinto escritor espanhol D. Ubaldo Romero Quiñones, que, propositadamente veio assistir às festas em honra do eminente historiador português. No mesmo comboio vieram os delegados da academia de Lisboa.

Ao entrar nas agulhas, a Tuna Académica da Universidade tocou a Marcha Real espanhola, ao mesmo tempo que eram erguidos vivas à Espanha, a Portugal, a Coimbra, à Academia, etc., subindo ao ar girândolas de foguetes.

Formou-se em seguida um cortejo que seguiu até ao hotel Bragança, onde Romero Quiñones se hospedou, tocando novamente a tuna e saudando-o o seu Presidente, o estudante Nobre de Mello, ao qual o nosso ilustre hóspede respondeu num improviso entusiástico e brilhante.”

“No domingo [24 de Abril] às 5 horas da manhã, as filarmónicas, *Taveirense*, *Boa-União*, *Conimbricense*, e a banda de infantaria 23 iniciaram as festas percorrendo as ruas da cidade, executando o excelente hino de Alexandre Herculano, sendo queimadas muitas girândolas de foguetes.

Pelas 2 horas da tarde, arvorada a bandeira nacional na Torre da Universidade, começou o cortejo” “que ia bastante numeroso, tomando parte nele, entre outras, as seguintes corporações: Filarmónica Taveirense, seguindo-se com os seus estandartes, a Associação Académica e a Tuna Académica da Universidade, Tuna do Liceu, alunos das escolas primárias oficiais da Sé Nova, Sé Velha, Santa Cruz, S. Bartolomeu e Santa Clara, e depois o professorado primário e alunos do Colégio Nacional.”

Na segunda-feira, dia 25 de Abril, “o sarau no Theatro Circo foi brilhantíssimo. A sala achava-se artisticamente ornamentada com arbustos, palmas e colchas. Ao lado direito do palco via-se um grande busto de Herculano entre um maciço de verdura.

Esta interessante e artística decoração foi delineada e dirigida pelo sr. dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho e executada por alguns sócios da Escola Livre das Artes do Desenho.

A primeira parte do programa foi alterada pela falta do sr. dr. Alexandre Braga, que telegrafou dizendo que perdeu o comboio.

Falou em seu lugar o ilustre escritor sr. Abel Botelho, que produziu um magnífico discurso, pela concepção e pela forma. Começando por fazer o elogio de Lisboa, Porto e Coimbra, traçou brilhantemente o perfil de Herculano, evidenciando a sua acção renovadora da sociedade portuguesa.

Dirigindo-se à mocidade aconselhou-a que ame, leia e estude o grande vulto, seguindo-lhe o exemplo para temperar melhor a sua alma e modificar o estado deprimente da época que atravessamos, preparando-se para a redenção da pátria.

Foi delirantemente aplaudido, tendo repetidas chamadas.

A Tuna da Universidade e Orpheon, que executaram várias peças do seu repertório, foram muito ovacionados.

A sr<sup>a</sup> D. Adozinda Paiva, distinta pianista desta cidade, executou magistralmente ao piano vários trechos difíceis, pelo que foi muito aclamada.

Benetó e Adolpho Rosa, dois grandes artistas, um de violino, outro de bandolim, arrancaram fartíssimos e muito justos aplausos.

Ferreira da Silva, o nosso arrojado artista disse, além dum soneto dedicado a Herculano, várias outras poesias, sendo aclamadíssimo.”

“Para tomar parte na piedosa romagem ao túmulo de Alexandre Herculano, partiu hoje de manhã [27 de Abril] para Lisboa, em comboio especial a academia de Coimbra, e muitos outros indivíduos.

E assim terminaram as festas que a academia de Coimbra promoveu em honra do eminente historiador.

Porque se não poupou a esforços para o seu brilho, a grande comissão académica desta cidade deve, a estas horas, estar satisfeita com o resultado do seu intenso trabalho.”

# LISBOA

ABRIL 1910

“Os estudantes portuenses e conimbricenses devem estar bastante satisfeitos com a carinhosa e significativa recepção que ontem [27 de Abril] tiveram ao chegar a Lisboa, onde vêm tomar parte nas festas em homenagem ao grande historiador Alexandre Herculano.

Foi sem dúvida uma das recepções mais entusiásticas que se tem realizado na capital, e a ela se associaram o povo e os estudantes de todas as escolas de Lisboa, incluindo os alunos da Escola Normal, associando-se também muito povo.

Ao meio dia já se encontrava a gare do Rocio apinhada de estudantes das escolas de Lisboa e de curiosos, à espera do comboio que trazia de Coimbra o orpheon académico da Universidade.

Ao meio dia e um quarto ouviu-se um silvo agudo, e ao mesmo tempo uma locomotiva surgiu ao alto da gare.

Ainda o comboio não havia parado quando a alegria, o entusiasmo, irromperam em gritos, em palmas, em francas demonstrações de regozijo.

Às portinholas, os académicos de Coimbra, nos seus trajes negros, agitando as capas, correspondiam ao entusiasmo com entusiasmo.

A saída das carruagens fez-se entre abraços, entre cumprimentos afectuosos, esturgindo os vivas.

Aguardavam os académicos, além de muitos estudantes das escolas de Lisboa, entre os quais uma deputação da Academia de Lisboa, com o seu estandarte, a comissão executiva representada pelos srs. Consiglieri Pedroso, Presidente; Almeida Lima e Rezendo Carvalheira, secretários; e os vogais srs. Moreira d’Almeida, Reis Santos, Cardoso Gonçalves e Agostinho Fortes.



Também vimos na gare os srs. conselheiros Francisco Patrício, Pina Callado, Simões Baião e Ernesto de Vasconcelos; drs. Jacintho de Freitas, José Joyce e Alberto de Sousa Costa, e o vereador municipal sr. Augusto José Vieira.

A Tuna Académica não compareceu, em consequência de, à hora da chegada do comboio, ter ensaio de apuro.

Os académicos do norte, depois de terem cumprimentado as pessoas que os aguardavam, saíram da estação, e juntamente com os membros da comissão executiva, dirigiram-se para o edifício da Sociedade de Geografia, onde, na vasta sala Portugal, se realizou a sessão solene.

Presidiu o sr. Rezendo Carvalheira, secretário da comissão; o vogal sr. Agostinho Fortes e o representante da Academia de Coimbra sr. Tavares da Silva.

Depois de abrir a sessão o sr. Presidente saudou os estudantes do norte e de Lisboa, e, mostrando-lhes num breve discurso o valor da consagração a Alexandre Herculano, pede que todos os académicos ponham de parte as suas ideias políticas e se unam com o intuito de prestar homenagem ao eminente poeta e prosador.

As suas palavras foram ouvidas no meio do maior silêncio, e, no final, coroadas com uma prolongada salva de palmas.

Em seguida usou da palavra o representante do Curso Superior de Letras sr. Braga, saudando os seus colegas, referindo-se, com palavras de elogio, aos membros da comissão executiva, e terminando por se manifestar concorde com a opinião esplêndida pelo sr. Presidente, no que diz respeito à necessidade de todos os estudantes deverem visar neste momento apenas a homenagem sincera a Alexandre Herculano.

Elogiando a comissão e afirmando os ideais que animam para o mesmo fim todos os académicos, falaram ainda os representantes da Academia de Coimbra, da Tuna Académica de Coimbra, da Comissão Académica de Lisboa e Academia do Porto.

Terminada a sessão, os estudantes mais fatigados dirigiram-se para hotéis, ou para casas de pessoas de família, e os restantes passearam em grupo pela cidade, alguns em trens e automóveis.”

“Foi brilhantíssima a festa!

Talvez poucos saraus se tenham realizado ultimamente que hajam reunido tão belos e completos elementos como o de ontem [27 de Abril], em que além da execução correctíssima dos diferentes números do interessante programa; da comemoração que ali se fazia; da nota altamente simpática e alegre que a Academia lhe dava, havia o fim

benemérito a que o seu produto era destinado: a fundação de duas novas escolas.

Eram 9 horas e dez minutos, quando el-rei [D. Manuel II] acompanhado por sua alteza o príncipe real apareceu no seu camarote, dando-se começo à festa que ia ter lugar numa sala completamente repleta de espectadores, matizada deliciosamente de formosos rostos femininos e na qual se notava tudo quanto a capital possui de mais distinto.

O programa foi cumprido à risca e desde a Marcha Triunfal executada pelas tunas académicas sob a direcção do sr. Pavia de Magalhães até ao seu último número, foi num crescendo de entusiasmo

### **1ª parte**

1º - Marcha Triunfal Herculano pelas Tunas Académicas de Lisboa e Coimbra, sob a regência do ex.<sup>mo</sup> sr. Eduardo Pavia de Magalhães

2º - Descerramento do busto de Alexandre Herculano.

3º - Alocução pelo Presidente da Comissão do Centenário

4º - Recitação de poesias e leitura de trechos de Herculano:

a) Diálogo de Eurico e Hermengarda do romance «Eurico» pela ex.<sup>ma</sup> sr<sup>a</sup> D. Lucinda Simões e o ex.<sup>mo</sup> sr. Eduardo Brazão.

b) «A Tempestade», poesia de Herculano, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Eduardo Brazão.

c) «A Cruz Mutilada», poesia de Herculano, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Christiano de Sousa.

d) «A Rosa», poesia de Herculano, pela ex.<sup>ma</sup> sr<sup>a</sup> D. Lucinda Simões.

5º - Recitação de poesias originais de homenagem à memória de Herculano.

### **2ª parte**

1º - Orpheon Académico de Coimbra, sob a regência do ex.<sup>mo</sup> sr. António Joyce,

a) In coena Domini (Feria V), Palestrina;

b) Coro dos soldados (Huguenottes), Meyerbeer;

c) Ych legte mich am Abend, Grieg;

d) Fuga (da ópera «Damnation de Faust»), Berlioz.

2º - Riensi (Overture), Wagner, pela orquestra, sob a regência do maestro ex.<sup>mo</sup> sr. D. Pedro Blanch.

3º - Ária da ópera «Cid», de Massenet, para canto, pela ex.<sup>ma</sup> D. Cândida da Nova Monteiro, com acompanhamento de orquestra.

4º - Romanza do «Concerto XX», de Mozart, para piano, com acompanhamento de orquestra pela ex.<sup>ma</sup> sr<sup>a</sup> D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso.

### 3ª parte

1º - Concerto pela Tuna Académica de Lisboa, sob a regência do aluno do Conservatório ex.<sup>mo</sup> sr. Pavia de Magalhães,

- a) Hymno Académico, Medeiros;
- b) Mormorio del Mare, intermezzo, S. Salvetti;
- c) Val-de-Lobos, marcha, Pavia de Magalhães.

2º - Variações de Proch para canto, com acompanhamento de piano pela ex.<sup>ma</sup> sr<sup>a</sup> D. Amélia Almeida Serra.

3º - Ária do barítono do 1º acto da ópera «Eurico» para canto pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Maurício Bensaude, com acompanhamento de piano.

4º - Concerto pela Tuna Académica de Coimbra, sob a regência do ex.<sup>mo</sup> sr. Francisco de Lima Macedo,

- a) Serenade orientale, de Gongloff;
- b) Scene de balet, de Beriot
- c) Hymno Académico, Medeiros.

5º - Marcha Triunfal de Alexandre Herculano pelas bandas da Guarda Municipal e Marinheiros”

“O ilustre Presidente na comissão executiva o sr. Consiglieri Pedroso, fez numa bela alocução, alusão à simpatia que despertava a iniciativa da mocidade académica na celebração deste centenário, ao fim a que se destinava o produto desse sarau, às escolas que iam ficar como lápide significativa dele, lembrando à briosa classe académica ali tão largamente representada e reunida em tão fraternal amplexo, quanto a pátria portuguesa dela espera para seu engrandecimento em prol do progresso e da liberdade.

Prolongada salva de palmas saudou o ilustre homem de ciência, que tão bem soube aludir à significação da ideia que criou a academia portuguesa na celebração do Centenário do nosso grande historiador.

Em seguida, Eduardo Brazão e Lucinda Simões disseram com o primor que todos lhes conhecem, o diálogo de Eurico e Hermengarda e os mesmos artistas e Chrystiano de Sousa, recitaram poesias do mestre, trechos poéticos que foram vivamente apreciados.

A segunda parte iniciou-se pela apresentação do Orpheon Académico de Coimbra, belo grupo de duzentos e tantos executantes, que sob a direcção do estudante António Joyce, executou por forma brilhantíssima, vários trechos, entre os quais o coro dos soldados dos «Huguenotes», que teve as honras de «bis».

Não é fácil imaginar-se o trabalho que devia ter dado a organização do esplêndido grupo orpheónico, que só teve outro igual em 1880, e que

certamente faria lembrar com saudade aos que na plateia assistiam à festa, os seus alegres tempos de estudantes.

Foi realmente um dos números do programa mais interessantes e, na parte musical, não deve esquecer-se de forma alguma, a execução da abertura de «Rienzi» habilmente regida pelo maestro Pedro Blanc, os trechos delicadamente cantados pela sr<sup>a</sup> D. Cândida de Nova Monteiro Kendall, a romanza do «Concerto XX» de Mozart, tocado ao piano, com acompanhamento de orquestra, pela sr<sup>a</sup> D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso; e as variações de «Proch», cantadas pela sr<sup>a</sup> D. Amélia de Almeida Serra acompanhada, bem como madame Kendall, pelo maestro Sarti; e ainda a área do barítono da ópera «Eurico» de Miguel Ângelo, cantada pelo sr. Maurício Bensaude e os concertos das Tunas de Lisboa e Coimbra, regidas respectivamente pelos srs. Pavia de Magalhães e Lima de Macedo e ainda a Marcha Triunfal pelas bandas da guarda municipal e dos marinheiros.

Foi enfim, uma festa que deixou em todos a que a ela assistiram gratíssima recordação e à qual pelo adiantado da hora a que terminou sentimos não poder fazer mais larga referência.

O governo estava representado pelos srs. conselheiros Dias Costa, Eduardo Villaça, Arthur Montenegro e Soares Branco.

A câmara dos pares estava representada pelo seu Vice-Presidente, sr. Eduardo de Serpa e secretário sr. Luiz Bandeira Coelho e a câmara dos deputados pelo seu Presidente sr. conde de Penha Garcia.

Representaram a Câmara Municipal os srs. vereadores Veríssimo de Almeida, Ventura Terra, Miranda do Valle, Nunes Loureiro e Dias Ferreira.

O sr. duque de Palmela pôs muito gentilmente o seu camarote à disposição da comissão executiva, para que esta o ocupasse.”

# 1910 - 1911

## MESA DA ASSEMBLEIA

**Presidente:** José Freire de Carvalho Falcão

## DIRECÇÃO

**Presidente:** Estevam d'Oliveira

**Secretário:** Lopes Ideias

**Secretário:** Adelino Jorge

**Tesoureiro:** Bento Accácio

**Tesoureiro:** Mattos Chaves

**Delegados na viagem a Espanha:** Sarafana / Caldeira Coelho

**Regente:** Costa Pinheiro



Figura 26 – Tuna Académica de Coimbra em 1910/1911

# CIUDAD RODRIGO

FEVEREIRO 1911

“Imensa gente se dirigia à estação de caminho-de-ferro, desde as quatro da tarde do dia 20 [de Fevereiro], com o objectivo de receber a representação da juventude estudantil da Universidade de Coimbra, que visitava a Espanha e que se detinha nesta histórica cidade.

Às cinco e meia, uma comissão do nosso *Ayuntamiento* acompanhada das sociedades dos grémios com os seus estandartes, a colónia portuguesa com a sua bandeira, uma representação do clero e seminário, os directores dos periódicos locais, o Corpo activo de Bombeiros e a banda municipal, dirigiram-se à estação para dar as boas-vindas aos nossos vizinhos.

À chegada do comboio era completamente impossível dar um passo na *gare* e nas suas imediações, havendo necessidade de formar um corredor a polícia e os bombeiros, por cujo centro desfilou a tuna para presenciar a apresentação na sala de espera, que fez o don Arturo Amaro como compatriota dos nossos visitantes.

É impossível descrever o entusiasmo que se manifestava entre portugueses e espanhóis, não cessando um momento os vivas às duas nações irmãs.

Os estudantes tentaram entrar na cidade a tocar, sendo-lhes completamente impossível pela aglomeração de gente que impedia a organização de tal manifestação.

No *Ayuntamiento* foram recebidos pela Corporação e pelo Presidente da *Diputación provincial*.

O sr. Falcão, Presidente dos estudantes, proferiu um eloquente discurso saudando Ciudad Rodrigo e agradecendo a grandiosa recepção que lhes haviam dispensado.

O sr. *Alcalde* respondeu-lhe dando-lhes as boas-vindas e os agradecimentos pela sua atenção ao passarem por este local que conserva gratas recordações de Portugal, cujos filhos lutaram ao pé das nossas históricas muralhas, defendendo as liberdades pátrias; terminado a sessão com a execução do Hymno Académico.

Do *Ayuntamiento* dirigiram-se à casa da madrinha *señorita* Pura Petite, que foi aclamada com entusiasmo delirante, subindo a saudá-la o Presidente da tuna e a representação.

Retiraram-se de seguida para a *fonda* Universal e hotel Salgado, onde tinham preparado a sua hospedagem.

Às nove, o Presidente da tuna e a comissão, acompanharam a madrinha e a sua corte, formada pelas incomparáveis *señoritas* Asunción de Vicente, Felisita Gallo, Angela García e Paquita Moretón, que ao apresentar-se no camarote designado para presidir o concerto que davam os tunos no Teatro Nuevo, foram objecto duma entusiástica aclamação pelos estudantes e pelo público selecto que ocupava o nosso amplo e precioso coliseu.

Colocada a bandeira da tuna no camarote presidencial, luzindo a bela Purita um precioso laço com as cores das faculdades, presente aos nossos visitantes, deu início o concerto musical cujos números mereceram justos aplausos, porque em abono da verdade foram executados com verdadeira mestria.

Uma vez terminado o concerto, subiram as nossas belas conterrâneas aos amplos salões da sociedade *Círculo de la Amistad*, onde se organizou um formoso baile em honra dos nossos hóspedes, que durou até às quatro da manhã.

A referida sociedade obsequiou os presentes com doces e variados licores.

Às onze da manhã do dia 21, saiu a tuna do hotel Salgado, tocando um bonito pasacalle, em direcção à morada da sua madrinha na qual foram recebidos por ela, os seus pais e uma infinidade de distintas senhoras e *señoritas*, sendo todos obsequiados com doces refinadíssimos, licores e *habanos* pelos donos da casa doña Josefa Cepa e don Antonio Petite, que com a sua bela filha e *señoritas* que a acompanhavam, fizeram as honras aos seus visitantes.

Os tunos executaram peças escolhidas do seu extenso repertório, e a bela *señorita* Julia Pont Vianne acompanhou ao piano a preciosa Carlota Muñiz, que cantou com admirável mestria um fado que mereceu unânimes elogios. Felisita Gallo executou no piano uma jota que foi muito aplaudida, à que bailou às mil maravilhas a madrinha e o *concejal* sr. Vasconcellos. O jovem Nicolás Escanilla pronunciou um eloquente discurso, respondendo o Presidente da tuna, que foi muito aplaudido.

Seguidamente visitaram o sr. Bispo, que apesar de estar à mesa, os recebeu com a amabilidade que o caracteriza, não sendo tão afortunados no Governo militar que lhes disse que não estava S. E.

Às quatro da tarde, despedindo-se do *Ayuntamiento*, visitaram o Parque de Bombeiros, um pouquinho de baile no Casino Mirobrigense, e foram para a estação para continuar a sua viagem a Salamanca, sendo alvo de despedidas com o mesmo entusiasmo que os recebeu.

Tivemos o gosto de ver a preciosa fita que lhes presenteou a madrinha, para colocá-la na bandeira, com sentida dedicatória pintada pela própria.”

“A Tuna Académica da Universidade de Coimbra na sua visita a esta cidade, entregou 51’25 pesetas como donativo, para a caixa de socorros do Corpo Activo de Bombeiros Voluntários.”

# SALAMANCA

FEVEREIRO 1911

“No comboio chegou ontem à noite [21 de Fevereiro] a esta capital a Tuna Académica da Universidade de Coimbra.

Às nove encontrava-se já completamente cheia a *gare* da estação; estudantes e operários, todos juntos, esperavam os estudantes portugueses com verdadeiro entusiasmo.

Ao dirigirmo-nos à estação, todo o caminho encontrava-se ocupado por imensa gente, que esperava o cortejo da nossa *Tuna*, para a estação, e a chegada dos portugueses.

Às nove e meia fez a sua apresentação na estação a nossa *Tuna*, sendo recebida com uma salva de aplausos.

Ao entrar o comboio nas agulhas, a *Tuna* tocou o *Hymno*, do maestro Espino, e os vivas a Espanha, Portugal, às Universidades de Salamanca e Coimbra e aos estudantes portugueses, sucederam-se sem interrupção.

Não sem grandes esforços, devidos ao imenso público que se juntava para ver os portugueses, conseguiram estes descer do comboio e sair da estação.

As *murgas* todas formadas nesta capital, à frente, a Tuna salmantina e a Tuna portuguesa atrás, puseram-se em marcha até à capital. Rodeadas,



como era de supôr, de uma multidão de pessoas de todos os sexos e idades, que tornava impossível o cortejo.

A nossa Tuna tocou um pasodoble, depois, a Tuna portuguesa, e assim alternando, pelos arredores e *calle* de Zamora, dirigiram-se à *Plaza*.

Na *calle* de Zamora fez-se uma breve apresentação da Tuna Portuguesa, no Consulado de Portugal e seguiu-se até à *Plaza*.

As pessoas que na *Plaza* e em toda a *calle* de Zamora esperavam a chegada dos *tunos*, que como já dissemos, eram imensas.

As varandas cheias de *señoritas*, recebiam com salvas de palmas a chegada dos estudantes.

Ao chegar a Tuna ao *Ayuntamiento*, o público enchia completamente a entrada do edifício, fazendo-se muito dificilmente a entrada dos *tunos*.

A Corporação municipal recebeu os estudantes, fazendo-se a apresentação oficial.

Fez uso da palavra, em primeiro lugar, o Vice-Cônsul de Portugal; saudou os portugueses e agradeceu ao povo salmantino, pela recepção que lhes havia dispensado.

O sr. Hernández Sanz, *alcalde* interino, respondeu, enviando um abraço à nação vizinha, e dando as boas-vindas aos portugueses.

O sr. Valencia, Presidente da Tuna Salmantina, falou em seguida, por fim, usou a palavra o Presidente da Tuna Portuguesa.

Agradeceu a todos o interesse que o povo salmantino teve em receber os estrangeiros, e saudou Salamanca, em nome dos seus companheiros.

O público que invadia o salão de sessões, excusado será dizer que não cessou um momento as suas ovações e aplausos.

Os *tunos* foram esplendidamente obsequiados com doces, bebidas e habanos.

Depois da recepção oficial, os *tunos* foram para a *Pasaje*, onde tinham anunciado um concerto.

A Direcção do Casino obsequiava-os com um baile, que teve que suspender-se, devido ao alvoroço que o público produziu.

Os estudantes queriam passar, e na impossibilidade de facilitar a entrada a todos, a direcção decidiu deixá-la livre apenas para os sócios. Aqueles empenharam-se em entrar e os sócios, em grupo, puseram-se à porta para impedir-lhes a passagem.

O conflito terminaria mal sem a intervenção da polícia e sem a decisão da Direcção de suspender o baile.”

“Ontem à noite [22 de Fevereiro], às oito e meia, realizou-se, no teatro Liceo, um concerto pela Tuna da Universidade de Coimbra.

Os lugares encontravam-se todos ocupados por distintas damas, belas *señoritas* e o mais selecto da nossa juventude. A entrada geral estava também invadida por um imenso público.

As madrinhas da Tuna e as demais senhoras e *señoritas* que enchiam o teatro, com a sua beleza e preciosas jóias, davam ao teatro um aspecto deslumbrante.

O sarau deu início com a Marcha Real, executada pela Tuna Portuguesa, cortesia que foi recebida com uma salva de aplausos.

O sr. Valencia falou em representação da Tuna Salmantina, e com palavra fácil salientou as glórias de Salamanca e das belas salmantinas. Dedicou frases encantadoras à Universidade de Coimbra e aos estudantes portugueses, enviando um abraço à nação vizinha.

O Presidente da Tuna Portuguesa respondeu-lhe, agradecendo ao público salmantino as atenções que para com eles haviam tido. Falou também da nossa Universidade e da nossa cidade e galante com as nossas belas conterrâneas, dedicou-lhes algumas frases para exaltar a sua beleza.

Os dois oradores foram interrompidos repetidas vezes, nos seus discursos, com grandes ovações.

O programa cumpriu-se como estava anunciado.

A Tuna de Coimbra pode dizer-se que é uma tuna completa, com verdadeiros músicos que tocam com muita afinação e gosto refinado; assim o público salmantino não cessou um momento de ovacionar os concertistas.

A Tuna pode gloriar-se de ter conseguido em Salamanca um verdadeiro êxito.

O programa estava formado por composições de reputados autores, e próprias para um verdadeiro concerto musical:

### **PRIMEIRA PARTE**

Apresentação da Tuna, que executará:

- 1.º *Hymno Académico*, Medeiros
- 2.º *Serenata mourisca*, Chapi
- 3.º *Tra i cipressi*, Sartori
- 4.º *Salut au drapeau*, Hostniger

## SEGUNDA PARTE

Comédia sobre costumes escolares, traduzido para o castelhano pelo estudante Leite Júnior, entitulado *La Fonda del tío Jenaro*, pelos académicos Vaz Sarafana, Ideias, Caldeira, Coelho e Botelho.

## TERCEIRA PARTE

- 1.º Solo de violino e piano, por Adriano e Pinheiro
- 2.º Coisas, por B. Ideias
- 3.º Guitarradas e fados

## QUARTA PARTE

- 1.º Serenata oriental, Gongloff
- 2.º Le val Feerique, P. Ribeiro
- 3.º Invitación à la Soupée, Rossi
- 4.º Viva Salamanca, Pinheiro

Os srs. que tocaram violino e bandolim a solo, foram aplaudidos com entusiasmo, e o público todo fazia elogios à execução destes artistas.

*La Fonda del tío Jenaro*, fez passar um agradabilíssimo momento à assistência, que riu a bandeiras despregadas das muitas piadas e das situações cómicas de que a peça estava cheia.

O concerto, numa palavra, resultou agradabilíssimo, e a assistência saiu fazendo grandes elogios à Tuna Portuguesa.

Depois de sair do teatro, dirigiu-se a «Tuna» para o Casino de Salamanca, onde seria obsequiada pela Direcção daquele Casino.

Ali se formou um baile muito animado, no qual se encontravam muitas senhoras e *señoritas* e distintos jovens.

A Direcção do Casino obsequiou esplendidamente os estudantes.

De manhã [23 de Fevereiro] a Tuna visitou o sr. Governador, interpretando algumas peças, entre elas a Marcha Real espanhola e o hino português, sendo obsequiados com doces, licores e *habanos*.

Visitaram depois a Universidade, Instituto e Faculdade de Medicina, sendo em todos muito bem recebidos.

Visitaram também as madrinhas, *señoritas* de Bomati e Norvertos.

À tarde visitaram o Círculo Tradicionalista e a redacção do “EL SALMANTINO”.

Esta noite sairá para Valladolid, com o objectivo de continuar a sua excursão artística.”

# VALLADOLID

FEVEREIRO 1911

“Ontem [24 de Fevereiro], às seis da manhã, saiu para Valladolid a Tuna portuguesa.

O inconveniente da hora, impediu que os estudantes salmantinos se fossem despedir dela; no entanto, alguns foram à estação, despedindo-se pessoalmente dos portugueses.

Às onze chegarão a Valladolid, sendo recebidos pelos seus companheiros valisoletanos.

Na próxima capital, dará um concerto no teatro principal, e talvez uma *becerrada*”

“Chegou a esta capital a tuna de Coimbra, esperando-a na estação numerosa multidão.

Ao entrar na povoação, abria marcha uma secção de guardas montados, as bandeiras dos centros, a banda do Hospício e a estudantina Valisoletana.

Ao passar pelo Círculo republicano, deram-se vários vivas à República portuguesa e espanhola, que não agradou às pessoas que o presenciaram, protestando dos vivas um grupo de jovens jaimistas que se encontravam em frente do Círculo republicano.”

“A Tuna de Coimbra visitou esta tarde o Reitor da Universidade, o governador civil, o capitão general e a Academia de Cavalaria.”

“Depois das visitas de despedida, partiu esta madrugada [26 de Fevereiro] para Zamora, donde regressará a Portugal.”

# ZAMORA

FEVEREIRO 1911

“No comboio-correio de Medina del Campo chegou ontem [26 de Fevereiro] à nossa capital a Tuna Académica de Coimbra.

Na estação de caminho-de-ferro esperavam os simpáticos portugueses os *concejales* srs. Fernández, Pietro Veja, don Abelardo Prieto e bastante público.

A tuna entrou na cidade tocando um bonito pasodoble, até à Casa Consistorial, onde foi recebida pelo Ayuntamiento.

Houve vivas a Zamora e a Coimbra, e no salão de sessões os estudantes trocaram cumprimentos, pronunciando eloquentes discursos de agradecimento ao povo de Zamora pela recepção que havia dispensado àqueles que, por um acto humanitário, vêm postulando para os companheiros pobres.

Foram obsequiados com um esplêndido *lunch*, e os estudantes retiraram-se para descansar.

Hoje continuaram a visita às autoridades, e à noite realizar-se-á no Teatro Principal a *velada*, em obséquio das damas da capital.”

# COIMBRA

MARÇO 1911

“Pode considerar-se quase extinta a epidemia de cólera no Funchal.

Com esta terrível doença ficaram órfãs mais de 800 crianças, a quem lhes faleceram os pais, que eram o seu único amparo.”

“Com uma casa quase cheia, realizou-se ontem [28 de Março] o sarau em benefício dos órfãos da Madeira.

Foi uma festa variada e atraente, que teve o melhor êxito.

A parte musical foi constituída pela grande orquestra, orfeon, tuna, belos trechos ao piano pela distinta pianista sr.<sup>a</sup> D. Elisa Baptista de Sousa, canto pela sr.<sup>a</sup> D. Rachel Lisboa, que possui uma excelente voz, um quarteto de saxofones e rabeção por músicos de infantaria 23, e difícilimos números de música pelo insigne violinista Francisco Benetó.

Certamente foram estes os números que despertaram mais aplausos.

Houve discursos pelo académico sr. Lereno e sr. dr. Lobo d’Avila, também muito ovacionados, poesias, match de luta greco-romana e assalto de esgrima, o que tudo concorreu para ser um sarau esplêndido.”

# 1911 - 1912

## MESA DA ASSEMBLEIA



**Presidente:**

Joaquim Martins Gonçalves

## DIRECÇÃO

**Presidente:**

José Alves Ferreira Neves



**Secretário:**

Carlos Saavedra



**Regente:**

António Manoel Rodrigues



**Tesoureiro:**

Eurico Nogueira



**Director do grupo dramático:**

Caldeira Coelho



Figura 27 – Tuna Académica de Coimbra em 1911/1912

# VISEU

## FEVEREIRO 1912

“Chegou a Viseu no comboio de domingo [4 de Fevereiro] às duas horas da tarde.

Apesar do mau tempo e de não ser esperada a sua vinda, pois suponha-se que fosse adiada por motivo de a ocasião ser pouco favorável [pelos factos graves que se estavam dando em Lisboa e no Sul], os académicos tiveram uma recepção bastante entusiasta.

Não foi tão brilhante como das outras vezes, porque, como dizemos, suponha-se que a Tuna adiaria a sua visita à nossa terra para daqui a algumas semanas.

Assim mesmo, o espectáculo que deram no Viriato esteve regularmente concorrido.

A Tuna apresentou-se com grande correcção, agradando muito pela primorosa execução dos trechos que exibiu sob regência do nosso conterrâneo Padre Manoel Rodrigues.

O académico Martins Gonçalves, que fez a apresentação da Tuna, produziu um magnífico discurso, sabendo evitar toda a nota política irritante.

A impressão geral acerca do modo como se conduziram os simpáticos rapazes é excelente, pois se mostraram possuidores de uma esmerada educação.

Pelo meio-dia tiveram os tunos uma «soirée» dançante no salão do Grémio, que decorreu muito animada.

Retiraram no comboio das seis da tarde para Coimbra, constando-nos que seguirão em breve para o Algarve.

Sentimos que as circunstâncias excepcionais em que se encontra o espírito público não permitissem que os simpáticos rapazes tivessem um acolhimento mais entusiástico. No entretanto cremos que não levaram desagradáveis impressões de Viseu.”

# ÉVORA

## FEVEREIRO 1912

“Pelas 12 horas e 15 minutos [12 de Fevereiro] seguiu a Academia de Évora, com o seu estandarte transportado pelo académico Cabeça Ramos, para a estação do caminho-de-ferro, tomando lugar na gare.

Às 13 e 20 minutos chegou o comboio dos académicos de Coimbra, sendo grande o entusiasmo de ambas as academias.

Formado o cortejo, houve a troca de estandartes, sendo o da academia de Coimbra entregue ao académico de Évora Cabeça Ramos e o de Évora ao académico de Coimbra José Sant’Anna.

Posto o cortejo em marcha, seguiu pela Rua da República, onde as damas, de suas janelas lançaram flores, bombons e rebuçados, sobre os estudantes, que no auge do entusiasmo levantavam vivas a Évora, às damas e às academias.

Em seguida foram à Câmara Municipal, onde os aguardava o sr. Presidente, Vice-Presidente e dr. Felício Caeiro.

O sr. Presidente deu-lhe as boas-vindas, agradecendo o Presidente da academia de Coimbra, sr. Martins Gonçalves em nome da academia que representa.

Em seguida seguiram para o Theatro Garcia de Rezende, onde eram aguardados no átrio pela Tuna Académica de Évora, que pela muita chuva não pôde ir com a academia à estação.

À entrada do Theatro Garcia Rezende, a tuna recebeu os seus colegas tocando o Hymno Académico, levantando-se muitos vivas.

Foi marcada a sessão para as 15 horas.

Às 16 horas o académico de Coimbra, sr. Garcia Polido, convida para a mesa os srs. Governador civil – general – Reitor do Lyceu – Pres. da



Câmara – Provedor da Misericórdia, ficando a mesa presidida pelo sr. Governador Civil, vogais – Pres. da Câmara – Reitor do Lyceu, e Capitão Tavares, representando o sr. General.

Em seguida pediu a palavra o estudante de Évora, Júlio Lopes Ramalho, que deu as boas vindas aos seus colegas.

Falou depois o sr. Martins Gonçalves, Presidente da tuna de Coimbra, que agradece todas as manifestações de que têm sido alvo e todo o auxílio dispensado, neste agradecimento especializa a sr<sup>a</sup> D. Maria Sérgio Torres, por aceitar ser Presidente honorária da academia de Coimbra que em 21 ou 22 do corrente viriam dar aqui um espectáculo em benefício do Azilo d’Infância Desvalida.

Pediu a palavra o estudante de Coimbra, Caldeira Coelho, que recitou a poesia «Agradecimento».

Encerrada a sessão a tuna tocou o Hymno Académico.

“No Theatro Garcia de Rezende realizou-se na segunda-feira [12 de Fevereiro] o anunciado sarau musical e dramático em benefício do cofre de subsídios a estudantes pobres de Coimbra.

O programa do espectáculo é o seguinte:

### **1ª parte**

«Hymno Académico», Medeiros;

«Serenata Mourisca», Chapy;

«Scene de Ballet», Ch. de Beriot;

«O Mondego» (marcha) José Neves.

### **2ª parte**

«Uma pendência» comédia em 1 acto de Campos Monteiro.

### **3ª parte**

«O Cura Santa Cruz», poesia por Almeida Cardim;

«Reverie Shumamm» solo de violoncelo por José N. Coelho,

«?» por Nuno de Quental;

«Solo de Violino», por A. Rodrigues;

«Fado em Guitarra» por Estevão Oliveira.

### **4ª parte**

«Ouverture da Ópera Jeanne d’Arc» G. Verdi;

«Le Bal Feerique», F. Ribeiro;

«O Estúrdio», Costa Pinheiro.

O nosso sumptuoso teatro encheu-se quase por completo, apenas ficando devolutos alguns camarotes de 3ª ordem, decorrendo o espectáculo muito animado, sendo os estudantes bastante aplaudidos, especialmente no desempenho da parte musical.”

# BEJA

FEVEREIRO 1912

“Chegou a Beja no comboio da tarde de ante-ontem [13 de Fevereiro], a Tuna Académica da Universidade de Coimbra, composta de cerca de 40 alunos das faculdades de direito, filosofia, medicina e matemática. Na estação do caminho-de-ferro eram os simpáticos tunos esperados pela Academia Bejense com o seu estandarte, seguindo depois todos para a cidade, indo cumprimentar os srs. governador civil, juiz e Presidente do município, que deram as boas-vindas aos ilustres visitantes, que depois foram recebidos no edifício do Liceu, onde lhes foi servido um copo de água. Discursaram dando-lhes as boas-vindas o sr. dr. José Joaquim Ferreira, Reitor do Liceu, o sr. Joaquim Corrêa Borges, Presidente da Academia, e alguns outros estudantes, agradecendo-lhes o Presidente da assembleia-geral da Tuna, sr. Joaquim Martins Gonçalves e fazendo também uso da palavra os tunos, que, como os oradores precedentes, foram muito aplaudidos.

À noite realizou a Tuna, no Teatro Bejense, o sarau em benefício dos estudantes pobres da Universidade, tendo o programa excelente desempenho, tanto na parte musical, dirigida pelo aluno de direito sr. Manoel Rodrigues, como na literária, de que se encarregaram os srs. Raul César, Vaz Sarafana, A. Borges, Caldeira Coelho, Almeida Cardim e Nuno de Quental, que foram muito vitoriados.

Ao abrir o sarau o sr. Corrêa Borges fez uso da palavra para repetir os cumprimentos de boas vindas aos seus colegas, em nome da Academia Bejense, a que preside, e bem assim para apresentar a Tuna ao ilustre público desta cidade à qual levantou vivas, bem como à República.

Seguiu-se-lhe o sr. Joaquim Martins Gonçalves, que na qualidade de Presidente da assembleia-geral da Tuna, disse cumprir o honroso dever de saudar as senhoras e cavalheiros que se tinham dignado acolher tão benevolmente o seu apelo caridoso. Referiu-se depois às tradições históricas de Beja, recitando uma oitava de Francisco do Nascimento Silveira, no «Coro das Musas», alusiva a esta cidade, e referindo-se aos seus filhos mais ilustres da antiguidade, em todos os ramos do saber humano, especializando António de Gouveia, Amador Arrais, Francisco Lobo e José Agostinho de Macedo. Teve palavras de extrema gentileza

para as senhoras de Beja, às quais recordou o nome da famosa Mariana Alcoforado, a enamorada do Conde de Chamilly, cujas cartas provam bem que os portugueses nasceram para amar e cantar. Expôs seguidamente o fim da sua visita e falou largamente sobre a sublime virtude da caridade, ouvindo ao terminar muitas palmas.

Como ao simpático académico constasse que se encontrava na plateia o nosso ilustre colega sr. dr. Pinto da Rocha [de visita a sua ex.<sup>ma</sup> Família], director do «Jornal de Notícias» do Rio de Janeiro, que fora o primeiro Presidente da Tuna da Universidade, dirigiu-lhe uma calorosa saudação, apresentando-lhe também a respeitosa homenagem de todos os seus colegas, terminando com as palavras do recém-falecido Barão do Rio Branco, príncipe dos diplomatas brasileiros, que classificou o ilustre poeta dr. Pinto da Rocha, como o príncipe dos jornalistas brasileiros. Foi grande o entusiasmo que esta saudação levantou não só entre a academia como também entre os espectadores, que muito vitoriam o distinto homem de letras. Para agradecer estas provas de apreço e consideração o sr. dr. Pinto da Rocha subiu ao palco, onde foi recebido com muitos vivas, colocando-lhe o Presidente da Tuna a sua capa sobre os ombros. Seguidamente o talentoso jornalista, em voz pausada e a que um leve sotaque brasileiro dava grande realce, fez os seus cumprimentos às gentilíssimas senhoras presentes, ao ex.<sup>mo</sup> governador civil e aos seus queridos colegas, agradecendo a honra que representava o terem-lhe colocado sobre os ombros aquela capa para si de tão gratas recordações. Notou a feliz coincidência de vir encontrar nesta cidade a Tuna de que fora primeiro Presidente, recordando como um sonho de ventura, a sua mocidade. Então saía ela de Coimbra para ir por esse país fora fazer a federação académica; hoje uma outra federação se torna preciso fazer – a da alma portuguesa! Com a vossa palavra, com os vossos hinos, com a alegria da vossa mocidade, diz o orador num largo voo de eloquência, fazei a federação liberal da Pátria Portuguesa! cantai a vossa Pátria! cantai as glórias de Portugal.

Depois de passar em revista as glórias literárias de várias nações, como a Grécia, Itália, França, Espanha, Brasil e Portugal, onde tantos poetas sublimes têm florescido, agradeceu o consolo extremo que lhe vieram dar no exílio momentâneo da sua vida. Por fim, com grande energia, aconselhou os simpáticos rapazes a quem se dirigiu, a que nunca curvem a cabeça a qualquer potentado, porque foi assim que a Pátria portuguesa se impôs ao mundo!

Terminou erguendo dois vivas entusiásticos: Um à gloriosa Universidade de Coimbra e outro a Portugal.

Não se descreve o brilho do magistral discurso de que acabamos de dar uma pálida ideia, como não se descreve também o febril entusiasmo de que se possuíram todos os ouvintes, que num coro unísono de vivas ao dr. Pinto da Rocha, manifestaram bem o grande prazer espiritual que lhes causara aquele brilhantíssimo improvisado.

De resto, o sarau produziu as melhores impressões em todos os assistentes, e os simpáticos tunos em todos os bejenses deixaram, bem vivas, as mais gratas recordações.

A Tuna partiu para Faro na tarde de anteontem [13 de Fevereiro], tendo na estação uma carinhosa despedida por parte da Academia Bejense e do seu Reitor, sr. dr. José Joaquim Ferreira.”

# ALGARVE

## FEVEREIRO 1912

“Esta simpática *troupe*, composta exclusivamente de académicos, vem passar a quadra carnavalesca no Algarve.

Tenciona chegar a Faro a 14. Nesse dia dará um sarau no Theatro Lethes, e no dia seguinte um outro, no Theatro Circo. Em ambos os espectáculos haverá parte dramática e musical, discursos e outros números.

Em 16, dirigir-se-á a Silves, de onde seguirá para Lagos.

Em 19, voltará a Faro, onde se propõe passar o dia de carnaval.

O produto de uma das récitas reverterá a favor dos estudantes pobres, provando assim a Tuna que, na sua projectada excursão, ao mesmo tempo que se anima o propósito de recrear-se, a guia também um fim altruísta e humanitário.”

“Como se esperava, esta simpática *troupe* chegou ontem [14 de Fevereiro] a Faro pelo expresso das dezoito horas, sendo carinhosamente acolhida pela academia e muito povo desta cidade.

Três horas depois, houve no teatro Lethes, em honra das gentilíssimas damas de Faro e em benefício da Caixa de subsídios a Estudantes Pobres, grande récita de gala pela Tuna, sob a regência proficientíssima do académico sr. M. Rodrigues.

O espectáculo constou das quatro seguintes partes:

## **I Parte**

- 1 – *Hymno Académico*, de Medeiros
- 2 – *Fra y Cipressi*, de Sartori
- 3 – *Scène de ballet*, de Ch. de Beriot
- 4 – *O Mondego* (marcha), de José Neves

## **II Parte**

*Uma pendência*, engraçada comédia, em um acto, de Campos Monteiro, cujos papéis foram confiados a Raúl César, Vaz Sarafana, A. Borges, Caldeira Coelho, Almeida Cardim e Nuno de Quental.

## **III Parte**

*O cura de Santa Cruz*, poesia, por Almeida Cardim;  
*Solo de piano*, por Affonso Neves;  
*Solo de violino*, por A. Rodrigues;  
*Fado em guitarra*, por Estevão de Oliveira, com acompanhamento por Affonso Neves e M. Rodrigues.

## **IV Parte**

*Overture da ópera de Jeanne d'Arc*, de P. Ribeiro;  
*O estúdio*, de Costa Pinheiro

O desempenho, tanto da parte musical, como da dramática, decorreu em verdade primoroso, e todos os intérpretes foram, por isso, alvo constante dos mais entusiásticos aplausos e ruidosas ovações.”

“Com a nota vivaz da mocidade, da mocidade alegre e despreocupada aqui [Faro] tivemos no Theatro Lethes e no Theatro Circo essa plêiade de estudantes que nos havia prometido os dois espectáculos que anunciámos.

Foi completo de execução todo o programa, já na parte musical, já na parte dramática, e a assistência em ambas as casas, bastante numerosa, saiu satisfeita.

Correspondendo a preceitos de boa camaradagem os alunos do Lyceu de Faro fizeram uma recepção condigna aos escolares da Universidade, indo esperá-los à *gare* e fazendo-lhes as honras da terra até ao momento de saída.

Na sexta-feira [16 de Fevereiro] deu a tuna uma sessão no teatro de Lagos após a sessão de quinta-feira [15 de Fevereiro] no teatro de Silves, havendo prometido, uma parte destes excursionistas, voltar a Faro para aqui passarem os dias de Entrudo.”

“Durante a excursão que fizeram nesta província [Faro] os estudantes de Coimbra, um deles, o regente da tuna, foi surpreendido pela inesperada notícia da morte de sua mãe, o que o obrigou a partir imediatamente para junta de sua família.

Esta contrariedade entristeceu os seus companheiros e desalentou-os para o resto do seu programa de excursão.”

# NOVAMENTE EM BEJA

FEVEREIRO 1912

“Estava anunciado para hoje [22 de Fevereiro] o sarau que a Tuna Académica da Universidade de Coimbra contava realizar nesta cidade no regresso do Algarve. Ontem [21 de Fevereiro] de manhã, porém, a Academia Bejense recebeu um telegrama dos dirigentes da Tuna participando-lhe que havia sido deliberado antecipá-lo, e no comboio das 15 e 14 chegará a Tuna a Beja, realizando à noite [21 de Fevereiro] no Teatro Bejense o aludido sarau. A casa estava à cunha e o programa foi desempenhado com muito brilho e agrado, constando dos seguintes números:

## **1ª parte**

Hino académico,

Serenata Mourisca,

Ouverture da ópera Jeane d’Arc,

O Mondego (marcha),

Reminiscências de Coimbra, conferência pelo sr. dr. Pinto da Rocha.

## **2ª parte**

A comédia em 1 acto «Um baile de máscaras»,  
desempenhada pelos srs. Almeida Cardim, Caldeira Coelho, Nuno de  
Quental, Raul César e A. Borges.

## **3ª parte**

Versos, pelo sr. Almeida Cardim;

Coisas, pelo sr. Nuno de Quental;

Solo de violino, pelo sr. A. Rodrigues;

Fado em guitarra, pelo sr. Estevão d’Oliveira.

#### 4ª parte

Le bal feerique

O estúrdio, pela Tuna.

A pedido dos dirigentes da Tuna, a primeira parte do sarau fechou com a brilhantíssima conferência do sr. dr. Pinto da Rocha «Reminiscências de Coimbra», trabalho literário formosíssimo, em que não sabemos que mais admirar, se o estilo rendilhado, elegante, opulento, sublime, com que o conferente nos descreveu as maravilhas do mundo sideral, se o elevado critério e o primor da forma como se pronunciou sobre o mérito dos grandes poetas brasileiros e portugueses Carlos Alves, Guilherme de Azevedo, Gomes Leal, Guerra Junqueiro, Corrêa de Oliveira, João de Deus, João Penha, António Nobre, etc., se, ainda, o vivo colorido com que nos reproduziu os pitorescos quadros da boémia coimbrã.”

“Na impossibilidade de transcrevermos toda a brilhante conferência que, sobre este tema, Pinto da Rocha produziu no sarau da Tuna Académica de Coimbra, damos hoje as palavras que ele dirigiu à Academia e com que terminou o seu trabalho de beleza inexcelável.

Moços, para quem a vida começa agora a sorrir com todas as seduções encantadoras das ilusões e dos sonhos, com a frisarão cambiante das futilidades que a fantasia avoluma como as imagens que se afastam das lentes, guardai no escrínio da memória a recordação de todas essas insignificâncias, passageiras como andorinhas que recortam os ares, rápidas como estrelas cadentes que se despenham no azul em noites serenas e calmas de Setembro.

Guardai-as.

Mais tarde, quando começardes a sentir os primeiros gelos da velhice que se aproxima, quando a descrença, o pessimismo principiarem a invadir a vossa alma, será com essas futilidades, será com essas estrelas erradias e cadentes, com essas asas impalpáveis de andorinhas, negras mas alegres, que haveis de fiar e tecer a rede do vosso conforto, como quem tece com farrapos desfiados da mocidade perdida a mortalha da próxima velhice precoce.

E, depois, quando no futuro fordes rezar o rosário dessas saudades, como crentes no templo, notai que a cada uma das contas desatadas se liga um nome de mulher, um olhar de irmã, um beijo de amante, uma bênção de mãe, uma carícia de avó, um sonho de noiva, um soluço de filha, uma lágrima de esposa e tereis na hora extrema da vida a consolação suprema de sentir no silêncio da vossa consciência a voz distante de todas essas gargantas em coro abençoando a alma que emigra da terra deixando atrás de si um rasto luminoso e roxo de saudades...

É a alma do povo, alma doce e merencória, quem canta há séculos sem fim na toada langorosa dos berços acalentados, nas guitarras das serenatas, nos órgãos entoando o *luceat ei* dos mortos.

Ninguém se deve esquecer  
Das almas que querem bem  
Quem parte saudades leva,  
Quem fica saudades tem.”

“O distintíssimo conferente foi muitíssimo ovacionado, tendo-lhe sido oferecidos dois lindos *bouquets* de flores naturais, um deles pela aluna do Liceu de Beja menina Iréne Bentes, do qual pendiam largas fitas das cores nacionais brasileiras.

Tanto os académicos a quem estava confiada a parte literária do sarau, como os que desempenharam a musical, ouviram muitos aplausos, tendo-lhes sido oferecidos lindos *bouquets* de flores naturais.

A Tuna foi regida pelo aluno da faculdade de matemática sr. Jayme Sousa, em consequência do antigo regente sr. Manoel Rodrigues ter recebido em Silves a triste notícia do falecimento de sua mãe.

Os simpáticos rapazes seguiram hoje de manhã para Évora, onde vão dar outro sarau, partindo depois para Coimbra.”

## NOVAMENTE EM ÉVORA

### FEVEREIRO 1912

“Chegou ontem [22 de Fevereiro] a esta cidade a Tuna Académica de Coimbra que veio dar no Theatro Garcia de Rezende um espectáculo em benefício do Asylo d’Infância Desvalida.”

## FIGUEIRA DA FOZ

### MAIO 1912

“É esperada no próximo dia 12 [de Maio] nesta cidade a Tuna Académica da Universidade de Coimbra, acompanhada por um grupo dramático constituído por alunos daquele estabelecimento científico, que se propõem dar no Theatro Príncipe uma récita em benefício da construção duma escola primária em Cova do Lobo, Lousã. A tuna e o referido grupo acham-se esplendidamente organizados, sendo de crer que o teatro naquele dia regurgite de espectadores, devido tanto mais ao destino do produto da aludida récita, que em Coimbra está despertando grande interesse.”



“Projecta dar um espectáculo no nosso teatro no próximo domingo [12 de Maio], revertendo o seu produto para auxiliar a construção duma escola, a Tuna Académica de Coimbra, que executará o seguinte:

#### **1ª PARTE**

Hino nacional – Alfredo Keil  
Scène de Ballet – Ch. de Beriot  
Serenata mourisca – Chapi  
Estúrdio – Costa Pinheiro

#### **2ª PARTE**

A comédia em um acto de Campos Monteiro «Uma pendência».

#### **3ª PARTE**

O Cura Santa Cruz – poesia – por Almeida Cardim  
Solo de piano – por Affonso Neves  
Solo de violino – por A. Rodrigues  
Fado em guitarra – por Estevão Oliveira

#### **4ª PARTE**

Overture da ópera – Jeanne d’Arc – G. Verdi  
Le Bal Feerique – P. Ribeiro  
Hymno Académico – Medeiros”

# COIMBRA

## MAIO 1912

“Continua despertando o mais vivo interesse esta simpática festa, promovida por três operários, que, devido aos seus grandes esforços, muito têm conseguido, estando já elaborado o seguinte programa das festas que se devem realizar nos dias 19 e 20:”

“Dia 19, às 9 horas – Partindo da Avenida Navarro, percorrerá o cortejo o seguinte itinerário: - Ruas Ferreira Borges e Visconde da Luz, Praça 8 de Maio, rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes, Avenida Sá da Bandeira, Praça da República, rua Alexandre Herculano em direcção ao Jardim Escola João de Deus, onde dispersará, depois de descerrado o retrato do saudoso poeta João de Deus.

Tomam parte do cortejo, alunos de todas as escolas oficiais e particulares, inspectores do Círculo Escolar e da 2ª Circunscricção

Escolar, autoridades civis e militares, associações de socorros mútuos, de classe e recreativas e a Associação Académica, bem como a Tuna Académica e o Orfeon.

Quase todas as associações apresentarão carros alegóricos, procedendo da mesma forma os alunos dos colégios de S. Pedro, Mondego e Moderno, da Escola Agrícola, Industrial Brotero e do Liceu.

Abrilhamtam o cortejo as bandas de música de infantaria 23 e 35 e filarmónica «1º de Maio».”

“Dia 20, pelas 21 horas – Realisar-se-á o Sarau de gala, onde cantará o Orfeon e tomará parte a Tuna Académica.

Subirá à cena a peça «Amemos o nosso próximo», de Mary, tradução de João de Deus, que será desempenhada pelos amadores José Santos Lima, Marques Ribeiro, Urbana Ribeiro, e Rosa Sanhudo.

Será feita a apoteose ao grande e saudoso poeta, devendo nessa altura discursar os srs. drs. Alexandre Braga, João de Barros e Jaime Cortezão, convidados para tal fim.”

“Realizou-se, como tínhamos noticiado, a «Festa das Crianças e das Flores», promovida por um grupo de operários conimbricenses, srs. Joaquim Loio, António Alves d’Almeida e Francisco Costa Mourão.

Esta festa, em que tomaram parte muitas crianças desta cidade, representa sem dúvida uma consagração feita à memória dum grande poeta, para quem as flores e as crianças foram a razão suprema da vida – João de Deus.”

“A casa [Teatro Avenida] estava completamente repleta, e o sarau decorreu com bastante entusiasmo, executando-se com perfeição todos os números que constituíam o programa.

Nele tomaram parte a Tuna Académica e Orfeon, que mereceram vivos aplausos. Recitaram poesias os srs. Augusto Casimiro, Afonso Duarte, Marques Cruz, Mota Guedes e Félix Horta. Discursou brilhantemente sobre a Obra de João de Deus o sr. Joaquim Martins Manso. O sr. Aarão de Lacerda executou, em órgão, magistrais trechos de música, sendo muito aplaudido, assim como os srs. Correia Dias e Balha Melo, pela execução de caricaturas. O sr. Domingos Figueiredo, conseguiu frenéticas salvas de palmas na imitação de Augusto Rosa na *Dança do vento*, e na Ferreira da Silva na *Lágrima*.”

# 1912 - 1913

## MESA DA ASSEMBLEIA

**Presidente:** Henrique Cabral

## DIRECÇÃO

**Presidente:** Almeida Cardim

**Secretário:** Caldeira Coelho

**Tesoureiro:** Manuel de Menezes Antunes Lemos

**Vogais:** Paulo Santos e A. Miranda

**Regente:** Padre António Manoel Rodrigues

Henrique Paes Cabral

Augusto Valente d'Almeida

António J. Crispiniano Lacerda

António Augusto Miranda

Affonso Neves

Augusto d'Almeida Cardim

Horácio Baptista de Carvalho

Leonardo de Magalhães

Wenceslau

Paulo Cantos

Manuel Reis

José Serra

Estevão Amorim

Américo Correia da Silva

António Caldeira Coelho

Nuno de Quental

César Fontes

Mendes Gil

Rui Gomes da Costa

Eurico Cabral Pinto

Alfredo Rocha Gouveia

Alberto Faria Fonseca

Armando Varela

Fausto Guedes d'Almeida

Marcos Pereira d'Almeida

Vicente Teixeira

Augusto Pereira

João Antunes

Cezar Torres

Mário d'Almeida

Fernando Mattos Chaves

Leonis Lopes d'Andrade

Arnaldo Palermo Mendonça (ext.)

João Serra

Cândido Leal Tavares

Mello Borges (ext.)

Hermano Sande Marinha

António Correia d'Oliveira

Manuel Antunes Lemos

Benjamin Fonseca

Manuel Bernardo

Eduardo Teixeira (ext.)

Freitas Ribeiro

Paulo de Sá

José da Natividade Coelho

# GUIMARÃES

JANEIRO 1913

“Como estava anunciado, chegaram a esta cidade, na passada segunda-feira [27 de Janeiro], no comboio das 11h25, a Tuna Académica da Universidade de Coimbra.

À entrada da locomotiva nas agulhas, foi lançado ao ar fogo e levantados calorosos vivas à Tuna, à Academia e à cidade de Guimarães, etc., executando a banda «Boa União» o hino escolástico.

Organizado o cortejo, composto pelos académicos de Coimbra e desta cidade, com os seus estandartes e os de várias Associações, seguiu pela Avenida Cândido dos Reis, Passeio da Independência, Praça D. Afonso Henriques, Rua da República, Largo da Oliveira dirigindo-se à Câmara Municipal, onde lhes foram dadas as boas-vindas pelo Presidente, sr. Mariano Felgueiras.

Dali seguiram para o Liceu, sendo recebidos pelo Presidente da Academia, que, num breve discurso, agradeceu a amável visita dos colegas da cidade dos sonhos e tradições.

Durante o itinerário foram carinhosamente saudados pelas gentis damas, que lançavam à sua passagem grande quantidade de flores, ao que eles correspondiam arremessando as capas às janelas, sempre entre entusiásticas aclamações.

À noite realizou-se no teatro D. Afonso Henriques o anunciado espectáculo em benefício dos estudantes pobres, que decorreu admiravelmente, sendo muito aplaudida a Tuna e os intérpretes da comédia *Sonata* e poesias.

Realizou-se o seguinte programa:

## “1ª Parte

Hino Académico  
Serenata Mourisca  
Scemne de Balet  
Saudação ao Minho

## 2ª Parte

Representação da comédia em 1 acto - «**A Sonata**».

### 3ªParte

Poesia

Solo de violino

Recitativos

Fado em guitarra

### 4ªParte

Ouverture da ópera «Joanne d'Arc»

Seleção da ópera «Carmen»

Ireos (marcha)”

A casa estava toda passada, vendo-se nos camarotes as principais famílias vimaranenses.

Durante os intervalos jogou-se o Carnaval animadamente.

A Tuna satisfez plenamente.”

“Os nossos hóspedes seguiram no dia imediato para Braga.”

# BRAGA

JANEIRO 1913

“Verdadeiramente entusiástica e brilhante a recepção feita pelos bracarenses aos simpáticos académicos da Universidade de Coimbra, chegados hoje [28 de Janeiro] a esta cidade, com o humanitário fim de darem um espectáculo cujo produto é destinado a socorrer os estudantes pobres desta cidade.

Logo que o comboio entrou nas agulhas subiu ao ar uma grande girândola de foguetes, levantando-se vivas à Academia de Coimbra, à Tuna Académica, etc.

Em seguida organizou-se o cortejo, composto pelas academias de Braga e Coimbra, seguindo pelas ruas do Corvo, Nova de Souza e do Souto, dirigindo-se ao Lyceu Central desta cidade, onde foram recebidos pelo digno Reitor e corpo docente daquele estabelecimento de ensino, dando as boas-vindas o Reitor sr. Alfredo Machado, quem respondeu o sr. Cabral, académico de Coimbra, fazendo-se ouvir a tuna académica.

Do Lyceu dirigiram-se os briosos académicos ao governo civil, Câmara Municipal e dali seguem para casa da ex.<sup>ma</sup> Presidente da recepção, sr.<sup>a</sup> D. Esther Souto, a entregar-lhe a bandeira da tuna de Coimbra.

Todo o trajecto foi feito sob uma chuva de flores e os académicos vivamente ovacionados.

Os prédios do trajecto ostentavam quase todos colchas de damasco, vendo-se também muitas damas.

Os simpáticos académicos foram sempre precedidos da banda dos Orfãos de S. Caetano, que durante o trajecto executou os hinos académico e bracarense.

No governo civil foi a academia recebida pelo sr. dr. Manuel Monteiro; e na Câmara Municipal, pelo vereador sr. Domingos José Ribeiro Braga.

O sr. dr. Manuel Monteiro e o sr. Ribeiro Braga saudaram os nossos hóspedes, saudação a que respondeu o sr. Henrique Cabral.”

“De tarde foram ao Ateneu Comercial, sendo ali recebidos, no salão nobre, por muitas damas e cavalheiros, falando em nome da direcção o nosso prezado camarada sr. José Vicente Braga, que dirigiu saudações aos académicos.

Respondeu o Presidente da tuna, agradecendo a gentileza com que foram recebidos naquela importante colectividade.”

“A simpática Tuna dos Estudantes de Coimbra dirigiu-se, pelas 3 horas da tarde, a casa da sr<sup>a</sup> D. Esther Souto, distinta Presidente da Tuna Conimbricense. Foi um verdadeiro delírio. Sua ex<sup>a</sup> recebeu os simpáticos académicos com todos os requintes de fidalguia, oferecendo-lhes uma taça de Champagne e trocando-se afectuosos brindes, e deixando depois a academia a bandeira da Tuna, sob a guarda de tão gentil como ilustre dama.

Terminada a visita à sua simpática Presidente, dispersaram por vários postos da cidade, sendo sempre recebidos com flores e palmas pelas damas da nossa terra.

À noite realizou-se o espectáculo no Theatro de S. Geraldo, que no seu conjunto mais aparentava uma «corbeille» de flores do que uma sala de espectáculo.

Não é fácil descrever o que foi esta festa, cheia de entusiasmo, não só por parte dos intérpretes, que mais nos pareciam artistas consagrados do que amadores, mas também por parte da restante academia que durante os intervalos se divertiu com as gentis damas, numa delirante batalha carnavalesca.

O programa foi cumprido rigorosamente, sobressaindo e sendo vivamente aclamados o distinto regente dr. Manoel Rodrigues, o A. Rodrigues, que fez verdadeiras maravilhas no seu encantado violino.

Na comédia «A Sonata» todos foram irrepreensíveis; todavia é indispensável especializar Caldeira Coelho, que foi um verdadeiro artista.

Disseram versos: Almeida Cardim, Cezar Torres, Nuno Quental e Caldeira Coelho, havendo-se à altura dos seus créditos.

Nas imitações, extra-programa, salientou-se, recebendo fartos aplausos, o sr. dr. Abílio Alvim.

Os fados na guitarra, executados por J. Serra e B. Fonseca, eram dum mimo tal que a plateia desatou em vivas e palmas aos simpáticos guitarristas.

Foi uma noite optimamente passada, que em todos deixou magnífica impressão.

Os académicos retiraram hoje [29 de Janeiro] no comboio das 10 horas para Viana do Castelo, sendo acompanhados até à estação por muitos colegas do Lyceu e doutras escolas.”

## VIANA DO CASTELO

JANEIRO 1913

“Hoje [29 de Janeiro], pelas 11 horas e meia da manhã chegou a esta cidade a estudantina, sendo aguardada na *gare* pela academia liceal e respectivo corpo docente, alunos da Escola Normal e professores, inspector de incêndios e representante da Associação Comercial, Associação Artística, bombeiros voluntários, municipais, bastante povo e uma banda de música. À entrada do comboio nas agulhas foi queimada uma estrondosa salva de 21 tiros e levantados muitos vivas que eram freneticamente correspondidos pelos tunos, enquanto a banda também se fazia ouvir.

Trocados os cumprimentos pôs-se o cortejo em marcha dirigindo-se à casa do sr. dr. Artur Craveiro, cuja galante filha D. Maria Augusta é a presidenta da academia de Coimbra, e ali, pelas gentis filhas daquele cavalheiro, foi oferecido à tuna um rico ramo de folhas de begónia e avenca com folhas de Carvalho artificiais, enlaçadas em largas fitas de *moirée*.

Dali dirigiram-se à câmara, sendo recebidos pelo digno secretário sr. Júlio de Lemos que em nome da câmara e em breves mas eloquentes palavras deu as boas vindas aos académicos, agradecendo-lhe com um

viva ao município o Presidente da academia de Coimbra, sr. Henrique Cabral.

Seguiram depois em direcção ao Hotel Alliança, onde almoçaram.

Pelas ruas do trajecto foram-lhes lançadas muitas flores e ramos de violetas arremessados pelas nossas gentis mesdemoiselles.

Após o almoço percorreram as ruas da cidade, sendo sempre alegremente recebidos.”

“A gentileza das vianenses manifestou-se em muito maior grau no nosso elegante Sá de Miranda palmeando com entusiasmo os simpáticos rapazes arremessando-lhes pequeninos *bouquets* de violetas e camélias e enviando-lhes os seus mais graciosos sorrisos, quando eles apareceram no palco e executaram o primeiro trecho de música.

O espectáculo constou da execução de vários excertos de música clássica e da comédia em 1 acto, intitulada «Sonata», original de V. Chagas Roquette. Agradou muito, manifestando-se a nossa plateia, sempre gentil, com prolongadas salvas de palmas. A parte musical teve, porém, a primazia neste sarau, pela forma impecável como executou principalmente a «Serenata Mourisca» e «Joanne d’Arc». E, dentre os executantes, um académico, o sr. A. Rodrigues, prendeu a atenção do nosso público pela maneira magistral como o seu violino sobressaía na mesma orquestra e que depois melhor se distinguiu quando executou a solo variações clássicas naquele divino instrumento. Muito e muito bem! Só ele valia o espectáculo todo. Uma delícia!

Nos intervalos dos números do programa toda a gente, estudantes, damas e cavalheiros da nossa terra, brincaram entusiasticamente, jogando confetti e serpentinas, a tal ponto que toda a vasta sala parecia uma imensa teia de aranha de cores variadíssimas e o chão desaparecia sob uma espessa camada de confetti.

Os académicos srs. Almeida Cardim, César Fontes, Nuno de Quental e Caldeira Coelho, recitaram várias poesias engraçadas e que fizeram rir a bom rir o público.

Em face do programa, esperávamos ouvir uma guitarrada e que a voz de algum académico ali ecoasse, cantando esse fado sentimental ou alegre de que tanto ouvimos falar e que constitui as delícias das noites de Coimbra, tal como a tradição no-la pinta! Queríamos ver a alma do estudante coimbrão bem nítida, vibrante, expandir-se dessa volta e alegre em sentidas canções do Mondego acompanhado aos gemidos de guitarra. Não quiseram, porém, dar-nos esse prazer. Paciência.



No final da segunda parte da récita os estudantes trouxeram ao palco a gentil Presidente D. Augusta de Vasconcellos Craveiro, a quem fizeram uma ova o carinhosa tapetando o chão com as suas capas e levantando-lhe muitos vivas, que ela agradecia risonha e comovida.

O espectáculo terminou   1 e meia da madrugada, fazendo-se mutuamente, espectadores e tunos, entusiásticas despedidas.”

# CAMINHA

JANEIRO 1913

“Chegou, como noticiamos, no comboio tramway ascendente das 9 horas e 13 minutos a Tuna Acad mica de Coimbra [30 de Janeiro]. Algum tempo passou antes dessa hora, e a despeito da chuva impertinente e miudinha que com insistência ca a, o povo ia animando de mais e mais as diferentes artérias que conduzem à estac o de caminho-de-ferro, na ânsia de saudar a generosa e alegre academia e, de facto, em poucos minutos o largo exterior achava-se quase coalhado de gente.

Mal o comboio entrou nas agulhas subiu ao ar uma partida de foguetes e a filarm nica caminhense tocou o hino nacional, descobrindo-se respeitosa e a enorme multidão que enchia a *gare* por completo. Da multidão saíram então estrepitosos vivas aos estudantes de Coimbra,   tuna acad mica, enquanto que os estudantes já de longe e das janelas das carruagens agitavam as capas com entusiasmo. Quando o comboio parou, os vivas recrudesceram por momentos, de parte a parte, cessando apenas para dar lugar aos cumprimentos do estilo. Num momento toda aquela m  de povo de mistura com os acad micos, abandona a estac o, recebendo as primeiras flores da ex.<sup>ma</sup> família do sr. Vieira, zeloso e delicado chefe do caminho-de-ferro, organiza-se um pouco tumultuosamente o cortejo devido à chuva que continuava impertinente, e segue ligeira pela Avenida Saraiva de Carvalho e rua dr. João Pitta, com a filarm nica à frente. No trajecto, as flores caem sobre os estudantes, transformadas em abundantes pétalas, que as damas gentis da hospitaleira Caminha, animadas pelo mais sincero e ardente entusiasmo, lançam incessantemente das janelas, recebendo dos acad micos, em troca, a simpatia de gratidão enviadas nas capas negras que de contínuo subiam aos ares, voltando cobertas de flores e *bouquets*, al  colocadas por graciosas mãos femininas. Assim, numa anima o constante, num ruído ensurdecador da franca alegria, chegou a Tuna Acad mica aos Paços do

Concelho, sendo-lhes aí apresentados os cumprimentos de boas-vindas pelo Presidente do município.

O Presidente da tuna em ligeiras palavras, agradeceu esses cumprimentos e a tuna executou, em seguida e magistralmente, os hinos académico e nacional, sendo levantados vivas à Academia de Coimbra, à Tuna Académica, ao povo de Caminha, ao Presidente da Câmara, à Pátria, à República, etc., etc. A chuva fria continuava caindo, impertinente e miudinha, mas os alegres rapazes, não podendo conter o entusiasmo, saíram acompanhados de muito povo seguindo pelas ruas Visconde de Guilhomil e cons<sup>o</sup> Miguel Santos. Nestas ruas as janelas e sacadas estavam apinhadas de formosíssimas damas de Caminha e Seixas, que à passagem dos tunos lançavam abundantes pétalas, centenas de bouquets, de cima, e capas negras lançadas de baixo, atingindo uma animação extraordinária e vivíssima. Mas a chuva, a impertinente e miudinha chuva, empenhada em colaborar também na festa dos estudantes, tornou-se por tal modo aborrecida e maçadora que pôs termo a este número infalível e atraente em todas as festas académicas.

O resto do dia passaram os académicos a descansar das fadigas da sua laboriosa e altruísta *tournée*, visto tornar-se impossível o trânsito pelas ruas. Algumas comissões foram encarregadas de apresentar os cumprimentos às autoridades civis e militares, às colectividades e redacções. Com a noite chegou, porém, de novo o entusiasmo e a despeito do mau tempo, para o elegante teatro Valladares, à hora marcada, principiou a convergir o que de melhor e mais fino há em Caminha e na freguesia de Seixas, à parte algumas famílias da nossa primeira sociedade que ali não foram por motivos e razões imperiosas.

Mas essa festa nocturna foi a chave d'ouro com que a generosa e cavalheiresca Caminha fechou a recepção feita aos altruístas académicos. O entusiasmo ali tocou as raias do delírio; não houve coração que não palpitasse de alegria e satisfação, por todos os peitos uma forte rajada de louco contentamento. Velhos, novos, casados e solteiros, todos, absolutamente todos, concorreram para o brilhantismo desta festa inolvidável, que ficará gravada para sempre no coração dos alegres rapazes.

Ao levantar o povo, falou em primeiro lugar o académico Domingos Gonçalves que disse, num breve e empolgante improvisado, o fim que ali trazia a Tuna de Coimbra, e agradeceu em nome de todos esses generosos rapazes o carinhoso acolhimento que nesta hospitaleira vila lhe havia sido feito. Frisou bem que nunca por aqueles corações juvenis, cheios de bondade e altruísmo, tinha passado a menor ideia de ferir qualquer nota política que pudesse divorciar o povo desta encantadora Caminha.

Foi muito aplaudido o inteligente académico sucedendo-lhe no uso da palavra o quintanista de Direito, sr. Cabral na sua qualidade de Presidente da academia, em um magnífico e bem burilado discurso de apresentação, sendo por igual muito aplaudido. No fim deste discurso de apresentação, o sr. Cabral agradeceu ao sr. José Maria Valladares, proprietário do teatro, o seu rasgo de espontânea generosidade, oferecendo gratuitamente, isenta de toda e qualquer despesa, aquela elegante casa de espectáculo, atendendo ao fim humanitário que os estudantes tinham em vista, e também porque nesse grupo vinha o simpático filho de Caminha, Domingos Gonçalves, filho do nosso amigo sr. Bento António, honesto e activo industrial. Igual agradecimento foi feito à comissão encarregada de preparar a vinda dos académicos, em cujo trabalho foi incansável, e ao sr. Bento Gonçalves pelo grande auxílio prestado.

Terminadas que foram estas fórmulas em uso, principiou a tuna a executar o Hymno Académico, ouvido de pé, pela numerosa assistência, seguindo-se-lhe depois a Serenata Mourisca, Scéne de Ballet e Saudação ao Minho.

A execução era primorosa, sendo nos finais coberta de quentes e frenéticos aplausos.

A comédia da segunda parte «A Sonata» foi magistralmente desempenhada pelo académico Caldeira Coelho, sobretudo que se mostrou um verdadeiro artista.

Na terceira parte, sobressaíram o solo de violino pelo académico A. Rodrigues que foi muitíssimo aplaudido, pelo primor e gosto na execução, agradou imenso o académico Nuno de Quental na recitação das engraçadíssimas «coisas» e satisfação plenamente o fado em guitarra executado por J. Serra e B. Fonseca.

Na quarta e última parte, voltou a tuna a executar alguns trechos do seu variadíssimo programa, com a correcção e arte que mostrou no princípio.

De resto, todos muito bem. Não fizemos excepções na nossa apreciação porque, de facto, alguns elementos excederam a nossa expectativa.

Nos intervalos a alegria era extraordinária, serpentinas cruzaram-se incessantemente nos ares, formando uma rede tão fechada, tão espessa, que por várias vezes foi necessário destruí-la, os confetti caíram de quando em quando, aos camarotes, em abundância tal sobre a plateia que fazia dela uma grande mancha de cores garridas. Os *bouquets* e os *cocotes* cruzaram-se continuamente no ar, aumentando de intensidade no final de qualquer cena executada pelos tunos.

Foi um verdadeiro delírio; foi festa que só a alegria e o entusiasmo da mocidade estudiosa, casando-se com júbilo a candura, a virtude e a honestidade das damas coimhenses, podem promover.

Jamais se apagará do nosso coração este dia de gozo indescritível e inigualável.

À Tuna de Coimbra como recordação de Caminha, foi oferecida uma coroa de louros e carvalho, com cartão de prata suspenso numa larga fita de seda vermelha. Foi o sr. dr. José Manuel da Costa quem a entregou ao regente, pronunciando nessa ocasião palavras de viva saudade pelos seus tempos académicos, palavras que o regente agradeceu, simplesmente mas com muita sinceridade.

Um marinheiro lancho-canhoeira «Rio Minho» também foi oferecer, em nome da guarnição daquele vaso de guerra, surto no nosso porto, uma pequena lembrança que os alegres rapazes receberam com enorme satisfação, tocando nesse momento os tunos o hino nacional que despertou na enorme assistência louco entusiasmo, sendo então levantados muitos vivas à Pátria, à República, à Marinha e ao Exército.”

# BARCELOS

JANEIRO 1913

“A Tuna Académica da Universidade de Coimbra, chegou a esta vila no comboio das 8h55 da manhã de sexta-feira [31 de Janeiro]. Na estação, a sua chegada era aguardada pelos representantes das Associações locais, comissão de recepção e muito povo, que à chegada do comboio lhes fizeram uma brilhante manifestação. Em seguida, como a chuva era muita, cada um encaminhou-se conforme pôde para esta vila.

Em virtude do mau tempo, só às 15 horas puderam ir cumprimentar a Comissão Municipal Administrativa, indo pela Rua D. António Barroso, sendo-lhes lançadas muitas flores das janelas pelas damas barcelenses, ao que eles correspondiam com entusiásticos e sucessivos vivas às damas e a Barcelos. No salão nobre dos Paços do Concelho, o sr. tenente Bacellar, Vice-Presidente da Comissão Municipal Administrativa, discursou, manifestando aos estudantes de Barcelos que se honrava com a sua visita.

Ergueram-se calorosos vivas à Pátria, à República, à Academia de Coimbra, à Tuna, a Barcelos e à Câmara. A Tuna executou o hino da República e a marcha da Academia de Coimbra. Dali dirigiram-se a casa da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Eliza Vinhas, ilustre presidenta da Comissão de Senhoras.

À noite realizou-se a récita no Theatro Gil Vicente e em seguida o baile na Assembleia que as gentis damas barcelenses promoveram em honra dos estudantes.”

“A «soirée» que um grupo de gentis damas promoveu na sexta-feira última [31 de Janeiro], no amplo salão da Assembleia Barcelense, em honra da Tuna Académica de Coimbra, decorreu brilhantíssima, deixando gentis e cativantes recordações.

Dançou-se com todo «entrain», numa constante e entusiástica animação até às 6 horas da manhã, tendo distintamente marcado as contradanças o nosso animado amigo sr. António Albino Marques d’Azevedo, digno administrador do concelho.

O serviço foi profuso e variadíssimo, pelo que foi muito felicitado o sr. João Carlos Coelho Cruz, digno Presidente da Associação Comercial, que tal serviço dirigiu.”

# ESPOSENDE

FEVEREIRO 1913

“Eis que Esposende mais uma vez manteve os brios da sua nunca desmentida recepção que fez no passado sábado aos excelentes e simpáticos académicos da Universidade de Coimbra.

Verdadeiro dia de alegria, ficará registado com as letras do maior fulgor repassadas do maior colorido de saudade na história desta sempre bizarra e distinta povoação, em tudo e ainda sempre bem digna das suas gloriosas tradições e bom renome.

O que se passou, então naquele dia, com a visita com que nos honraram os simpáticos académicos, prova-o a sociedade. E se é certo que tão acrisolado empenho e carinho com que a bom povo desta vila os acolheu, só lhe alcança os maiores títulos de nobreza e de orgulho que uma povoação pode pretender, também não é menos certo que em tudo os ilustres visitantes não ficaram inferiores na maneira distinta, na cativante graça e alegria com que correspondam aos nossos modestos deveres de hospitalidade.

Bem-haja pois, o povo de Esposende pela forma eloquente como soube exteriorizar a profunda simpatia que lhes despertou a espontaneidade e o delicado mimo da visita com que a Tuna de Coimbra o honrou.”

“Chegou a Tuna a esta vila cerca das horas da tarde, sendo aguardada à entrada, na Avenida Barros Lima, por uma numerosa multidão de pessoas entre as quais de contava o que havia de mais distinto em Esposende e que se fazia acompanhar por uma banda de música.”

“A sua chegada foi anunciada por salvas de foguetes, tocando uma banda de música o hino nacional e enquanto o povo levantava vivas aos

briosos rapazes, estes corresponderam com saudações a Esposende. Seguidamente atravessaram as principais ruas da vila, que, apesar da chuva miudinha e impertinente, apresentavam um tom festivo e alegre, não só porque os prédios ostentavam quase todos colchas de damasco, mas porque as varandas e janelas se encontravam repletas de senhoras que lançavam sobre os simpáticos académicos tal quantidade de flores que as ruas ficaram juncadas de pétalas...”

“Ao som dos aplausos e das palmas que estridentemente reboavam formou-se então um cortejo que seguido do glorioso estandarte de Tuna, percorreu as ruas da vila no meio dum entusiasmo delirante difícil de escrever, pela imponência e espontaneidade que revestiu.

Neste cortejo tomaram parte, ao lado dos ilustres académicos, muitas das pessoas mais gradas desta vila, sendo ininterruptas as saudações de alegria e não cessando de lançar flores e prendas das janelas as gentis damas desta ridente povoação que se esforçavam em entusiasmo na ânsia de imprimir com a sua graça o maior encanto possível a tão deslumbrante recepção.

No fim deste percurso, a Tuna deu ingresso no novo salão das sessões da Câmara Municipal, onde era aguardada por todas as autoridades do concelho e à frente delas o digno presidente do Município e nosso prezado amigo, sr. Firmino Loureiro.

Depois de ter sido executado o Hymno Académico de Coimbra o digno presidente da Câmara apresentou à tuna as suas saudações de boas-vindas que foram agradecidas pelo seu presidente, nos termos da maior amabilidade e eloquência usando em seguida da palavra por si e como representante da Associação Comercial desta vila, o sr. dr. Alexandre Torres, que em frase levantada e eloquente do mais comovido lirismo e da mais acentuada forma de conceito e de dicção pronunciou um entusiástico discurso em homenagem aos distintos visitantes, tendo arrancado intensos e contínuos aplausos ao numeroso público que se premia no amplo salão.

Após novos agradecimentos pelo inteligente e digno presidente da Tuna, foi executado o Hino Nacional, encerrando-se esta sessão comemorativa com a oferta que o ilustre Presidente da Câmara Municipal fez à Tuna Académica dum lindo laço de fitas de seda bordada.

A seguir dirigiram-se os académicos a cada da família Barros Lima onde se encontrava hospedada a gentil presidente honorária nesta vila que tinha sido eleita para a Tuna Académica de Coimbra, a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Cândida d’Abreu Gouveia, onde por S. Ex.<sup>a</sup> foi oferecida uma rica pasta de camurça verde com o primoroso soneto inédito do grande e mavioso poeta português sr. António Correia d’Oliveira...”

## SAUDADES DE COIMBRA

Mal vi Coimbra, um dia... O' terra amiga!  
Para viver-te, ponho-me a sonhar:  
Vejo os Choupas extáticos; o Luar;  
O Rio; a Lenda, enamorada e antiga.

Cinjo uma capa. A aragem me fustiga.  
Sinto-me bello e môço! Vou cantar:  
E a Fonte dos Amôres, a chorar,  
Enque-se ao sol, a arder numa cantiga!

Saudades de Coimbra... Olá, Rapazes!  
Dizei-me vós a mim se sois capazes  
De uma doida saudade igual à minha:

Coimbra, é a Alegria, a Mocidade:  
E eu não fui môço, Amigos... O' Saudade,  
Sonhas, e vês a luz, - e és tão cêgumha!

Quinta de Belinho.  
1. Fevereiro.  
1913.

António Corrêa Oliveira

Figura 28 – Poema “Saudades de Coimbra” de António Corrêa Oliveira

A seguir dirigiram-se os académicos a cada da família Barros Lima onde se encontrava hospedada a gentil presidente honorária nesta vila que tinha sido eleita para a Tuna Académica de Coimbra, a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Cândida d'Abreu Gouveia, onde por S. Ex.<sup>a</sup> foi oferecida uma rica pasta de camurça verde com o primoroso soneto inédito do grande e mavioso poeta português sr. António Correia d'Oliveira...”

“Além desta delicada quanto original oferta que profundamente sensibilizou todos os académicos, foram também colocados no estandarte da Tuna, fitas e laços de seda pintados e oferecidos pelas simpáticas e gentis damas esposendenses.

Produziram-se também por essa ocasião brilhantes saudações à ilustre presidente, encontrando-se presentes a esta tocante e singela cerimónia numerosas damas desta vila.”

“Depois dos cumprimentos à distinta Presidente, D. Maria Cândida d’Abreu Gouveia, dirigiram-se para o Hotel Central onde ficaram hospedados.”

“À noite realizou-se a anunciada récita de gala no Theatro-Circo Esposendense, que assim teve o feliz acaso de ser inaugurado pela briosa e distinta Tuna de Coimbra. Às 9 horas da noite era impossível obter-se mais um lugar no amplo salão que se encontrava finamente ornamentado com colchas, pastas académicas e palmas. No início do sarau usou da palavra o sr. dr. Eduardo Motta, que em nome do povo de Esposende pronunciou um magistral discurso de saudação, impregnado dos mais encantadores efeitos de oratória onde a poesia em toda a pujança dum estilo elevado e parnasiano, corria a par da mais conceituosa filosofia adequada a tão simpática festa de arte e de caridade.

Tendo este nosso amigo conseguido manter empolgada durante uns deliciosos momentos com os arroubos da sua imaginação, e as fascinações da sua fluente palavra, toda a assembleia que estrondosamente o aplaudiu ao finalizar a obra-prima de oratória que foi o seu discurso, usou então da palavra o presidente da Tuna, sr. dr. Henrique Cabral, que falou também vibrante e eloquentemente em agradecimento à recepção feita pelo povo de Esposende enaltecendo as belezas do poético Minho que acabavam de percorrer, e dirigindo-se as mais efusivas saudações à ilustre presidente honorária da Tuna de Coimbra nesta vila a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Cândida d’Abreu Gouveia, em cujo camarote se ostentava o estandarte académico.”

## **I PARTE**

*Hymno Académico*, Medeiros

*Serenata Mourisca*, Chapy

*Scène de Ballet*, Ch. de Beriot

*Saudações ao Minho* (marcha), R. Campos

## **II PARTE**

A comédia em um acto de V. Chagas Roquette, *A Sonata*

Distribuição

Conde de Azinhaes, Caldeira Coelho

João Fernandes, Henrique Cabral

Dr. Samuel de Castro, Almeida Cardim

Jorge Fernandes, Nuno de Quental

Um enfermeiro, Abreu Coutinho

Outro enfermeiro, César Torres



### III PARTE

*Versos*, Abreu Coutinho

*Solo de Violino*, A. Rodrigues

*Coisas e coisas*, por Nuno de Quental

*Versos*, por Almeida Cardim

*Fado em Guitarra*, por J. Serra e B. Fonseca

### IV PARTE

*Overture da ópera Jeanne d'Arc*, G. Verdi

*Seleção da ópera Carmen*, Bizet

*O Estúrdio*, J. Neves

Os acompanhamentos são feitos por A. Neves e M. Reis”

O sarau foi todo ele um encanto, uma verdadeira noite de arte e de alegria cuja recordação ficará eternamente gravada na memória de todos os que a ele assistiram.

Desde a execução dos primorosos trechos de música até ao desempenho da parte teatral tudo foi primoroso, tudo conseguiu arrebatat os mais estrondosos aplausos à plateia, que delirantemente ovacionou os académicos artistas. Mas a parte comovedora e mais imponente e sem dúvida de toda aquela inolvidável noite, foi a majestosa e eloquente quanto espontânea e merecida manifestação pelos briosos académicos e a que se associaram todas as pessoas presentes, prestada ao grande poeta nacional António Correia d'Oliveira, autor do primoroso soneto oferecido aos estudantes propositadamente para esta festa, intitulada «Saudades de Coimbra».

Foi uma verdadeira consagração que assim se fez ao génio, aliado à mais elevada modéstia, se acaso dela ainda carecesses para confirmação do seu glorioso renome o distinto poeta António Correia d'Oliveira. Os académicos no meio duma vibrante manifestação, trouxeram-no ao palco, sendo lido nessa ocasião aquele soneto, e usando da palavra em homenagem ao aclamado, o sr. dr. Henrique Cabral. Verdadeira festa de arte, esta, e, que assim tomara parte ao lado dum Mestre os corações de artistas e almas de poetas, que são os estudantes de Coimbra.

Sonhadores que aprenderam a beber a inspiração nas cantantes águas que o Mondego esparge pelas sombras do Choupal, eles que vieram saudar Correia d'Oliveira transformaram-se em apaixonados Orpheus correndo pelas nossas terras. Chegaram assim até junto de nós, e em boa hora o fizeram, pois prestaram na singeleza dos seus aplausos uma verdadeira apoteose a que de direito mais a merece do que alguns outros que os falsos tropéis do elogio mútuo querem insistentemente guindar a alturas iguais.

E cremos assim que também durante a sua excursão não tiveram muito legítimo título de orgulho do que este de terem sido ocasião de prestar as suas homenagens a um dos mais distintos literatos contemporâneos.

Não faltaram assim a esta encantadora noite tão admiravelmente passada, quaisquer requisitos para que a não fiquemos considerando como a mais memorável e extraordinária festa de arte e de alegria que se tem realizado nesta vila.

Não faltou sequer a animação própria de época, jogando-se *confetti*, serpentinas, saquinhos de *bonbons*, num delírio indescritível em que tomaram parte os espectadores e estudantes.

O que mais há a dizer senão que será por muito tempo viva a saudade que a alegre companhia dos académicos nos deixou?

E estamos certos também que compensação de sobejo consoladora nos resta pelos sacrifícios empregados em bem receber a distinta Tuna, na duradoira recordação que sempre a há-de acompanhar dos curtos momentos que junto do nosso povo passaram.”

# MESA DA ASSEMBLEIA



**Presidente:** Caldeira Coelho

## DIRECÇÃO



**Presidente:**  
Almeida Cardim



**Tesoureiro:**  
Manuel de Menezes A. Lemos



**Secretário:**  
Paulo Santos



**Vogais:**  
Cezar Fontes



**Delegado no Funchal:**  
Américo Correia da Silva



**Regente:**  
António Manoel Rodrigues

## ***Parte musical***

Abel Gomes Botelho  
Adriano Rodrigues  
Agostinho Mesquita  
Alberto Carreira  
Alfredo Rocha Gouvêa  
António Corrêa d'Oliveira  
António Júlio de Lacerda  
António Maria Cardoso  
António Vicente Teixeira  
Augusto Pereira  
Augusto Valente d'Almeida  
Aurélio Augusto d'Almeida  
Bento Freire Mergulhão  
César d'Almeida Fontes  
Eurico Cabral Pinto  
Filinto Elysio Monteiro  
Francisco Carvelhas  
Horácio Baptista de Carvalho  
José da Silva Caio  
Jordão de Menezes Azevedo  
José Candeias da Silva  
José Maria Seíça Netto  
Leonardo de Souza Magalhães  
Manuel de Sá Castro Reis  
Manuel Moreira Esteves  
Mário d'Almeida  
Paulo de Sá  
Paulo José de Cantos (ext.)  
Wenceslau Fernandes de Figueiredo

## ***Parte Dramática***

Affonso Santhiago de Souza Botelho  
Annibal Simões d'Almeida Campos  
António Correia Caldeira Coelho  
Augusto d'Almeida Cardim  
Domingues Augusto Gonçalves  
Domingos de Figueiredo  
Henrique Paes Cabral  
Nuno de Quental.

### ***Attachés***

Fernando Salazar (ext.)  
Hernando Sande Marinha (ext.)  
Joaquim Bandeira (ext.)  
Semião Victória (ext.)

### ***Fotógrafo***

Gabriel Tinoco

### ***Groom***

José da Silva Baptista

### ***Outros***

Manuel de Menezes A. Lemos  
António Crispiniano de Lacerda  
Francisco Maldonado  
Américo Correia da Silva  
António Pitta  
Paulo Santos

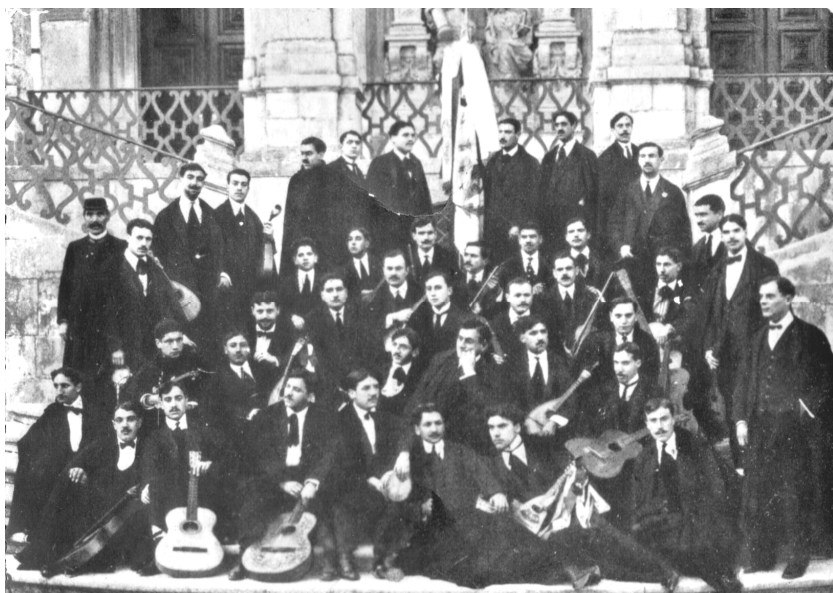


Figura 29 – Tuna Académica de Coimbra em 1912/1913

# PORTO

## FEVEREIRO 1913

“Somos informados de que a Tuna Académica da Universidade de Coimbra, depois de ter realizado pelo norte do país uma viagem, com o fim de angariar donativos para os estudantes pobres da mesma Universidade, tenciona vir ao Porto dar um espectáculo com o mesmo altruísta e simpático intuito.”

“Pelas 13 horas chegou ontem [28 de Fevereiro] à estação de S. Bento a Tuna Académica da Universidade de Coimbra, que à noite realizou um interessante espectáculo no teatro Sá da Bandeira, revertendo o produto a favor dos estudantes pobres da Universidade.

Aguardavam-na muitos académicos dos diferentes estabelecimentos de ensino desta cidade que lhe fizeram uma entusiástica recepção levantando entusiásticos vivas.

Da estação todos os estudantes se dirigiram para os Paços do Concelho onde foram recebidos pelo Presidente sr. Xavier Esteves.

Ali o Presidente da tuna sr. Caldeira Coelho saudou no Presidente da Câmara a cidade do Porto, saudação que o sr. Xavier Esteves agradeceu e deu as boas vindas aos estudantes, acrescentando lamentar não se encontrarem ali os vereadores para igualmente saudarem os nossos visitantes.

Da Câmara seguiram para a Associação dos Estudantes do Porto, na Praça de Carlos Alberto, onde foram entusiasticamente recebidos com vivas e outras manifestações.

Aí o Presidente da Associação, o sr. dr. Teixeira de Pascoaes, deu as boas vindas aos estudantes e proferiu um brilhante discurso sobre a vida académica, discurso que foi acolhido com entusiásticos aplausos.

Agradeceu o Presidente da Tuna sr. Caldeira Coelho, que igualmente proferiu um brilhante discurso.

Falou por último o Presidente da tuna do Porto, sr. Osório, que saudou os seus camaradas de Coimbra.

Todos foram calorosamente aplaudidos pelos numerosos estudantes que ali se reuniram.

Os estudantes de Coimbra tiram para ali amanhã [2 de Março] no comboio das 7 da manhã.

Depois de finda a sessão na Associação os estudantes espalharam-se pela cidade, percorrendo diferentes pontos.

O espectáculo que se realizou no teatro Sá da Bandeira, para a apresentação da Tuna Académica da Universidade de Coimbra, resultou brilhantíssimo.

Um público numeroso encheu o teatro que apareceu graciosamente ornamentado com capas de estudantes, prodigalizando repetidos e merecidos aplausos ao distinto grupo de académicos que tão grata noite de arte nos proporcionou.

### **1ª Parte**

Hymno Académico, Medeiros

Serenata Mourisca, Chapi

Scène de Ballet, Ch. de Beriot

Saudação ao Norte, marcha, R. de Campos

### **2ª Parte**

Representação da comédia em 1 acto de V. Chagas Roquette «A Sonata»

Distribuição:

Conde de Azinhais, Caldeira Coelho; João Fernandes, Henrique Cabral; dr. Samuel de Castro, Almeida Cardim; Jorge Fernandes, Nuno de Quental; Um enfermeiro, Francisco Maldonado; Outro enfermeiro, Albano Borges

### 3ªParte

«A Lágrima» (excerto) de Guerra Junqueiro

Imitação do actor Ferreira, «A dança do vento», imitação do actor Augusto Rosa, por Domingos Figueiredo

Solo de violino, por A. Rodrigues

«Cousas» por Nuno de Quental

Fados: canto, por Francisco Maldonado; guitarra, por Estevão d'Oliveira

### 4ªParte

Overture da ópera Joanne d'Arc, G. Verdi

Seleção da ópera Carmen, Bizet

Ireos, marcha, Salmi

Hymno académico, Medeiros

O espectáculo, que acabou bastante tarde, abriu pelo Hymno Académico, primorosamente executado, seguindo-se outros números musicais que arrebataram a assistência.

Na segunda parte, representou-se a graciosa comédia em 1 acto «A Sonata», desopilante episódio que os srs. Caldeira Coelho, Henrique Cabral, Almeida Cardim, Nuno de Quental, Francisco Maldorado e Albano Borges interpretaram com invulgar correcção, mais parecendo, em certos lances, artistas consumados, do que simples amadores.

A terceira parte abriu por um número verdadeiramente interessante e que o numeroso público aplaudiu com vivo entusiasmo: o sr. Domingos Figueiredo imitou, com uma flagrante semelhança, os grandes actores Ferreira da Silva e Augusto Rosa, chegando por vezes a dar-nos a impressão de que estávamos ouvindo os dois notáveis artistas.

Seguiu-se um lindo solo de violino pelo sr. A. Rodrigues; *Recitativos*, por Nuno de Quental, calorosamente aplaudido, Fados, canto e guitarra, respectivamente, por Francisco Maldorado e Estevão de Oliveira, com honras de *bis*.

O brilhante espectáculo terminou por novos trechos de música pela Tuna, que o numeroso público sublinhou com uma demorada e quente ovação.

Foi uma bela noite de arte e de alegria, que em todos deixou as melhores impressões.”

# COIMBRA

MARÇO 1913

“Promovido por um grupo de sócios do Núcleo n.º 6 da Fraternidade Militar deve realizar-se, como noutra lugar dizemos, um sarau cujo produto reverte em favor da Bolsa de Estudo e Sala de Leitura do mesmo núcleo.

É para louvar o intuito da mesma comissão que não se poupando a esforços tenta por todos os meios o bem-estar dos seus associados procurando por todos os meios ao seu alcance levar a efeito uma obra cujo empreendimento é por todos os modos bem visto.

É deveras simpático o fim altruísta da comissão e por isso é de esperar uma enorme concorrência ao mesmo espectáculo.”

## “1ª PARTE

*Hino Nacional*, pela Banda de infantaria n.º23

*Discurso pelo sr. alferes Augusto Casimiro dos Santos*

*Fantasia Militar*, B. Costa, pela Banda de infantaria n.º23

## 2ªPARTE

*Tuna Académica*

## 3ªPARTE

*Versos de Augusto Casimiro*, pelo sr. Félix Horta

*Solo de Bandolim*, pelo sr. Raul Campos, com acompanhamento em viola pelo sr. José Eliseu

*Imitações dos nossos principais actores*, pelo sr. dr. Figueiredo

*Solo em Violino*, pelo sr. Raul Campos, com acompanhamento de piano pelo sr. C. Magliano

*Luta greco-romana*, pelos srs. Angelo Madeira e Fausto Tavares; árbitro, o sr. Carlos Ribeiro, sócios do Sport-Club Conimbricense.

## 4ªPARTE

*Grupo musical das praças de infantaria n.º35*

*Fitas cinematográficas militares”*

“Realizou-se na segunda-feira [3 de Março] no Teatro Avenida o sarau promovido pelo Núcleo n.º 6 da Fraternidade Militar.

Decorreu bastante animado, sendo muito aplaudidos todos os números do variado programa.”



# ILHA DA MADEIRA

MARÇO/ABRIL 1913

Lisboa - “Hoje [20 de Março] pelo meio-dia, partiram para a Madeira no vapor “San Miguel” os estudantes que compõem a Tuna Académica de Coimbra.

No embarque que se realizou no cais de Santos, os estudantes foram alvo de entusiásticas manifestações, levantando-se muitos vivas a que corresponderam com o hino académico.”

“Foi deveras imponente a recepção feita à Tuna Académica de Coimbra que, como era esperada, chegou ontem [22 de Março] de manhã a bordo do vapor “San Miguel” ao Funchal.

Às 7 horas da manhã, hora a que aquele vapor entrou no nosso porto, foram ao seu encontro dois pequenos rebocadores da casa Blandy que conduziam os estudantes do Liceu e muitos empregados do comércio desta cidade.

O desembarque só se efectuou, porém, ao meio-dia e meia hora, organizando-se por essa ocasião, no cais, o cortejo em que tomaram parte os estudantes liceais e algumas associações de classe, que acompanhou a Tuna nos seus cumprimentos oficiais.

Na Avenida Zarco, Praça da República e demais ruas do itinerário publicado pelo «Diário da Madeira», viam-se numerosas pessoas esperando o cortejo.

Chegada à Câmara Municipal, a Tuna foi recebida no salão nobre pelos membros da comissão administrativa, tendo o sr. dr. Fernando Tolentino, Presidente, saudando os estudantes a que correspondeu num brilhante e bem architectado discurso alusivo à história da Madeira, o quintanista de Direito sr. dr. Caldeira Coelho.

Depois da tuna haver executado o hino nacional e académico, o cortejo retirou, seguindo pela rua de João Tavira, onde tocou a *Portuguesa* em frente do governo civil, e daí para o Palácio de São Lourenço.

Aqui foi recebida numa das salas da Junta Agrícola pelo novo governador civil que saudou a tuna e pelos sr. Visconde da Ribeira Brava que falou também em nome da Madeira, e outros cavalheiros.

Respondeu novamente o sr. Caldeira Coelho, agradecendo, e pedindo para que em nome da Tuna, referisse ao sr. dr. João Santhiago Prezado, ex.mo Governador Civil, que era representado pelo sr. Visconde da Ribeira Brava, os seus agradecimentos pelos serviços prestados ao grupo académico de que faz parte.

De novo em marcha, o cortejo entrou na residência do sr. comandante militar, coronel Moniz Teixeira, onde sua ex<sup>a</sup> saudou os estudantes e o sr. capitão Sarmiento pronunciou um breve discurso, igualmente de saudação.

O quintanista sr. Caldeira Coelho usando da palavra lembrou a heróica abnegação do soldado português, comentando os seus brilhantes feitos honrando a histórica pátria, e saudando naqueles dois ilustres oficiais o nosso exército.

Na sede da Associação Comercial a Tuna era aguardada pela ilustre direcção, à frente da qual se via o seu digno Presidente, o sr. Luiz Fialho d'Alvellos.

Entrando na sala das sessões desta muito prestimosa Associação, o sr. Luiz Fialho saudou a Tuna a que respondeu o quintanista já referido, sr. Caldeira Coelho.

Terminados os cumprimentos, a que assistiram muitas senhoras e que ali se encontravam, a tuna recomeçou a marcha dirigindo-se para a casa da sua ilustre Presidente honorária, a sr<sup>a</sup> D. Beatriz Geraz do Lima.

Nas janelas do palacete dos srs. Viscondes de Geraz do Lima e nos dos prédios vizinhos, numerosas senhoras da nossa primeira sociedade aguardavam o cortejo.

À chegada deste, o entusiasmo foi indescritível. Muitas senhoras atiravam sobre os estudantes punhados de rosas e outras flores, ouvindo-se muitos vivas soltados dentre o cortejo.

Pouco depois este dispersava-se, dando os estudantes de Coimbra e do Funchal entrada no Palacete Geraz da Lima, onde suas ex<sup>as</sup> os srs. Viscondes e sua gentilíssima filha a sr<sup>a</sup> D. Beatriz e algumas senhoras da sociedade, fizeram uma brilhante recepção à Tuna.

A Ilustre Presidente honorária oferecendo então ramos de flores aos Presidentes das duas academias e caixa escolar, fez também entrega de uma linda fita com um trecho do panorama do Funchal, executado pelo ilustre professor de pintura sr. D. Arthur Cersa, comemorativo da estada da tuna na Madeira.

O quintanista sr. Caldeira Coelho agradecendo a brilhante recepção pronunciou um lindo discurso evocando Coimbra, a sua poesia e terminando com uma apoteose às senhoras.

Dirigindo-se ao salão de jantar depois de haver apresentado aos estudantes as senhoras presentes, a sr<sup>a</sup> D. Beatriz Geraz do Lima, ofereceu às duas academias reunidas um delicado copo d'água em que se trocaram alguns entusiásticos brindes.

Esta festa que foi deveras surpreendente e a que a falta de espaço e tempo não nos permite referir minuciosamente como desejaríamos, terminou cerca das 4 horas, seguindo depois a Tuna para o edifício do Seminário da Encarnação, onde está hospedada.

À noite os estudantes assistiram à grande *kermesse* no *Casino Pavão*, a favor dos tuberculosos pobres do Funchal.”

“Em todas as visitas e cumprimentos a tuna executou o Hino Nacional e Académico que era ouvido de pé.”

“A Tuna Académica de Coimbra desde a sua chegada à Madeira vem recebendo as mais inequívocas provas de simpatia e de apreço, teve ontem **[24 de Março]** no Terreiro da Lucta, a festa que a Associação Comercial do Funchal lhes consagrou e que pela sua natureza especial, foi umas das que mais enternecedoramente poderia falar à alma dos bons rapazes que, pela 1ª vez vêm, mar fora, representar a Universidade de Coimbra.

A Tuna, que tem por Presidente o distinto sr. Caldeira Coelho e por regente o apreciável músico, sr. dr. Rodrigues, subiu no comboio das 3 horas da tarde para o Terreiro da Lucta, acompanhada dos membros da Direcção Comercial do Funchal e de mais convidados, sendo servido no Restaurante Esplanada um excelente «lunch» que se prolongou até às 6 da tarde.

Foram levantados calorosos brindes ao sr. Luiz Fialho d’Alvellos, Presidente da Associação Comercial, e dum modo especial ao sr. Comendador Gonçalves, director da Companhia do Caminho de Ferro do Monte, bem como à Imprensa madeirense e ao sr. Caldeira Coelho, Presidente da Tuna, que em linguagem fluente agradeceu a brilhante festa que à Tuna fora oferecida.

Na subida para o Monte, os estudantes fazendo esvoaçar as suas capas, acenavam dos dois lados do comboio aos habitantes que correspondiam agitando lenços com muito entusiasmo.

No seu regresso do Monte, a alegria era completa, trazendo todos as mais gratas impressões da festa cativante que ali haviam recebido.

Durante o percurso foram os membros da Tuna muito ovacionados, sendo queimado variado fogo de Bengala na Quinta do sr. António Figueira de Freitas, próximo ao Pombal, onde numerosos senhores e meninas aguardavam o regresso da Tuna, que atravessando várias ruas da cidade se dirigiu à sede da Associação Comercial, onde depois de permutados entusiásticos brindes dispersaram os assistentes para irem tomar parte no grande baile no Teatro Funchalense.

Todos os membros da Tuna trouxeram daquela festa encantadora, as recordações mais perduráveis da sua «tournée».”

“A excursão à quinta do Palheiro Ferreiro, promovida pelo Ateneu Comercial, e que teve lugar na última terça-feira **[25 de Março]**, foi um dos números do festejo que mais entusiasmo despertou e de mais gratas recordações.



**Figura 30 - Partida dos estudantes para Palheiro Ferreiro em digressão promovida pelo Atheneu Comercial do Funchal**

Cerca das 10 e meia horas partiram da Praça da República 15 automóveis e alguns trens que conduziram os excursionistas ao sítio da Cancela, além das Neves, sendo durante o percurso muito ovacionados.

Dali seguiram a pé, para a Quinta do Palheiro, gentilmente franqueada pelos seus proprietários.



**Figura 31 - Digressão ao Palheiro Ferreiro: Chegada ao retiro da Cancela**

Depois de admirarem o soberbo panorama que se desfruta do Balançal, visitaram o jardim, a estufa, a lagoa e outras belezas daquela magnífica estância.



**Figura 32 - O Presidente do Ateneu, sr. José Maria das Neves, saudando os académicos quando no «lunch» da Quinta do Sol em Palheiro Ferreiro**

Seguiram dali para a Quinta do Sol, onde foi servido um magnífico copo d'água, trocando-se entusiásticos brindes e discursando vários oradores.

Pela tarde adiante, regressaram à cidade, pelo Caminho do Palheiro, nas tradicionais carradas, enramadas com flores e arbustos.

Na frente vinha a Tuna, que durante o trajecto executou alguns números do seu magnífico repertório.

No Campo de Miguel Bombarda eram os excursionistas esperados por uma filarmónica, seguindo todos dali, a pé, para o Ateneu Comercial, onde os aguardava outras surpresas.

Esta excursão despertou grande interesse no Funchal e seus arredores, vendo-se em todo o percurso grande número de pessoas que nalguns pontos chegavam a formar massas compactas.

Os membros do Ateneu foram duma amabilidade em extremo para os festejados que, por seu turno, retribuía as atenções com a maior gentileza.

Os vivos repetiam-se a cada momento e dos balcões e das janelas vinha uma verdadeira chuva de flores.

Enfim, foi um dia bem passado que deixou as mais gratas recordações a todos que tiveram a felicidade de tomar parte em tão agradável digressão.”



**Figura 33 - Recepção na terrasse do Ateneu Comercial do Funchal, quando à volta de Palheiro Ferreiro: os bailados à moda da ilha**

“Foi deveras brilhante a récita de gala promovida anteontem [25 de Março] à noite, no nosso elegante teatro, em homenagem à cidade do Funchal.

A récita abriu com a execução da *Portuguesa*, tendo a seguir usado da palavra o distinto académico sr. Caldeira Coelho, digno Presidente da Tuna, que fez a apresentação em termos calorosos e elegantes produzindo um sensacional discurso que causou a melhor impressão na assistência, pelo que lhe foi feita uma imponente manifestação.

A seguir a Tuna executou magistralmente algumas peças de música, confirmando-se assim os bons créditos de que vinha precedida.

A representação da «Sonata» agradou muitíssimo. Todos os académicos que nela desempenhavam, apresentaram-se com a devida correcção, em especial o dr. Caldeira Coelho que mostrou ser um verdadeiro artista.

Causou muito agrado a recitação de Domingos Figueiredo, imitando Ferreira da Silva, na «Lágrima» e Augusto Rosa, na «Dança do vento». O público aplaudiu com muito entusiasmo.

Agradaram igualmente o solo de violino por A. Rodrigues e os «Fados» à guitarra por Paulo de Sá e canto por Affonso Botelho.

Despertaram o maior interesse as poesias recitadas por Nuno de Quental que mostrou ser um cómico de muita graça e valor.

O sr. dr. Almeida Cardim também disse admiravelmente as poesias que recitou.

A «scena muda» desempenhada pelo sr. Botelho agradou imenso.

Fechou o espectáculo com diversas músicas executadas pela Tuna, a qual revelou de novo estar muito bem ensaiada, sob a direcção do seu distinto regente sr. dr. Manoel Rodrigues.

No final e nos intervalos do espectáculo foram atirados muitos *bouquets* de flores ao palco.

A casa estava à «cunha».”

“Revestiu o maior brilho a manifestação promovida pelos estudantes do nosso Liceu aos académicos de Coimbra por ocasião da sua visita que se efectuou ontem [26 de Março] de manhã à sede do mesmo estabelecimento de ensino.

Na rua dos Ferreiros por onde passou a Tuna caíram sobre os estudantes punhados de flores erguendo-se vivas delirantemente correspondidos.

No pátio do Liceu a tuna era aguardada pelos académicos funchalenses que irromperam numa manifestação digna de registo.

A Sala nobre achava-se simples e vistosamente decorada, tomando o lugar de honra o ilustre Reitor sr. Damião Peres que tinha a seus lados os Presidentes da Tuna e da direcção da mesma, o corpo docente do Liceu do Funchal, Presidentes da academia e da Caixa Escolar, etc.

O ilustre Reitor, sinceramente penhorado com a presença dos ilustres visitantes, profere um brilhante discurso evocando os seus tempos de estudante e recordando ao mesmo tempo os acontecimentos de dor, na data de 1906, para provar que na alma das gerações académicas de todo o Portugal existe a mais estreita solidariedade, tanto mais necessária quanto é sabido que os estudantes de hoje são os homens que amanhã terão de ser investidos nos cargos de responsabilidade, de cujo desempenho depende o bem-estar do país.

Por isso sua ex<sup>a</sup>, em frases bem buriladas e melhor sentidas pede a todos os estudantes ali reunidos que se unam como verdadeiros irmãos e termina o discurso erguendo vivas à Tuna Académica, à Pátria e à República.

Falaram em seguida os estudantes Pestana Reis e Nóbrega Quental, um e outro em estilo alevantado, encadeando nos seus discursos, ideias vestidas de poesia que o auditório acolheu como sendo flores dispersas, sobre a frente dessa ilustre plêiade de estudantes de Coimbra.

O sr. dr. Caldeira Coelho, talentoso Presidente da Tuna, agradece por fim, tão penhorante prova de simpatia da mocidade académica fazendo referências lisonjeiras ao discurso do ilustre Reitor.

Numa linguagem muito pura evoca a história da Universidade de Coimbra e põe em evidência os seus preclaros dotes de inteligência e talento, por uma forma de deixar o auditório excelentemente impressionado.

O sr. dr. Caldeira Coelho, é um estudante ainda novo, mas com poderosas faculdades intelectuais, um espírito culto e enérgico, sendo por todos os seus, também talentosos colegas, deveras apreciado.”

“Pelas 4 horas e meia da tarde os estudantes de Coimbra dirigiram-se à casa exportadora de vinhos desta ilha F.F. Ferraz & C.<sup>a</sup> L.da, a fim de visitar todas as suas dependências, conforme o programa anunciado.

Receberam-nos os proprietários daquela acreditada firma srs. Francisco Figueira Ferraz e dr. João Albino Rodrigues de Souza, que com uma gentileza digna de apreço mostraram aos jovens visitantes todos os armazéns, casas de máquinas, tanoaria, estufas, etc., fazendo ao mesmo tempo a história da firma F. F. Ferraz, e explicando a maneira como sempre procederam à preparação e conservação dos seus vinhos, sem engarrafamento e exportação, o que bastante elucidou os estudantes da Universidade de Coimbra, que pela primeira vez visitaram no Funchal um casa desta natureza.

Em seguida o distinto fotógrafo sr. Tinoco tirou vários grupos no quintal anexo ao armazém da mesma firma, descendo depois os tunos aos escritórios, onde lhes foi servido um delicioso cálice de vinho Madeira. Por esta ocasião foram trocados brindes afectuosíssimos entre os srs. drs. Rodrigues de Souza, F. F. Ferraz e o dr. Caldeira Coelho, que fora entusiasticamente correspondido por todos os visitantes, que a seguir se despediram, cativados com as gentilezas recebidas.”

“Na magnífica vivenda dos srs. Viscondes de Caçongo situada num pitoresco e aprazível pondo da Choupana, ofereceram ontem **[27 de Março]** àqueles ilustres titulares uma grandiosa festa aos estudantes de Coimbra, festa que teve um carácter brilhante sob vários pontos de vista.

Já é conhecido por todos a forma cativante de recepção com que sua ex<sup>a</sup> recebeu na sua luxuosa e elegante casa, onde todas as festas têm um esplendor excepcionais. Esta, porém, excedeu sobremodo esse brilhantismo esperados.

É a primeira vez que após o aparecimento do regime vigente, se abrem as portas dessa ilustre casa para receberem um punhado de excelentes rapazes, que vieram a esta terra despertar-nos da letargia morna em que temos vivido há bons tempos.

E não lhes será difícil, por certo, o esquecimento das inequívocas provas de simpatia que os donos da casa manifestaram pelos académicos, que, por sua parte, também quiseram evidenciar o testemunho de prazer e gratidão levantando aos distintos titulares vivas que foram deliberadamente correspondidos.

Repetimos, esta festa não se apagará com facilidade da memória dos nossos visitantes.



A partida dos académicos de Coimbra para o aprazível sítio da Choupana fez-se pelas 8 horas da manhã de ontem, em carros de bois. Chegados à quinta do sr. Visconde de Cacongo foram gentilmente recebidos pelos ilustres donos da casa que foram de uma amabilidade deveras cativante para com todos os convivas.

Cerca das 11 horas foi servido o almoço composto de um óptimo menu, iniciando a série de brindes o sr. Visconde de Cacongo que agradeceu verdadeiramente penhorado a comparência dos estudantes àquela festa.

Respondeu a este brinde o talentoso quintanista de Direito e Presidente da Tuna sr. dr. Caldeira Coelho, que se referiu às nobres qualidades da família Cacongo, aludindo aos relevantísimos serviços que em África foram prestados por aquele ilustre titular do nosso país.

Fez também uso da palavra o sr. Manuel dos Reis, distinto académico de Coimbra, que agradeceu comovido a forma brilhante como foi acolhida a Tuna naquela festa proporcionada aos académicos pela magnificência do sr. Visconde de Cacongo.

Fecharam a série de brindes os discursos dos estudantes do nosso Liceu srs. Nóbrega Quental e Roberto Monteiro que brindaram ao dono da casa respectivamente, em nome da Caixa Escolar do Liceu do Funchal e em nome da Academia funchalense.

Pela sr<sup>a</sup> Viscondessa de Cacongo foi oferecido a cada um dos estudantes, como recordação desta festa, um lindo álbum de bilhetes-postais com panoramas e costumes da Madeira, oferta esta que bastante os penhorou.

A partida para a cidade realizou-se pelas 4 e meia da tarde, vindo todos os convidados em carradas artísticas e vistosamente decoradas com flores e verduras. Os académicos foram alvo de verdadeiras manifestações de simpatia por parte de todos os moradores dos sítios por onde passou o cortejo, manifestações essas que foram entusiasticamente correspondidas.”

“Foi mais uma festa brilhante a juntar àquelas que em honra da Tuna Académica de Coimbra foram realizadas nos últimos dias nesta cidade, o baile que anteontem **[27 de Março]** no Casino Pavão promovido pelos estudantes do nosso Liceu.

Às 8 e meia da noite, meia hora antes do anunciado para o começo da festa já no sumptuoso salão do Casino se viam muitas damas da nossa melhor sociedade e às nove horas, inúmeros pares volteavam já alegres ao compasso lento duma valsa de Cremieux.

E, sempre na mesma animação desusada, as formosas damas que enchiam o vasto salão de baile, acediam com prazer ao convite amável

dos académicos de Coimbra que, em tributo a tão galharda festa, rapidamente preencheram o *carnet* artístico dedicado a essa noite.

O baile prolongou-se animadamente até às 3 da manhã, sendo por essa ocasião saudados com uma prolongada salva de palmas o sexteto Telmovella, que durante esta inolvidável festa, executou selectos e apreciados números de música adequada.

O serviço foi delicado e abundante tendo sido servido chá, bolos, sorvete, etc.”

“Em consequência do mau tempo, a projectada excursão à pitoresca estância do Santo da Serra, promovida pela Câmara Municipal de Santa Cruz em honra dos distintos académicos que compõem a Tuna, só se realizará hoje [28 de Março], depois de saber-se telegraficamente se o tempo o permite.”

“A partida da Tuna para a vila de Santa Cruz fez-se, conforme havíamos anunciado pelas 11h e meia da manhã, seguindo os estudantes no vapor costeiro *Açor*.”

“O *Açor* chegou a esta vila cerca da 1 hora da tarde, realizando-se pouco depois o desembarque debaixo do maior entusiasmo.

No cais aguardava a Tuna o Presidente da Câmara sr. Carlos de Menezes Vaz; juiz de Direito dr. Urculo Vieira de Castro; conservador dr. Albano Couto; administrador do concelho sr. Alfredo Pereira de Menezes Agrella; recebedor, sr. Júlio Cabra; secretário da Câmara sr. Júlio Barretto, funcionários públicos e muito povo.

A banda de música da regência do sr. Francisco Franco, assistiu também ao desembarque, saudando os estudantes com a «Portuguesa».

Muitos foguetes subiram ao ar, sendo levantados ao mesmo tempo, calorosos vivas à Tuna, autoridades e povo de Santa Cruz.

O cortejo para a vila organizou-se à 1 hora e um quarto, depois de feitas as apresentações entre os membros da Tuna e autoridades daqui.

À frente seguia a filarmónica Franco, executando uma marcha.

Nas janelas das ruas do percurso, viam-se muitas senhoras que saudavam os tunos atirando-lhes flores.

Estes, comovidos, agradeciam, soltando vivas que eram entusiasticamente correspondidos.

O cortejo seguiu para a Câmara Municipal”

“Terminou cerca das 2 horas, a recepção na sala das sessões da Câmara Municipal.

O seu Presidente, o sr. Carlos de Menezes Vaz, discursou dirigindo aos estudantes as boas vindas e dizendo que era com muito orgulho que a vila de Santa Cruz, os recebia saudando neles os homens do futuro.

Por último, fez a oferta de uma fita de seda encarnada, com os dizeres: *Abraça-os a villa de Santa Cruz*, de um lado e do outro a data 28/3/1913.

O Presidente da Tuna, sr. Caldeira Coelho, agradecendo produziu um brilhante discurso, em que expressou, sentidamente o reconhecimento e a gratidão indeléveis de que se acham possuídos ele e os seus colegas pela forma fidalga como Santa Cruz os recebeu.

A filarmónica Franco que se encontrava na Praça D. João d'Alarcão acompanhada de muito povo, ao terminar a recepção executou novamente a *Portuguesa*.

À saída do edifício da Câmara as manifestações e vivas repetiram-se com mais entusiasmo, chamando gente de todos os pontos da vila.

Muitas senhoras aguardaram nas janelas, a passagem dos estudantes para desfolharem sobre eles flores.

Os estudantes estão muito cativados pela forma como os acolheram aqui, tudo palavras de muito agradecimento para com as autoridades e povo santa cruzense.”

“O almoço oferecido pela Câmara começou às 2 h da tarde sendo servido numa sala do Club Santacruzense.

Constou de 54 talheres e nele tomaram lugar, os estudantes, o dr. juiz de Direito, Presidente e secretário da Câmara, administrador do concelho, recebedor e representantes da imprensa.

Decorreu sempre muito animado, transparecendo em todas a mais comunicativa alegria.

A série de brindes foi aberta pelo Presidente da Câmara, sr. Carlos Vaz, que mais uma vez saudou os convidados e agradeceu a sua visita a Santa Cruz.

Sucedera-se, o dr. Caldeira Coelho, que, como sempre, fez um lindo discurso, evocando a sua longínqua Coimbra e enaltecendo as belezas da Madeira, de que se confessa encantado; o dr. Urculo Vieira de Castro, juiz de Direito, que agradeceu um brinde levantado em sua honra por Caldeira Coelho, e aproveitou a ocasião para saudar na actual geração académica, os dignos sucessores da geração de há 30 anos de que ele, orador, é hoje o decano; o nosso colega Ezequiel Velloza, que em nome da imprensa Funchalense para quem Caldeira Coelho igualmente teve palavras de extrema amabilidade, brindou os académicos prestando-lhes a sua admiração, e outros.

O almoço findou perto das 4 horas da tarde, depois de muitos *hurrahs*, vivas e saudações às autoridades e mais convivas.”

“O jantar que é ainda oferecido pela Câmara, será servido às 7 horas da noite.

Para entreter o tempo, está preparado pelos tunos um passeio a pé às Queimadas a fim de avistar Machico.

Na passagem pelo sítio da Bemposta, os estudantes visitarão a casa dos srs. João Bernardino Gomes e Manuel Pinto Correia.”

“A visita a casa do sr. Manuel Pinto Correia, no sítio da Bemposta, revestiu-se da maior animação.

À chegada ali, o sr. Pinto Correia recebeu muito gentilmente os estudantes, oferecendo-lhes vinhos e frutas e pondo à sua disposição toda a sua propriedade.

Foram queimados muitos foguetes, passando-se a tarde alegremente.

De volta para a vila onde os estudantes estiveram cantando, o sr. Pinto Correia dando *feriado* aos seus trabalhadores, cerca de 100, organizou à beira da estrada uma entusiástica manifestação que se prolongou por muito tempo.”

“O jantar também oferecido pela Câmara e realizado no Casino Pavão, começou perto das 8 horas terminando às 11 horas e meia da noite.

Decorreu muito animado, trocando-se ao *champagne* muitos brindes entre os convivas.

O sr. Presidente da Câmara, autoridades e povo daqui têm sido da mais cativante gentileza para com os seus visitantes.

Os estudantes prepararam-se para regressar à meia-noite, ao Funchal, no vapor *Açor*.

Parece que a viagem será muito agitada em virtude do vento forte que vai fazendo.”

“O yacht «Maria» conduzindo os estudantes da Tuna de Coimbra e da Caixa Escolar do Liceu dessa cidade, que vieram cumprir a sua anunciada visita a esta vila, chegou aqui [Machico] cerca das 2 horas da tarde **[29 de Março]**.

Em seguida efectuou-se o desembarque, sendo os estudantes cumprimentados no cais pelo administrador do concelho, sr. Júlio Ferreira Cabral, secretário da Câmara sr. José Gregório de Moraes, ao mesmo tempo que a antiga filarmónica D. Carlos I, executava a *Portuguesa*.

Do cais, seguiu o cortejo acompanhado pela filarmónica e grande concurso de povo, para o edifício da Câmara Municipal.

Durante o percurso viam-se muitas senhoras que os estudantes saudavam entusiasticamente, levantando-se também muitos vivas à Tuna, liceais e autoridades de Machico.

Chegados à Câmara os visitantes foram recebidos pelo Presidente sr. João Carlos de Aguiar que pronunciou uma saudação e ofertou à Tuna uma fita encarnada com os dizeres: *À Tuna Académica de Coimbra a Câmara Municipal de Machico*.

Seguiram-se no uso da palavra o sr. Caldeira Coelho que agradeceu em termos muito lisonjeiros a recepção; o sr. Damião Peres, Reitor do Liceu do Funchal, que dirigiu as boas-vindas aos tunos; o Presidente da

Caixa Escolar, sr. Nóbrega Quental, que dirigiu igualmente as boas-vindas aos tunos e agradeceu a coadjuvação das autoridades, concorrendo para que se realizasse esta excursão e novamente o sr. Caldeira Coelho num brilhante discurso a todos agradeceu as referências amáveis que tiveram para com os membros da Tuna.

O sr. capitão Alberto Arthur Sarmiento fez também, ali, a sua conferência sobre a história e tradições de Machico, que foi deveras brilhante e erudita, colhendo fartos aplausos ao terminá-la.”

“O *lunch* oferecido à Tuna pela Caixa Escolar do Liceu, da Tuna e Câmara Municipal daqui, teve lugar na casa do sr. Schiappa d’Azevedo, começando às 4 horas da tarde e acabando agora, 7 e meia da noite.

Decorreu muito animado, tomando parte nele 97 pessoas entre estudantes, administrador, secretário da Câmara e o sr. Thiago d’Aguiar, representando seu pai, o Presidente do Município.

Iniciou a série de brindes o sr. Nóbrega Quental que em nome da Caixa Escolar brindou aos tunos e estudantes. Seguiram-se o dr. Caldeira Coelho que falou em nome da Tuna reconhecido, o Reitor do Liceu sr. Damião Peres, o professor do mesmo estabelecimento de ensino sr. Dentinho, o capitão sr. Sarmiento e outros, tendo todos palavras de caloroso elogio para os membros da Tuna.

Os estudantes dirigiram-se agora, debaixo de ruidosas manifestações de entusiasmo, para o cais a fim de regressar no *Maria*, ao Funchal.

Acompanha-os o administrador do concelho sr. Júlio Ferreira Cabral que tem sido da mais cativante amabilidade para com todos.

O yacht *Maria* chegou ao Funchal anteontem [29 de Março] pelas 10 e meia horas da noite fazendo uma regular viagem.”

“Como noticiámos, realizou-se anteontem [29 de Março] à noite na sede do Grémio dos Empregados do Comércio do Funchal, o baile oferecido à Tuna Académica de Coimbra.

A festa começou às 9 horas da noite, vendo-se no salão de baile muitas senhoras e «demoiselles» que emprestaram ao recinto uma nota deveras brilhante.

A entrada no Grémio como o salão, encontravam-se ornamentadas com flores, vendo-se ao fundo das escadarias este dizer: *Salvé à Tuna Académica de Coimbra*.

Na chegada ao Grémio do Presidente e estudantes de Coimbra, o sexteto Joaquim Casimiro executou o Hino Académico sendo levantados vivas à Tuna, Grémio e sr<sup>as</sup> funchalenses.

Em seguida os membros da direcção da simpática associação do comércio convidara os académicos para um pequeno copo d’água, que foi servido numa das dependências daquele edifício e na qual se trocaram entusiásticos brindes.

De volta à sala de baile o nosso colega de redacção Ezequiel Velloza, acompanhando uma gentil menina, usou da palavra em nome da direcção do Grémio, oferecendo uma fita azul com os dizeres: *À Tuna Académica de Coimbra o Grémio dos Empregados do Comércio do Funchal*, e uma linda *corbeille* de flores naturais.

O dr. Caldeira Coelho, Presidente da Tuna, agradecendo proferiu um lindo discurso que evidenciou mais uma vez a hospitalidade e lhanza dos funchalenses para com os estudantes de Coimbra, de que ele, orador e seus colegas se confessam gratíssimos.

Terminados os discursos repetiram-se vivas e aplausos vibrantes ecoaram na sala, coroando as palavras do sr. Caldeira Coelho.

O baile que decorreu sempre sob extraordinária animação, terminou cerca das 5 horas da manhã.”

“O match de foot-ball anunciado em honra da Tuna. Teve lugar ontem **[30 de Março]** pelas 4 horas e meia da tarde no campo Almirante Reis, com grande concorrência de espectadores.

Jogara a 1.<sup>a</sup> equipa do «Sport Club Marítimo» e o *team* misto de jogadores de vários *Clubs*.

O sr. dr. Caldeira Coelho, Presidente da Tuna, que ali se encontrava, convidado pelo *referee* a iniciar o jogo acedeu dando o primeiro pontapé na bola, sob uma estrondosa salva de palmas.

O *match* decorreu interessantíssimo, terminando com a vitória para o Club Marítimo por 8 golos contra 0.

Em seguida os *players* dirigiram-se para a sede do «Grémio dos Empregados do Comércio», onde lhes foi servido um copo d’água trocando-se alguns brindes e saudações.”

“Se a 1.<sup>a</sup> récita da Tuna Académica excedeu tudo o que os mais optimistas haviam previsto, a 2.<sup>a</sup> veio confirmar essa boa impressão e provar-nos com um programa diferente do primeiro, quanto o seu reportório é vasto e variado.

Apenas um número de música foi repetido — *Scene de Ballet* — e não por necessidade, temos a certeza, mas pelo grau de dificuldade da obra, de muita responsabilidade para o primeiro violino obrigado, prestando assim o seu regente, o distintíssimo académico sr. Manoel Rodrigues, homenagear a memória do autor, o compositor célebre violinista Carlos de Beriot, pondo mais uma vez em destaque o valor dos executantes.

A nossa imprensa, tecendo na apreciação da 1.<sup>a</sup> récita os mais rasgada elogios à Tuna Académica de Coimbra traduziu a opinião de todos os que puderam apreciá-la. E foram justíssimas as demonstrações de apreço testemunhadas.

Não sabemos o que mais nos admirou: se o poder sugestivo da batuta se a precisa atenção e exacta compreensão dos seus movimentos, habilmente dirigidos.

Ignoramos se o sr. Manoel Rodrigues costuma reger de cor, por hábito; regendo anteontem [30 de Março] assim; ser que uma única vez deixasse de traduzir fielmente a infinidade de *relevo*s dispersos, demonstrou bem evidentemente uma memória musical prodigiosa, de que poucos se orgulham.

Os solos de violino executados pela sr. Adriano Rodrigues não podiam se mais bem escolhidos para pôr em evidência a sua técnica e o seu sentimento artístico, uma e outro já de grande valor. E se juntarmos a estes predicados tão apreciáveis uma afinação justa, rigorosa, sem incorrecções, própria da intuição ou do longo estudo, somos forçados a reconhecer no sr. Adriano Rodrigues um amador dos mais distintos.

Também o sr. Paulo de Sá com os *fadinhos* na sua gemente *chorosa* nos entusiasmou. Demonstrou bem claramente que todos os segredos do seu *pianinho* lhe são conhecidos, devido à sua grande agilidade. O sr. Paulo de Sá iniciou os seus fados pelas *variações* do Magioly e terminou com o *corridinho menor*, onde se deteve mais demoradamente, intercalando o *tema* com *variações* gementes, muito sentidas, algumas das quais bastante difíceis e todas repassadas do cunho melancólico que o caracteriza.

Lastimamos que o sr. Paulo de Sá sendo tão justamente aplaudido como foi, não quisesse deliciar-nos mais algum tempo, retribuindo os aplausos com mais fadinhos, visto que os *chorosos* não abundam por cá.

O sr. Affonso Botelho além duma bela voz de tenor bem definida sabe cantar o fado. Quantos profissionais e amadores com boa voz e escola sentem sérios embaraços numa quadra ao *rigoroso* ou ao *mouraria*!

Cantar o fado requer [não diremos *arte* para que algum *fadistobobo* se não ria de nós] um certo *jeito* inacessível e muitas vozes maleáveis e optimamente timbradas. Há por ali uns *arrastandos*, uns *ais* gemebundos que nem todos alcançam e que parecem mesmo *destilados* por esta coisa cónica que temos na arca do peito, salvo melhor opinião ou mais rica imagem. E não são estranhas estas particularidades ao sr. Affonso Botelho, que se nalguma coisa pecou foi em não bisar, quando todos o desejavam.

A engraçadíssima comédia *Um baile de máscaras* teve o desempenho correcto que era de esperar por parte dos seus intérpretes srs. Caldeira Coelho, Nuno Quental, Domingos Figueiredo, Henrique Cabral e Almeida Cardim, principalmente os dois primeiros pela preponderância dos seus papéis. O sr. Caldeira Coelho é um artista consumado.

As imitações dos actores Augusto Rosa e Chaby, *Melro*, *Dança do Vento* e *Rataplan*, pelo sr. Domingos de Figueiredo, foram perfeitíssimas, d'um rigor de cópia verdadeiramente admirável.

O sr. Nuno Quental manteve a plateia em contínua hilaridade com a sua veia cómica.

Também o sr. Affonso Botelho, no monólogo o *Debate*, foi muito correcto e cheio de graça sugestiva.

Enfim uma esplêndida noite, que há-de ser difícil ver-se repetir no Funchal, devida exclusivamente à Tuna Académica de Coimbra, ovacionada tão justa e calorosamente durante todo o espectáculo.”

“Realizou-se ontem **[1 de Abril]** como estava anunciado o «lunch» oferecido na «Quinta Pavão», pelos bacharéis formados pela Universidade de Coimbra em honra dos académicos que compõem a Tuna.

Àquela festa que decorreu sempre com grande entusiasmo, presidiu o sr. dr. Manuel de Souza Telles, meritíssimo juiz de Direito desta comarca.

Ao «toast» trocaram-se muitos e entusiásticos brindes.”

“Realizou-se ontem **[2 de Abril]** no Monte Palace Hotel a simpática festa promovida pelos estudantes do Liceu do Funchal em honra da Tuna Académica de Coimbra.

Em dois comboios especiais subiram, cerca das 2 horas da tarde, à pitoresca estância do Monte os convidados académicos, percorrendo vários pontos de surpreendente efeito panorâmico, alguns dos quais deixaram nos ilustres visitantes de Coimbra impressões inapagáveis.

Pelas 3 e meia horas da tarde foi servido naquele aprazível Hotel um lauto e opíparo *lunch*, no final do qual foram erguidos entusiásticos brindes, pelas várias entidades funchalenses destacando-se os do corpo docente liceal, representado nessa festa pelos srs. Damião Peres, Alberto Arthur Sarmento, Horácio Pinheiro, dr. Joaquim Carlos de Souza, dr. António Feliciano Rodrigues (Castilho) e dr. João Augusto de Freitas.

Representavam a imprensa periódica funchalense os srs. Cyriaco de Britto e Nóbrega, que brindou os estudantes de Coimbra, tenente Manuel de Souza Brazão, Oswaldo Vieira de Andrade e José Ezequiel Fernandes Velloza, que brindou os estudantes pobres da Universidade.

Foram trocados entre a academia Funchalense, largamente representada, a Academia de Coimbra e a Direcção da Caixa escolar, brindes muito entusiásticos, manifestando-se de parte a parte um sentimento de saudade pelo motivo da breve despedida dos académicos conimbricenses.

A sala do *lunch* achava-se vistosamente engalanada, devido ao bom gosto e cuidado do activo proprietário do Monte Palace Hotel, decorrendo o serviço na melhor ordem.

Após o *lunch* várias e ilustres damas funchalenses e estrangeiras assistiram à permanência dos tunos da academia, sobre os quais lançaram punhados de mimosas flores, dançou-se animadamente.



O estudante de Coimbra sr. Gabriel Tinoco tirou várias fotografias dos majestosos panoramas que se disfrutam do aprazível ponto do Monte.

Agradecemos ao ilustre e distinto académico a deferência que teve para connosco, fotografando-nos no momento em que escrevíamos numa das varandas do hotel estas muito ligeiras referências.

O sr. dr. Caldeira Coelho revelou na retribuição das manifestações dirigidas à tuna, mais uma vez o seu valor oratório, e as peregrinas qualidades do seu carácter.

Outros estudantes, de Coimbra, possuídos do sentimento de pesar por terem de deixar tão breve, esta ilha, despediram-se em termos comoventes do povo da Madeira, que tão generosamente os recebeu.

Esta festa excedeu deveras toda a expectativa deixando no ânimo dos convidados uma impressão inapagável, de molde a perpetuar-se na memória dos estudantes, como uma das principais festas realizadas em sua honra nesta ilha, que eles chamam formosa e hospitaleira.”

“Esta nobre instituição que tantos triunfos tem obtido desde os tempos longínquos da sua fundação, em viagens sucessivas quer pelo país, quer pelo estrangeiro, conquistará decerto mais um para juntar aos números, dos quais a sua bandeira velhinha é a melhor testemunha.” [...]

“Destas, recordo ainda e recordarei sempre com saudades, a viagem feita em 1913 ao Funchal, àquela terra que é o coração do mar, que é a “Pérola do Oceano”, no dizer de muitos. Era então aluno do Liceu; lembro-me como se fora agora o que foi aquela visita. O carinho e o entusiasmo com que o povo madeirense recebeu tão nobre e selecta embaixada coimbrã.

Não encontro palavras nem pensamentos que possam dizer o que foi a quasi alucinação daquele hospitaleiro povo, do meio do mar, ao receber tão honrosa visita; bastará apenas reproduzir o que então ouvi dizer a muitos velhos – *festejos assim só nos lembram quando da visita do Rei D. Carlos em 1901!*

Que a Tuna continue mantendo sempre as suas velhas e gloriosas tradições, e que o ânimo nunca falte àqueles que a amam, são os votos mais sentidos daquele que se orgulha de ser um seu admirador e amigo.”

**Jacob Magos Pinto Correia**  
[Presidente da Direcção da Tuna em 1925]  
Coimbra, Janeiro de 1925

# COIMBRA

MAIO 1913

“Realizou-se no Teatro Avenida [8 de Maio], como tínhamos noticiado, o sarau em benefício da fundação da Escola-oficina da Cova do Lobo e que decorreu dentro do mais completo sossego, ao contrário do que para aí se propalou no sentido de se pretender ser desagradável ao sr. dr. Cunha e Costa.

O programa, que foi rigorosamente cumprido, estava magnificamente elaborado e o seu desempenho agradou muito.

A tuna académica da Universidade, que ainda há pouco regressou da Madeira onde foi entusiasticamente recebida e aplaudida, mais uma vez se houve distintamente na execução das *Scene de Ballet*, de Beriot, e *Fados*, de Raúl Campos, recebendo uma extraordinária ovação.

Os srs. Nuno de Quental, nas poesias jocosas, Francisco Maldonado, no canto de fado, e Francisco de Almeida no monólogo, *Gramática Arte-Nova*, houveram-se muito bem e foram muito aplaudidos.

A segunda parte do sarau, que foi unicamente preenchida pela conferência do grande orador sr. dr. Cunha e Costa, constituiu sem dúvida alguma um verdadeiro triunfo, não só para o ilustre conferente, como também para os arrojados promotores do sarau. Foi uma oração brilhantíssimas, em que o sr. dr. Cunha e Costa mais uma vez demonstrou o seu robustíssimo talento e as suas prodigiosas faculdades científicas.

Vamos procurar dar aos nossos estimáveis leitores um pálido resumo do que foi a sua formidável conferência.

O sr. dr. Cunha e Costa começou por fazer uma evocação ao seu passado académico, descrevendo com muito espírito algumas das cenas de estúrdia e de troça aos lentes, nesse tempo em que ainda havia uma academia com espírito e com arreigados sentimentos patrióticos. A sua geração, disse, foi de todas as que mais alto, nos tempos modernos, levantou a voz a favor da independência da Pátria, e a que com mais arrojo e audácia protestou contra os vilipêndios do que ela foi vítima.

Foi essa geração de 90, que fez repercutir por todo o país a sua voz clamorosa de revolta, a geração que lia e amava o *Palito Métrico*, mas que também lia e amava as páginas gloriosas da nossa história pátria; a geração que fazia *troupes* e matava gatos, que ria e folgava, que fazia versos e namorava as tricanas, que troçava os mestres com troça inofensiva e que os elogiava, que os respeitava e lhes fazia justiça; que nunca os insultou, nunca os agrediu, que nunca partiu as carteiras universitárias e que nem por isso deixou de ter sempre diante dos olhos

os sagrados interesses da Pátria. Uma geração que decerto recorda com saudade os seus mestres, que para eles devem ser uma relíquia do passado.

Conta que nesse tempo era professor de direito romano o sr. dr. Bernardo de Albuquerque, que os massava com aquelas lições, lições dum direito que nunca existiu, mas que era obrigado a ensinar por ordem do governo, e por consequência todas as suas revoltas eram contra o Governo e nunca contra aquele ilustre professor. Fala com saudade do seu professor dr. Laranjo, que era mestre de economia política e conta, com muita graça, que sendo chamado o seu condiscípulo Pinto da Rocha, ele apenas respondeu: - Há definições de definições; definições duma página, definições de página e meia e há definições que são quilómetros de definições. Esta resposta deu lugar a grande gargalhada do curso, sabendo-se que o livro do dr. Laranjo tinha algumas centenas de páginas.”

# ESTATUTOS

POSTERIORES A 1910

**Artigo 1º** - Reconstitui-se a Tuna Académica da Universidade de Coimbra com os fins seguintes: a) cultivar e desenvolver a arte musical e dramática; b) promover festas de caridade em benefício da sua Caixa de Subsídios; c) auxiliar todas as iniciativas de carácter académico; d) recrear os sócios com viagens de instrução; e) estreitar relação com todas as academias, nacionais e estrangeiras.

## Dos sócios

**Artigo 2º** - Os sócios da Tuna são de duas categorias: ordinários e honorários.

**Artigo 3º** - São sócios ordinários: 1º Os executantes, o regente e o ensaiador da Tuna; 2º Os membros do grupo dramático.

§ **único** - Exceptua-se, quanto ao ensaiador, o disposto no artigo 33º, § único

**Artigo 4º** - São sócios todos aqueles a quem, pela Assembleia Geral, seja concedido o respectivo diploma.

§ **único** - Consideram-se sócios honorários todos os sócios que tendo desempenhado cargos na Tuna d'elles sejam exonerados por terminarem a sua carreira escolar.

## Admissão de sócios

**Artigo 5º** - A admissão definitiva dos sócios ordinários e honorários apenas poderá ser feita em Assembleia Geral, excepto os incluídos no Único do artigo 4º.

§ **único** - Só pertencerão às categorias do Artigo 3º os estudantes da Universidade e Liceu de Coimbra.

**Artigo 6º** - A admissão definitiva dos sócios ordinários será precedida de dependente de um concurso perante júri.

§ **único** - A cargo da Direcção, de acordo com o regente, fica a escolha e nomeação do júri para a admissão dos sócios executantes.

## Direitos dos sócios

**Artigo 7º** - Todo o sócio se pode utilizar das salas da Tuna para fins que não vão de encontro a este Regulamento, excepto das que a Direcção tenha reservado.

**Artigo 8º** - São direitos dos sócios ordinários:

1º desempenhar os cargos para que for escolhido por eleição ou nomeação.

2º assistir com voto às assembleias gerais da Tuna.

3º tomar parte nas festas e excursões que a Tuna realizar.

4º reclamar em assembleia geral das determinações dos corpos gerentes que julgue ofensivas dos seus direitos.

## Deveres dos sócios

**Artigo 9º** - Todos os sócios devem cumprir as prescrições dos Estatutos e mais regulamentos da Tuna na parte que lhes for aplicável.

**Artigo 10º** - São obrigações dos sócios ordinários:

1º Pagar a jóia de admissão de 1\$00 (um escudo) e a quota mensal de \$30 (trinta centavos).

§1º Fica isento do pagamento da jóia e quota todo o sócio que for subsidiado por qualquer instituição de beneficência (académica)

2º Comparecer pontualmente aos ensaios e reuniões da Tuna.

3º Obedecer às determinações dos corpos gerentes e resoluções tomadas em Assembleia Geral.

### Da Assembleia Geral

**Artigo 11º** - A assembleia-geral da Tuna será constituída por todos os sócios e terá uma Mesa de eleição anual.

1º Os sócios honorários não têm direito de voto.

2º As sessões declaradas secretas pelo Presidente da Mesa serão franqueadas só aos sócios ordinários.

**Artigo 12º** - A Mesa da Assembleia Geral compor-se-á de um Presidente e dois secretários, 1º e 2º eleitos anualmente.

**Artigo 13º** - O Presidente da Mesa da Assembleia Geral será o Presidente da Tuna.

**Artigo 14º** - À mesa da Assembleia Geral compete nomear 3 sócios ordinários para efeitos do artigo 42º.

**Artigo 15º** - Ao Presidente compete:

1º Convocar e presidir às sessões da Assembleia Geral.

2º Representar a Tuna em todos os actos públicos em que tomar parte.

3º Elaborar um regulamento interno das sessões.

**Artigo 16º** - O Presidente será substituído nos seus impedimentos e auxiliado mais directamente nos seus trabalhos pelo Vice-Presidente da Tuna.

**Artigo 17º** - O 1º Secretário redigirá as actas das sessões, os avisos

convocatórios das mesmas e auxiliará a direcção.

**Artigo 18º** - Ao 2º secretário compete a guarda do arquivo musical, documentos e relíquias da Tuna e auxiliar a Direcção.

**Artigo 19º** - São atribuições da Assembleia Geral:

1º Eleger dentre os sócios ordinários os membros dirigentes da Tuna, o Director do Grupo Dramático e o Porta-Estandarte, na primeira sessão (ordinária) da 2ªquinzena do mês de Novembro de cada ano.

§ **único** - Qualquer estudante da Universidade pode ser Presidente da Tuna, sendo sócio honorário.

2º Deliberar soberanamente sobre todos os assuntos de interesse geral não previstos nos Estatutos e em harmonia com o seu espírito geral e casos análogos.

3º Apreciar a conduta de todos os sócios com poderes de censura e demissão.

4º Reunir ordinariamente na 2ª quinzena do mês de Novembro e depois da 1ª quinzena de Maio de cada ano para eleição dos corpos gerentes e apresentação de relatórios e contas; extraordinariamente todas as vezes que o Presidente da Tuna ou a Direcção o julguem conveniente, ou sete sócios ordinários o requeiram ao Presidente da Assembleia Geral.

§ **único** - As sessões ordinárias serão convocadas com 48 horas de antecipação e só poderão funcionar na primeira convocação com maioria dos sócios ordinários; as sessões extraordinárias funcionam com qualquer número de sócios ordinários e serão convocadas com 24 horas de antecedência.

## **Direcção da Tuna**

**Artigo 20º** - A Direcção constitui o corpo administrativo superior da Tuna e compor-se-á de um Presidente, dois secretários e um tesoureiro.

### **§primeiro**

Junto da Direcção haverá um director Técnico, que será Presidente honorário.

### **§segundo**

O Presidente da Direcção será o Vice-Presidente da Tuna.

**Artigo 21º** - A Direcção eleita poderá comunicar perante o Presidente da Assembleia Geral, que convocará nova reunião da Assembleia Geral para eleição de outros directores.

**Artigo 22º** - Compete à Direcção:

- 1º Dirigir superiormente a Tuna
- 2º Promover saraus, excursões e mais festas dentro e fora de Coimbra
- 3º Apresentar ao exame da Assembleia Geral as contas e os relatórios da sua administração
- 4º Elaborar, de acordo com o regente, o ensaiador, Presidente da Tuna e Director do Grupo Dramático, os programas dos saraus
- 5º Resolver qualquer assunto de interesse geral ou particular, ficando responsável perante a Assembleia Geral.
- 6º Velar pelo bem-estar e comodidade dos sócios
- 7º Manter a ordem nos ensaios, reuniões, excursões
- 8º Nomear o contínuo e mais empregados
- 9º Elaborar o Regulamento a que se refere o Artigo 47º

**Artigo 23º** - Compete ao Presidente:

- 1º Convocar e presidir às sessões da Direcção
- 2º Substituir nos seus impedimentos o Presidente da Tuna.

**Artigo 24º** - Compete ao 1º Secretário:

- 1º Fazer todo o serviço de expediente
- 2º Lavrar a acta das sessões da Direcção
- 3º Exercer o cargo de Director do Grupo Dramático

**Artigo 25º** - Compete ao 2º Secretário:

- 1º Guardar todos os documentos relativos à administração e direcção da Tuna
- 2º Substituir o 1º Secretário em todos os seus impedimentos

**Artigo 26º** - Compete ao tesoureiro:

- 1º Guardar os fundos da Tuna
- 2º Escriturar o livro da conta corrente da Tuna

## **Do Grupo Dramático**

**Artigo 27º** - O grupo dramático compor-se-á de membros admitidos por concurso e saídos sempre que possível for dos sócios executantes

**Artigo 28º** - À Direcção de acordo com o Director do Grupo compete a fixação do número dos membros indispensáveis para a constituição do Grupo.

**Artigo 29º** - O Júri dos concursos será constituído por dois membros do Grupo presididos pelo Director.

**Artigo 30º** - Para admissão de peças o Director do Grupo Dramático de acordo com a Direcção, constituindo-se em júri, poderá abrir concurso.

**Artigo 31º** - Ao Director do Grupo Dramático compete:

- 1º Escolher as peças de acordo com o sub-director, havendo-o Presidente, Vice-Presidente da Tuna e Director Técnico.
  - 2º Dirigir a parte dramática dos saraus.
  - 3º Elaborar um regulamento interno de ensaios e de concursos dramáticos.
- Artigo 32º** - É da competência do ensaiador, de harmonia com a Direcção, marcar e distribuir os papéis das peças e fixar e presidir a todos os ensaios do Grupo.

## Do ensaiador

**Artigo 33º** - O ensaiador será eleito dentre os sócios executantes e poderá propor à Direcção os chefes de naipe que achar convenientes.

§ **único** - Em caso de necessidade poderá a Direcção contratar um ensaiador estranho à Tuna ou mesmo à Academia.

**Artigo 34º** - Ao ensaiador compete:

1º Presidir aos ensaios gerais

2º Escolher, de acordo com o regente, e Director Técnico, as músicas que a Tuna deve executar.

3º Marcar, de acordo com o regente e ensaiadores de naipe os dias e horas dos ensaios gerais e parciais com comunicação à Direcção.

## Das eleições

**Artigo 35º** - O sistema de eleição será directo, por maioria de votos e escrutínio secreto.

§ **único** - Não é permitida a eleição por aclamação

**Artigo 36º** - A mesa eleitoral será formada pela mesa da Assembleia Geral

**Artigo 37º** - São eleitores os sócios ordinários

**Artigo 38º** - Nas sessões ordinárias será afixada pela Direcção na sala das sessões com 48h de antecedência uma relação de todos os sócios eleitores

**Artigo 39º** - Empatada uma eleição renovar-se-á o escrutínio secreto sendo candidatos aqueles sobre quem houve empate.

**Artigo 40º** - São escrutinadores os secretários da Assembleia-Geral.

**Artigo 41º** - O sócio eleito começará a exercer as suas funções no dia seguinte ao da sua eleição.

## Da fiscalização

**Artigo 42º** - A mesa da Assembleia Geral nomeará três sócios ordinários para analisar as contas da Direcção e apresentar na Assembleia Geral, a realizar depois da primeira quinzena de Maio o seu parecer.

## Dos saraus e excursões

**Artigo 43º** - Os saraus e excursões serão elaborados pela Direcção e Presidente da Tuna.

**Artigo 44º** - A Direcção para o estudo da execução de saraus e excursões poderá agregar a si os elementos que julguem convenientes.

## Da renúncia

**Artigo 45º** - Os motivos de renúncia de qualquer membro dos corpos gerentes serão:

1º Caso de reeleição;

2º Se frequentarem o último ano anterior à Formatura;

3º Qualquer outro motivo, cuja gravidade será ponderada pela Assembleia Geral, nos termos do artigo nº21, deste Regulamento.

## Do regente

**Artigo 46º** - O regente será sempre um estudante e será considerado sócio ordinário, excepto para efeitos do número 1º do artigo 10º.

## Das penalidades

**Artigo 47º** - As penalidades serão aplicadas em harmonia com o Regulamento interno de ensaios, a que se refere o artigo 22º, nº9.

# REFERÊNCIAS

**AVEIRO** 1888, 1894

**ALGARVE** 1912

**BARCELOS** 1904, 1913

**BEJA** 1904, 1912

**BRAGA** 1894, 1905, 1913

**CAMINHA** 1904, 1908, 1913

**CASTELO BRANCO** 1899, 1908

**CIUDAD RODRIGO** 1911

**COIMBRA** 1888, 1890, 1894, 1895,  
1897, 1898, 1899, 1900, 1901, 1902, 1904,  
1905, 1908, 1909, 1910, 1911, 1912, 1913

**ESPOSENDE** 1913

**ÉVORA** 1904, 1912

**FIGUEIRA DA FOZ** 1896, 1900,  
1902, 1908, 1912

**GUARDA** 1908

**GUIMARÃES** 1897, 1913

**LA CORUÑA** 1905

**LEIRIA** 1896, 1900

**LISBOA** 1895, 1896, 1901, 1910

**LUGO** 1902

**MADEIRA** 1913

**MEALHADA** 1898

**OURENSE** 1902, 1908

**PORTO** 1888, 1913

**PÓVOA DE VARZIM** 1904, 1908

**PONTE DE LIMA** 1897

**PONTEVEDRA** 1898

**SALAMANCA** 1900, 1906, 1911

**SANTARÉM** 1901, 1906, 1909

**SANTIAGO DE COMPOSTELA**  
1898, 1905

**TOMAR** 1896, 1906

**VALLADOLID** 1900, 1911

**VIANA DO CASTELO** 1898, 1913

**VILA DO CONDE** 1904

**VILA NOVA DE FAMALICÃO** 1897

**VILLAGARCIA DE AROUSA** 1898

**VISEU** 1895, 1898, 1906, 1909, 1911

**ZAMORA** 1906, 1911



# BIBLIOGRAFIA

## 1887/1888

“Notas”, 1889

“Gaceta de Galicia”, Santiago de Compostela, Fevereiro de 1888

“Correspondência de Coimbra”, Coimbra, Maio de 1888

“O Povo de Aveiro”, Aveiro, Maio de 1888

“O Imparcial de Coimbra”, Coimbra, Dezembro de 1888

## 1888/1889

“Correspondência de Coimbra”, Coimbra, Novembro de 1888

“A Actualidade”, Porto, Dezembro de 1888

“O Porta-Estandarte”, Porto, Dezembro de 1888

“Jornal do Porto”, Porto, Dezembro de 1888

## 1889/1890

“Correspondência de Coimbra”, Coimbra, Fevereiro e Março de 1890

“Via Latina”, Coimbra, Fevereiro e Abril de 1890

“O Conimbricense”, Coimbra, Maio de 1890

## 1891/1893

“Diário de Notícias”, Lisboa, Dezembro de 1901

## 1893/1894

“O Commercio de Coimbra”, Coimbra, Março, Abril, Maio e Junho 1894

“Correspondência de Coimbra”, Coimbra, Abril e Maio de 1894

“O Povo de Aveiro”, Aveiro, Maio de 1894

## 1894/1895

“Correspondência de Coimbra”, Coimbra, Novembro de 1894

“O Conimbricense”, Coimbra, Novembro de 1894

“Commercio do Minho”, Braga, Dezembro de 1894

”O Commercio de Vizeu”, Viseu, Fevereiro de 1895

“Districto de Coimbra”, Coimbra, Fevereiro de 1895

“Diário de Notícias”, Lisboa, Março de 1895

“O António Maria”, Lisboa, Março de 1895

## 1895/1896

- “O Districto de Leiria”, Leiria, Fevereiro de 1896
- “Gazeta da Figueira”, Figueira da Foz, Fevereiro de 1896
- “A Verdade”, Tomar, Março de 1896

## 1896/1897

- “O Instituto”, Coimbra, Dezembro de 1896
- “Diário de Notícias”, Lisboa, Dezembro de 1896
- “Gazeta da Figueira”, Figueira da Foz, Dezembro de 1896
- “Comercio do Minho”, Braga, Março de 1897
- “O Commercio do Porto”, Porto, Fevereiro e Março de 1897
- “Vimaranense”, Guimarães, Fevereiro e Março de 1897
- “Correspondência de Coimbra”, Coimbra, Abril de 1897

## 1897/1898

- “A Aurora do Minho”, Viana do Castelo, Fevereiro de 1898
- “Correspondência de Coimbra”, Coimbra, Fevereiro e Março de 1898
- “O Commercio de Vizeu”, Viseu, Março de 1898
- “El Diario de Pontevedra”, Pontevedra, Fevereiro de 1898
- “La Correspondencia Gallega”, Santiago de Compostela, Fevereiro de 1898
- “El Alcance”, Santiago de Compostela, Fevereiro de 1898

## 1898/1899

- “A Defesa da Beira”, Castelo Branco, Fevereiro de 1899
- “Correspondência de Coimbra”, Coimbra, Março e Maio de 1899
- “A Defesa da Beira”, Castelo Branco, Janeiro e Fevereiro de 1899
- “In Illo Tempore”, Trindade Coelho, 1902

## 1899/1900

- “Noticiero Salamantino”, Salamanca, Fevereiro de 1900
- “El Adelanto”, Salamanca, Fevereiro de 1900
- “La Vanguardia”, Barcelona, Março de 1900

## 1900/1901

- “Gazeta da Figueira”, Figueira da Foz, Dezembro de 1900
- “Correio de Leiria”, Leiria, Dezembro de 1900
- “O Districto de Leiria”, Leiria, Dezembro de 1900
- “Correio da Extremadura”, Santarém, Janeiro e Fevereiro de 1901
- “O Conimbricense”, Coimbra, Fevereiro e Março de 1901

## 1901/1902

- “Diário de Notícias”, Lisboa, Dezembro de 1901
- “O Conimbricense”, Coimbra, Janeiro, Fevereiro e Março de 1902
- “El Norte de Galicia”, Março de 1902
- “El Regional”, Abril de 1902

## 1902/1903

“Gazeta da Figueira”, Figueira da Foz, Novembro de 1902

## 1903/1904

“O Primeiro de Janeiro”, Porto, Fevereiro de 1904

“Commercio do Porto”, Porto, Fevereiro de 1904

“O Commercio da Póvoa de Varzim”, Póvoa de Varzim, Fevereiro de 1904

“A Propaganda”, Póvoa de Varzim, Fevereiro de 1904

“O Conimbricense”, Coimbra, Maio de 1904

## 1904/1905

“O Conimbricense”, Coimbra, Dezembro de 1904 e Abril de 1905

“Notícias d’Évora”, Évora, Dezembro de 1904

“A voz Pública”, Évora, Dezembro de 1904

“A Folha de Beja”, Beja, Dezembro de 1904

“Commercio do Minho”, Braga, Março de 1905

“Gaceta de Galicia”, Santiago de Compostela, Março de 1905

“El Noroeste”, La Coruña, Março de 1905

“Ilustração Portuguesa”, Lisboa, Abril de 1907

## 1905/1906

“A Verdade”, Tomar, Fevereiro de 1906

“Correio da Extremadura”, Santarém, Fevereiro de 1906

“O Commercio de Vizeu”, Viseu, Fevereiro de 1906

“El Castellano”, Salamanca, Fevereiro de 1906

“El Lábaro”, Salamanca, Fevereiro de 1906

“El Adelanto”, Salamanca, Fevereiro de 1906

“Heraldo de Zamora”, Zamora, Fevereiro de 1906

## 1907/1908

“Notícias de Coimbra”, Coimbra, Fevereiro e Abril de 1908

“Gazeta da Figueira”, Coimbra, Fevereiro de 1908

“Gazeta da Beira”, Castelo Branco, Março de 1908

“Districto da Guarda”, Guarda, Março de 1908

“O Combate”, Guarda, Fevereiro de 1908

“O Commercio do Porto”, Porto, Maio de 1908

“Jornal Caminhense”, Caminha, Abril de 1908

“La Correspondencia Gallega”, Pontevedra, Abril de 1908

“O Comércio da Póvoa de Varzim”, Póvoa de Varzim, Maio de 1908

## 1908/1909

“Defeza”, Coimbra, Janeiro e Junho de 1909

“Pátria Nova”, Coimbra, Fevereiro e Maio de 1909

“Notícias de Coimbra”, Coimbra, Março, Maio e Junho de 1909

“A Liberdade”, Coimbra, Maio de 1909

“Província”, Viseu, Abril de 1909

“A Folha”, Viseu, Abril de 1909

## 1909/1910

- “Correio da Extremadura”, Santarém, Novembro de 1909
- “Notícias de Coimbra”, Coimbra, Abril de 1910
- “Diário de Notícias”, Lisboa, Abril de 1910
- “Ilustração Portuguesa”, Lisboa, Abril de 1910

## 1910/1911

- “La Iberia”, Ciudad Rodrigo, Fevereiro de 1911
- “El Salmantino”, Salamanca, Fevereiro de 1911
- “La Correspondencia de España”, Madrid, Fevereiro de 1911
- “Heraldo de Zamora”, Zamora, Fevereiro de 1911
- “Notícias de Coimbra”, Coimbra, Janeiro e Março de 1911

## 1911/1912

- “Correio da Beira”, Viseu, Fevereiro de 1912
- “O Commercio de Viseu”, Viseu, Fevereiro de 1912
- “A Capital”, Lisboa, Fevereiro de 1912
- “A voz Pública”, Évora, Fevereiro de 1912
- “A Folha de Beja”, Beja, Fevereiro de 1912
- “O Bejense”, Beja, Março de 1912
- “O Districto de Faro”, Faro, Fevereiro de 1912
- “O Algarve”, Faro, Fevereiro de 1912
- “Gazeta da Figueira”, Figueira da Foz, Maio de 1912
- “Gazeta de Coimbra”, Coimbra, Maio de 1912

## 1912/1913

- “Jornal de Notícias”, Porto, Janeiro e Fevereiro de 1913
- “O Primeiro de Janeiro”, Porto, Janeiro e Fevereiro de 1913
- “O Barcellense”, Barcelos, Fevereiro de 1913
- “O Espozendense”, Espozende, Janeiro e Fevereiro de 1913
- “O Commercio de Guimarães”, Guimarães, Janeiro de 1913
- “Alvorada”, Guimarães, Janeiro de 1913
- “O Povo”, Viana do Castelo, Janeiro de 1913
- “Notícias de Caminha”, Caminha, Fevereiro de 1913
- “Contas apresentadas pelo thesoureiro” – 1912/1913
- “Gazeta de Coimbra”, Coimbra, Março de 1913
- “A Democracia”, Coimbra, Março de 1913
- “Ilustração Portuguesa”, Lisboa, Março e Abril de 1913
- “Diário da Madeira”, Madeira, Março e Abril de 1913
- “Trabalho e União”, Madeira, Março e Abril de 1913
- “Gazeta de Coimbra”, Coimbra, Maio de 1913
- “Correio de Coimbra”, Coimbra, Janeiro 1925

## ESTATUTOS

- “Fins d’esta Associação”, sem data (mas posterior a 1910)